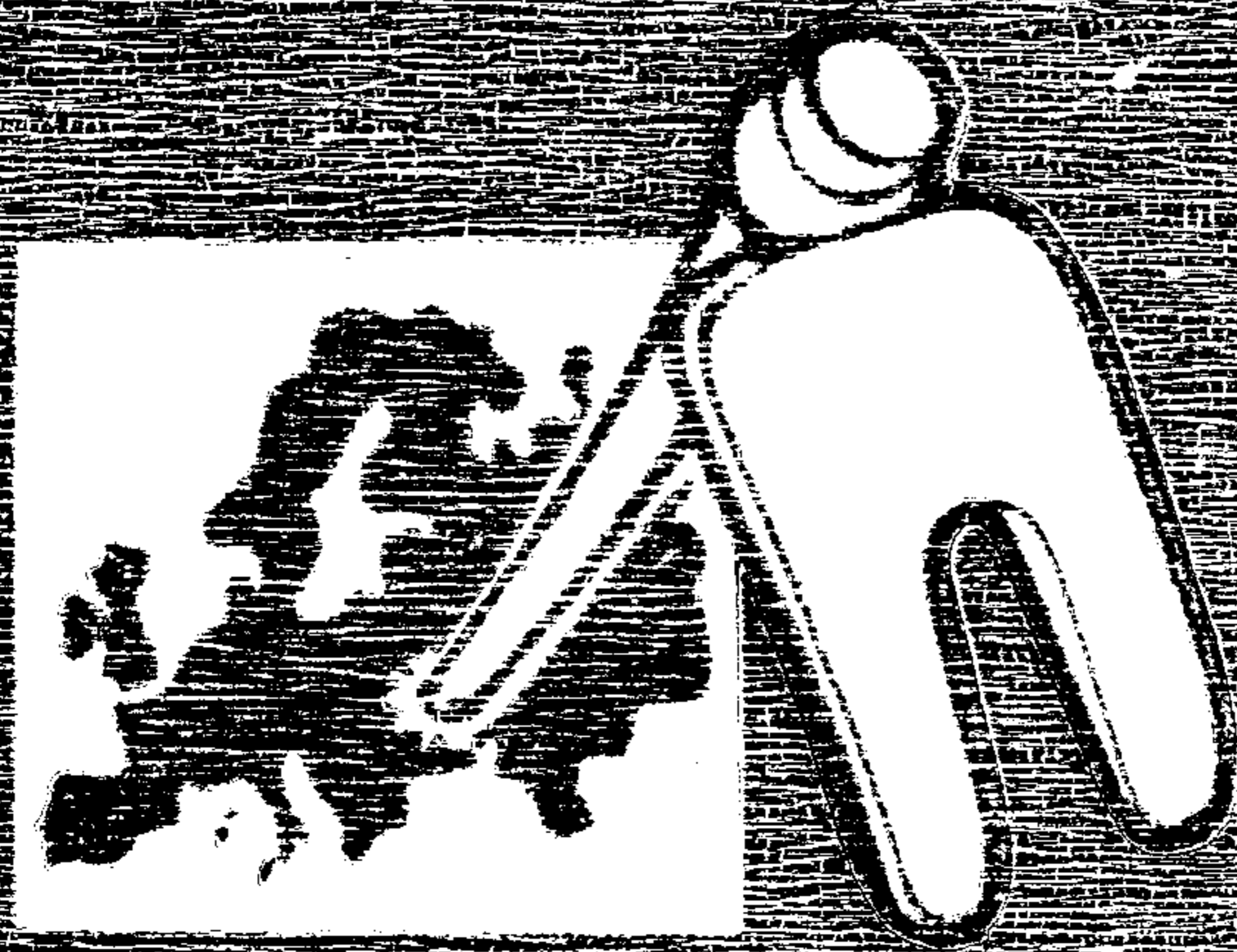


ARCIINOV

HISTÓRIA
DO MOVIMENTO
MACHKOVISTA

(A INSURREIÇÃO
DOS CAMPONESES DA UCRAÍNIA)

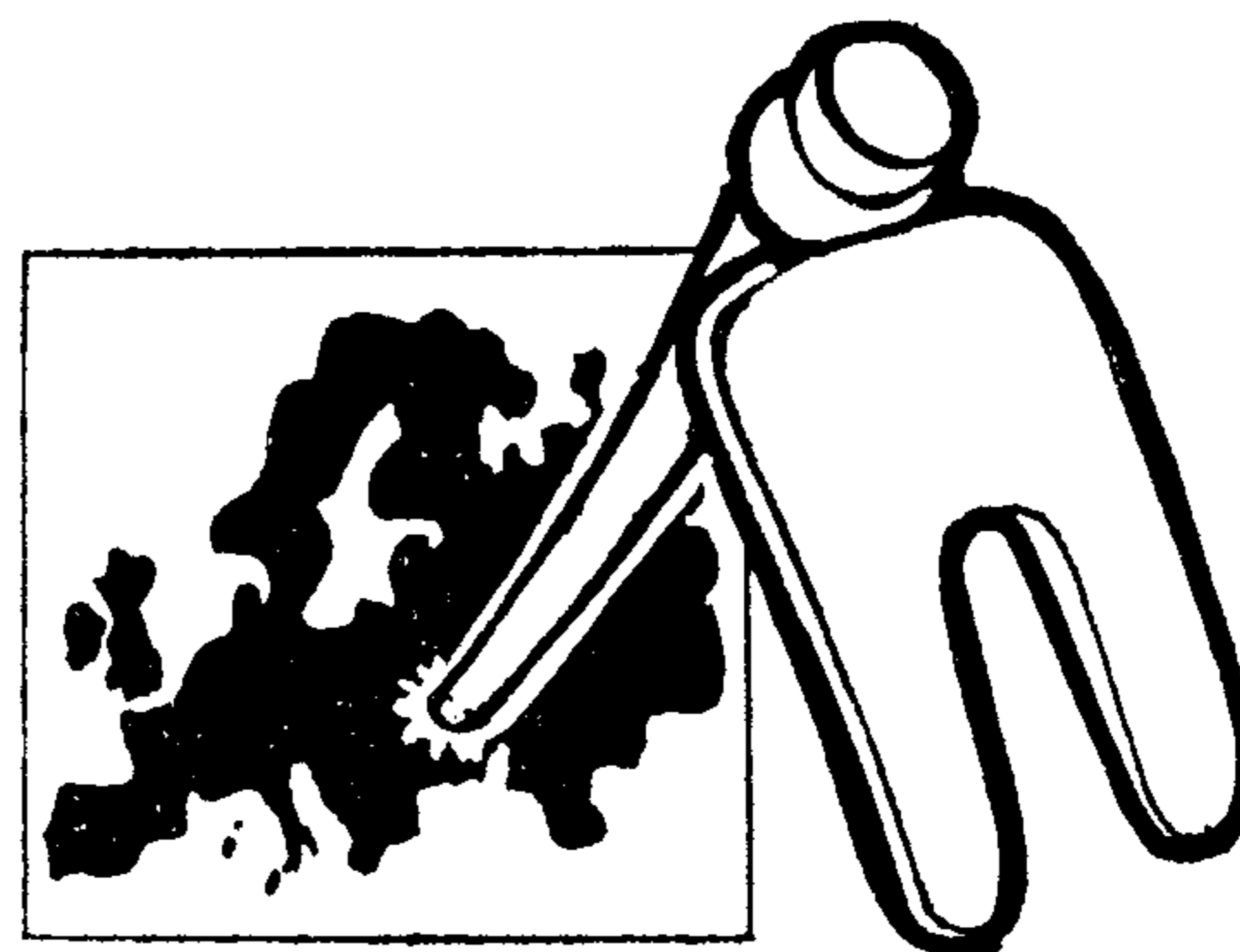


com um prólogo de Voline

ARCHINOV

**HISTÓRIA
DO MOVIMENTO
MACKNOVISTA**

*(A INSURREIÇÃO
DOS CAMPONESES DA UCRÂNIA)*



com um prólogo de Voline



assírio & alvim

cadernos peninsulares

nova série

ensaio 17

Todos os direitos desta edição reservados por
ASSÍRIO & ALVIM, Sociedade Editorial e Distribuidora, L.da
R. Passos Manuel, 67-B — Lisboa 1.
(Maio 1976)

Capa de: Dorindo Carvalho

PRÓLOGO

É importante para o leitor desprevenido que aborda esta obra saber o que ela trata. Será um estudo sério e consciente ou um conto fantástico e insensato? Poder-se-á confiar no autor, pelo menos no que diz respeito aos factos e à sua cronologia, ao material que expõe? Será suficientemente imparcial? Não violentará a verdade, para com isso elevar as suas ideias e rebaixar as de outros?

Estas são vãs perguntas.

É essencialmente necessário tratar com a maior prudência todos os documentos sobre o movimento macknovista. O leitor assim o compreenderá, se analisar de perto alguns dos seus trechos.

Por um lado, a macknovstchina é um fenómeno de imenso alcance, de uma grandeza e de uma importância extremas; um fenómeno que se desenrolou com uma força completamente excepcional, que desempenhou um papel extraordinário e excessivamente complicado na continuação da Revolução Russa, que manteve uma luta titânica contra a reacção, qualquer que ela fosse e que mais de uma vez salvou a revolução do desastre; é, para mais, um movimento bastante rico em episódios brilhantes e que atraiu

NOTA DO EDITOR

Esta edição reproduz apenas com a grafia actualizada o livro publicado nos anos 20 pelas Edições Spartacus, dirigidas por Campos Lima do Partido Socialista de então.

a atenção e o interesse geral, não só na Rússia como em todo o Mundo. Por outro lado a macknovstchina despertou nos diferentes partidos revolucionários e reaccionários os sentimentos mais diversos, a começar pelo ódio e a feroz hostilidade, passando pelo assombro, pela desconfiança e pela suspeita, terminando com a simpatia e a admiração mais profundas.

No que concerne ao partido comunista e ao «poder sovieta», que monopolizaram a revolução, a macknovstchina viu-se obrigada a travar contra eles uma luta sangrenta, como a travada contra a reacção, acertando-lhes uma série de golpes morais e físicos fortíssimos.

Por fim, a personalidade de Mackno, completa, brilhante e poderosa, como o próprio movimento, não deixou de atrair a atenção geral, despertando nalguns a simples curiosidade ou assombro, noutros a indignação estúpida ou o espanto irreflectido, noutros ainda um ódio implacável ou, por último, um amor sem limites.

É, pois, natural que a macknovstchina possa dar lugar a alguns relatos impulsionados por outras considerações que as do verdadeiro conhecimento de causa e que o desejo de a tornar compreensível, como a descrição imparcial, o esclarecer dos factos e o fixar dos acontecimentos aos demais de uma forma precisa, a fim de serem entregues à disposição dos historiadores. Uns empunham a caneta movidos por razões políticas: a necessidade de justificarem e afirmarem as suas posições, aviltando e caluniando o movimento hostil aos seus chefes. Outros crêem-se obrigados a dar mais um pontapé num fenómeno que está acima das suas compreensões, que os espantou e os incomodou. Outros ainda, seduzidos pela lenda que logo rodeou o movimento, escrevem somente porque é um tema de sensação, pelo interesse aceso do grande público, pela perspectiva tentadora de ganhar dinheiro com algumas páginas de novela. Finalmente os que têm a mania do jornalismo.

E deste modo acrescentam-se os «materiais» que não podem servir para mais do que para embrulhar desespera-

damente as noções do leitor o destruir-lhe qualquer possibilidade de conhecer a verdade (1).

Por outro lado, o movimento, apesar do seu grande alcance local ter um carácter restrito e concentrado, desviou forçosamente a consequência das suas condições especiais. Sendo produzido pura e unicamente pelas camadas mais «baixas» das massas populares, estranhas a toda a pretensão de esplendor, de dominação e de glória, tendo a sua origem nos limites da Rússia, longe dos seus grandes centros; desenvolvendo-se num espaço circunscrito; separado não só do mundo inteiro mas também de todas as outras regiões do país, o movimento permaneceu nesses factores essenciais, pouco conhecido afora dos seus limites. Desenrolando-se, quase sem intervalos, em condições de luta armada, incrivelmente tenazes e penosas; rodeado de todas as partes por inimigos; com poucos adeptos entre as esferas não trabalhadoras; combatido sem quartel pelo partido governante e ensurdecido pelo alvoroço sangrento da actividade estatal que esse partido desenvolvia; tendo perdido, pelo menos, 90 por cento dos seus melhores participantes; não tendo tido tempo nem possibilidade de fixar, de juntar, de conservar os seus actos, palavras e pensamen-

(1) Para além de uma quantidade de artigos disseminados pelos diferentes jornais da Rússia e do estrangeiro, que testemunham um talento pouco comum entre os caluniadores ou um impudor literário incrível nos seus autores, existem já trabalhos de dimensões mais ou menos grandes, que querem ter uma certa importância desde o ponto de vista ideológico ou da história, mas que na realidade não passam de uma falsificação consciente da verdade ou de fábulas estúpidas. Citemos, como exemplo, o livro do bolchevique J. Jakolev «O Anarquismo Russo na Grande Revolução Russa», que apareceu em várias edições russas e estrangeiras, livro que não é mais que uma vaga de falsificações e de mentiras flagrantes. Por último, anotemos o grande artigo, muito presunçoso, de um certo Guerasimenko, na colecção «O Historiador e o Contemporâneo» (edição Olga Diakov e C.ª, livro III, Berlim 1922, pág. 151), artigo intitulado «Mackno», onde são relatadas coisas tão fantásticas que nos envergonhamos pelo «autor» e pela «colecção». Devemos, igualmente, assinalar que na imprensa anarquista,

tos para a posteridade, o movimento deixou poucos documentos vivos. As acções da macknovstchina produziram-se sem serem recolhidas em parte alguma. A sua documentação não foi nem difundida nem conservada. Resulta disso que, na sua maior parte, o movimento continue desconhecido no estrangeiro e oculto aos olhares do investigador. Não é fácil penetrar até à sua essência profunda. Assim como milhares de heróis «modestos» das épocas revolucionárias permanecem desconhecidos para sempre, do mesmo modo o movimento macknovista, a epopeia dos trabalhadores ucranianos está em perigo de sofrer a mesma sorte. O riquíssimo tesouro dos seus acontecimentos permanece ainda hoje intacto. E se o destino não tivesse conservado com vida alguns dos participantes do movimento, que o conhecem a fundo e são capazes de dizer toda a verdade sobre ele, poderia ficar ignorado para sempre...

Tal estado de coisas cria, para o leitor atento ou para o historiador, uma situação extremamente delicada; um e outro vêem-se obrigados a dissecar e criticar, por eles próprios, as obras e os elementos mais contraditórios; e não só sem factos imediatos que possam orientá-los como

que trata geralmente o movimento macknovista de uma forma reflectida e honesta, que o considera a partir de um outro ponto de vista e com um outro objectivo distinto daquele dos autores acima referidos, existem também muitos erros, consequência duma não participação pessoal e activa dos autores no movimento que por isso o descrevem, somente, através de materiais já publicados e de relatos e impressões de terceiras pessoas. (Veja-se, por exemplo, o folheto de P. Rudenko «A insurreição e o movimento macknovista na Ucrânia», publicado pelo grupo editor operário na Argentina (em russo) e pela editorial La Protesta (em espanhol), em 1922, e que repete o artigo do periódico «El Trabajo Libre» (Volni Trud), órgão da Federação dos Grupos Anarquistas de Petersburgo, Outubro de 1919. No folheto, assim como no artigo, existiam grandes erros, que se explicam precisamente pelo facto de o autor não ter tomado parte, activa e directamente, neste movimento insurreccional e de não ter podido seguir de perto todas as suas complicadas peripécias.

também sem o menor indício de «onde» e «como» poderiam ser encontrados.

Eis aqui por que é necessário ajudar o leitor a separar o trigo do joio. Eis aqui por que o problema da pessoa do autor e do carácter da sua obra devem ter, nesta ocasião, um significado completamente diferente.

Eu atrevi-me a escrever um prefácio para este livro e a fornecer luz sobre estas questões, porque a sorte quis que fosse eu um dos participantes da macknovstchina, e que, tendo-lhe sobrevivido, possuía um conhecimento suficiente do movimento e do autor do livro e das condições em que a obra foi realizada.

Permito-me, primeiramente, uma reserva pessoal.

Se me pudesse perguntar (o que, por outro lado, me sucede frequentemente) por que não escrevo eu próprio sobre o movimento macknovista. Não o faço por causa de diversas razões a tomar em conta; eis aqui algumas:

Somente, quando se está na posse de todos os elementos, rigorosa e escrupulosamente, é possível abordar a tarefa de expor os factos e aclarar o fundo deste movimento. Tal tema exige um trabalho especial, amplo. Pois bem; esse trabalho foi-me até hoje impossível por várias razões e, por isso, em primeiro lugar, creio necessário abster-me de momento.

A epopeia macknovista é demasiado grave, sublime e trágica; está demasiadamente regada com o sangue dos seus participantes; é bastante profunda, complicada e original para que se possa tratar ligeiramente, fundamentando-se, por exemplo, nos relatos e nos testemunhos contraditórios dos seus diversos personagens. Expor a matéria, servindo-nos unicamente dos documentos, não é para já a nossa intenção, porque os documentos são coisas mortas, que estão distantes de reflectir a vida. Escrever com o apoio único de papéis será o trabalho dos futuros historiadores, que não tenham outros elementos à sua disposição. Os contemporâneos devem ser, em relação à obra e a si próprios, muito mais exigentes e severos, porque será a eles que a história fará as suas reclamações. Devem abs-

ter-se de narrações e de juízos sobre os factos em que não tenham tomado uma intervenção activa e pessoal. Não devem, tão-pouco, deixar-se seduzir pelos relatos e documentos para «fazer história», sem se darem ao trabalho de fixar a sua experiência pessoal, se é que a tiveram. Em caso contrário, correriam o risco de deixar na sombra ou, o que seria pior, de corromper a verdade essencial, a alma viva dos acontecimentos, e de fazer cair em grave erro o leitor e o historiador. Até mesmo as suas experiências pessoais não estão isentas de inexactidões e equívocos. Mas isso não tem nenhuma importância neste caso. Dar uma visão real, viva e substantiva dos acontecimentos é, sim, o ponto capital. Sobrepondo esta visão com os documentos e os outros elementos será fácil ultrapassar certos erros secundários. Eis, aqui, por que o relato de um participante, de uma testemunha ocular do sucedido tem uma importância especial. Quanto mais profunda e completa tenha sido a experiência tanto mais importante e urgente a realização deste trabalho. Se, para mais, esse participante se encontra, também, na posse de uma vasta documentação e de testemunhos de outros participantes, o seu relato adquire uma significação de primeira ordem.

Terei de falar da macknovstchina mais tarde, sob uma forma e uma luz especiais. Mas não posso escrever uma «história completa» do movimento macknovista, porque não possuo um conhecimento detalhado e completo do assunto. Tomei parte nele durante cerca de seis meses, desde Agosto de 1919 a Janeiro de 1920; o que é dizer que estou longe de tê-lo observado em toda a sua extensão. Encontrei Mackno pela primeira vez em Agosto de 1919. Perdi logo completamente de vista o movimento e o próprio Mackno (por ter sido detido também) em Janeiro de 1920, e não estive em contacto, depois disso, mais que 15 dias de Novembro (do mesmo ano) na época do tratado de Mackno com o governo soviético. Depois perdi outra vez de vista o movimento. É evidente que o meu conhecimento pessoal não poderia ser perfeito, apesar do que observei, experimentei e reflecti sobre ele.

Portanto, quando me interroguei por que não escrevia sobre a macknovstchina, respondi sempre: porque deve fazê-lo outro melhor documentado que eu. Falava justamente do autor da presente obra.

Sabia que tinha actuado continuamente neste movimento. Em 1919, trabalhámos juntos. Sabia também que recolhia os elementos necessários. Sabia que escrevia laboriosamente na história completa; sabia, enfim, que o livro tinha sido terminado e que o autor estava disposto a publicá-lo no estrangeiro. E estimava que era justamente essa obra que deveria aparecer antes de qualquer outra; era «uma história completa da macknovstchina, escrita por um que, tendo participado no movimento, possuía um tesouro de materiais».

Existem, ainda, muitas pessoas convencidas de que Mackno não era mais que «um simples bandido», um «instigador de insurreições», que arrastou a massa obscura dos soldados e dos camponeses, sempre disposta ao saque, para a guerra. Há outros que o consideram como um «aventureiro» e que dão ouvidos aos contos malévolos e absurdos que dizem ter «aberto a frente» em Denikin, ter «confraternizado» com Petlura, ter-se «aliado» a Wrangel... Por causa dos bolchevistas, muita gente continua caluniando Mackno como «chefe do movimento contra-revolucionários dos camponeses kulaks (?)» e consideram o anarquismo de Mackno como invenção ingénua de alguns anarquistas, da qual ele soube habilmente tirar partido...

Mas Denikin, Petlura, Wrangel não são mais que brilhantes episódios de guerra; valem-se deles para acumular mais mentiras. Pois bem: a luta contra os generais reaccionários não poderia encontrar os quadros da macknovstchina. O fundo essencial do movimento macknovista, a sua substância verdadeira, as suas acções orgânicas permanecem quase desconhecidas.

Não se poderia emendar este estado de coisas por meio de artigos sem conexão, de notas isoladas, de obras

(?) Camponeses enriquecidos, acomodados.

parciais. Quando se tem que tratar um fenómeno de uma grandeza e de uma complexidade tais, como as que caracterizam a macknovstchina, semelhantes artigos e obras oferecem poucos recursos, não iluminam o conjunto do quadro, são devorados quase sem deixar rasto no mar de papel impresso. Para dar um golpe decisivo a todas as fábulas e o impulso a um interesse e a um estudo profundo do assunto, é necessário publicar uma obra mais ou menos completa, depois da qual será proveitoso tratar separadamente os diferentes problemas, os episódios particulares e os detalhes.

É essa obra que aqui se apresenta. O seu autor estava chamado a realizá-la melhor que qualquer outro e é de lamentar que, como consequência de diversas circunstâncias desastrosas, tenha aparecido com um atraso considerável (3).

*

* *

É significativo que um operário seja o primeiro historiador do movimento macknovista. Este não é um simples acaso. Durante toda a sua existência, o movimento não pôde dispor, tanto do lado teórico como do lado organizativo, mais do que das suas próprias forças, dos seus próprios recursos, pela massa dos operários e camponeses. O elemento «inteligência» teoricamente educado não esteve com ele, salvo raras excepções. Portanto, o movimento foi abandonado aos seus próprios recursos e meios. E o historiador que nos explica esse movimento e encontra a sua base teórica sai dos mesmos meios operários.

O autor desta obra, Pedro Archinov, filho de um operário de Ekaterinoslav, é um operário, serralheiro chegado a um certo grau de instrução por um trabalho pessoal bastante assíduo. Em 1904, e com a idade de dezassete anos,

(3) Antes da publicação desta e com o fim de fazer conhecer aos operários e aos camaradas estrangeiros alguns factos essenciais da macknovstchina, publicou nos jornais estrangeiros dois artigos intitulados «Nestor Mackno» e «A macknovstchina e o anti-semitismo».

associou-se ao movimento revolucionário. Em 1905, quando trabalhava na qualidade de serralheiro nas oficinas ferroviárias na cidade de Khisil-Arvate (Ásia Russa), tornou-se membro da organização local do partido bolchevique. Cedo começou a desempenhar ali um papel activo e chegou a ser dos membros mais destacados e redactor do órgão ilegal dos operários, «Molot» («O Martelo», este órgão estava difundido em todas as ferrovias da Ásia Russa e tinha uma grande importância para o movimento revolucionário dos ferroviários.) Em 1906, perseguido pela polícia local, Archinov abandonou a Ásia para se deslocar à Ucrânia, a Ekaterinoslav. Aqui se converteu em anarquista e continuou como tal o seu trabalho revolucionário entre os operários da região. A causa que o levou a passar ao anarquismo foi o minoritarismo dos bolchevistas, que não correspondia, segundo as convicções de Archinov, às aspirações dos operários e que originou o mesmo que o minoritarismo dos partidos políticos na derrota da Revolução de 1905-6. No anarquismo Archinov encontrou, segundo as suas próprias palavras recolhidas e concretizadas, as esperanças libertárias e o espírito de igualdade dos trabalhadores.

Em 1906-7, quando o governo czarista cobriu a Rússia com uma rede de tribunais militares, foi absolutamente impossível qualquer actividade de alguma extensão. Archinov, impulsionado pelas circunstâncias extraordinárias, arrastado pelo seu temperamento combativo, realizou vários atentados terroristas.

Em 23 de Dezembro de 1906, em companhia de vários camaradas, assaltou um posto de Polícia no bairro operário de Arur, de Ekaterinoslav. (Três oficiais cossacos, de polícia e agentes morreram.) Graças à hábil organização desta acção, nem Archinov nem os seus camaradas foram objecto de suspeita.

Em 7 de Março de 1907, Archinov disparou contra o chefe das principais oficinas ferroviárias da cidade de Alexandrovsk, um tal Vassilenko. O crime deste último contra a classe operária consistia em ter entregue ao tribunal

militar cem operários (acusados de terem tomado parte num motim armado no mês de Dezembro de 1905), dos quais muitos foram, em consequência do testemunho de Vassilenko, condenados à morte ou a trabalhos forçados. Para mais, antes como depois deste acontecimento, Vassilenko tinha-se mostrado sempre opressor activo e ímpio com os operários. Por sua própria iniciativa, mas em conformidade com o juízo geral das massas trabalhadoras, Archinov castigou severamente este inimigo dos trabalhadores: matou-o com um tiro de revólver perto das oficinas e diante duma multidão de operários. Ali mesmo, Archinov, foi detido pela Polícia e cruelmente maltratado e, dois dias depois, condenado à força pelos tribunais marciais. No entanto, não foi marcada a data da execução por ter sido estabelecido que o assunto não correspondia ao tribunal marcial, mas sim ao tribunal militar superior. Esta dilacção deu a Archinov a possibilidade de se evadir na noite de 22 de Abril de 1907, durante a missa de Páscoa, na igreja da prisão de Alexandrovsk. Os guardas encarregues de vigiar os presos foram surpreendidos, de repente, pelo assalto audaz de vários camaradas. Foi oferecida a possibilidade de evasão a todos os detidos; mais de quinze pessoas o aproveitaram.

Como consequência disto, Archinov passou cerca de dois anos no estrangeiro, a maior parte desse tempo em França. Em 1909 voltou à Rússia e militou clandestinamente durante um ano e meio, prosseguindo a obra de propaganda e de organização anarquista nos meios operários.

Em 1910 foi detido pelas autoridades austríacas com transporte de armas e de literatura libertária para a Rússia. Ficou fechado cerca de um ano na prisão de Tarnopol, depois da qual, solicitado pelo governo russo foi entregue às autoridades de Moscovo e condenado pelos tribunais a vinte anos de trabalhos forçados. Em Moscovo, na prisão de Butirki, era o local onde Archinov devia cumprir a sua pena.

Ali encontrou pela primeira vez o jovem Nestor Mackno, condenado igualmente por actos terroristas, em

1910, a trabalhos forçados perpétuos. Mackno conhecia Archinov, sem o ter visto, desde a época em que trabalhou no Sul da Rússia. Permaneceram durante a prisão como camaradas e saíram do cárcere nos primeiros dias da Revolução de 1917.

Mackno dirigiu-se à Ucrânia e voltou a Golai-Polé, sua aldeia natal, para continuar o trabalho revolucionário. Archinov ficou na cidade e tomou energicamente parte na actividade nascente da Federação dos Grupos Anarquistas de Moscovo.

Quando, no Verão de 1918, depois da ocupação da Ucrânia pelos austro-alemães, Mackno foi a Moscovo aconselhar-se com os camaradas, habitou a casa de Archinov. Travaram então um conhecimento mais íntimo e discutiram ardentemente os problemas da revolução e do anarquismo. Ao separarem-se, depois de três ou quatro semanas, quando Mackno quis volver à Ucrânia não suspenderam as suas relações. Mackno prometeu que não esqueceria Moscovo e que a acudiria mediante o envio de dinheiro em ajuda do movimento. Falaram em fundar uma revista... Mackno manteve a sua palavra. Enviou dinheiro que, em consequência de nojentas circunstâncias, Archinov não recebeu, e escreveu a este várias vezes. Nas suas cartas convidava-o a ir trabalhar para a Ucrânia; esperava-o e aborrecia-se por ele não aparecer... Algum tempo depois, os jornais começaram a falar de Mackno, guia de um destacamento de guerrilheiros bastante forte.

No mês de Abril de 1919, no princípio da acção macknovista, Archinov foi a Gulai-Polé e desde então não abandonou a região até à sua derrota, em 1921. Ocupou-se principalmente do aspecto cultural e educacional e da organização geral. Dirigiu durante algum tempo a secção de educação, foi redactor do periódico dos insurrectos, «Putk Svobode» («Luta pela Liberdade»), etc. Não se afastou da região mais que o Verão de 1920, quando teve lugar uma séria derrota no movimento. Nessa época foi quando se extraviou o primeiro manuscrito desta história. Com grande trabalho voltou a entrar, depois desta ausência, no

região atacada pelos brancos e pelos vermelhos. Ali permaneceu desde o começo de 1921.

No princípio desse ano, depois da derrota desastrosa infligida ao movimento pelo poder soviético⁽¹⁾, Archinov abandonou a região, tendo sido desta vez formalmente encarregado de acabar o seu trabalho sobre a macknovstchina. Levou o seu trabalho a bom fim, apesar das condições penosas em que se encontrava, em parte na Ucrânia, depois em Moscovo.

*
* *

O autor deste livro é, pois, um homem dos mais competentes. Conheceu Nestor Mackno muito antes dos apontamentos que descreve e observou-o de perto, em grandes momentos durante o rolar dos acontecimentos. Conheceu igualmente todos os participantes mais notáveis do movimento, ele mesmo tomou parte activa nos acontecimentos e viveu o seu desenrolar trágico e grandioso. Ele mais que qualquer outro chegou ao fundo mais íntimo da macknovstchina, dos seus anseios, aspirações e esperanças, tanto desde o ponto de vista teórico como do organizativo. Foi testemunha da sua luta titânica contra as forças inimigas que investiam por todas as frentes. Operário, estava perfeitamente mergulhado no verdadeiro espírito do movimento; o desejo poderoso, esclarecido pela ideia libertária, das massas trabalhadoras de tomar «efectivamente» o destino nas suas próprias mãos e de conduzir a seu modo a construção do mundo novo. Operário inteligente e instruído, soube escutar profundamente a essência do movimento e opô-la contra a ideologia das outras forças, dos outros movimentos e correntes. Enfim, estudou cuidado-

(1) Durante o combate, aquando duma carga da cavalaria dos «cossacos vermelhos», Archinov salvou-se milagrosamente. Os camaradas mais próximos foram massacrados diante dos seus olhos e ele mesmo não conseguiu esgueirar-se a uma sabrada.

samente todos os documentos da macknovstchina. Mais que qualquer outro, teve os meios de tratar criticamente todas as informações e elementos, de separar o essencial do insignificante, o típico e o importante do fútil, o fundamental do secundário.

Tudo isto lhe permitiu aprofundar e esclarecer de modo brilhante, apesar das condições mais adversas e da perda reiterada dos manuscritos e documentos, um dos episódios mais originais e mais notáveis da Revolução Russa.

*
* *

Será preciso falar separadamente das qualidades desta obra? Parece-nos que este livro fala por si.

Sublinhemos, primeiramente, que foi escrito com um cuidado e uma escrupulosidade especiais, no que se refere à precisão. Nenhum facto duvidoso, por pouco que o fosse, teria lugar nesta obra. Pelo contrário, uma grande quantidade de episódios interessantes e característicos foram omitidos pelo autor a fim de economizar páginas e digressões.

Certos momentos notáveis, alguns factos característicos, diversos acontecimentos que não podiam ser apoiados por dados precisos foram igualmente postos de parte.

A perda de toda uma colecção de documentos mais característicos prejudicou muito a obra. A quarta e última desapareição dos materiais (e também do manuscrito) aterrou o autor de tal modo que vacilou durante algum tempo entre reemprender ou não o trabalho. Unicamente, a consciência da necessidade de dar um compêndio histórico, todavia incompleto, da macknovstchina o decidiu a voltar a tomar a caneta.

Certamente, os estudos ulteriores sobre o movimento macknovista serão ampliados e completados com elementos novos. O movimento é tão vasto, tão original, que a sua apreciação definitiva não será sequer uma obra de amanhã. Este livro não é mais que a primeira pedra para o edifício de um dos mais vastos e instrutivos movimentos da História.

*
* *

Alguns princípios do autor podem provocar discussão. Mas não são eles que formam a verdadeira substância do livro nem, para mais, estão suficientemente desenvolvidos. Notemos que a classificação original do bolchevismo, como uma nova casta de amos que vêm a revelar-se como uma burguesia e aspirar conscientemente à dominação económica e política sobre as massas trabalhadoras, apresenta um interesse considerável.

*
* *

No que concerne ao ponto essencial da macknovstchina, esta obra põe-no em relevo. Ao mesmo tempo, o próprio termo «macknovstchina» recebe, debaixo da caneta do autor, um sentido muito amplo, quase geral. O autor refere-se com este termo a um movimento de classe, movimento revolucionário dos trabalhadores, particular, original e independente, que aparece no plano da acção histórica e que se faz, pouco a pouco, consciente da sua evolução e fim. O autor considera a macknovstchina na Rússia como uma das primeiras e mais notáveis manifestações dum novo movimento das classes trabalhadoras e o apoio, como tal, às outras forças e movimentos da Revolução. Deduz-se disto que o termo «macknovstchina» é fortuito; se não tivesse existido Mackno o movimento existiria, não obstante, porque existiriam sempre as forças vivas, as massas que o criaram e que o desenvolveram, levando Mackno somente como chefe de guerra. O fundo essencial do movimento teria sido ele próprio, mesmo que o seu nome tivesse sido outro e que tendência ideológica tivesse tido outra definição menos precisa.

A individualidade e a missão de Mackno estão perfeitamente expostas nesta obra.

As relações entre o movimento macknovista e as diferentes forças inimigas — a contra-revolução e o bolchevismo — estão aqui tratadas de uma forma muito circunstanciada.

*
* *

O interessante problema das relações entre a macknovstchina e o anarquismo não está suficientemente tratado pelo autor, que se limitou a formular uma tese geral, a acção mais importante: em suma, os anarquistas — mais exactamente as «cúpulas» anarquistas — mantiveram-se fora do movimento; segundo a expressão do autor, passaram-no «a dormir». O autor encontra a explicação disto numa certa camada de anarquistas que está afectada pelas tendências de «partido», pelo desejo de «guiar» as massas, suas organizações e movimentos. E, daí, a sua incapacidade para compreender os movimentos de massas, «verdadeiramente independentes», que nascem por impulso próprio e que não pedem mais que uma assistência ideológica, sincera e abnegada. Daí também a sua atitude de prevenção e de desdém por essa espécie de movimento. Mas esta afirmação não dá, todavia, uma explicação suficiente. O assunto deveria ser aprofundado e desenvolvido. Existiam entre os anarquistas três correntes de opinião sobre a macknovstchina: uma, claramente céptica, outra intermédia e a terceira de aprovação. O próprio autor pertence, sem dúvida alguma, à terceira. Mas a sua posição é discutível e por isso este problema deveria ser tratado a fundo. Na verdade ele não tem uma relação directa com a obra. E, por outro lado, o ponto de vista do autor está fortemente apoiado nos factos que expõe... Esperemos que esta questão levantada seja levada às páginas da imprensa libertária e que a sua discussão resulte, trazendo conclusões úteis para o movimento anarquista.

*
* *

Este livro vai pôr fim a todas as fábulas sobre o bandidismo, o anti-semitismo e a outras mentiras inerentes ao movimento macknovista.

Se a macknovstchina, como toda a obra humana, teve erros, desvios e aspectos negativos, estes defeitos são, segundo o autor, tão fúteis, tão pouco importantes em comparação com a sublime essência do movimento que não merecem ser tomados a sério.

*
* *

Com uma claridade suficiente a obra mostra-nos a sensibilidade, a facilidade, o ímpeto natural que manifestou o movimento ao passar por cima dos prejuízos nacionais, religiosos e outros. O facto é muito característico; testemunha, uma vez mais, do que as massas são capazes entusiasmadas com um verdadeiro ímpeto revolucionário, «a condição de que sejam elas mesmas a produzir a revolução», de que lhes seja deixada a liberdade total de actuar.

*
* *

Mas o que nos parece sobretudo importante e o que merece a maior atenção na presente obra é isto:

1) *O autor demonstra, com a ajuda de dados incontestáveis, a falsidade da opinião dos que não viam — e não vêem ainda — na macknovstchina mais que um episódio guerreiro, uma acção audaz de franco-atiradores, de guerrilheiros, que sofria todos os defeitos, toda a esterilidade do militarismo. (Sobre essa falsa opinião fundavam alguns de entre nós o seu ponto de vista negativo frente à macknovstchina). Com a maior precisão, provido de dados pal-*

páveis, o autor desenrola diante dos nossos olhos o quadro dum movimento livre — todavia de curta duração — perpassado por uma ideia profunda, essencialmente criador e organizador, um movimento de amplas massas trabalhadoras, que não formavam as suas forças militares, estreitamente unidas a ela, mas somente com o fim de defender a revolução e a sua liberdade. E deste modo destrói um falso juízo sobre a macknovstchina.

Há que notar que, se o autor censura a macknovstchina, é justamente no aspecto militar e estratégico. No capítulo sobre os erros dos «macknovstzi», afirma que, se eles tivessem organizado a tempo uma guarda segura das fronteiras, o maior possível, a revolução ucraniana, primeiramente, e a revolução em geral, em seguida, desenrolar-se-iam de outro modo. Se o autor tem razão, poder-se-ia relacionar, neste aspecto, a sorte da macknovstchina com a de outros movimentos revolucionários do passado em que os erros militares também jogaram um papel fatal. Em todo o caso, chamamos particularmente a atenção dos leitores sobre este ponto, que dá motivo a muitas reflexões.

2) *A independência verdadeira e completa do movimento, que foi consciente e energicamente garantida contra as forças intrusas, está neste livro claramente expressa.*

3) *A conduta dos bolcheviques e do poder soviético face à macknovstchina está demonstrada duma maneira fixa e precisa. Dá-se um golpe fulminante a todas as invenções e «justificações» dos comunistas. Todas as suas maquinações criminosas, todas as suas mentiras, todo o seu fundo contra-revolucionário foram postos a nu. Poder-se-ia pôr como epígrafe a esta parte do livro as palavras que se escaparam da boca do chefe da Secção de Operações Secretas da Vetcheka, Samsonof, durante a minha detenção, ao ser chamado a comparecer ao interrogatório. Quando lhe disse que considerava pérfida a conduta dos bolchevistas em relação a Mackno na época do seu tratado com eles, Samsonof replicou vivamente: «Chama-lhe, a isso, perfídia? Pois bem, na nossa opinião, isso só demonstra que somos estadistas bastante hábeis: enquanto tivemos*

necessidade de Mackno, soubemos tirar partido dele; e quando já nos não era necessário soubemos desfazer-nos dele.»

4) *Muitos revolucionários sinceros crêem que o anarquismo é uma fantasia idealista e justificam o bolchevismo como a única realidade possível, inevitável e indispensável no desenvolvimento da revolução mundial e que marca uma certa etapa nessa revolução. Por acaso os aspectos sombrios do socialismo parecem pouco importantes e encontram a sua justificação histórica.*

A presente obra dá um golpe mortal nessa concepção. Estabelece dois pontos cardiais: a) as aspirações anarquistas apareceram na Revolução Russa — tanto que esta última mostrou-se como uma verdadeira revolução de massas trabalhadoras, feita por elas próprias — não como uma utopia danosa de sonhadores mas como um movimento revolucionário de massas perfeitamente concreto e real; b) como tal, foi consciente, cruel e cobardemente aplacado pelo bolchevismo.

Os factos expostos neste livro demonstram claramente que a «realidade» do bolchevismo é, no fundo, a mesma do czarismo e opõe à chamada «realidade» a verdadeira e profunda realidade do anarquismo como única ideologia verdadeiramente revolucionária do trabalho. Portanto, estes factos privam o bolchevismo de qualquer sombra de uma justificação histórica.

5) *Este livro oferece aos anarquistas uma quantidade de documentos que ajudam e incitam a rever algumas das suas ideias: promove novas questões, expõe factos que ajudaram muito a resolução de problemas antigos e, por último, confirma algumas verdades esquecidas e que seria muito útil recordar.*

*

* *

Uma palavra ainda.

Tendo sido este livro escrito por um anarquista, o seu interesse e a sua significação são tais que os seus leitores não se limitam a um círculo determinado.

Para bastante gente esta obra será uma revelação. Para outras será mais elementos a juntar aos seus conhecimentos.

Não só o operário ou o camponês que saiba ler, ou todo o revolucionário, mas também todo o homem que pense e que se interessa com o que se passa à sua volta deverá ler este livro, meditar nas conclusões que ele impõe, dar claramente conta do que se relata.

Na nossa época, quando a vida está cheia de acontecimentos e o mundo se perde em guerras; quando a revolução chama a todas as portas, disposta a arrastar com o seu furacão todo o ser humano; na hora actual, quando se abre, em toda a sua amplitude, a enorme luta entre o Trabalho e o Capital, entre o mundo moribundo e o mundo nascente, e também entre os partidários de diferentes vias de luta e de construção; nesta hora em que o bolchevismo chega à terra com o seu fracasso terrível, exigindo sangue e mais sangue como prémio da sua traição à revolução e recrutando os seus partidários para o engano, pela força e pelo suborno; o único consolo para Mackno, que definha numa prisão em Varsóvia^(), seria saber que as ideias pelas quais combateu não morrem e crescem e se difundem; neste momento, digo, todo o livro que ilumine a estrada das grandes lutas revolucionárias deverá ser o livro mais digno de ser lido.*

O anarquismo não é um privilégio de eleitos, antes uma doutrina profunda e vasta: uma concepção do mundo que deveria ser conhecida por todos.

É possível que o leitor não seja anarquista. Mas que não lhe suceda o mesmo que a um velho professor que assistiu, por acaso, a uma conferência libertária. Emocionado, já com lágrimas, dizia depois da sessão aos presentes: «Sou professor, tenho os cabelos brancos e não sabia,

(*) Depois da publicação deste livro em russo, Mackno foi julgado por um tribunal polaco, acusado de alta traição (por ter fomentado uma sublevação na Galiza, de acordo com os bolcheviques), mas, tendo sido reconhecida como falsa, foi retirada a acusação.

até hoje, que existia uma doutrina tão bela, tão humana. Envergonho-me...»

Que o leitor nunca venha a ser anarquista: não é obrigatório sê-lo. Mas o que deveria realmente ser um dever de todos era conhecer o anarquismo.

Voline
Maio de 1923

PREFÁCIO

A macknovstchina (movimento macknovista) é um facto colossal da actualidade russa. Pela profundidade e alcance das suas ideias, ela ultrapassa todos os movimentos naturais, espontâneos, das massas trabalhadoras vistos até ao presente. O vasto campo de factos de que se compõe este movimento é enorme. Infelizmente, nas condições da actualidade «comunista», não se pode pensar em recolher tudo o que poderia fazê-lo destacar à luz. Será isso a obra do futuro.

Quatro vezes comecei a história do movimento macknovista. Com esse propósito cheguei a reunir escrupulosamente toda a documentação que dizia respeito ao assunto. Quatro vezes o trabalho foi destruído quando ia a mais de meio. Duas vezes foi inutilizado na frente, no decurso de combates, duas ou três vezes em lugares onde não havia combates, mas em que se faziam buscas domiciliárias. Foi principalmente em Janeiro de 1921, em Kharkov, que uma documentação muitíssimo abundante e preciosa teve de ser destruída. Tudo o que se tinha podido encontrar na frente, no campo e nos arquivos pessoais de Mackno: as suas memórias, assinalando uma grande quantidade de factos, a

maior parte das publicações e documentos relativos ao movimento, a colecção completa do *Putek Svobodé* (O Caminho para a Liberdade), notas biográficas minuciosas sobre os participantes mais ardentes do movimento, tudo isso ali se encontrava. É absolutamente impossível reconstituir, por enquanto, mesmo parcialmente, a documentação que desapareceu. Fiz, pois, esta obra, faltando-me elementos muito necessários. Por outro lado, teve esta obra de ser escrita entre combates, depois com a ameaça constante de perseguições policiais; foi-me necessário, para a poder realizar, empregar os mesmos processos dos prisioneiros das cadeias czaristas quando escreviam, escondendo-se nos cantos, por detrás duma mesa, com o receio constante de que o guarda de vigia os surpreendesse.

Nestas condições é natural que seja muito sumária e um pouco apressada, que tenha bastantes lacunas. O estado actual das coisas na Rússia exige contudo que uma resenha histórica, mesmo incompleta, do movimento seja publicada já.

Esta obra não é definitiva. Ela não esgota o assunto, não é senão o início dum trabalho que virá a ter a sua ampliação. Para isso será indispensável que se reunam todos os documentos que a ele se referem. A todos os camaradas que possuam alguns ou que possam adquiri-los se pede que os remetam ao autor.

*

* *

Algumas palavras aos camaradas operários dos outros países: muitos deles, vindo à Rússia para assistir a qualquer congresso, só vêem a actualidade russa nos quadros oficiais. Visitam as oficinas de Petrogrado, de Moscovo e outras grandes cidades, ficam a conhecer a situação segundo os dados do partido governamental ou dos grupos políticos da mesma tendência.

Um inquérito assim feito não tem nenhum valor.

Só se mostra aos hóspedes uma vida que difere muitíssimo da realidade. Tomemos um exemplo: em 1912 ou 1913, um sábio de Amsterdão — Israel Van-Kan, se não estou em erro — vem à Rússia para se documentar sobre as cadeias. O Governo do czar deu-lhe a possibilidade de visitar as diferentes cadeias da capital e doutras cidades. Andava de cela em cela, informava-se da situação dos detidos, conversava com eles. Travou relações com forçados políticos (José Minor e outros). Apesar de tudo, só viu o que a administração penitenciária quis que ele visse. O que havia de característico, de específico, nas cadeias russas escapou-lhe. Os camaradas estrangeiros que vêm à Rússia esperando, em pouco tempo, com o auxílio das indicações do partido dirigente ou de homens políticos rivais, conhecer a vida russa encontram-se na mesma situação do sábio Van-Kan. Cometerão infalivelmente graves erros.

Para esclarecer e atingir a realidade russa, é indispensável ir ao campo na qualidade de operário agrícola ou à oficina como simples trabalhador. Tem de receber o «paiok» (ração) económico... e político atribuído ao povo pelo poder comunista. Tem de exigir os direitos sagrados dos trabalhadores, lutar para os obter quando lhos recusam, lutar revolucionariamente, porque a revolução é o direito supremo dos trabalhadores. Só então a realidade efectiva, verdadeira e não fictícia e simulada, se revelará luminosamente a esse audacioso. E então não o surpreenderá a história contada neste livro. Com horror e indignação verá que actualmente na Rússia, como em toda a parte, a Verdade dos trabalhadores é crucificada. Compreenderá e admirará o heroísmo dos macknovistas defendendo essa Verdade.

Eu penso que todo o proletário reflectido, preocupando-se com os destinos da sua classe, concordará em que é só desta maneira que é possível informar-se a respeito da vida russa, como afinal a respeito de qualquer outra. Ora tudo o que tem sido feito pelas delegações estrangeiras,

com muito raras excepções, para o estudo da vida russa tem-se limitado a bagatelas, a ilusões, a uma pura perda de tempo.

Moscovo, Abril de 1921.

Archinov

(1918-1921)

CAPÍTULO I

**A DEMOCRACIA
E AS MASSAS TRABALHADORAS
NA REVOLUÇÃO RUSSA**

Não existe na história do mundo uma única revolução que tenha sido levada a cabo pelo povo trabalhador no seu próprio interesse, isto é, pelos operários das cidades e os camponeses pobres que não exploram o trabalho de outrem. Embora a força principal de todas as importantes revoluções resida nos operários e nos camponeses, fazendo grandes e inúmeros sacrifícios para triunfarem, os guias, os organizadores dos meios, os ideólogos dos objectivos foram, invariavelmente, não operários e camponeses, mas elementos à parte: elementos que lhes eram estranhos, geralmente intermediários, hesitando entre a classe dominante da época a terminar e o proletariado das cidades e dos campos.

É sempre a desagregação do regime em derrocada, do velho sistema de Estado, acentuada pelo impulso das

massas escravas para a liberdade que desenvolve e aumenta esses elementos. É pelas suas qualidades particulares de classe e a sua pretensão ao Poder no Estado que eles tomam uma posição revolucionária em face do regime político agonizante e se tornam facilmente os guias dos oprimidos, os condutores dos movimentos populares. Mas, ao mesmo tempo que organizam a revolução e a dirigem sob a égide do pretexto dos interesses vitais dos trabalhadores, tratam sempre dos seus interesses estreitos de grupos ou de castas. Aspiram a aproveitar a revolução para assegurar a sua preponderância no país.

Sucedeu assim na Revolução Inglesa; na grande Revolução Francesa; nas revoluções francesa e alemã de 1848; enfim, em todas as revoluções em que o proletariado das cidades e dos campos derramou o seu sangue na luta pela liberdade. Foram sempre os dirigentes, os políticos de todas as facções que dispuseram e aproveitaram os frutos dos esforços e sacrifícios dos trabalhadores, explorando à sombra do povo os problemas e os objectivos da revolução em proveito dos interesses dos seus grupos.

Na grande Revolução Francesa, os trabalhadores empregaram esforços sobre-humanos para o seu triunfo. Mas os homens políticos desta revolução eram porventura os filhos do proletariado e lutavam pelas suas aspirações: Liberdade, Igualdade e Fraternidade? Não. Danton, Robespierre, Camilo, Desmoulin e muitos outros «pais» da revolução foram essencialmente representantes da burguesia liberal de então. Lutavam tendo em vista uma estrutura determinada — burguesa — da sociedade, não tendo de facto nada de comum com as ideias de liberdade e de igualdade das massas populares da França do século XVIII. Eram e são contudo considerados como os guias de toda a Grande Revolução.

Em 1848, a classe operária francesa, que tinha dado à revolução o sacrifício de três meses de esforços heróicos, de misérias, de privações, de fome, obtém, porventura, essa «República Social» que lhe havia sido prometida pelos dirigentes da revolução? O que essa classe só deles colheu foi

a escravidão, o extermínio em massa: o espingardeamento de 50 000 operários de Paris, quando tentaram insurgir-se contra os que os tinham traído.

Em todas as revoluções passadas, os operários e os camponeses não conseguiram senão *esboçar sumariamente* as suas aspirações fundamentais, formar apenas a sua *corrente*, geralmente desnaturada e por fim liquidada por dirigentes da revolução mais velhacos, mais astuciosos, mais astutos e mais instruídos. O máximo das suas conquistas limitava-se a um osso bem magro: um direito insignificante de reunião, de associação, de Imprensa ou o direito de se darem governantes. Mas mesmo esse «osso ilusório» não lhes era confiado senão o tempo necessário ao novo regime para se consolidar. Depois disto, a vida das massas retomava o seu antigo curso de submissão, de exploração e de embuste.

Só nos movimentos profundos *de baixo*, como a revolta da Rasine e as insurreições camponesas e operárias destes últimos anos, é que o povo é e permanece mais ou menos tempo senhor do movimento e lhe comunica a sua essência e a sua forma. Mas estes movimentos habitualmente acolhidos com censuras e maldições da parte de toda «a humanidade pensante» nunca chegaram a triunfar. Além disso distinguem-se muito das revoluções dirigidas por grupos ou partidos políticos.

A nossa Revolução Russa é sem nenhuma dúvida e até ao presente uma revolução política que realiza pelas forças populares interesses estranhos ao povo. O facto fundamental e saliente desta última revolução é — à custa dos sacrifícios, dos sofrimentos e dos maiores esforços revolucionários dos operários e camponeses — a conquista do Poder político por um grupo intermédio: a «inteligencia» (camada inteligente) socialista revolucionária — na realidade social-democrata.

Tem-se escrito muito sobre esta «inteligencia» russa. Ordinariamente elogiam-na denominando-a a «condutora de ideais humanos superiores» pioneira da verdade. Foi também algumas vezes, mas muito raras, censurada, inju-

riada. Tudo o que se disse e escreveu sobre ela, quer bem quer mal, tem um defeito muito grande: era ela própria que se definia, que se censurava ou se elogiava. Para o espírito independente dos operários e dos camponeses, este método não é nada persuasivo e não pode ter nenhuma influência nas suas relações. Nestas relações, o povo não repara senão em factos. Ora, o facto real, incontestável, na vida da «inteligenzia» socialista é que ela gozava sempre duma situação social privilegiada.

Vivendo nos privilégios, o intelectual torna-se privilegiado, não apenas socialmente mas também psicologicamente. Todas as suas aspirações espirituais, tudo o que se entende por o seu «ideal social» encerra infalivelmente o espírito do privilégio de casta. Este espírito manifesta-se em todo o desenvolvimento da «inteligenzia». Se tomamos a época dos *decabristas* ⁽¹⁾ como início do movimento revolucionário da «inteligenzia», passando consecutivamente por todas as fases deste movimento, o *narodnitschestvo* ⁽²⁾, o *narodovoltchestvo* ⁽²⁾, o *marxismo*, o socialismo em todas as suas ramificações, encontramos sempre este espírito de privilégio de casta claramente expresso.

Seja qual for, na aparência, a elevação dum ideal social, se ele contém privilégios para os quais o povo deverá contribuir sacrificando-lhes o seu trabalho e os seus direitos, deixa de ser uma verdade completa. Ora um ideal social que não oferece ao povo a verdade completa é para ele

⁽¹⁾ Participantes do primeiro levantamento revolucionário russo que se deu principalmente em S. Petersburgo em Dezembro de 1825.

⁽²⁾ *Narodnitschestvo*, movimento de 1870. Numerosos estudantes, rapazes e raparigas das classes elevadas foram até às massas populares para as instruir e propagarem entre elas as ideias socialistas. Foi esmagado por inúmeras perseguições. Dele resultou o *Narodovoltchestvo*, tendência que produziu a formação do partido Narodnaia Volia (Vontade do Povo), tendo por objectivo a supressão do czar para transformar o regime e tornar possível a propaganda. Adeptos desse partido conseguiram assassinar o czar Alexandre II em 1881.

uma mentira. É precisamente uma tal mentira que é para ele a ideologia da «inteligenzia» socialista e da própria «inteligenzia». Tudo deriva deste facto nas relações entre o povo e ela. O povo não esquecerá e não perdoará nunca que, especulando sobre as suas condições miseráveis de trabalho e da sua falta de direitos, uma certa casta social se cria privilégios e se esforça por os fazer passar para a sociedade nova.

O povo é uma coisa, a democracia e a sua ideologia socialista é outra. Ela vem ao povo prudentemente, falsamente, astuciosamente.

Não se pode negar que naturezas heróicas isoladas, como Sofia Perovskaia, se colocam acima destas vis questões de privilégios próprios do socialismo. Este fenómeno não provém duma doutrina de classe ou de democratismo: é de ordem psicológica ou ética. Estas naturezas são as flores da vida, a beleza do género humano. Inflamam-se na paixão da verdade, dão-se e votam-se completamente ao serviço do povo e, pelas suas belas resistências, fazem ressaltar ainda mais a falsidade da ideologia socialista. O povo não as esquecerá nunca e conservará eternamente no seu coração um grande amor por elas.

As vagas aspirações políticas da «inteligenzia» russa em 1825 erigiram-se, um século mais tarde, num sistema socialista estatista acabado e a própria «inteligenzia» num agrupamento social e económico preciso: a democracia socialista. As relações entre ela e o povo fixaram-se definitivamente: o povo caminhando para a autodirecção civil e económica; a democracia procurando exercer o poder sobre o povo. A ligação entre ambos não pode manter-se senão por meio de estratégias, de trapagens e de violências e em caso algum duma maneira natural pela força duma comunidade de interesses. Estes dois elementos são hostis um ao outro. A própria ideia estatista, a ideia duma direcção das massas pela coacção foi sempre a mais adequada a indivíduos em que o sentimento da igualdade não existe e em que o instinto de egoísmo domina, indivíduos para os quais a massa humana é uma matéria bruta privada de

vontade, de iniciativa e de consciência, incapaz de se dirigir a si mesma.

Esta ideia foi sempre a característica dos agrupamentos privilegiados à parte do povo trabalhador: as gerações patrícias, a casta militar, nobreza, clero, burguesia industrial e comercial, etc. Não foi por acaso que o socialismo moderno se mostrou servidor zeloso da mesma ideia. O socialismo é a ideologia duma nova casta de dominadores. Se observarmos atentamente os apóstolos do socialismo estatista, nós veremos que cada um deles está cheio de aspirações centralistas, que cada um se considera antes de tudo como um centro dirigente e mandante, em volta do qual as massas gravitam. Este traço psicológico do socialismo estatista e dos seus marechais é a continuação directa da psicologia dos antigos agrupamentos dominadores, extintos ou prestes a desaparecerem.

O segundo facto saliente da nossa revolução é permanecerem os operários e a classe média laboriosa na sua situação anterior de *classes trabalhadoras* — produtores dirigidos pelo poder de cima. Toda a construção actual, que se diz socialista, praticada na Rússia, todo o aparelho estatista da direcção do país, a criação das novas relações sociais e políticas, tudo isto não é mais do que a edificação dum novo domínio de classe sobre os produtores, o estabelecimento dum novo poder socialista sobre eles. O plano desta construção, deste domínio foi elaborado e preparado durante dezenas de anos pelos líderes da democracia socialista e conhecido antes da Revolução Russa sob o nome de *colectivismo*. Chama-se-lhe agora o *sistema soviético*.

Realiza-se pela primeira vez sobre a base do movimento revolucionário dos operários e camponeses russos. É a primeira tentativa de democracia socialista para estabelecer num país o seu domínio estatista pela força de revolução. Como primeira tentativa e, além disso, feita só por uma parte da democracia — a parte mais activa, a mais revolucionária e que tem mais iniciativa, a sua ala esquerda comunista —, esta tentativa pela sua espontaneidade foi uma surpresa para toda a democracia e pelas suas formas

brutais seccionou-a, nos primeiros tempos, em vários agrupamentos inimigos. Alguns desses agrupamentos (os mencheviques, os socialistas-revolucionários, etc....) consideravam como prematuro e arriscado introduzir actualmente o comunismo na Rússia. Conservavam a esperança de conseguir o domínio estatista no país pela chamada via legislativa e parlamentar, isto é, pela conquista da maioria das cadeiras no Parlamento com os votos dos camponeses e dos operários. Foi por causa deste desacordo e a respeito disso mesmo que entraram em discussão com os seus camaradas da Esquerda, os comunistas. Este desacordo é apenas accidental, temporário e pouco sério. É provocado por um mal-entendido que provém de a parte maior e a mais tímida da democracia não compreender a significação da transformação política executada pelos bolcheviques. Logo que esta última veja que o sistema comunista não só não lhe traz nada de mau como, pelo contrário, lhe deixa entrever vantagens e empregos soberbos no novo Estado, todas as discussões, todos os desacordos entre as diversas facções adversárias da democracia desaparecerão por si mesmas e esta caminhará sob a égide do Partido Comunista unificado.

Nós podemos já naturalmente notar uma mudança da democracia neste sentido. Uma série de agrupamentos e de partidos, entre nós e no estrangeiro, se unem na «plataforma soviética». Grandes partidos políticos de diferentes países, que eram ainda nos últimos tempos os instigadores principais de II Internacional e que nela lutavam contra o bolchevismo, preparam-se agora para ir para a Internacional Comunista e aproximam-se da classe operária sob a bandeira comunista com a *ditadura do proletariado* nos lábios.

Mas, semelhante às grandes revoluções precedentes, em que lutavam os operários e os camponeses, a nossa revolução pôs igualmente em relevo uma quantidade de aspirações independentes e naturais dos trabalhadores na sua luta pela liberdade e a igualdade. A nossa revolução teve também correntes populares originais.

Uma dessas correntes, a mais poderosa, a mais notável é a *macknovstchina*. Durante três anos, ela tentou heroicamente abrir na revolução um caminho pelo qual os trabalhadores da Rússia poderiam atingir a realização das suas aspirações seculares: Liberdade e Independência. Apesar das tentativas mais encarniçadas, mais selvagens do Poder comunista para abafar essa corrente, para a desnaturar, para a sujar e emporcalhar, para a aviltar, ela continuou a viver, a desenvolver-se e a aumentar, combatendo em várias frentes da guerra civil, vibrando por vezes golpes formidáveis aos seus inimigos, despertando, mantendo e ampliando nos operários e camponeses da grande Rússia, da Sibéria e do Cáucaso, a esperança na Revolução.

O êxito rápido e constante da *macknovstchina* explica-se pelo facto de uma parte dos operários e camponeses russos conhecerem um pouco a história das revoluções dos outros povos e os movimentos revolucionários de seus avós e poderem basear-se sobre a experiência desses acontecimentos. Além disso, brotaram das fileiras operárias personalidades que souberam descobrir e formular os problemas fundamentais e mais essenciais do movimento revolucionário das massas e atrair para eles a sua atenção; que souberam opor as suas aspirações aos objectivos políticos da democracia e defendê-los com dignidade, perseverança e talento.

Antes de passar directamente à história do movimento macknovista, é necessário acentuar que chamando à Revolução Russa a Revolução de Outubro se confundem muitas vezes dois fenómenos diferentes: os princípios sob que a massa fez a Revolução e os resultados desta.

As ideias fundamentais do movimento de Outubro de 1917 eram: «As oficinas aos operários! A terra aos camponeses!» Todo o programa social e revolucionário das massas se encontrava nessas palavras, breves, mas profundas pela sua significação: aniquilamento do capitalismo, supressão do salariado, da escravidão estatista e organização duma vida nova baseada na autodirecção dos produtores.

De facto, a Revolução de Outubro não realizou esse programa: o capitalismo não foi destruído, mas reformado; o salariado e a exploração dos produtores continuam a existir; e quanto ao novo aparelho estatista, ele não oprime menos os trabalhadores do que o aparelho estatista do capitalismo privado e agrário. Não se pode pois chamar à Revolução Russa Revolução de Outubro, senão num sentido preciso e estreito: no da realização dos objectivos e dos problemas do Partido Comunista.

O levantamento de Outubro, da mesma forma que a agitação de Fevereiro-Março de 1917, é apenas uma fase da marcha geral da Revolução Russa. O Partido Comunista aproveitou-se das forças revolucionárias do movimento de Outubro para os seus próprios objectivos, e este acto não representa toda a nossa Revolução. O processo geral da Revolução compreende várias outras correntes que se não detêm em Outubro, mas que vão mais longe, para a realização dos problemas históricos dos operários e camponeses: a comunidade operária, igualitária e não estatista. O *Outubro* actual, que se arrasta já há tempo e que já enfraqueceu, deverá indubitavelmente ceder o lugar a uma fase ulterior popular da revolução. No caso contrário, a Revolução Russa, como todas as precedentes, não terá sido senão uma mudança de Poder.

CAPÍTULO II

A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO NA GRANDE RÚSSIA E NA UCRÂNIA

Para apreender claramente a marcha da Revolução Russa, é necessário considerar a propaganda e o desenvolvimento das ideias revolucionárias entre os operários e camponeses durante todo o período de 1900 a 1917 e a influência do levantamento de Outubro na Grande Rússia e na Ucrânia.

A partir dos anos 1900-1905, a propaganda revolucionária entre os operários e os camponeses foi feita pelos partidários de duas doutrinas principais: o socialismo estatista e o anarquismo.

O primeiro era propagado por vários partidos democráticos admiravelmente organizados: os bolcheviques, os mencheviques, os socialistas revolucionários e ainda outras correntes políticas da mesma essência.

O anarquismo só dispunha de alguns agrupamentos numericamente fracos que, além deste inconveniente, tinham o de não precisar duma maneira suficientemente clara a sua atitude na revolução. O campo da propaganda e da edu-

cação política estava quase completamente conquistado pela democracia. Ela educava as massas no sentido dos seus programas e ideias políticas. A instituição da República Democrática era a sua ordem do dia; a revolução política o meio da sua realização.

O anarquismo, pelo contrário, rejeitava a democracia como uma das formas do estatismo, rejeitava também a revolução política como meio de acção. Para o anarquismo a ordem do dia dos operários e camponeses devia ser a revolução social e era para ela que chamava as massas. Era a única doutrina que reclamava a destruição completa do capitalismo em nome duma sociedade livre não estatista dos trabalhadores. Mas, dispondo apenas dum número muito restrito de militantes e não possuindo, além disso, um programa concreto para o dia seguinte duma revolução, o anarquismo não pôde espalhar-se amplamente e enraizar-se nas massas como uma teoria social e política determinada. Contudo, sendo certo que ele tocara os pontos vitais da existência das massas escravas, que não representava nunca nenhum papel hipócrita junto deles, que as ensinava a lutar pela própria causa e a saber morrer por ela, o anarquismo criou nas camadas mais profundas das massas trabalhadoras um certo número de lutadores e de mártires da revolução social. As ideias anarquistas resistiram à longa prova da reacção czarista e permaneceram na alma dos trabalhadores isolados das cidades e dos campos como o seu ideal social e político.

O socialismo, sendo o filho natural da democracia, dispunha sempre de enormes forças intelectuais: professores, estudantes, médicos, advogados, jornalistas, etc.... Eram ou marxistas declarados ou simpatizantes dessa doutrina. Graças às suas forças numerosas, lançadas na política, o socialismo conseguiu sempre atrair uma parte considerável dos trabalhadores, embora os chamasse à luta por ideais de democracia, ideais pouco compreensíveis e suspeitos.

Apesar disto, no momento da Revolução de 1917, o interesse e o instinto de classe dominavam e arrastavam os

operários e os camponeses para os seus objectivos directos: a conquista da terra, das fábricas e das oficinas.

Quando esta orientação apareceu nas massas — e tinha sido muito antes da Revolução de 1917 —, uma parte dos marxistas, principalmente a sua ala esquerda, os bolcheviques, abandonaram rapidamente as suas posições abertamente democrático-burguesas, lançaram certos preceitos adaptando-se às aspirações dos trabalhadores e, no dia da revolução, marchavam com a massa em revolta, procurando tornar-se senhores do seu movimento. Graças às consideráveis forças intelectuais que compunham as fileiras do bolchevismo, e também ao programa socialista que seduzira as massas, conseguiram o que desejavam.

Nós indicámos já mais acima que o levantamento de Outubro se efectuou tendo dois objectivos, que eram ao mesmo tempo um elemento de união: «As oficinas aos operários! A terra aos camponeses!». Os trabalhadores davam a estas palavras um sentido simples, sem fazer nenhuma reserva. Segundo eles, a revolução devia colocar toda a economia industrial do país à disposição e sob a direcção dos operários, a terra e a agricultura à disposição e sob a direcção dos camponeses. O espírito de justiça e a auto-acção compreendidos nesse programa arrastou de tal maneira as massas que a sua frente mais activa estava disposta, no dia seguinte ao da revolução, a empreender a organização da vida sob a base destas fórmulas. Nas diferentes cidades, as uniões profissionais e os conselhos de oficina tomaram a gestão das empresas e das mercadorias, puseram de parte os proprietários e os patrões, estabeleceram eles próprios as tarifas, etc.... Mas todas estas tentativas esbarraram com uma resistência de ferro da parte do Partido Comunista tornado já o do Estado.

Este partido, caminhando com a massa revolucionária, identificando-se com as suas reclamações extremistas, por vezes anarquistas, mudou bruscamente a sua acção, logo que o governo da coligação foi derrubado e que ele tomou conta do Poder. A revolução, como movimento das massas trabalhadoras sob as fórmulas de Outubro, estava termi-

nada para ele. O inimigo essencial dos trabalhadores — a burguesia industrial e agrária — está, dizia ele, vencida; o período de destruição, de luta contra o regime capitalista acabou; começa agora o da criação comunista do edifício proletário. A revolução deve, pois, efectuar-se agora pelos órgãos do Estado. A continuação do estado de coisas anterior, quando os operários eram senhores da rua, das fábricas e oficinas e os camponeses, não vendo já nenhum poder, procuravam organizar a sua vida com plena independência, traria consequências perigosas, podendo perturbar a grande obra estatista do partido. Era preciso pôr-lhe fim por todos os meios possíveis, até ao da violência estatista.

Tal foi a reviravolta na acção do Partido Comunista desde que se estabeleceu no Poder.

A partir desse momento, começou a reagir tenazmente contra todos os empreendimentos socialistas das massas operárias e camponesas. Esta reviravolta na Revolução, este plano burocrático do seu desenvolvimento ulterior foram duma torpe insolência da parte dum partido que só devia a sua situação às massas trabalhadoras. Era pura impostura e usurpação. Mas a lógica da posição ocupada pelo Partido Comunista na Revolução era tal que lhe era impossível comportar-se doutra maneira. Qualquer outro partido político procurando na revolução a ditadura e o domínio no país teria agido da mesma forma. Antes de Outubro, foi a ala direita da democracia — os mencheviques e os socialistas revolucionários — que procurou dirigir e dominar a Revolução. A sua diferença dos bolcheviques consiste em não terem tido tempo ou não terem sabido organizar o seu poder e prender as massas nas suas malhas.

*
* *

Vejamos agora como a ditadura do Partido Comunista e a proibição do desenvolvimento ulterior da revolução a não ser pelos órgãos do Estado foram recebidos pelos trabalhadores da Grande Rússia e da Ucrânia.

A revolução para os trabalhadores da Grande Rússia e da Ucrânia foi a mesma coisa, mas a sua estatização bolchevista foi recebida diferentemente: na Ucrânia mais dificilmente do que na Grande Rússia. Começemos por esta última.

Antes e durante a Revolução, o Partido Comunista desenvolveu em toda essa região uma grande actividade entre os operários das cidades. Durante o período czarista procurou, sendo a ala esquerda da social-democracia, organizá-los para a luta em favor da República Democrática, preparando assim uma arma segura e sólida na luta pelos seus ideais.

Depois da queda do czarismo em Fevereiro-Março de 1917, um período agudo, que não permitia nenhuma demora, começou para os operários e camponeses. No Governo Provisório viam um inimigo certo. Não esperaram, portanto, e trataram de efectivar os seus direitos por meios revolucionários: primeiro os seus direitos ao dia de trabalho de 8 horas, depois os seus direitos sobre os próprios órgãos de produção e de consumo, bem como a terra. O Partido Comunista foi para eles, em tudo isso, um excelente aliado, bem organizado. É verdade que, por esta união, ele procurava conquistar os seus fins; mas a massa ignorava-o. A massa só via o próprio facto, e esse era que o Partido Comunista lutava com ela contra o regime capitalista. Este partido lançou toda a força das suas organizações, toda a sua experiência política e organizadora, os seus melhores militantes nos meios operários e no Exército. Empregou toda a sua energia e actividade para agrupar as massas em volta desse objectivo. Representava o papel de demagogo em relação às inflamadas questões do trabalho oprimido. Aprendia e aproveitava as palavras que uniam os camponeses nos seus desejos de posse da terra e dos operários em relação ao trabalho livre. Impelia-os para uma coligação decisiva contra o Governo. Todos os dias o Partido Comunista se encontrava nas fileiras da classe operária, fazendo com ela uma luta infatigável contra a burguesia, luta que prosseguiu até aos dias do Outubro. É pois

natural que os operários da Grande Rússia tenham tomado o hábito de o considerar como o seu enérgico companheiro de armas na luta revolucionária. Esta circunstância, junta à de que a classe operária russa não tinha por assim dizer organizações revolucionárias de classe e estava disseminada sob o ponto de vista de organização, permitiu ao partido tomar facilmente a direcção dos acontecimentos. E quando o governo da coligação foi derrubado pelas massas de Petrogrado e de Moscovo, o Poder passou naturalmente para os bolcheviques como os guias qualificados do golpe de Estado.

Depois desse facto, o Partido Comunista empregou toda a sua energia em organizar um poder firme e em suprimir os diversos movimentos das massas operárias e camponesas, que continuavam, em vários pontos do país, a procurar atingir os objectivos principais da revolução por uma acção directa. Graças à influência enorme que tinha adquirido no período pré-outubrista, conseguiu isto sem grande dificuldade. É verdade que logo após a conquista do Poder, o Partido Comunista teve por mais duma vez de combater as primeiras tentativas das organizações operárias para começar a produção nas bases do trabalho igualitário. É verdade também que numerosas aldeias foram saqueadas, milhares de camponeses assassinados pelo novo poder «comunista» pela sua desobediência e as suas tentativas de dispensarem o Poder. É verdade que em Moscovo e em várias outras cidades — para liquidar as organizações libertárias em Abril de 1918 e mais tarde as dos socialistas revolucionários da Esquerda — o Partido Comunista teve de servir-se de metralhadoras e canhões, provocando assim a guerra civil da Esquerda. Mas em geral, graças a uma certa embora breve confiança dos operários da Grande Rússia pelos bolcheviques depois de Outubro, estes conseguiram submeter fácil e rapidamente as massas ao seu domínio e suspender o desenvolvimento ulterior da revolução operária e camponesa, substituindo-o por medidas estatistas do partido. E nesse ponto se deteve a Revolução na Grande Rússia.

Foi duma maneira muito diversa que se desenvolveu o mesmo período na Ucrânia. O Partido Comunista não possuía nessa região a décima parte das forças organizadas de que dispunha na Grande Rússia. A sua influência sobre os camponeses e os operários foi aí sempre insignificante. A Revolução de Outubro deu-se muito mais tarde, na Ucrânia, só em Novembro e Dezembro e mesmo em Janeiro do ano seguinte. Era, nessa ocasião, a burguesia nacional local (os Petliurovtzi, partidários do «democrata» Petliura) que detinha o Poder na Ucrânia. Os bolcheviques combatiam-no mais na ordem militar que na revolucionária. Por isso, enquanto na Grande Rússia a passagem do Poder para os Sovietes significou simultaneamente a conquista desse Poder pelo Partido Comunista, na Ucrânia a impopularidade e a impotência do Partido Comunista fez com que o poder atribuído aos Sovietes tivesse outra significação. Os Sovietes eram reuniões de delegados operários sem nenhuma possibilidade de subordinar as massas. Eram os operários nas oficinas e os camponeses nas aldeias que se sentiam como possuindo a força real. Infelizmente esta força era desperdiçada, inorganizada e, portanto, o perigo de cair sob a ditadura dum partido qualquer solidamente constituído ameaçava-a permanentemente.

Durante toda a luta revolucionária na Ucrânia, a classe operária e os camponeses desta região não se tinham habituado a ter ao seu lado um tutor constante e inflexível, como foi o Partido Comunista na Grande Rússia. Em virtude disso formou-se na Ucrânia uma maior liberdade moral que deveria infalivelmente exercer a sua influência ao surgirem os movimentos revolucionários das massas.

Um ponto ainda mais importante na existência dos camponeses e operários (indígenas) da Ucrânia era o das tradições da *Volnitza* (Vida Livre) que se perpetuavam na Ucrânia desde tempos remotos⁽¹⁾. Apesar dos esforços dos

(1) Organizações livres de camponeses, na Ucrânia, durante muito tempo em luta com os países vizinhos, tendo acabado por se submeter ao Estado russo.

czares desde Catarina II para apagar do espírito do povo ucraniano todos os vestígios da *Volnitsa*, esta herança da época guerreira dos séculos XIV-XVI e dos *campos zaporogos* conservou-se e até aos nossos dias os camponeses da Ucrânia têm tido sempre um grande amor pela independência, que se manifestou por uma resistência tenaz contra todo o poder que os pretendesse sujeitar.

O movimento revolucionário na Ucrânia foi acompanhado de duas condições que não havia na Grande Rússia e que tanto deviam influir no próprio carácter da revolução ucraniana: a ausência dum partido político poderoso e organizado e o espírito da *Volnitsa* tradicional e tão próprio dos trabalhadores da Ucrânia. E, com efeito, enquanto na Grande Rússia a revolução se estatizava sem dificuldade e era introduzida nos quadros do Estado Comunista, esta mesma estatização encontrava na Ucrânia dificuldades consideráveis; o aparelho *sovietista* instituía-se nessa região sobretudo pela força, militarmente. Ao mesmo tempo, um movimento autónomo das massas, sobretudo das massas camponesas, continuava a desenvolver-se paralelamente. Anunciava-se já sob a República Democrática de Petliura e progredia lentamente, procurando ainda o seu objectivo. Esse movimento tinha, além disso, as suas raízes no fundo essencial da Revolução Russa. Fez-se ostensivamente notar desde os primeiros dias da agitação de Fevereiro. Era um movimento das camadas mais profundas dos trabalhadores, tratando de destruir o sistema económico de escravidão e de criar um sistema novo, baseado na comunidade dos meios e dos instrumentos de trabalho e no princípio da exploração da terra pelos próprios trabalhadores.

Dissemos já que em nome destes princípios os operários expulsavam os proprietários das oficinas e atribuíam a gestão da produção aos seus órgãos de classe: uniões profissionais, conselhos de oficina ou comissões operárias especialmente criadas para este efeito. Os camponeses, esses apoderavam-se das terras dos proprietários agrários e dos *ricos* (os *kulaks*, camponeses abastados), atribuindo estritamente aos próprios trabalhadores o respectivo usufruto, esboçando assim um tipo novo de economia agrícola.

Esta prática de acção revolucionária directa dos operários e dos camponeses desenvolveu-se na Ucrânia quase sem obstáculos durante todo o primeiro ano de Revolução, criando assim *uma linha de conduta revolucionária das massas* — bem segura e sã.

De cada vez que um grupo político, tendo-se apoderado do Poder, procurava destruir essa linha de conduta revolucionária dos trabalhadores, estes últimos começavam uma oposição revolucionária e entravam em luta contra essas tentativas.

Assim, o movimento revolucionário dos trabalhadores para a independência social, começado nos primeiros dias da Revolução, não enfraquecia qualquer que fosse o poder estabelecido na Ucrânia. Não se extinguiu também sob o bolchevismo que, depois do levantamento revolucionário de Outubro, começou a introduzir na região o seu sistema estatista autocrata.

O que havia de essencial nesse movimento era o seguinte: o desejo de atingir, na Revolução, os fins verdadeiros das classes laboriosas; a vontade de conquistar a independência completa do trabalho e finalmente a desconfiança para com os grupos não laboriosos da sociedade.

Apesar de todos os sofismas do Partido Comunista, procurando demonstrar que ele era o cérebro da classe operária e que o seu poder era o dos trabalhadores, todo o operário ou camponês, tendo conservado o espírito ou o instinto de classe, cada vez ia adquirindo mais a convicção de que, de facto, o Partido desviava os trabalhadores das cidades e dos campos da obra revolucionária que lhes era própria; que o Poder os tomava sob a sua tutela; que o próprio facto da organização estatista era a usurpação dos seus direitos à independência e à livre disposição de si próprios.

A aspiração à independência, à autonomia completa, torna-se a base do movimento germinado no mais profundo das massas. Os seus pensamentos eram constantemente dirigidos para esta ideia por uma numerosa quantidade de factos e de vias. A acção estatista do Partido

Comunista abafava implacavelmente estas aspirações. Mas foi precisamente esta acção dum partido presunçoso, não tolerando nenhuma objecção, que esclareceu melhor os trabalhadores nesta ordem de ideias e os levou à resistência.

No princípio este movimento limitava-se a ignorar o novo Poder e a realizar actos espontâneos, pelos quais os camponeses se apoderavam das terras e dos bens dos agrários. Procurava as suas formas e os seus meios. A ocupação inesperada da Ucrânia pelos austro-alemães colocou os trabalhadores num ambiente completamente novo e precipitou o desenvolvimento do seu movimento.

CAPÍTULO III

A INSURREIÇÃO REVOLUCIONÁRIA NA UCRÂNIA — MACKNO

O tratado de Brest-Litovsk concluído pelos bolchevistas com o Governo imperial alemão, escancarou as portas da Ucrânia aos austro-alemães. Entraram nesse país como senhores. Não se limitaram à acção militar, mas imiscuiram-se na sua vida económica e política. O seu fim era apropriarem-se dos víveres. Para o conseguirem duma maneira fácil e completa, restabeleceram o poder dos nobres e dos agrários que o povo tinha vencido e instalaram o governo autocrata do «hetman», Skoropadsky. Quanto às tropas austro-alemãs que ocupavam a Ucrânia, eram elas sistematicamente enganadas pelos seus oficiais sobre a Revolução Russa. Representavam-lhes eles a situação na Rússia e na Ucrânia como uma orgia de forças cegas e selvagens destruindo a ordem e aterrorizando a honesta população laboriosa. Por estes processos provocava-se nos soldados uma hostilidade contra os camponeses e os operários revoltados, favorecendo assim a acção — acção de simples banditismo, absolutamente confrangedor — dos exércitos austro-alemães.

A pilhagem económica da Ucrânia pelos austro-alemães com o assentimento e o auxílio do governo de Skoropadsky foi enorme e odiosa. Roubava-se e levava-se tudo: trigo, gado, aves, ovos, matérias-primas, etc., tudo isto em tais proporções que os meios de transporte eram insuficientes para a sua deslocação. Como se tivessem caído sobre depósitos imensos votados à pilhagem, os austríacos e os alemães apressavam-se a levar o mais que podiam, carregando um carro após outro, e isto em centenas de milhares de carros, levando tudo para os seus acampamentos. Quando os camponeses resistiam a esta pilhagem e tentavam defender o fruto do seu trabalho, as represálias, as perseguições, os fuzilamentos não se faziam esperar.

A ocupação da Ucrânia pelos austro-alemães constitui uma das páginas mais trágicas da história da sua revolução. Além da violência dos invasores, do cínico banditismo militar, havia a reacção feroz dos agrários. O regime do «hetman» foi o aniquilamento de todas as conquistas revolucionárias dos camponeses e dos operários, um regresso completo ao passado. É pois natural que este novo ambiente tenha poderosamente acelerado a marcha do movimento esboçado anteriormente sob Petliura e os bolcheviques. Por toda a parte, principalmente nas aldeias, começaram os actos insurreccionais contra os agrários e os austro-alemães. Foi então que se iniciou o novo Movimento Revolucionário dos Camponeses da Ucrânia que se tornou conhecido mais tarde sob o nome de *Insurreição Revolucionária*. Explicou-se por várias vezes a origem desta insurreição pelo facto da ocupação austro-alemã e o regime do «hetman» exclusivamente. Esta explicação é insuficiente e inexacta. A insurreição teve a sua origem no ambiente e nos próprios fundamentos da Revolução Russa; foi uma tentativa dos trabalhadores para levarem a Revolução até ao seu resultado integral: a verdadeira, a completa emancipação e supremacia do Trabalho. A invasão austro-alemã e a reacção agrária não fizeram pois senão apressar a sua eclosão.

O Movimento tomou rapidamente vastas dimensões. Os camponeses erguiam-se de todos os lados contra os agrários, massacravam-nos ou expulsavam-nos, apoderando-se das suas terras e dos seus bens, sem poupar os invasores austro-alemães.

O «hetman» e as autoridades alemãs responderam com represálias implacáveis. Os camponeses das aldeias que se tinham levantado foram massacrados e fuzilados em massa, sendo-lhes queimados todos os haveres. Centenas de aldeias sofreram, num curto espaço de tempo, um castigo diabólico da parte da casta militar e agrária. Isto passava-se em Junho, Julho e Agosto de 1918.

Então os camponeses, perseverando na sua revolta, organizaram-se em franco-atiradores e recorreram à guerra de emboscada. Como por inspiração de organizações invisíveis, surgiram quase simultaneamente, em diferentes lugares, uma quantidade enorme de destacamentos de partidários agindo por surpresas militares contra os agrários, os seus guardas e os representantes do Poder. Habitualmente esses destacamentos compostos de 20, 50 a 100 cavaleiros bem armados caíam bruscamente no sítio oposto àquele em que os supunham, sobre uma propriedade, sobre a Guarda Nacional, massacravam todos os inimigos dos camponeses e desapareciam tão rapidamente como tinham vindo. Todo o agrário que perseguisse os camponeses, todos os seus fiéis servidores eram marcados pelos franco-atiradores e ameaçados a cada instante de serem suprimidos. Todo o guarda, todo o oficial alemão era votado a uma morte certa. Estes feitos realizados quotidianamente em todos os pontos do país atacavam fortemente a contra-revolução agrária, pondo-a em risco e preparando infalivelmente a vitória dos camponeses.

É de notar que da mesma forma que as vastas insurreições camponesas espontâneas surgiam sem preparação nenhuma, as acções guerreiras eram sempre conduzidas pelos próprios camponeses, sem o auxílio nem a direcção de qualquer organização política. O seu meio de acção colocou-os na necessidade de se ocuparem eles próprios

das necessidades do movimento, dirigirem-no e conduzirem-no para a vitória. Durante toda a luta contra o «hetman» e os agrários, nos momentos mais penosos, os camponeses estiveram sós face a face com os seus inimigos encarniçados bem organizados e bem armados. Isto teve (como o veremos mais adiante) uma grande influência sobre o carácter de toda a insurreição revolucionária. O seu traço fundamental — por toda a parte onde se manteve até ao fim como obra de classe, sem cair sob a influência dos partidos ou dos elementos nacionalistas — foi o da sua proveniência do mais profundo das massas camponesas e o da consciência geral que os camponeses tinham de que eram eles próprios os guias e os instigadores do seu movimento. Os destacamentos dos partidários sobretudo estavam impregnados dessa ideia. Tinham disso mesmo o orgulho e sentiam-se com força para cumprir a sua missão.

As represálias selvagens da contra-revolução não detiveram o movimento: pelo contrário, alargaram-no e fizeram-no irradiar para toda a parte. Os camponeses ligavam-se cada vez mais, impelidos pela própria marcha do movimento para um plano geral e unido de acção revolucionária. Não há dúvida de que os camponeses de toda a Ucrânia se não uniram nunca num só grupo agindo sob uma única direcção. Não se pode falar duma tal união senão no sentido da do espírito revolucionário. Quanto ao ponto de vista prático, o da organização, os camponeses uniam-se por cada região, principalmente sob a forma de união de destacamentos separados de partidários. Logo que as insurreições se tornaram mais frequentes e as represálias mais ferozes e organizadas, essas uniões constituíram uma necessidade urgente. No Sul da Ucrânia foi a região de Gulai-Polé que tomou a iniciativa desta unificação. Aí, essa união não se fez somente com o fim da defesa mas também e sobretudo tendo em vista a destruição geral e completa da contra-revolução agrária. Esta unificação tinha ainda um outro fim, principalmente o de fazer dos camponeses revolucionários uma força real e organizada, capaz

de combater toda a reacção e de defender vitoriosamente a liberdade e o território do povo em revolução.

O papel mais importante nesta obra de unificação e no desenvolvimento geral da insurreição revolucionária no Sul da Ucrânia pertence ao destacamento de partidários guiado pelo camponês indígena *Nestor Mackno*.

Desde os primeiros dias do movimento até ao seu ponto culminante em que os camponeses venceram os agrários, Mackno desempenhou um papel por tal forma preponderante e capital que estão ligados ao seu nome regiões inteiras insurgidas e os momentos mais heróicos da luta. Quando, depois, a insurreição triunfou definitivamente da reacção de Skhoropadsky, mas a região foi ameaçada por Denikine, Mackno tornou-se o centro de ligação de milhões de camponeses sobre a área de vários governos⁽¹⁾. Na história da insurreição na Ucrânia, foi esse o momento em que se desenvolveu definitivamente o seu verdadeiro aspecto e se precisou a sua obra histórica. Porque só a insurreição é que conservou a sua essência revolucionária e a sua fidelidade aos interesses da classe trabalhadora. Enquanto no Sul da Ucrânia os insurgidos ergueram a bandeira negra do anarquismo e optaram pela via anti-autoritária da organização livre dos trabalhadores, nas regiões Oeste e Noroeste do país colocaram-se, pouco a pouco, depois de terem derrubado o «hetman» sob a influência de elementos estranhos e inimigos, principalmente democratas e nacionalistas («petliurovtzi», partidários de Petliura). Durante mais de dois anos, uma parte dos insurgidos do Oeste da Ucrânia serviu de apoio a estes últimos que defendiam, sob a bandeira nacional, os interesses da burguesia liberal. Assim, os camponeses insurreccionados dos governos de Kiev, de Volinia, da Podolia e duma parte do de Poltava, tendo origens comuns com o resto dos insurgidos, não souberam depois descobrir em si próprios as suas missões históricas, as suas forças organizadoras e caíram

(1) Divisão territorial.

sob a pata dos inimigos do trabalho, tornando-se em instrumentos cegos nas suas mãos.

A insurreição do Sul tomou um aspecto e teve um sentido muito diverso. Separou-se nitidamente dos elementos não trabalhadores da sociedade contemporânea; desembaraçou-se rapidamente e resolutamente dos prejuízos nacionais, religiosos, políticos e outros do regime de opressão e de escravidão; colocou-se no terreno das exigências reais da classe dos proletários das cidades e dos campos e travou, em nome destas exigências, uma rude guerra contra os inimigos múltiplos do Trabalho.

MACKNO

Dissemos já que um papel enorme, exclusivo, foi desempenhado, nos vastos domínios da insurreição camponesa do Sul da Ucrânia, por Nestor Mackno. Sigamo-lo na sua actividade do primeiro período, isto é, até à queda do «hetman» e demos sobre ele previamente algumas notas biográficas.

Macno é um camponês nascido em 27 de Outubro de 1889 e criado na aldeia de Gulai-Polé, distrito de Alexandrovsk, governo de Ekaterinoslaw. É filho duma família de camponeses pobres. Tinha apenas 10 meses quando lhe morreu o pai, deixando-o, bem como os seus quatro pequenos irmãos, aos cuidados de sua mãe. Desde a idade de sete anos, em virtude da excessiva pobreza da família, serviu como pastor, guardando as vacas e as ovelhas dos camponeses da sua aldeia. Aos 8 anos entrou para a escola local, que frequentava no Inverno, continuando sempre a servir como pastor no Verão. Aos 12 anos deixou a escola e a sua família para se empregar. Trabalhava como criado de herdade nas propriedades dos agrários e dos camponeses ricos («kulaks») alemães, cujas colónias eram numerosas na Ucrânia. Já nessa época, 14-15 anos, nutria um grande ódio contra os patrões exploradores e sonhava a maneira como poderia um dia regular com eles as suas contas, por

si e pelos outros, se alguma vez dispusesse de força necessária para o poder fazer. Trabalhou mais tarde como fundidor na oficina da sua aldeia.

Até à idade de 16 anos não teve nenhum contacto com o mundo político. As suas concepções revolucionárias e sociais formavam-se num círculo restricto de concidadãos, camponeses proletários como ele. A Revolução de 1905 fê-lo sair de repente deste pequeno círculo, lançando-o na torrente dos grandes acontecimentos e actos revolucionários. Tinha então 17 anos. Estava cheio de entusiasmo revolucionário e disposto a tudo na luta pela libertação dos trabalhadores. Depois dum conhecimento das organizações políticas, entrou resolutamente nas fileiras dos anarquistas-comunistas e desde esse momento tornou-se um militante infatigável.

O anarquismo russo dessa época tinha duas obras a realizar: uma consistia em desfazer a mentira política preparada contra os trabalhadores pelos partidos socialistas, com os marxistas à frente; a outra, em indicar aos camponeses e aos operários o caminho da revolução social. Para a realização destas duas obras, Mackno desenvolveu uma grande actividade e tomou parte nos actos mais perigosos da luta libertária.

Em 1908, caiu no poder das autoridades czaristas, que o condenaram à força por associação anarquista e participação em actos terroristas. Em atenção à sua juventude, a condenação foi comutada na de trabalhos forçados por toda a vida. Cumpria a sua pena na prisão central de Moscovo (Butirki). Embora a vida na prisão fosse para ele sem esperança e extremamente penosa, Mackno esforçou-se apesar disso em a aproveitar amplamente para se instruir. Deu provas duma grande perseverança. Aprendeu a Gramática Russa, estudou as Matemáticas, a Literatura, a História da Cultura e a Economia Política. Pode dizer-se que a prisão foi a única escola em que Mackno adquiriu os conhecimentos históricos e políticos que lhe foram duma tão grande utilidade na sua acção revolucionária ulterior. A vida, os factos foram uma outra escola em que aprendeu

a conhecer e a compreender os homens e os acontecimentos sociais.

Foi na prisão que muito novo ainda Mackno comprometeu a sua saúde. Obstinado, não podendo resignar-se ao esmagamento absoluto de personalidade a que era submetido todo o condenado aos trabalhos forçados, revoltava-se sempre perante as autoridades penitenciárias e estava continuamente no segredo, onde, pelo frio e humidade, contraiu a tuberculose pulmonar. Durante nove anos da sua reclusão, permaneceu sem cessar em ferros por «má conduta», até que foi libertado com todos os outros presos políticos pela insurreição do proletariado de Moscovo no 1.º de Março de 1917.

Voltou imediatamente a Gulai-Polé onde as massas camponesas lhe manifestaram uma profunda simpatia. De toda a aldeia ele era o único forçado político restituído à sua família pela Revolução. É por isso que ele se torna espontaneamente o objecto da estima e da confiança dos camponeses. Não era já então um jovem inexperiente, mas um militante completo, tendo um poderoso impulso de vontade e uma ideia precisa da luta social.

Chegado a Gulai-Polé entrega-se imediatamente à obra revolucionária, procurando primeiro organizar os camponeses da sua aldeia e das proximidades. Forma uma união profissional dos operários agrícolas, organiza uma comuna livre e um Soviete local dos camponeses. O problema que o agitava era concentrar e organizar todos os camponeses de maneira bastante firme e sólida, para que eles estivessem em condições de expulsar, duma vez para sempre, todos os proprietários agrários e dirigentes e de tratarem eles próprios da sua vida. Era neste sentido que ele orientava o trabalho organizador dos camponeses, e isto não apenas como propagandista mas também e sobretudo como militante prático, procurando unir os trabalhadores perante os factos palpantes de trapaças, de opressão e de injustiça que eles sofriam do regime de escravidão em que se encontravam. Durante o período do governo de Kérenski e os dias de Outubro, ele foi presidente da união camponesa

regional, da comissão agrícola, da união profissional dos operários metalúrgicos e marceneiros e, finalmente, presidente do Conselho (Soviete) dos camponeses e operários de Gulai-Polé.

Foi nesta última qualidade que ele reuniu no mês de Agosto todos os agrários e proprietários da região, lhes tomou os documentos referentes às terras e bens móveis de que se encontravam de posse e procedeu ao inventário exacto de todos esses bens. Em seguida fez disso um relatório, primeiro numa sessão do Soviete e do distrito, depois no Congresso dos Sovietes da região. Propôs igualarem-se os direitos de usufruto da terra dos proprietários e dos camponeses ricos (*kulaks*) aos dos camponeses trabalhadores. Em consequência da sua proposta, o Congresso decretou deixar aos proprietários e aos «kulaks» uma parte da terra (assim como dos instrumentos de trabalho e do gado) igual à dos trabalhadores. Muitos congressos camponeses nos governos de Ekaterinoslaw, de Taurida, de Poltava, de Karkov e outros seguiram o exemplo da região de Gulai-Polé e tomaram a mesma medida.

Durante este tempo, Mackno torna-se na sua região a alma dos movimentos de camponeses que retomavam as terras e os bens dos agrários e quando se tornava necessário lhes tiravam também a vida. Tornou assim, por este facto, em seus inimigos mortais os agrários, os camponeses ricos e as organizações burguesas locais.

No momento da ocupação da Ucrânia pelos austro-alemães, Mackno foi encarregado pelo *comité* revolucionário de formar batalhões de camponeses e operários insurgidos para a luta contra os invasores da Rada Central (poder supremo de então). Foi obrigado a recuar com os seus partidários sobre as cidades de Tarangog, Rostow e Tsaritsine, combatendo passo a passo. A burguesia local, então fortalecida pela chegada dos austro-alemães, pôs a sua cabeça a preço e ele teve de se ocultar por algum tempo. Por vingança, as autoridades militares ucranianas e alemãs queimaram a casa de sua mãe e fuzilaram seu irmão mais velho, Emiliano, inválido da guerra.

Em Junho de 1918, Mackno vem a Moscovo para consultar alguns velhos militantes anarquistas sobre os métodos e as tendências do trabalho libertário revolucionário entre os camponeses da Ucrânia. Mas os anarquistas que encontrou eram nesse momento indecisos e pouco enérgicos. Não recebeu nenhuma indicação nem conselho satisfatórios e regressou à Ucrânia com as suas próprias opiniões.

Acalentava há muito tempo uma ideia, que consistia em organizar as grandes massas camponesas como força histórica especial, fazer brotar a energia revolucionária nelas acumulada durante séculos e precipitá-la contra o regime opressor contemporâneo. Julgava chegado o momento para isso. Quando se encontrava em Moscovo e lia as notícias dos jornais sobre os numerosos actos insurreccionais dos camponeses ucranianos, agitava-se, exaltava-se e cada instante que permanecia em Moscovo causava-lhe grandes sofrimentos morais. Foi à pressa, auxiliado por um camarada, antigo companheiro de prisão, que se equipou e tornou a partir para a Ucrânia e a sua região de Gulai-Polé. Isto passava-se em Julho de 1918. A viagem efectuou-se com muitas dificuldades, muito clandestinamente para não cair nas mãos dos agentes do *hetman*. Uma vez esteve Mackno em grande perigo, tendo sido apanhado pelas autoridades austro-alemãs transportando uma mala com literatura libertária. Foi um seu conhecido, um judeu de Gulai-Polé, que o salvou pagando pela sua libertação uma soma importante de dinheiro. Durante a viagem os comunistas propuseram a Mackno escolher uma região determinada da Ucrânia para o trabalho revolucionário clandestino e aí militarem em seu nome. É inútil dizer que ele se recusou mesmo a discutir esta proposta, pois que desejava realizar um trabalho diametralmente oposto ao dos bolcheviques.

Eis, pois, Mackno de novo em Gulai-Polé, desta vez com a decisão irrevogável de perecer ou obter a vitória dos camponeses; e em qualquer hipótese de não abandonar nunca a região. A notícia do seu regresso espalhou-se rapidamente de aldeia em aldeia. Pelo seu lado, nas assembleias

e pela Imprensa, não tardou a mostrar-se abertamente às vastas massas camponesas, convocando-as para as acções decisivas contra o poder do *hetman* e dos proprietários, frisando bem e da maneira mais impressiva que os trabalhadores tinham agora a sua sorte nas suas mãos e não deviam deixá-la escapar. O seu vibrante e enérgico apelo propagou-se em algumas semanas nas numerosas aldeias e distritos, preparando as massas para os grandes acontecimentos que se iriam dar.

Mackno deu imediatamente princípio à sua obra. O seu primeiro cuidado foi formar uma companhia revolucionária militar duma força suficiente para garantir a liberdade de agitação e de propaganda nos burgos e aldeias e que começaria ao mesmo tempo as operações de franco-atiradores. Esta companhia organizou-se rapidamente. Havia nas aldeias elementos admiravelmente combativos prestes a agir. Não faltava senão um organizador: foi-o Mackno.

Os objectivos da sua companhia eram: a) efectuar activamente um trabalho de propaganda e de organização entre os camponeses; b) fazer uma luta implacável contra os inimigos destes. Na base desta luta encontrava-se este princípio: todo o agrário que persiga os camponeses, todo o agente de polícia do *hetman*, todo o oficial russo ou alemão, como inimigos mortais e implacáveis dos camponeses, não deviam encontrar nenhuma piedade e serem suprimidos. Além disso, de harmonia com os princípios dos insurgidos, devia ser executado todo aquele que tivesse tomado parte na opressão dos camponeses pobres e dos operários, na supressão dos seus direitos ou na usurpação do seu trabalho e dos seus bens.

No espaço de duas ou três semanas esse destacamento torna-se o terror não só da burguesia local mas também das autoridades austro-alemãs. O campo de acção militar e revolucionária de Mackno era enorme: estendia-se da estação de Lozovaia a Berdiansk, Mariopola e Taganrog e de Lugansk e a estação de Grichino a Ekatérinoslaw, Alexandrovsk e Mélilopola. A rapidez de deslocação era a particularidade da táctica de Mackno. Graças a essa táctica espe-

cial e à extensão da região, aparecia sempre de repente no sítio onde menos o esperavam. Em pouco tempo envolveu com um círculo de ferro e de fogo toda a região onde se entrincheirava a burguesia local. Todos os que, durante os dois ou três últimos meses da «hetmanchina», conseguiram fixar-se nos seus velhos ninhos de corvos, todos os que aproveitaram a sujeição dos camponeses pilhando-lhes as terras, todos os que os dominavam como senhores encontraram-se de repente sob a mão implacável, inexorável, de Mackno e dos seus franco-atiradores. Rápidos como o furacão, intrépidos, inacessíveis à piedade para com os seus inimigos, caíam como um raio sobre uma propriedade, massacravam todos os inimigos averiguados dos camponeses e desapareciam tão depressa como tinham vindo. No dia seguinte, Mackno recomeçava o mesmo a mais de cem quilómetros de distância, depois aparecia em qualquer burgo e massacrava a Guarda Nacional (a *varta*), os oficiais, os agrários e eclipsava-se antes que as tropas alemãs dispostas perto tivessem tido tempo de compreender o que se tinha passado. Ao outro dia estava de novo a cem quilómetros daí, caindo sobre um destacamento expedicionário dos magiares que reprimia os camponeses ou então fazendo enforcar alguns da *varta*. A *varta* alarmou-se. As autoridades austro-alemãs também. Uma grande quantidade de batalhões foi enviada para esmagar Mackno e apoderar-se dele. Em vão. Excelentes cavaleiros desde a infância, tendo, no caminho, cavalos para muda à sua vontade, Mackno e os seus partidários eram inacessíveis, fazendo em 24 horas marchas impossíveis para as tropas de cavalaria regular. Bastantes vezes, como para fazer troça dos seus inimigos, Mackno aparecia no próprio centro de Gulai-Polé, ora em Pologui onde numerosas tropas austro-alemãs se encontravam sempre reunidas ora em qualquer outro ponto de concentração da tropas, matando os oficiais que lhe caíam sob a mão e escapando-se são e salvo, sem deixar a menor indicação sobre a estrada tomada. Ou ainda no próprio momento em que — ao que parecia — se seguia a sua pista ainda quente, quando ia ser investido em certo burgo, ele

vestido com o uniforme da *varta*, se misturava, acompanhado dum pequeno número dos seus homens, no mais espesso das tropas inimigas, informava-se dos seus planos e disposições, depois metia-se à estrada com um destacamento da guarda em perseguição de Mackno e durante o trajecto exterminava esse destacamento.

No que diz respeito às tropas austro-alemãs e magiares, os partidários obedeciam à seguinte regra: matar os oficiais e dar a liberdade aos soldados feitos prisioneiros. Propunha-se-lhes regressarem às suas terras e lá contarem o que faziam os camponeses ucranianos e trabalharem para a revolução social. Forneciam-lhes literatura libertária, às vezes também dinheiro. Só eram executados os soldados reconhecidos culpados de actos de violência para com os camponeses. Esta maneira de tratar os soldados austro-alemãs e magiares feitos prisioneiros exerceu sobre eles uma certa influência revolucionária.

Durante este período da sua actividade insurreccional foi não só o organizador e o guia dos camponeses mas também um vingador temível do povo oprimido. Durante a curta duração da sua primeira acção insurreccional, centenas de ninhos de corvos foram destruídos, milhares de opressores e de inimigos activos do povo foram implacavelmente aniquilados. A sua maneira ousada e decidida de agir, a rapidez das suas aparições e desapareções, a impossibilidade de o apanhar não importa em que circunstâncias fizeram dele uma figura de terror e de ódio para a burguesia, mas cheia de satisfação, de lealdade e de lenda para o povo. Havia efectivamente muitos traços lendários na sua conduta, sempre cheia duma audácia surpreendente, duma vista de obstinado, duma perspicácia e por vezes duma boa disposição muito própria dos camponeses.

Mas não são estes os traços fundamentais e definitivos da personalidade de Mackno. O seu espírito combativo, os seus empreendimentos insurreccionais do primeiro período não eram mais do que as manifestações dum enorme talento guerreiro e organizador. Veremos mais adiante que força militar colossal e também que magnífico organizador sur-

giu das fileiras dos camponeses na pessoa de Mackno. Não só guia militar notável mas também bom agitador, Mackno multiplicava infatigavelmente os comícios nas numerosas aldeias da região. Nessas assembleias fazia relatórios sobre a obra necessária do momento, sobre a vida em comunidade livre e independente dos camponeses trabalhadores, como objectivo da insurreição. Redigia neste sentido manifestos e apelos aos camponeses, aos operários, aos soldados austríacos e alemães, aos cossacos do Don e do Kurban, etc.

«Vencer ou morrer — eis o dilema que se ergue perante os camponeses e os operários da Ucrânia no presente momento histórico. Mas morreremos todos nós, não podemos, somos para isso muitos, de mais. Nós somos a humanidade. Portanto venceremos. Mas nós não venceremos para repetir o exemplo dos anos passados, confiar a nossa sorte a novos senhores; nós venceremos para tomar os nossos destinos nas nossas mãos e regular a nossa vida pelas nossas próprias vontades e com a nossa verdade.» (Extraído dum dos primeiros apelos de Mackno).

Assim falava Mackno às vastas massas camponesas. Dentro de pouco tempo torna-se o ponto de ligação das massas insurgidas. Em cada aldeia os camponeses criaram grupos locais clandestinos. Ligavam-se a Mackno, sustentavam-no nos seus empreendimentos, seguiam os seus conselhos e determinações.

Os destacamentos de partidários, tanto os que existiam já como os que se formavam de novo, ligavam-se aos grupos de Mackno, procurando uma unidade de acção. A necessidade desta unidade assim como dum manejo geral era reconhecida por todos os partidários revolucionários. E todos eram de opinião que esta unidade seria realizada admiravelmente na pessoa de Mackno. Foi também a opinião de muitos dos grandes destacamentos independentes, como o de Korilenko (que operava na região de Berdiansk), o de Stchuss, o de Petrenko-Platonov (nas regiões de Dibrivka e do Grichino). Todos eles se juntaram e espontaneamente ao destacamento de Mackno. A unificação dos destacamentos de partidários da Ucrânia Meridional num só

exército insurreccional fez-se pois duma maneira natural, pela força das coisas e pela vontade das massas.

Foi na mesma época, no mês de Setembro de 1918, que Mackno recebeu a denominação de *batko* (pai), significando guia geral de insurreição revolucionária da Ucrânia. Deu-se isso nas circunstâncias seguintes. Os agrários refugiados em grandes centros, os camponeses ricos (os *kulaks*) e as autoridades alemãs decidiram, custasse o que custasse, amiquililar Mackno e o seu destacamento. Os agrários criaram um destacamento especial de voluntários — seus filhos e os dos *kulaks* — para a luta decisiva contra Mackno. A 30 de Setembro este destacamento, auxiliado pelos austro-alemães, cercou Mackno na região da Grande Micaïlovka (ou Dibrivki), colocando fortes postos em todas as estradas. Mackno encontrava-se nesse momento na companhia de 30 partidários, possuindo uma só metralhadora. Foi obrigado a bater em retirada evitando os numerosos inimigos. Chegado assim à floresta de Dibrivki, Mackno encontrou-se numa situação extremamente difícil. As estradas de retirada estavam todas ocupadas pelo inimigo. Era impossível a um destacamento passar por qualquer parte. Ora, os camaradas de Mackno, como o próprio Mackno, consideravam como abaixo de sua dignidade revolucionária escaparem-se um a um. Além disso, ninguém teria consentido em abandonar o seu guia para fugir. Depois de alguma reflexão, Mackno decidiu retomar a estrada da Grande Micaïlovka, (Dibrivki) e tentar conquistá-la. Ao sair da floresta, os partidários encontraram camponesas que os vinham prevenir que grandes peças inimigas se encontravam em Dibrivki e que era necessário apressar-se a retirar para outra parte. Esta informação não deteve, porém, Mackno nem os seus partidários. Apesar das lamentações e lágrimas das camponesas, que tentavam detê-los, dirigiram-se para a Grande Micaïlovka. Tendo-se aproximado subtilmente da aldeia, o próprio Mackno, com alguns dos seus camaradas, foi em reconhecimento. Viu na praça da igreja um grande acampamento inimigo, dezenas de metralhadoras, centenas de cavalos selados e grupos de cavaleiros. Os camponeses infor-

maram-nos de que um batalhão de austríacos e um destacamento especial de agrários se encontravam ali. A retirada era impossível. Então Mackno com a sua energia e o seu espírito de decisão habitual disse aos seus companheiros: — «Meus amigos, devemos estar preparados para morrer-mos todos aqui.» O momento era grave, os homens — cheios de audácia e de resolução. Nenhum deles via senão um só caminho diante deles: o que conduzia ao inimigo, que tinham contra eles — que eram 30 homens — pelo menos mil homens bem armados. Todos compreendiam que isto significava para eles a morte certa. Todos estavam sob uma certa comoção, mas nenhum tinha perdido a coragem.

Fois neste momento que um dos partidários, Stchuss, se dirigiu a Mackno e lhe disse:

— «Desde este momento tu serás o pai (*batko*) de nós todos e nós juramos morrer contigo nas fileiras dos insurgidos.»

Todo o destacamento fez então o juramento de nunca abandonar as fileiras dos insurgidos e de considerar Mackno como pai (guia) comum de toda a insurreição revolucionária. Depois prepararam-se para o ataque. Stchuss com 17 homens foi encarregado de ir de lado atacar de flanco o inimigo. Mackno com os outros atacou-o de frente. Com um «hurrah» formidável, os partidários lançaram-se impetuosamente contra o inimigo, caíram como um raio no seu próprio centro, manejando o sabre, a espingarda e o revólver. O ataque teve um efeito fulminante. O inimigo que não esperava nada que se parecesse com isto, foi desalojado no primeiro embate e desatou a fugir atabalhoadamente, salvando-se por grupos e um a um, abandonando armas, metralhadoras e cavalos. Sem lhes dar tempo de voltar a si, de contar as forças dos atacantes e de parar a um contra-ataque, os macknovistas perseguiram os fugitivos por grupos separados, saíndo a grandes golpes em pleno galope. Uma parte do destacamento dos agrários foi impelida para o rio (o Voltchia) onde foram afogados pelos camponeses que acorreram ao campo de batalha. A derrota do inimigo foi completa.

Os camponeses da região e os destacamentos dos insurgidos revolucionários chegados de todos os lados aclamaram triunfantemente os heróis. Adoptaram por unanimidade a proclamação de Mackno *pai (batko)*, guia de todos os insurgidos revolucionários da Ucrânia.

Dois dias depois destes acontecimentos, a Grande Micaïlovka foi investida por uma grande quantidade de tropas austro-alemãs e por destacamentos dos agrários e dos *kulaks* unidos de toda a região. A 5 de Outubro, as tropas alemãs começaram a bombardear a aldeia com um violento fogo de artilharia e, quando a aldeia já estava bastante destruída pelos obuzes, as colunas de infantaria e os destacamentos de *kulaks* entraram na povoação. Entregaram-se a execuções e puseram fogo aos quatro cantos da aldeia. A Grande Micaïlovka ardeu durante dois dias e durante dois dias as tropas alemãs e os *kulaks* cerravam-se furiosamente contra a população camponesa pobre.

Este facto contribuiu mais ainda para a união estreita dos camponeses da região e tornou-os ainda mais conscientes sob o ponto de vista revolucionário. Certamente que as vastas massas camponesas, o grosso dos habitantes dos burgos e das aldeias não faziam parte dos destacamentos dos partidários, mas estavam-lhes contudo estreitamente ligados. Abasteciam-nos de víveres, forneciam-lhes cavalos e forragens, levavam-lhes quando era preciso alimentos à floresta, dando aos destacamentos informações sobre os movimentos do adversário. No momento oportuno, grandes massas de camponeses juntavam-se aos destacamentos para realizar em comum qualquer tarefa revolucionária determinada, fazendo assim a guerra lado a lado com eles durante dois ou três dias para voltar em seguida para o seu trabalho do costume.

A ocupação de Gulai-Polé pelos insurgidos quase na véspera da queda do *hetman* e da deslocação das tropas austro-alemãs é muito característica sob este ponto de vista. Mackno apoderou-se da aldeia com o auxílio dum destacamento insignificante. Os austríacos enviaram as suas tropas de Pologui, onde estavam acantonadas. Durante um dia

inteiro Mackno não recebeu nenhum socorro e foi obrigado a abandonar a aldeia. Mas à tarde muitas centenas de camponeses de Gulai-Polé vieram em seu auxílio e graças a eles pôde resistir a toda uma divisão de soldados austríacos. Ao romper do dia, os camponeses voltaram para suas casas, receando a delação de alguns habitantes da aldeia que os pudessem ver nas filas dos insurgidos. E de novo Mackno, sob a pressão do inimigo muito mais forte em número, foi obrigado a deixar a aldeia nessa manhã. À tarde, recomeçou com os seus ataques, tendo sido prevenido pelos camponeses que o auxiliariam logo que fosse noite. Tornou-se de novo senhor da aldeia, expulsando os austríacos com o auxílio dos habitantes. E isto demorou três ou quatro dias, até que Gulai-Polé ficou finalmente nas mãos dos camponeses insurgidos.

Assim, os laços vitais das massas populares dos camponeses com os destacamentos revolucionários de Mackno estendiam-se por toda a parte. Este facto era da maior importância, porque dava à insurreição revolucionária as proporções e o carácter dum levantamento geral dos camponeses.

CAPITULO IV

A QUEDA DO HETMAN A PETLIUROVSTCHINA O BOLCHEVISMO

A contra-revolução dos agrários na Ucrânia, personificada pelo *hetman*, era uma coisa artificial, implantada pela força do imperialismo alemão e austríaco. Os agrários e os capitalistas ucranianos não teriam podido conservar-se um só dia nesse tempestuoso ano de 1918 se não fossem sustentados pela força militar do Exército alemão. Segundo um cálculo aproximativo, não havia menos de meio milhão de tropas austro-alemãs e magiares ocupando a Ucrânia; talvez mesmo mais. Todas estas tropas estavam regularmente repartidas por todo o país, de tal maneira que nas regiões mais revolucionárias e agitadas havia mais do que nos outros pontos. Desde o primeiro dia da ocupação, todas estas tropas se tinham colocado inteiramente ao serviço dos interesses da contra-revolução e se conduziam para com os camponeses laboriosos como os conquistadores em país conquistado.

Assim, durante todo o período da contra-revolução, os camponeses ucranianos tiveram de lutar não só contra esta

última mas também contra toda a massa das tropas austro-alemãs. Apesar deste último auxílio, a reacção nunca pôde tomar pé e quando a insurreição dos camponeses se acen- tuou, a contra-revolução começou a desagregar-se definitivamente. Naturalmente, esta decomposição repercutiu-se também nas tropas austro-alemãs em seguida aos abalos da insurreição camponesa. Quando essas tropas, completa- mente desorientadas pela insurreição revolucionária, por um lado, e pelas agitações políticas na Áustria e Alemanha, por outro, perderam toda a utilidade e foram chamadas, toda a reacção ucraniana se encontrou sem ponto de apoio. Os seus dias, os seus minutos estavam contados. A sua fra- queza e cobardia eram tais que não tentou mesmo a menor resistência. O *hetman* fugiu muito simplesmente para lugares menos ameaçados pela insurreição dos camponeses, para voltar para o sítio donde tinha sido artificialmente chamado à vida pelo imperialismo alemão. Quanto aos agrários esses tinham fugido muito antes do *hetman*.

A partir desse momento, três forças sociais funda- mentais mas absolutamente diferentes começam a agir na Ucrânia: a petliurovstchina, o bolchevismo e a mackno- vstchina. Tornam-se logo cada uma delas a inimiga decla- rada e irreconciliável das outras duas. Para melhor repre- sentar mais tarde o aspecto do movimento macknovista, digamos já algumas palavras sobre o espírito de classe e sobre a natureza social da petliurovstchina. Ela é um mo- vimento da burguesia nacional ucraniana, procurando esta- belecer o seu domínio político e económico no país. A Re- pública Francesa ou a da Suíça é pouco mais ou menos o seu modelo da organização do Estado. O movimento não tem nada de social, é exclusivamente político e naciona- lista. As promessas de melhoria de existência social dos trabalhadores — promessas que nós encontramos no pro- grama de Petliura — não são, no fundo, mais do que um tributo à nossa época revolucionária: um engodo para auxiliar a atingir o fim que se pretende.

Logo nos primeiros dias da revolução de Março de 1917 o problema da separação e da autonomia nacional

surgiu perante a burguesia liberal ucraniana. Os vastos círculos dos camponeses ricos (*kulaks*), a *intelligenza* liberal, a camada instruída do povo ucraniano em geral agrupa- vam-se em volta desta ideia, dando assim origem a um movimento nacional autonomista. Desde o princípio os seus guias voltaram os seus olhos para as massas de solda- dos ucranianos que se encontravam na frente e na reta- guarda. Procedeu-se logo à sua organização nacional em regimentos ucranianos especiais.

Em Maio de 1917, os guias do movimento organiza- ram um congresso militar que elegeu um *comité* militar- general erigido em órgão dirigente de todo o movimento. Mais tarde, este *comité* torna-se a *Prada* (Conselho). Depois, em Novembro de 1917, no Congresso pan-ucraniano, uma Prada Central foi formada e rectificada na qualidade de Parlamento da República Democrática Ucraniana. E final- mente, um mês mais tarde, por um «universal» (Manifesto) desta Rada, foram proclamadas a independência e a auto- nomia da República Democrática Ucraniana. Assim, en- quanto o poder de Kerenski se exercia na Grande Rússia, um novo Estado autónomo se formava na Ucrânia e come- çava a consolidar-se no país como força dominante: a petliurovstchina, denominação proveniente do nome de Simeão Petliura, um dos guias activos do movimento.

O desenvolvimento e a consolidação na Ucrânia da petliurovstchina como força estatista vibrou um formidável golpe no bolchevismo que se tinha apoderado já do Go- verno na Grande Rússia e queria estendê-lo sobre a Ucrâ- nia. A sua situação na Grande Rússia teria sido mesmo bastante difícil no princípio, se toda a Ucrânia lhe tivesse faltado. Foi por isso que os bolcheviques despacharam a toda a pressa as suas tropas para Kiev. De 11 a 25 de Janeiro de 1918, Kiev foi o objecto duma luta encarniçada entre os partidários de Petliura e os bolcheviques. No dia 25 de Janeiro estes últimos apoderaram-se da cidade e começaram logo a estender o seu poder sobre toda a Ucrâ- nia. O Governo de Petliura e os homens políticos do movi- mento retiraram-se para a parte Oeste do país e protes-

taram de lá contra a ocupação da Ucrânia pelos bolcheviques.

Desta vez, os bolcheviques não permaneceram, contudo, durante muito tempo na Ucrânia: 2 ou 3 meses, o máximo. Em Março e Abril de 1918 retiravam-se para a Grande Rússia, dando o campo ao Exército de ocupação austro-alemão. Os partidários de Petliura aproveitaram-se logo deste facto. O seu Governo, representado pela Rada Central e pelo gabinete de ministros, tornou a entrar em Kiev e retomou o seu lugar. Desta vez a República não voltou a chamar-se *democrática*, mas República Nacional Ucrâniana. Bem entendido, o Governo desta República apoiava-se antes de tudo, como qualquer outro Governo, nas tropas e não se preocupou, ao entrar em Kiev, de perguntar ao povo se tinha ou não necessidade dele e o queria. Aproveitou simplesmente a ocasião propícia e entrou no país declarando-se Governo Nacional. A prova estava feita, antes de tudo, pela força das baionetas.

Mas, de novo, os *petliurovtzi* não conseguiram permanecer muito tempo à frente do Estado. Era bem mais vantajoso para as autoridades austro-alemãs ter de se haver com os antigos senhores de Ucrânia — os generais e os agrários — do que com os partidários de Petliura. Apoiando-se nas suas forças militares, eles afastaram sem considerações o Governo republicano de Petliura e substituíram-no pela autoridade absoluta do *hetman* Skoropadsky. Desde este momento a reacção dos agrários e dos generais instalou-se na Ucrânia. Os partidários de Petliura tomaram em face desta reacção uma atitude politicamente revolucionária. Aguardaram a sua liquidação para se colocarem de novo à frente do Estado. O próprio Petliura esteve durante algum tempo preso e teve de desaparecer por algum tempo da arena política. Mas o fim da contra-revolução do *hetman* estava próximo: a sua desagregação, provocada sobretudo pelos golpes formidáveis de insurreição geral dos camponeses, anunciava-se já. Sentindo-o, os *petliurovtzi* tornaram a meter mãos à obra. Organizavam o seu poder nos diferentes pontos da Ucrânia e formavam tropas sem

mesmo esperar a queda definitiva do *hetman*. As circunstâncias eram-lhes extremamente favoráveis. Os camponeses estavam em atitude de revolta e centenas de milhares de insurgidos espontâneos só esperavam o primeiro apelo para marchar contra o poder do *hetman*. Este último encontrava-se ainda em Kiev quando um grande número de cidades da Ucrânia do Sul haviam já passado às mãos de Petliura. Foi aí, precisamente nas províncias, que o novo órgão central do poder de Petliura — o Directório — foi constituído. Os *petliurovtzi* apressavam-se a alargar e consolidar o seu poder na Ucrânia, aproveitando-se da ausência de outros pretendentes, sobretudo dos bolcheviques. Em Dezembro de 1918, Skoropadsky foi-se embora e no mesmo momento o Directório de Petliura, levando à sua frente o próprio Petliura e os outros membros do Governo da República Nacional entravam em Kiev.

Houve então um enorme entusiasmo nas massas do povo. Os *petliurovtzi* fizeram tudo para se tornarem o centro deste entusiasmo e apresentarem-se como lutadores e heróis nacionais. Em pouco tempo o seu poder estendeu-se à maior parte da Ucrânia. Foi só no Sul, na região do movimento dos camponeses macknovistas que eles não tiveram êxito e que, pelo contrário, tiveram uma resistência séria, sofrendo rudes golpes. Mas em todos os grandes centros do país, os partidários de Petliura triunfavam e desfraldavam orgulhosamente a sua bandeira.

O domínio da burguesia autonomista parecia desta vez assegurado. Era apenas uma ilusão. O novo poder tinha tido apenas tempo de tomar pé e já a desagregação começava em volta dele, provocada pelos interesses contraditórios das classes. Os milhões de camponeses e de operários que no momento da queda do *hetman* se encontravam no círculo da influência e da direcção dos *petliurovtzi* ficaram logo desiludidos e começaram a abandonar em massa as fileiras de Petliura: procuravam um outro apoio aos seus interesses e aspirações. A maior parte dissipou-se nos burgos e nas aldeias e adoptou uma atitude hostil ao novo Poder. Outros juntaram-se aos destacamentos insurreccio-

nais dos macknovistas. Os *petliurovtzi* encontraram-se, portanto depressa desarmados pela marcha dos acontecimentos como por eles haviam sido armados. A sua ideia de autonomia burguesa, de unidade nacional burguesa, não puderam manter-se no povo revolucionário senão umas horas. O sopro ardente da revolução popular reduziu a cinzas essa falsa ideia e colocou os seus paladinos numa situação de completa impotência. Ao mesmo tempo, o bolchevismo militante aproximava-se rapidamente, vindo do Norte, experimentado em processos de agitação de classe e firmemente decidido a alcançar o Poder na Ucrânia. Precisamente um mês depois da entrada do Directório de Petliura em Kiev, as tropas bolchevistas entraram nessa cidade por sua vez. Desde então, o poder comunista dos bolcheviques estabeleceu-se na maior parte da Ucrânia.

O bolchevismo — O seu espírito de classe

Dissemos já no primeiro capítulo que toda a *construção socialista*, todo o aparelho soviético estatista e governamental, todas as novas relações sociais e políticas, tudo enfim que foi efectuado na Revolução Russa pelo bolchevismo não é mais do que a realização dos interesses vitais da democracia socialista, não tem outro fim que não seja o de firmar o seu domínio de classe. Os camponeses e os operários, cujo nome foi impropriamente pronunciado milhões de vezes durante toda a Revolução Russa, não são senão a ponte pela qual se encaminha para o Poder a nova casta de dominadores, os novos senhores, o «quarto Estado».

No tempo da Revolução de 1905, esta casta sofrera uma derrota. Queria tomar a direcção do movimento operário e realizar em seguida as suas ideias, servindo-se dos caminhos batidos da política e, em primeiro lugar, do programa mínimo tão conhecido. Propunham-se derrubar o czarismo e estabelecer no país o regime republicano. Pretendia-se em seguida proceder à conquista do poder no Estado pela via parlamentar, como o fazem os democratas

nos Estados da Europa Ocidental e da América. Sabe-se que os planos dos democratas fracassam completamente na Rússia em 1905, por lhes ter faltado o apoio dos operários e camponeses. Alguns julgam que o fracasso da Revolução de 1905 resultou da força poderosa e brutal do czarismo. Mas não é assim. As causas deste fracasso são mais profundas: residem no próprio carácter da Revolução.

Em 1900-1903 uma grande quantidade de importantes greves económicas se desencadeou no Sul da Rússia, depois no Norte e em outros pontos do país. No princípio, este movimento não tinha formulado nitidamente os seus fins; contudo, o seu carácter social, o seu espírito de classe revelou-se logo. A democracia socialista entrou nesse movimento, do exterior, e esforçou-se por o conduzir para o caminho dum luta puramente política. Graças aos seus partidos maravilhosamente organizados, que invadiram todo o campo da propaganda política, ela conseguiu fazer desaparecer do movimento todas as reclamações sociais palpitantes de vida e substituí-las pelas políticas da democracia. Foi sob esta orientação que a Revolução de 1905 se realizou. E foi precisamente porque a Revolução era dirigida sob aspirações políticas estranhas ao povo que ela sofreu um desastre. Tendo excluído da Revolução os seus elementos fundamentais — o programa social dos trabalhadores —, a democracia tirou-lhe por isso mesmo toda a sua seiva, porque matou o poderoso impulso revolucionário do povo. A Revolução de 1905 fracassou, não porque o czarismo fosse muito forte, mas porque, devido ao seu carácter estreitamente político, essa Revolução não tinha sabido levantar as grandes massas do povo. Só levantou uma parte do proletariado das cidades. Toda a massa dos camponeses mal se mexera. O czarismo que começava já a fazer concessões reagiu imediatamente, logo que compreendeu o verdadeiro estado das coisas; e esmagou essa revolução de meias-medidas. A democracia revolucionária que a tinha dirigido fugiu para o estrangeiro.

Uma lição como foi este fracasso da Revolução não podia deixar de ter os seus resultados. A lição foi apro-

veitada pela ala esquerda da democracia: o bolchevismo. Este compreendeu que se não devia já pensar numa revolução puramente política na Rússia. Viu o problema social erguer-se em toda a sua amplitude perante as massas trabalhadoras. Concluiu daí que uma revolução vitoriosa não era possível na Rússia senão como movimento social dos operários e camponeses para derrubar o regime político e económico do estado actual. A guerra imperialista de 1914-1918 não fez senão acentuar e fortificar esta tendência da Revolução. Descobrimo a verdadeira fisionomia da democracia, a guerra mostrou que esta última e a monarquia se equivalem uma à outra. Uma e outra se manifestaram claramente como sistemas de pilhagem e de assassinio do povo. Se já antes da guerra uma revolução puramente política não tinha na Rússia nenhuma base real, a guerra imperialista matou a ideia duma tal revolução.

Um sulco de fogo havia há muito atravessado dum ponto ao outro o mundo inteiro, operando a suprema divisão da sociedade contemporânea em dois campos distintos e inimigos: o capital e o trabalho. Este sulco de fogo acabou por desvanecer as diferenças políticas entre os diversos Estados exploradores. O aniquilamento do capital — base da escravidão dos trabalhadores — é a ideia que inspira e anima as massas desde que elas dirigem os seus olhares para a revolução. Essas massas são duma indiferença absoluta a respeito dos levantamentos políticos de outrora. Tal foi o aspecto real das coisas na Rússia. É o mesmo na Europa Ocidental e na América. Não o ver, não se aperceber disto é conservar-se em atraso em relação à própria vida.

O bolchevismo, tendo em conta esse aspecto da realidade, refez rapidamente o seu programa político. Entreviu a revolução futura das massas na Rússia como uma revolução dirigida contra as próprias bases da sociedade moderna, o capital fundiário, industrial e comercial. Viu a classe dos proprietários das cidades e dos campos condenada e concluiu o seguinte: se é verdadeiramente assim, se na poderosa explosão social é infalível na Rússia, então a

democracia deverá realizar as suas funções históricas no próprio terreno desta explosão. Ela deverá aproveitar e dispor das forças revolucionárias do povo, colocar-se à sua frente para derrubar a burguesia, conquistar o poder do Estado e erigir o edifício do seu domínio sobre os fundamentos do socialismo estatista. Foi o que o bolchevismo realizou com êxito durante o movimento das massas de antes de Outubro. Toda a sua actividade ulterior, durante a Revolução Russa, não será senão a realização, nas suas minúcias, do domínio estatista da democracia.

O bolchevismo é um fenómeno histórico da vida russa e internacional. É a expressão dum tipo não apenas social mas também psicológico. O bolchevismo fez surgir um grupo numeroso de personagens tenazes, autoritários, isentos de toda a sentimentalidade social ou moral, prontos a empregar todos os meios na luta para o seu triunfo. Produziu ao mesmo tempo o guia que convinha perfeitamente a esse grupo. Lenine não é só o guia dum partido: é, o que tem muito mais importância, o guia dum tipo determinado de homens. Foi nele que esse tipo humano encontrou a sua personificação mais acabada e mais potente. É em face deste modelo que se fazem a selecção e o agrupamento das forças combativas e ofensivas da democracia do Mundo inteiro. O traço psicológico mais importante do bolchevismo é a afirmação do seu valor pelo esmagamento violento de qualquer outra vontade, o aniquilamento absoluto de toda a individualidade até que ela se torne um objecto inanimado. Não é difícil reconhecer nestes traços a antiga espécie de senhores na sociedade humana. E, efectivamente, é exclusivamente por gestos autoritários que o bolchevismo se manifesta em toda a Revolução Russa. Falta-lhe até a sombra do que constituirá a verdadeira revolução social futura: *o desejo ardente, desinteressado, de trabalhar* — de trabalhar sem descanso até ao último sopro, com um completo esquecimento de si próprio, *para o bem do povo*. Todos os esforços do bolchevismo, por vezes enormes e perseverantes, se reduzem à criação de

órgãos autoritários, não representando para o povo senão as ameaças e brutalidades dos senhores antigos.

Detenhamo-nos alguns instantes a analisar as modificações trazidas pelo bolchevismo, segundo a sua ideologia comunista, à vida dos operários e camponeses.

A nacionalização da indústria, das terras, das habitações nas cidades, do comércio e do direito de voto para os operários e os camponeses, tais são as bases do comunismo bolchevista puro. Na realidade, a *nacionalização* resultou numa estatização absoluta de todas as formas da vida do povo. Não só a indústria, os meios de transporte, a instrução, os órgãos de abastecimento, etc. se tornaram propriedade do Estado, mas a classe operária inteira, cada operário em particular, o seu trabalho e a sua energia, as organizações profissionais e cooperativas dos camponeses e dos operários tudo foi estatizado. O Estado é tudo, o operário não é nada. Ora o Estado é representado por funcionários e de facto são eles que são tudo, a classe operária não é nada.

A nacionalização de indústria, tendo arrancado os operários das mãos dos capitalistas particulares, entregou-os às mãos mais firmes dum só patrão capitalista omnipresente: o Estado. As relações entre os operários e esse novo patrão são as mesmas que existiam antes entre o trabalho e o capital. A única diferença consiste em que o novo patrão comunista, o Estado, não só explora os trabalhadores mas também os castiga ele próprio, porque concentra em si essas duas funções: a exploração e a correcção. O trabalho assalariado permaneceu intacto, tendo tomado apenas o carácter dum dever para com o Estado. As uniões profissionais perderam todos os seus direitos naturais e foram transformadas em órgãos de vigilância policial das massas trabalhadoras. O estabelecimento das tarifas, do salário, o direito de contratar e despedir operários, a gestão geral dos estabelecimentos industriais, a sua organização interior, etc., tudo isto é o direito exclusivo do partido, dos seus órgãos ou dos seus agentes. E quanto ao papel das uniões profissionais em todos os domínios da produção, é

puramente ceremonial: *devem* pôr as suas assinaturas sob as decisões do partido, que não podem ser contestadas nem modificadas.

É claro que em tudo isto nós nos defrontamos com uma simples substituição do capitalismo privado num capitalismo de Estado. A nacionalização comunista da indústria representa um novo tipo de relações na produção, com o qual a escravidão, a sujeição económica da classe operária são concentrados numa só mão: o Estado. Isto não melhora fundamentalmente a situação da classe operária. O trabalho obrigatório (para os operários, bem entendido) e a sua militarização — é o espírito próprio da fábrica nacional. Citemos um exemplo. No mês de Agosto de 1918, os operários da antiga empresa Prokhorov, em Moscovo, agitaram-se e ameaçaram revoltar-se contra a exiguidade dos salários e o regime policial estabelecido na fábrica. Organizaram na própria fábrica várias reuniões, destituíram o *comité* de oficina (que era apenas uma célula do partido) e tomaram como salário uma parte do que tinham produzido. Os membros da administração central da união dos operários têxteis, depois da massa dos operários se ter recusado a tratar com eles, declararam: «A conduta dos operários da fábrica de Prokhorov projecta uma sombra no prestígio do poder soviético; toda a acção ulterior destes operários difamaria as autoridades soviéticas aos olhos dos operários dos outros estabelecimentos; isto é inadmissível; por conseguinte, a fábrica deve ser encerrada, os operários despedidos; uma comissão deve ser criada para estabelecer na oficina um regime firme; depois do que terão de recrutar-se novos quadros de operários.» Assim se fez. Quem eram estes homens, essas três ou quatro pessoas que decidiram tão livremente da sorte de milhares de operários? Tinham sido encarregados das suas funções pela própria massa, que os tivesse revestido dum poder tão vasto? Fora o *partido* que os nomeara e era nisso que consistia toda a sua força. O exemplo citado não é único. Poderiam acrescentar-se a este milhares deles, todos eles reflectindo, como

uma gota de água, a verdadeira situação da classe operária na indústria nacionalizada.

Que resta então aos operários e às suas organizações? Uma esfera de acção bem restrita: o direito de votar em tal ou tal deputado dos Sovietes inteiramente submetido ao partido.

A situação dos trabalhadores no campo é ainda pior. Os camponeses usufruem as terras dos antigos agrários, príncipes e outros proprietários. Mas foi a revolução e não o poder comunista que lhes atribuiu estas regalias. Durante dezenas de anos, os camponeses tinham debalde desejado a terra; em 1917 apoderaram-se dela muito antes que o poder soviético se tivesse constituído. Se o bolchevismo caminhava de acordo com os camponeses na obra da confiscação das terras dos agrários, é que ele não tinha outros meios de vencer a burguesia agrária. Mas disto não resulta de nenhuma maneira que o futuro poder comunista tivesse tido a intenção de atribuir as terras aos camponeses. É precisamente o contrário. A ideia desse poder é a organização duma economia agrária única pertencendo sempre ao mesmo e único patrão, o Estado. Propriedades agrícolas soviéticas cultivadas por operários e camponeses assalariados, tal é o modelo, segundo o qual o poder comunista procura organizar a agricultura do Estado em todo o país. Os líderes dos bolchevismo enunciaram-na duma maneira clara e simples após os primeiros dias da Revolução. No n.º 13 da *Internacional Comunista*, especialmente na resolução sobre a questão agrária (páginas 2 435-2 445 ed. russa), indicações desenvolvidas sobre a organização dessa agricultura de Estado neste sentido foram dadas. Na mesma resolução se diz que se deve proceder à organização da agricultura colectiva (isto é estatista-capitalista) gradualmente e com a maior prudência. É claro! Transformar bruscamente dezenas de milhões de camponeses livres e independentes em assalariados do Estado isso provocaria inevitavelmente uma tempestade perigosa que poderia levar o Estado comunista a uma catástrofe. Na realidade, toda a actividade do poder comunista no campo limitou-se exclusivamente à requisição

de víveres e de produtos em bruto e à luta contra os camponeses que a isso se opunham.

Os direitos políticos dos camponeses? Consistiam na criação obrigatória dos Sovietes (de aldeia e de distrito) completamente submetidos ao partido. Os camponeses não têm outros direitos. Os milhões de camponeses deste ou daquele governo, colocados num dos pratos da balança política, pesarão sempre menos que o mais minúsculo comité regional do partido. Em suma, em vez de direitos efectivos, constatamos relativamente aos camponeses uma ausência de direitos total e evidente.

O aparelho do Estado soviético está organizado de tal maneira que todos os fios condutores se encontram nas mãos da democracia, inculcando-se falsamente a vanguarda do proletariado. Seja qual for o domínio da administração do Estado, em toda a parte encontramos os lugares principais invariavelmente ocupados pela mesma personagem: o onnipotente democrata.

Quem é que dirige todos os jornais, as revistas e todas as outras publicações? São sempre homens políticos, gente provindo dos meios democráticos privilegiados.

Quem escreve e dirige as publicações centrais que pretendem guiar o proletariado do mundo inteiro, como as *Iszvestia do Comité Executivo Central de Toda a Rússia*, a *Internacional Comunista*, ou melhor, órgão do Comité Central do partido? São exclusivamente grupos da *intelligenza* democrática, cuidadosamente escolhidos.

Quem finalmente se encontra à frente dos órgãos políticos, criados, como a sua própria denominação o demonstra, não para as necessidades do trabalho mas para as da política, do domínio? Em que mãos se encontra o Comité Central do partido, o Conselho dos Comissários do Povo, o Comité Executivo de Toda a Rússia, etc.? Inteiramente nas mãos daqueles que foram educados no seio da política, longe do trabalho e que pronunciam o nome do proletariado da mesma forma que um *pop* incrédulo pronuncia o nome vazio de Deus. É igualmente entre as suas mãos que se encontram todos os órgãos da vida económica do país, a

começar pelo Conselho de Economia Popular e a acabar por todas as outras «centrais» e «filiais» de menos importância. Desta forma, nós vemos todo o grupo social da democracia ocupando no Estado os principais lugares dirigentes.

A História da Humanidade não conhece nenhum exemplo de um grupo social determinado, com os seus interesses próprios de classe e o seu objectivo particular de classe, que se tenha aproximado dos trabalhadores para os auxiliar. Não, tais grupos não vêm nunca ao povo senão com o desígnio de o submeterem. O grupo da democracia não é uma excepção a esta regra social geral. Pelo contrário, ele a confirma da maneira mais completa e definitiva.

Se alguns postos importantes do Estado se encontram ocupados por operários — isto não é senão por utilidade ao regime de escravização, isto dá ao poder democrático *uma aparência popular* e serve para cimentar, consolidar o edifício de dominação da democracia socialista. O papel destes operários separados é secundário, principalmente executivo. Além disso, eles gozam de privilégios à custa de toda a massa operária submetida e são recrutados entre os chamados *conscientes*, isto é, os que aceitam sem crítica os princípios do marxismo e do movimento socialista da *intelligenza*.

No Estado comunista, os operários e os camponeses estão escravizados sob o ponto de vista social, expoliados e saqueados sob o ponto de vista económico, desprovidos de todos os direitos sob o ponto de vista político. Mas não é tudo. Dando um passo na via da estatização geral, o bolchevismo devia inevitavelmente absorver também a vida espiritual dos trabalhadores. E, efectivamente, seria difícil encontrar um outro país onde o pensamento dos trabalhadores fosse tão completamente oprimido como o é no Estado comunista. Sob pretexto de luta contra as ideias burguesas e contra-revolucionárias, toda a Imprensa doutra tendência diversa do comunismo marxista é suprimida, mesmo quando é publicada e sustentada por importantes massas do proletariado. Ninguém pode enunciar as suas

ideias em voz alta. Da mesma maneira como regulou a vida social e económica do país de harmonia com o seu programa, o bolchevismo também a esse programa subordinou a vida espiritual do povo. O campo cheio de vitalidade do pensamento popular, das investigações e das experiências das massas trabalhadoras é transformado numa sombria caserna de ensino imposto e numa aprendizagem que sirva os objectivos do partido. O pensamento e a alma do proletariado estão submetidos à escola do partido. Todo o desejo de ver para além das paredes desta escola é proclamado nocivo e contra-revolucionário.

Não é ainda tudo. Não se podia falsear o sentido e as perspectivas da Revolução como o fez o bolchevismo pela sua ditadura, sem que se erguessem protestos da parte das massas e se produzissem esforços de luta contra essa desfiguração. Contudo, esses protestos, que não deixaram de se fazer, deram em resultado não um abrandamento, mas o recrudescimento da opressão política. Um longo período de terror governamental se abriu transformando toda a Rússia numa imensa prisão onde o medo se tornou uma virtude e a mentira um dever. Esmagada pela opressão política, tolhida pelo terror, toda a gente mente: mentem não só os adultos mas mesmo os mais novos: os adolescentes, os escolares, as crianças de 5-7 anos.

Uma questão se põe: porque uma tal situação social, política e moral impossível se criou num Estado comunista? Será a democracia pior que a burguesia capitalista que a precedeu? É possível que ela não queira mesmo conceder as liberdades ilusórias com as quais a burguesia da Europa e da América salva a aparência do equilíbrio nos seus Estados?

A coisa é outra.

Embora a democracia tenha uma existência à parte, ela foi até este momento pobre, mesmo indigente. Foi por isso que ela não pôde, desde os primeiros dias da sua actividade política, encontrar em si a unidade nem a universalidade de que gozam as classes dominantes graças à sua situação material privilegiada. A democracia só produziu

no princípio um destacamento de guarda-avançada de combate, representado pelo Partido Comunista. Durante mais de três anos, esse destacamento teve de atender às necessidades da obra imensa da edificação do novo Estado. Não tendo ponto de apoio *natural* em nenhuma das classes da sociedade actual — nem nos operários, nem nos camponeses, nem na nobreza, nem na burguesia (a própria democracia, não estando economicamente organizada não contactava) —, o Partido Comunista teve naturalmente de recorrer ao terror e ao regime de opressão geral. Isto faz facilmente compreender porque o poder comunista na Rússia se apressou a multiplicar e a consolidar uma nova burguesia representada pelo Partido Comunista, os altos funcionários e os quadros do comando do Exército. Esta burguesia é-lhe indispensável como um terreno natural que lhe fornece os meios vitais necessários, como um apoio de classe permanente na sua luta contra as massas trabalhadoras.

Nós explicamos toda esta construção comunista que traz a escravidão aos operários e camponeses não por causa de erros e transviamentos do bolchevismo, mas pela sua aspiração consciente à sujeição das massas, pelo seu fundo essencialmente dominador e explorador.

Dois factos foram a causa disto: primeiro, o estado de pulverização, de desorganização em que se encontraram as massas nos dias da revolução e, segundo, logro em que se deixavam arrastar as massas suggestionadas pelas promessas socialistas.

As organizações profissionais dos operários e dos camponeses que existiam antes de 1917 estavam muito mais atrasadas do que o espírito revolucionário efervescente dos trabalhadores. A agitação revolucionária das massas tinha saído para fora dos limites das suas organizações, ultrapassando-as e submergindo-as. Toda a massa imensa dos operários e dos camponeses se encontrou, em face da revolução social que se desenvolvia, não tendo nem o apoio nem o auxílio necessário nas suas organizações de classe. Ora, lado a lado com ela, com essa massa, operava um partido socialista maravilhosamente organizado: os bolche-

viques. Este partido tomou uma parte directa no derrubar da burguesia industrial e agrária com os operários e camponeses, conduzindo a isso as massas, assegurando-lhes que esta revolução seria bem a Revolução Social, a última, porque ela levaria os oprimidos ao socialismo e ao comunismo. Para as grandes massas, não contaminadas pela política, isto afigurava-se uma verdade evidente. A participação do Partido Comunista na destruição do regime capitalista atraía-lhe uma grande confiança. O número dos intelectuais que propagavam os ideais da democracia foi sempre tão pequeno, tão insignificante que as massas não sabiam nada da sua existência, constituindo um todo, uma categoria económica determinada. Por consequência, no momento da queda da burguesia, as massas não viam, fora delas, outra classe que a pudesse substituir. Ora, de facto, o lugar da burguesia foi inteiramente tomado pelo guia accidental e falso: o bolchevismo, impregnado de demagogia política.

Explorando sem vergonha as aspirações revolucionárias dos operários e dos camponeses para a liberdade, a igualdade e a independência social, o bolchevismo substituiu-as pela ideia do poder soviético. Em muitos pontos da Rússia revolucionária, os trabalhadores interpretaram, nos primeiros dias da Revolução de Outubro, a ideia do poder soviético como a da livre disposição deles próprios — social e economicamente. Graças à sua energia revolucionária e à confusão demagógica das ideias revolucionárias dos trabalhadores com a sua própria ideia política e autoritária, o bolchevismo tinha conquistado as massas e usou amplamente da confiança que elas nele depositavam.

O mal das massas consistia em elas aceitarem as doutrinas do socialismo e do comunismo duma maneira integral e simples, como o povo aceita sempre as ideias da verdade, da justiça e do bem. Contudo, a verdade não representava nessas doutrinas senão o papel dum engodo, duma bela promessa para impressionar e exaltar a alma do povo. Mas o essencial era, como em todos os outros sistemas estatistas, o açambarcamento e a distribuição das for-

ças do povo e dos produtos do seu trabalho por um grupo de não trabalhadores pouco numerosos mas bem organizados.

No turbilhão dos acontecimentos que se passaram então na Rússia e na Ucrânia, com essa quantidade enorme de operações políticas, militares e outras, o facto principal da subida ao Poder dum novo grupo explorador não nos primeiros tempos, nitidamente apreendido pelas enormes massas do povo. Além disso, um tal facto exige para a sua consumação definitiva muitos anos. E ainda se dá a circunstância de se desenvolver numa vasta extensão e habilmente disfarçado pelo grupo interessado. É preciso um certo tempo para que se revele aos olhos das massas.

Por ocasião da grande Revolução Francesa, quando o feudalismo — a monarquia dos reis e dos nobres — definitivamente derrubado, as massas julgavam realizar uma formidável destruição em nome da sua liberdade verdadeira; os partidos políticos dirigentes pareciam-lhes ser seus amigos e auxiliares. Muitos anos se passaram antes que o povo trabalhador, olhando bem à volta de si, se apercebesse da realidade: uma simples mudança de autoridade, o lugar do rei e da nobreza ocupado por uma nova casta de senhores e exploradores: a burguesia industrial e comercial. Factos históricos desta natureza exigem sempre um certo tempo para se tornarem manifestos e compreensíveis para as grandes massas.

*
* * *

Apresentamos, em traços gerais, o fundo essencial político e social do bolchevismo, o seu verdadeiro interior. Ao cabo de dois anos de ditadura na Rússia, o bolchevismo revelou-o completamente. A verdade torna-se manifesta primeiro aos olhos dos diversos grupos de operários e de camponeses, depois às grandes massas do povo.

Foi essa força nova, cheia de aspirações autoritárias que se precipitou outra vez na Ucrânia depois da queda

do *hetman*, com a resolução inabalável de aí estabelecer o seu poder custasse o que custasse.

Por ocasião da *skoropadstchina*, os bolcheviques não tinham forças suficientes na Ucrânia para conquistar o Poder e organizá-lo no próprio momento da queda do *hetman* (1). Quase todas as suas forças se encontravam então na Grande Rússia. Era de lá que eles exerciam a sua vigilância sobre a Ucrânia, aguardando o momento propício para caírem sobre ela e proclamarem o seu poder. Era também na Grande Rússia, na cidade de Kursk que se encontrava o seu Governo ucraniano constituído previamente com Piatakov, Kviring e outros. Contudo, apesar de toda a sua vigilância, não conseguiram chegar à Ucrânia a tempo, no momento da queda de Skoropadsky; e foram os partidários de Petliura que apareceram primeiro para tomar conta do Poder. Mas este facto instigou os bolcheviques a agir com maior energia sob o ponto de vista militar. A atmosfera era revolucionária, a situação extremamente complicada pelo movimento insurreccional das massas camponesas... Em tais circunstâncias, as seis semanas ganhas pelos *petliurovtzi* sobre os bolcheviques podiam ser absorvidos durante a marcha dos acontecimentos seguintes. O que era preciso era agir depressa. E os bolcheviques precipitaram a sua acção.

Enquanto o seu Governo (que se tinha organizado em Kursk) se transportava a Kharkov — livre e ocupada pelos

(1) É verdade que durante a *hetmanstchina* os bolcheviques tratavam também de possuir, no país, destacamentos seus, devendo agir segundo as ordens do partido. Tal era, por exemplo, o destacamento de Kolossov, na região de Pavlogrado. Mas, como o número desses destacamentos era muito restrito, encontravam-se submersos pela grande massa dos insurgidos que seguiam um caminho absolutamente independente e estranho ao partido. Esses raros destacamentos acabaram mesmo por se deixar penetrar pelo espírito geral de toda a massa revolucionária insurgida. Esse mesmo destacamento de Kolossov não separava muito a sua actividade insurreccional da de Mackno: por vezes operavam conjuntamente.

destacamentos insurreccionais do anarquista Techéredniakov⁽¹⁾ — e aí procedia à criação do centro da administração civil, as suas divisões militares avançavam pelas regiões já libertadas da Ucrânia e criavam por toda a parte militarmente, os órgãos do poder comunista. Dissemos das regiões já libertadas. Efectivamente, toda a parte da Ucrânia desde o Governo de Kursk até ao mar de Azov e ao mar Negro estava já libertada do poder do *hetman* pelos destacamentos insurreccionais dos camponeses. Depois da queda do *hetman*, esses destacamentos tinham-se dissolvido em parte nas aldeias ou tinham-se retirado para o litoral do mar de Azov, onde se anunciava já uma nova contra-revolução, a do general Denikine.

Na maior parte da Ucrânia, os bolcheviques encontravam, ao chegar, um terreno desimpedido. Onde se defrontavam com os partidários de Petliura, esmagavam-nos pela força militar e tomavam o seu lugar. O encontro decisivo entre os bolcheviques e os *petliurovstzi* deu-se na região de Kiev, tornada, no momento do Directório de Petliura, o centro da sua actividade política e o ponto de ligação das suas tropas. No fim de Janeiro de 1919, os bolcheviques começaram um ataque geral contra Kiev. No princípio de Fevereiro ocuparam essa cidade. O Governo da República Ucrânica retirou-se como de costume para as fronteiras ocidentais da Ucrânia. O poder do Estado passou aos bolcheviques.

É para notar duma maneira expressa que onde os bolcheviques ocuparam o lugar da grande luta, depois de terem expulso os partidários de Petliura, assim como onde

(1) *Techéredniakov*, camponês-anarquista, proclamado pouco depois fora da lei pelas autoridades bolchevistas. Aderiu, com o seu destacamento, ao exército insurreccional geral de Mackno. Combateu na frente de Azov contra Denikine. Quando da invasão deste último na região de Gulai-Polé, em Junho de 1919, foi feito prisioneiro e recebeu mais de trezentas chibatadas. Conseguiu fugir. No fim do Verão do mesmo ano, caiu de novo nas mãos dos soldados de Denikine no Governo de Poltava e foi fuzilado.

a região era livre e os trabalhadores senhores deles próprios, o poder comunista instalava-se por força militar. Os conselhos dos operários e dos camponeses (os Sovietes), que passam por ter criado esse poder, apareciam mais tarde quando o facto já estava realizado e o poder consolidado. Antes dos Sovietes, havia só *comités* revolucionários. E antes dos *comités* havia apenas as divisões militares.

CAPÍTULO V

A MACKNOVSTCHINA

O movimento insurreccional revolucionário dos camponeses e dos operários da Ucrânia tinha, no princípio, a aparência dum mar tempestuoso. Em toda a imensa região da Ucrânia, as massas referviam, lançavam-se febrilmente na revolta e nos combates. Exterminaram-se os agrários reaccionários e os representantes do Poder. Muitas vezes, porém, eram apenas expulsos dos lugares e do meio onde viviam. Dominava o lado destrutivo. Parecia não existirem os elementos positivos. O movimento não apresentava ainda um plano nítido e preciso de organização de uma vida livre dos camponeses e dos operários. Mas, pouco a pouco, com o desenvolver da acção revolucionária, o verdadeiro aspecto do movimento se formava e revelava. Desde a unificação da maior parte das correntes insurreccionais sob a direcção de Mackno, o movimento adquiriu a unidade que lhe faltava; adquiriu a sua estrutura firme, a sua «espinha dorsal». Desde então é um verdadeiro movimento social, nitidamente pronunciado, tendo uma ideologia sua e um plano especial de organização da vida do povo. É o período mais vigoroso, o ponto culminante da insurreição: a macknovstchina.

Os traços característicos, específicos, deste movimento são: uma profunda desconfiança para com os grupos dos não trabalhadores ou privilegiados da sociedade; desconfiança para com os partidos políticos; negação de toda ditadura sobre o povo por qualquer organização; negação do princípio estatista; completa autodirecção dos trabalhadores nas suas localidades. A forma primária e concreta desta autodirecção devia ser: os conselhos (Soviets) laboriosos operários livres das organizações camponesas e operárias. *Livres* significa que deviam ser absolutamente independentes de todo o poder central e fazer parte do sistema económico geral sobre a base da igualdade. *Laboriosos* quer dizer que estes conselhos deviam não abranger senão trabalhadores, não servir senão os interesses destes e não obedecer senão à sua vontade, sem dar acesso às organizações políticas. (Ver: «As teses gerais dos partidários macknovistas relativas às organizações operárias e camponesas») (1). Assim apareceu a macknovstchina na arena da luta social.

A macknovstchina nasceu na época tempestuosa da Ucrânia, no Verão de 1918, em que toda a massa camponesa refervia em revolta. Desde os primeiros dias da sua existência e até aos seus últimos momentos, não teve um só dia um ambiente pacífico. O seu desenvolvimento, a sua evolução seguiram, por isso, uma via especial, dupla: a da infiltração das suas ideias fundamentais nas grandes massas do povo e a do desenvolvimento e consolidação das suas forças militares. A partir do dia em que todos os destacamentos de insurgidos revolucionários se reuniram num só exército, este último fundou-se num exército revolucionário único das massas em revolta. O estado de guerra em que se encontrava a Ucrânia foi o facto que determinou as melhores forças organizadoras do movimento a entrar no Exército. Pela força das circunstâncias, este último tornou-se ao mesmo tempo a autodefesa armada dos camponeses e o guia de todo o seu movimento, a sua guarda-

(1) Aparecerá nas Edições Spartacus.

-avançada revolucionária. Organizou e conduziu activamente a ofensiva contra a reacção dos agrários; estabeleceu o plano de luta; era ainda o Exército quem propagava a ideologia própria do momento. Contudo, nunca foi uma força soberana, dominadora, bastando-se a si própria. As suas ideias revolucionárias eram sempre inspiradas nas grandes massas e defendiam sempre a causa destas. As massas camponesas, pelo seu lado, consideravam esse Exército como órgão principal, que os guiava em todas as ocasiões da sua vida de lutas (1).

Por um lado, a atitude da macknovstchina em face do poder do Estado, dos partidos políticos e dos grupos improdutivos tornava-se a atitude dos camponeses. Por outro lado, os interesses dos camponeses pobres e dos operários, os seus sofrimentos e os seus pensamentos tornavam-se os interesses, os sofrimentos e os pensamentos da macknovstchina. Foi assim, por uma influência e uma acção mútuas, que o movimento macknovista evoluiu e se tornou rapidamente um fenómeno social importantíssimo da vida russa.

*
* *

Em Outubro e Novembro de 1918, os destacamentos de Mackno iniciaram um ataque geral contra a reacção do *hetman*. Por essa época, as tropas austro-alemãs estavam já muitíssimo desorientadas sob a influência dos acontecimentos políticos dos seus países, não possuíam já a força e a

(1) Alguns factos característicos podem servir de exemplos: frequentes vezes os camponeses dos diferentes burgos do litoral de Azov detinham comboios de víveres e verificavam os documentos. Se lhes faltavam papéis do Estado-Maior do Exército macknovista, os comboios eram retidos até que informações dos macknovistas chegassem. Muitas vezes também os camponeses de vários lugares respondiam aos apelos das organizações bolchevistas para entregar os trigos ao Governo pela tarifa fixada, que eles poderiam e queriam fornecer o trigo, mas com a condição de terem primeiro a autorização da organização macknovista.

energia doutro tempo. Foi do que Mackno tratou de aproveitar-se. Combinou e estabeleceu relações de neutralidade com as unidades militares que tinham sido conquistadas pelo espírito revolucionário. Essas unidades deixavam-se facilmente desarmar, o que os macknovistas aproveitaram para se armarem eles. Onde Mackno não conseguia tratar amigavelmente com os austro-alemães, repelia-os da região pela força das armas. Foi assim que, depois dum combate obstinado de três dias, Mackno ocupou definitivamente Gulai-Polé. Foi aí que ele se fixou e organizou o estado-maior-general do seu Exército. Por toda a parte pressentia-se o fim próximo do *hetman* e a juventude campesina afluía em massa para Mackno. O seu Exército consistia já nesse momento em numerosos regimentos de infantaria e de cavalaria, possuindo uma bateria e uma certa quantidade de metralhadoras.

Já não havia tropas do *hetman* na região. Quanto à guarda (a *varta*), dissipou-se vendo o aumento extraordinário do Exército insurreccional. Este último ficou senhor duma região imensa. Mas o *hetman* conservava ainda Kiev. Mackno dirigiu-se então com as suas tropas para o Norte, ocupou as estações de cruzamento: Tchalplino, Grichino, Sinelnikovo, alcançou a cidade de Pavlogrado e voltou em seguida para o Oeste na direcção de Ekaterinoslav. Mas aí defrontou-se com as forças de Petliura.

Os partidários de Petliura tinham-se apoderado do poder em várias cidades e consideravam-se como os verdadeiros senhores do país. Formaram as suas tropas, reunindo uma grande quantidade de destacamentos de camponeses; depois fizeram uma mobilização geral, com o fim de criar um Exército regular do novo Estado. Consideravam o movimento macknovista como um episódio sem importância da revolução ucraniana e esperavam abrangê-lo na esfera da sua influência e da sua direcção. Dirigiram a Mackno uma série de perguntas com carácter político: qual era a sua opinião sobre o movimento petliurista e sobre o poder de Petliura? Como imaginava ele que deveria ser a estrutura política da Ucrânia? Não achava desejável e útil trabalhar em comum para a criação da Ucrânia independente?

A resposta de Mackno e do seu estado-maior foi breve: a petliurovstchina era, segundo a sua opinião, um movimento da burguesia ucraniana nacionalista, cuja via era muito diversa do que a tomada por eles, camponeses revolucionários. A Ucrânia deveria ser organizada sobre a base do trabalho livre e da independência dos operários e dos camponeses de todo o poder político; não era admissível nenhuma união, nada era possível senão a luta entre o movimento do povo trabalhador — a macknovistchina — e o da burguesia — a petliurovstchina.

Pouco tempo depois, Mackno marchou sobre Ekaterinoslav para abater o poder de Petliura. Este último tinha ali forças militares muito importantes. Protegidos pelo rio, os seus partidários eram quase invencíveis nessa cidade.

Os destacamentos de Mackno detiveram-se em Nijné-Dnieprovsk (pequeno burgo perto de Ekaterinoslav). Era lá que igualmente se encontrava o *comité* bolchevista da cidade dispondo das forças armadas locais. Mackno era já muitíssimo conhecido em toda a região como revolucionário dum grande mérito e guia de guerra de muito valor. O *comité* bolchevista ofereceu-lhe o comando dos destacamentos operários e do Partido. Mackno aceitou este oferecimento.

Conforme ele agia frequentemente, recorreu a um estratagemas militar. Tendo carregado um comboio de tropas, dirigiu-o sob o aspecto dum comboio com operários pela ponte de Dineper para a cidade. O risco era grande. Se por acaso os petliuristas descobrissem a verdade alguns minutos antes da paragem do comboio, podiam aprisioná-lo todo inteiro. Mas era esse mesmo risco que abria aos macknovistas o caminho da vitória.

O comboio entrou na estação. As tropas revolucionárias desceram inesperadamente e ocuparam imediatamente o edificio e os pontos mais próximos. Já na cidade travou-se uma batalha encarniçada que acabou pela derrota dos petliuristas. Mas, alguns dias depois, por falta de vigilância da guarnição macknovista, a cidade foi retomada por eles voltando com forças novas do lado de Zaporójié. Durante

a retirada, dois atentados contra Mackno foram cometidos em Nijné-Dnieprovsk. De ambas as vezes, as bombas lançadas contra ele não explodiram.

O Exército macknovista retirou-se para a região de Sinelnikovo. Desde então uma linha de frente se estabeleceu entre os macknovistas e os petliuristas na fronteira Noroeste da região ocupada pelos insurgidos.

Entretanto, as tropas de Petliura, compostas na sua maior parte, de camponeses insurgidos ou mobilizados à força, começaram a desagregar-se rapidamente ao contacto com os macknovistas. Dentro de pouco tempo esta frente era liquidada sem dificuldade. Um imenso espaço de muitos milhares de quilómetros ficou libertado de toda a autoridade e de todas as tropas.

*
* *

Os estatistas receiam o povo livre. Afirmam que sem autoridade o povo perderá a âncora da sociabilidade, se dissipará e voltará ao estado selvagem. São, é claro, afirmações absurdas, mantidas por indivíduos que não trabalham, amadores da autoridade e do trabalho alheio ou ainda pensadores cegos da sociedade burguesa. A emancipação do povo significa efectivamente a degeneração e o regresso ao estado selvagem, não do povo, mas daqueles que, graças à autoridade e aos privilégios, vivem do labor dos braços do trabalhador e do sangue das suas veias. O exemplo da Revolução Russa mostra-nos como milhares de famílias da classe privilegiada, bem vestidas, bem nutridas e bem tratadas caíram em decadência e regressaram ao estado selvagem. Tendo-os a revolução privado de criados, essas pessoas cobriram-se de porcaria e de vermes... Sim, a emancipação do povo conduz à selvageria dos que viviam da sua servidão. Quanto ao povo trabalhador, é precisamente a partir do dia que se torna realmente e completamente livre que começa a viver e a desenvolver-se duma

maneira intensa. Os camponeses de Gulai-Polé provaram-no bem. Durante mais de seis meses — desde Novembro de 1918 até Junho de 1919 — viveram sem nenhum poder político e, não só não perderam os laços sociais entre si como até criaram uma nova forma de relações sociais: a comuna de trabalho livre e os Sovietes (conselhos) livres dos trabalhadores.

Depois da expulsão dos operários da região libertada, a terra caiu nas mãos dos camponeses. Estes compreendiam bem que não estava ainda tudo feito, que não bastava apoderarem-se duma porção de terreno e contentarem-se com isso. A rude vida lhes dizia que inimigos os espiavam de todos os lados e ensinava-os a conservar-se unidos. Em muitos sítios, tentativas foram feitas para organizar a vida em comum. Apesar da hostilidade dos camponeses para com as comunas oficiais (governamentais), em muitos pontos da região de Gulai-Polé, comunas camponesas surgiram, chamadas *comunhas de trabalho* ou *comunhas livres*. Assim, perto do burgo Pokrovskoié organizou-se a primeira comuna livre do nome de Rosa Luxemburgo. Os seus membros eram todos indigentes. No princípio, esta comuna só compreendia algumas dezenas de membros; depois o seu número aumentou até mais de trezentos. Esta comuna foi criada pelos camponeses mais pobres da região: a sua denominação consagrada à memória de Rosa Luxemburgo testemunha a ausência de todo o espírito de partido nos seus organizadores. Com uma simplicidade e uma grandeza de alma própria do povo, os camponeses haviam honrado a memória duma heroína da Revolução, uma desconhecida para eles, mas que tinha perecido como mártir na luta revolucionária. Ora a vida interior da comuna não tinha nada de comum com a doutrina pela qual Rosa Luxemburgo lutara. A comuna era baseada no princípio anti-autoritário. Desenvolvendo-se, aumentando, ela começava a exercer uma grande influência nos camponeses de toda a região. As autoridades *comunistas* tentaram imiscuir-se na vida interior da comuna, mas não foram lá admitidas. A comuna

denominou-se nitidamente *comuna livre*, comuna de trabalho liberta de todo o poder⁽¹⁾.

A sete quilómetros de Gulai-Polé, numa antiga propriedade, formou-se uma outra comuna que reunia camponeses pobres de Gulai-Polé. Chamava-se simplesmente Comuna n.º 1 dos Camponeses de Gulai-Polé. A uns vinte quilómetros dessa comuna encontravam-se as Comunas n.º 2 e n.º 3. Havia também destas comunas noutras partes. Não eram, na verdade, numerosas as comunas e abrangiam apenas uma pequena parte da população: principalmente os que não possuíam bens rurais solidamente estabelecidos e cultivados. Mas o importante é que estas comunas tinham sido formadas pela própria iniciativa dos camponeses pobres. A obra dos macknovistas não os influenciou senão em terem estes propagado na região a ideia das comunas livres.

As comunas eram criadas não em virtude duma fantasia qualquer ou dum exemplo, mas exclusivamente em consequência das necessidades vitais dos camponeses que não possuíam nada antes da revolução e que, depois de terem obtido a vitória, trataram de organizar a sua vida económica sobre a base comunal. Não eram as comunas artificiais do Partido Comunista em que se reúnem habitualmente elementos juntos ao acaso, que não fazem senão desperdiçar as sementes e estragar a terra, que gozam do apoio do Estado, do Governo e, por consequência, vivem do trabalho do povo, ao qual têm a pretensão de ensinar a trabalhar. Eram verdadeiras comunas laboriosas de camponeses acostumados desde a sua infância ao trabalho e sabendo apreciá-lo neles próprios como nos outros. Os

(1) Esta comuna foi destruída em 9-10 de Junho de 1919 pelas tropas bolchevistas, durante a campanha geral dos bolcheviques contra a região macknovista. O camarada Kiriakov, camponês indígena e revolucionário eminente, como os outros organizadores da comuna, foram declarados fora da lei. Quando alguns dias mais tarde o burgo de Pokrovskoïé foi ocupado pelas tropas de Denikine, estas destruíram a comuna definitivamente e fuzilaram publicamente Kiriakov.

camponeses trabalhavam nessas comunas a princípio apenas para assegurar o seu pão quotidiano. Além disso, cada um aí encontrava o apoio moral e material de que podia ter necessidade. O princípio da fraternidade e da igualdade era fundamentalmente mantido nas comunas. Todos, homens e mulheres, deviam trabalhar na medida das suas forças. As funções organizadoras eram confiadas a um ou dois camaradas que, depois de as haverem cumprido, retomavam o trabalho habitual lado a lado dos outros membros da comuna. É evidente que estes traços são e sérios eram devidos a surgirem as comunas num meio laborioso e o seu desenvolvimento seguir a via natural.

Contudo, estes germenés do comunismo livre estavam longe de representar toda a actividade criadora e construtiva, económica e social dos camponeses. Pelo contrário, estes germenés só rompiam à luz lentamente e gradualmente, enquanto que o ambiente político exigia dos camponeses esforços comuns imediatos e de grande envergadura, uma tensão e uma actividade gerais. Era indispensável atingir uma organização unida não apenas nos limites de tal ou tal burgo, mas no de distritos ou governos inteiros que faziam parte da região libertada. Era preciso criar os órgãos correspondentes; os camponeses não deixaram de o fazer. Esses órgãos eram os congressos regionais dos camponeses, operários e partidários da insurreição. Durante o período em que a região permaneceu livre, houve três destes congressos. Neles os camponeses conseguiram ligar-se estreitamente, orientar-se e determinar os trabalhos económicos e políticos que deviam fazer.

No primeiro congresso regional que se realizou em 23 de Janeiro de 1919, no burgo Grande Mikhaïlovka, os camponeses dirigiram a sua atenção sobretudo para o grande perigo dos movimentos de Petliura e de Denikine.

Os petliuristas estavam prestes a organizar o seu Estado no país. Servindo-se da ideia falsa e mentirosa da *defesa do país*, tinham iniciado uma mobilização geral, serrando assim o nó duma nova escravidão em volta do povo revolucionário. A massa camponesa revolucionária de todo o litoral de

Azov decidiu lutar energicamente contra esse perigo. Os camponeses formaram vários destacamentos e comissões e enviaram-nos para a região ocupada pelo directório Petliura com mandato de explicar às grandes massas a mentira do novo poder democrático, para as chamar à desobediência, ao boicote da mobilização e à continuação da insurreicção até à destruição desse poder.

A contra-revolução de Denikine apresentava para a região livre um perigo ainda mais grave. Ela fazia a guerra à Revolução Russa, a toda a Revolução, sob todos os seus aspectos e não era senão uma das correntes da contra-revolução geral que tinha por fim a restauração da monarquia derrubada. Esta contra-revolução começou logo que a nobreza recobrou os seus sentidos e pôde orientar-se após a queda do czarismo. Os generais Kornilov, Kalédine, Kravtsov, Alexeiev, Koltchak e Denikine eram todos chefes do mesmo movimento geral da contra-revolução monárquica na Rússia. Eram restos ainda vivos do corpo da monarquia derrubada. Se alguns deles haviam recorrido à terminologia democrática e se enfileiravam sob a bandeira da Constituinte, só faziam isto por uma questão de táctica. Fazendo essas concessões às exigências da época, esperavam percorrer assim com mais êxito os primeiros passos para a restauração da monarquia. De facto, todo o espírito constitucional ou republicano era-lhes absolutamente estranho.

O segundo congresso regional dos camponeses, operários e partidários reuniu-se três semanas depois do primeiro, no dia 12 de Fevereiro de 1919, em Gulai-Polé. A questão do perigo iminente que Denikine constituía para a região livre foi examinada a fundo. O exército de Denikine compunha-se de elementos contra-revolucionários dos melhores: oficiais dos quadros do antigo Exército regular e cossacos do império. Os camponeses viam bem de que maneira se ia travar a colisão entre este exército e eles. Tomaram todas as medidas necessárias para reforçar a sua autodefesa. O exército insurreccional dos *macknovstzi* contava nessa época com cerca de vinte mil combatentes voluntários. Muitos deles estavam estafados, esgotados pelo

fadiga, tendo durante 5-6 meses travado incessantes combates. Ora, as tropas de Denikine reforçavam-se rapidamente, ameaçando a região livre dum imenso perigo. O segundo congresso dos camponeses, operários e partidários resolveu então chamar os habitantes de toda a região a uma mobilização voluntária e igualitária. A mobilização devia ser voluntária, isto queria dizer que se fazia apelo à consciência e à boa vontade de cada um. A decisão do congresso não tinha outro efeito senão frisar; sancionar pela sua autoridade moral a necessidade de completar o exército insurreccional com novos combatentes (1). Mobilização igualitária queria dizer que os camponeses de diferentes aldeias, burgos ou distritos se encarregavam de completar o exército numa base da maior igualdade possível.

Logo que as resoluções do congresso sobre a mobilização voluntária foram espalhadas entre os camponeses, cada burgo começou a enviar a Gulai-Polé massas de novos voluntários que tinham manifestado o desejo de se apresentarem na frente contra Denikine. O número destes novos combatentes foi enorme e ultrapassou todas as previsões. Infelizmente faltavam armas na região. Foi por isso que se não conseguiram formar em tempo oportuno novos destacamentos, o que teve para a região consequências fatais aquando da ofensiva geral de Denikine no mês de Junho de 1919, a que havemos de referir-nos mais adiante.

Com o objectivo duma direcção geral da luta contra Petliura e Denikine, assim como para manter as relações sociais entre os trabalhadores da região, para corresponder às necessidades de informação e de fiscalização, enfim, para effectivar as diversas resoluções dos congressos — um Con-

(1) Alguns membros do Exército e alguns camponeses interpretaram mais tarde esta mobilização como obrigatória. Em seu entender, a decisão do congresso que reflectia a vontade dos trabalhadores de toda a região mesmo expressa sob a forma de convites devia ser executada estritamente. Foi um desvio, um erro de alguns. A decisão do congresso tinha apenas a significação dum apelo geral à boa vontade dos trabalhadores.

selho (Soviete) Revolucionário Militar *regional* dos camponeses, operários e partidários foi criado pelo segundo congresso. Os representantes de 32 distritos dos Governos de Ekatérinoslav e da Táurida e os representantes dos destacamentos insurreccionais faziam parte desse Conselho. Abrangia toda a região livre; executava todas as decisões de ordem social, política ou militar dos congressos e era, por assim dizer, o órgão executivo supremo de todo o movimento. Mas não era de forma alguma um órgão autocrático. Só a função estritamente executiva lhe foi atribuída. Limitava-se a pôr em execução as instruções e as decisões dos congressos dos camponeses e operários. A todo o instante podia ser dissolvido pelo congresso e cessar de existir.

Depois da criação do Conselho Regional, a actividade social da região torna-se mais intensa. Em todas as aldeias e burgos, uma quantidade de problemas comuns a toda a região foram postos e examinados. Os principais problemas eram: a questão militar, a do abastecimento e a autodirecção local. Falámos já das medidas militares tomadas pelos camponeses, em virtude das necessidades do momento e da região. Quanto à questão do abastecimento, não foi ainda resolvida completamente — isto é, em relação aos interesses de toda a população da região. A questão devia ser examinada nesta parte no *quarto* congresso regional dos camponeses, operários, partidários e soldados do Exército Vermelho, congresso que tinha sido convocado para 15 de Junho de 1919, mas que foi declarado fora da lei pela autoridade soviética. Dele tornaremos a falar mais adiante. Pelo que dizia respeito ao exército insurreccional, os camponeses encarregaram-se de o abastecer. Uma secção central de abastecimento do exército foi organizada em Gulá-Polé, para onde eram conduzidos de todos os lados víveres e forragens para serem enviadas em seguida à frente.

No que diz respeito aos órgãos da autodirecção social, os camponeses e os operários eram partidários da ideia dos Sovietes de Trabalhos Livres. Contrariamente aos Sovietes *políticos* dos bolchevistas e dos outros socialistas, os Sovietes Livres dos camponeses e operários deviam ser os órgãos

do seu *self-government social e económico*. Cada Soviete era apenas o executor da vontade dos trabalhadores da localidade e das suas organizações. Os Sovietes locais estabeleciam entre si a ligação necessária formando assim organismos mais vastos económicos e territoriais.

Contudo, o ambiente guerreiro tornava a criação e o funcionamento destes órgãos muito difícil e é por isso que a organização *completa* nunca chegou a realizar-se. Não se conseguiu publicar as teses gerais sobre os Sovietes Livres dos camponeses e operários senão em 1920. Antes dessa data, os princípios gerais desses Sovietes foram expostos na Declaração do Conselho Revolucionário Militar do exército macknovista, especialmente no capítulo sobre o regime dos Sovietes Livres.

Vê-se, pois, que as grandes massas camponesas e uma parte dos operários, tendo-se libertado do regime do *hetman* e de outras autoridades, empreenderam a obra imensa da construção duma vida nova duma forma reflectida e prática. Vê-se também que, cercadas por todos os lados por diversas forças hostis, as massas trabalhadoras tomavam medidas salutaras e justas para a defesa da sua região, que um raio de liberdade tinha iluminado. A criação de um certo número de comunas, a ideia de criar órgãos de autodirecção social e económica e coordená-los num entendimento duns com os outros foram os primeiros passos dos camponeses e dos operários na obra de construção da sua vida livre e independente. Nenhuma dúvida resta de que, se a massa inteira dos trabalhadores se tivesse conservado livre, teria seguido este caminho e teria trazido à sua obra muitos elementos sãos, originais e práticos, erigindo assim o fundamento duma sociedade de trabalho verdadeiramente livre.

Mas já o inimigo mortal do mundo trabalhador e da liberdade — a Autoridade — se aproximava da região. Do lado Norte descia o exército do Estado *comunista*; do lado Sudeste subia o exército do general Denikine.

Foi Denikine que chegou primeiro. Já durante a luta dos camponeses contra o *hetman*, e sobretudo nos primeiros

dias que se seguiram à sua queda, alguns destacamentos contra-revolucionários separados, comandados pelo general Chkuro, se infiltraram na Ucrânia do lado do Don e Kuban e se aproximaram de Pologui e de Gulai-Polé. Foi a primeira ameaça da nova contra-revolução à região libertada. Naturalmente, o exército dos insurgidos macknovistas concentrou as suas forças para esse lado. Consistia o exército em vários regimentos de infantaria e cavalaria muito bem organizados. A infantaria era no exército macknovista um fenómeno excepcional e original. Desfilava-se como a cavalaria, servindo-se de cavalos, não de cavalo, mas em ligeiras viaturas de molas chamadas em Ucrânia Meridional *tatchanki*. Esta infantaria, formada em uma fileira ou duas, marchava habitualmente a trote rápido juntamente com a cavalaria, fazendo 60 a 70 quilómetros por dia e mesmo, se era necessário, 90 a 100.

Denikine contava com a situação geral muito complicada na Ucrânia e principalmente com a luta entre o directório de Petliura e os bolcheviques. Esperava poder ocupar a maior parte do país sem muita dificuldade e estabelecer a sua frente — pelo menos nos primeiros tempos — para os limites do Norte do Governo de Ekaterinoslav. Mas defrontou-se inopinadamente com o exército bem organizado e tenaz dos insurgidos macknovistas. Depois das primeiras batalhas, os destacamentos de Denikine batiam em retirada na direcção do Don e do mar de Azov. Num curto espaço de tempo toda a região desde Pologui até ao mar estava livre. Os partidários macknovistas ocuparam várias estações de caminho de ferro importantes e as cidades de Berdiansk e Mariopola. Foi a partir deste momento (Janeiro de 1919) que a primeira frente contra Denikine se formou: uma frente na qual o exército macknovista contém durante seis meses a onda da contra-revolução que se desenrolava do Cáucaso. Essa frente estendia-se mais tarde a mais de cem quilómetros na direcção este e nordeste de Mariopola.

A luta foi encarniçada e persistente. Os denikistas, a exemplo dos macknovistas, usaram da maneira de agir dos partidários. Os seus destacamentos de cavalaria penetravam

e espalhavam-se separadamente na retaguarda do exército macknovista, destruindo, queimando, massacrando tudo o que podiam; depois desapareciam rapidamente, para aparecer subitamente noutra sítio e aí produzir a mesma devastação. Era exclusivamente a população trabalhadora que sofria com estas incursões. Vingavam-se nela do seu auxílio ao exército insurreccional, da sua ausência de simpatia pelos denikistas. Esperava provocar por estes meios uma reacção contra a revolução. A população judaica que habitava há muito tempo a região de Azov, formando as suas colónias especiais, sofria igualmente com essas incursões. Os destacamentos de Denikine massacravam os judeus em cada visita, tratando de provocar assim artificialmente um movimento anti-israelita, o que lhes teria preparado o terreno para a sua invasão definitiva da Ucrânia. O general Chkuro tornou-se mesmo notável durante estas incursões contra-revolucionárias.

Contudo, apesar dos efectivos que possuíam e do encarniçamento dos seus ataques, os denikistas não conseguiram, durante mais de quatro meses de combates, vencer as tropas insurreccionais cheias de ardor revolucionário e não menos hábeis na guerra de emboscadas. Pelo contrário, foi o general Chkuro que sofreu mais duma vez derrotas da parte dos regimentos insurreccionais, tendo-se salvo apenas dum desastre completo por uma retirada rápida de 80-100 quilómetros para Tanganrog e Bostov. Durante este período, os macknovistas chegaram até os muros de Tanganrog pelo menos seis ou cinco vezes. O ódio e o encarniçamento dos oficiais de Denikine contra os macknovistas tomavam proporções incríveis. Os prisioneiros eram submetidos a diferentes torturas, faziam-nos despedaçar pela explosão de obuses; e são conhecidos numerosos casos em que eram queimados vivos em placas de ferro incandescente⁽¹⁾.

(1) Ver o órgão macknovista *Putek Svobodé* (*O Caminho para a Liberdade*) n.º 2 e 3.

Durante esta luta obstinada que durou mais de quatro meses, o talento militar de Mackno revelou-se numa maneira evidente. A reputação de chefe notável foi-lhe reconhecida mesmo pelos seus inimigos, os denikistas. Isto impediu — pelo contrário — o general Denikine de oferecer meio milhão de rublos a quem matasse Mackno.

A insurreição revolucionária foi uma tentativa de levar as massas do povo para realizarem as aspirações não satisfeitas da Revolução. A insurreição era o prolongamento orgânico do movimento das massas operárias e camponesas em Outubro de 1917. Era movida pelas mesmas intenções e penetrada dum profundo sentimento de fraternidade entre os trabalhadores de todo o país de todas as nacionalidades.

Notemos um facto característico. No começo de 1919 os insurgidos macknovistas repeliram, depois dum pequeno número de combates, as tropas de Denikine para o mar Negro e Azov e tomaram-lhes perto de 100 vagões de trigo. O primeiro pensamento de Mackno e do Estado-Maior do Exército Insurreccional foi enviar estes troféus em víveres e dinheiro para os operários esfaimados de Moscovo e de Petrogrado. Essa ideia foi acolhida com entusiasmo pelas enormes massas de insurgidos. Os 100 vagões de trigo foram levados para Petrogrado e Moscovo acompanhados dum delegado macknovista que foi recebida calorosamente pelo Soviete de Moscovo.

*
* *

Os bolcheviques vieram à região macknovstchina muito mais tarde do que Denikine. Havia já três meses que os insurgidos macknovistas o combatiam; eles tinham-no derrotado da sua região e estabeleciam a sua linha de defesa a este de Mariopola, quando a primeira divisão bolchevista trazendo à frente Dybenko, chegou a Sinelnikovo.

O próprio Mackno como todo o movimento insurreccional revolucionário eram ainda nesse momento desconhecidos para os bolcheviques. Na imprensa comunista de

Moscovo e da província tinha-se até então falado de Mackno apenas como dum insurgido audacioso, prometendo muito para o futuro. A sua luta contra Skoropadsky, depois contra Petliura e Denikine atraiu-lhe no princípio a boa disposição dos chefes bolchevistas. Parecia-lhes fora de dúvida que os destacamentos revolucionários dos macknovistas que tinham combatido tantas contra-revoluções diferentes na Ucrânia se fundiriam no Exército Vermelho. Cantavam previamente os elogios de Mackno sem o terem conhecido e visto em acção e consagravam-lhe colunas inteiras nos seus jornais.

O primeiro encontro dos combatentes bolchevistas com Mackno produziu-se sob os mesmos auspícios de bom acolhimento e de elogios (no mês de Março de 1919). Mackno foi imediatamente convidado a juntar-se com todos os seus destacamentos ao Exército Vermelho, com o objectivo de vencer Denikine pela reunião de todas as forças. As particularidades políticas e ideológicas da insurreição revolucionária eram consideradas como muito naturais e não podiam de modo nenhum ser um obstáculo à união sob a base da defesa dum causa comum. Essas particularidades deviam permanecer invioláveis.

Mackno e o seu Estado-Maior compreendiam bem que o poder comunista era uma nova ameaça à liberdade da região; viam nisso também a causa dum guerra civil doutra natureza. Mas nem Mackno nem o Estado-Maior do Exército, nem o conselho (Soviete) regional queriam essa guerra, porque ela podia ter uma influência funesta no futuro de toda a revolução ucraniana. Não se perdia de vista a contra-revolução declarada e bem organizada que se aproximava do Don e do Kuban e com a qual não podia haver outra conversação, a não ser a das armas. Este perigo aumentava de dia para dia. Os insurgidos conservavam uma certa esperança de que a luta com os bolcheviques se limitaria ao domínio das ideias. Nesse caso, eles podiam estar absolutamente tranquilos pelo que dizia respeito à sua região, porque o vigor das ideias libertárias, o bom senso revolucionário e a desconfiança dos camponeses para com

elementos estranhos ao seu movimento livre seriam as melhores garantias e a melhor defesa da liberdade. A opinião geral dos guias da insurreição foi que era necessário concentrar no momento todas as forças contra a reacção monárquica e não se ocupar de divergências ideológicas com os bolcheviques senão depois da liquidação da contra-revolução. Foi neste sentido que se fez a junção do exército macknovista ao Exército Vermelho. Veremos mais tarde que os guias da macknovstchina se tinham enganado esperando só encontrar nos bolchevistas adversários de ideias. Não tinham pensado que tinham de se haver com estatistas e adeptos da violência autoritária mais completa. Os erros cometidos quando não são demasiadamente pequenos são úteis. Este serviu aos macknovistas de boa lição.

O exército insurreccional passou a fazer parte do Exército Vermelho, mediante as condições seguintes: a) O exército insurreccional mantém a sua antiga organização interior; b) receberá comissários políticos nomeados pela autoridade comunista; c) só fica subordinado ao comando vermelho superior no que respeita às operações militares propriamente ditas; d) não pode ser retirado da frente de Denikine; e) obtém as munições e o abastecimento proporcionalmente ao que receber o Exército Vermelho; f) conserva o seu nome de Exército Revolucionário Insurreccional e as suas bandeiras negras.

O Exército dos insurgidos estava organizado segundo três princípios fundamentais: o voluntariado, o princípio eleitoral e a autodisciplina. O voluntariado significava que o exército só se comporia de combatentes revolucionários que para ele entrassem livremente. O princípio eleitoral consistia em os comandantes de todas as fracções do Exército, os membros do Estado-Maior e do Conselho bem como todas as pessoas ocupando no Exército postos importantes em geral, deverem ser eleitas ou aceites pelos insurgidos das fracções respectivas ou por todo o Exército. A autodisciplina significava que todas as regras da disciplina do Exército eram elaboradas por comissões dos insurgidos, depois validadas pelas reuniões gerais das fracções do Exército e

eram rigorosamente observadas sob a responsabilidade de cada insurgido e de cada comandante. Todos estes princípios foram mantidos pelo Exército macknovista na sua junção com o Exército Vermelho.

O Exército insurreccional recebeu no princípio a designação de *terceira brigada* que foi depois mudada para Primeira Divisão Revolucionária Insurreccional Ucrâniana. Mais tarde adoptou o nome definitivo de Exército Revolucionário da Ucrânia (macknovistas).

Toda a questão política era excluída da aliança que tinha um carácter estritamente militar. Graças a isso, a vida da região e o seu desenvolvimento social e revolucionário seguiam sempre a mesma via: a da actividade autónoma dos trabalhadores que não admitiam nenhum poder na região. Veremos mais abaixo que foi isto a causa única da agressão do Exército dos bolcheviques contra esta região.

Depois da criação do Soviete (conselho) da região (Fevereiro de 1919), esta sentia-se solidamente unida. A ideia dos Sovietes Livres de Trabalhadores alcançou os burgos mais afastados. No ambiente em que se encontravam, os camponeses só muito lentamente conseguiam criar esses Sovietes; mas eram todos defensores da ideia da sua constituição, sentindo que era a única base sólida sobre que era possível a construção duma comunidade livre. Ao mesmo tempo, o problema duma união imediata com os operários das cidades vizinhas atingia o seu maior desenvolvimento. A ligação devia ser feita com a massa dos trabalhadores das cidades *directamente*, isto é, com as oficinas e as organizações profissionais dos operários, fora dos órgãos do Estado. Esta ligação era indispensável para a consolidação e o progresso ulterior da Revolução. Compreendia-se bem que uma tal ligação devia levar à luta com o partido governamental, estatista, que não deixaria facilmente o seu domínio sobre as massas. Mas não se julgava grande este perigo, porque, dizia-se, os camponeses e operários, *uma vez unidos*, poderiam facilmente apaziguar todo o Poder. E depois, e sobretudo, não podiam mesmo existir outras formas de união com os operários do que esta forma recta, condu-

zindo à supressão do Poder e portanto à sua resistência. Porque era justamente *esta forma* de união das cidades e aldeias que assegurava a possibilidade de consolidação do desenvolvimento futuro da revolução. « — Operários dá-nos a mão » — tal era o apelo dos camponeses revolucionários de Gulai-Polé à cidade. Para os camponeses da região libertada era o único apelo racional. Entre si eram inteiramente livres; dispunham de si próprios, com os produtos do seu trabalho, com toda a independência. Naturalmente desejavam ver os operários das cidades na mesma situação e procuravam aproximar-se deles pela via directa, evitando todas as organizações políticas, governamentais ou outras, que nada produzem e que tanto tinham feito sofrer no passado. Queriam igualmente que também o operário se ligasse com eles pelo mesmo processo directo e imediato.

Foi assim que o problema da união com os operários das cidades foi posto na região. Foi sob este aspecto que ele foi considerado, examinado e discutido por toda a parte, tornando-se finalmente um dos princípios da região insurreccional.

É natural que, com tais disposições, os partidos políticos não podiam ter nenhum êxito naquela região. Quando lá apareciam, com os seus planos de organização estatística eram recebidos friamente, por vezes mesmo rindo-se deles como pessoas que vêm muito fora de propósito interromper-se na vida dos outros. As autoridades comunistas que apareciam na região, vindas de todos os lados, foram acolhidas como elementos estranhos e importunos.

No princípio, os bolcheviques esperavam absorver o Exército macknovista nas fileiras do bolchevismo. Foi uma empresa vã. A massa dos insurgidos seguia obstinadamente o seu caminho. Não queria saber dos órgãos governamentais bolcheviques. A dispersão das *comissões extraordinárias* (*tchékas*) por camponeses armados era coisa habitual. Em Gulai-Polé, as autoridades comunistas nunca ousaram mesmo estabelecer qualquer instituição. Noutros locais essas instituições foram causa de colisões sangrentas entre a popu-

lação e as autoridades, cuja situação na região se tornava muito embaraçosa e difícil. Foi então que os bolcheviques empreenderam uma luta organizada contra a macknovstchina — como ideia e como movimento social. Entrou primeiro em acção a Imprensa. Começou ela a tratar insistentemente o movimento macknovista como um movimento de fazendeiros ricos (*kulaks*), contra-revolucionárias as suas acções, prejudiciais à Revolução. Ameaças em relação aos guias da macknovstchina começaram a chover nos jornais e da parte das autoridades centrais. A região foi positivamente bloqueada. Todos os militantes revolucionários que iam a Gulai-Polé ou vinham de lá eram presos no caminho. O abastecimento do Exército insurreccional em munições e cartuchos foi reduzido consideravelmente. Tudo isto não predizia nada de bom.

O Conselho Revolucionário Militar convocou o Terceiro Congresso Regional dos Camponeses, Operários e Partidários para o dia 10 de Abril de 1919. O Congresso devia determinar a obra do momento e pronunciar-se sobre as perspectivas da vida revolucionária da região. Os delegados de 72 distritos representando uma massa de mais de dois milhões de homens reuniram-se no Congresso, cujos trabalhos se realizaram com muita actividade. Lamentamos não ter à mão as actas do Congresso. Poderia claramente ver-se como a massa deste povo procurava com prudência e um espírito perscrutador as suas próprias vias na Revolução, as suas próprias formas de vida nova.

Quase no fim dos seus trabalhos, o Congresso recebeu um telegrama do comandante da Divisão, Dybenko, que declarava os organizadores do Congresso fora da lei e o Congresso contra-revolucionário. Foi o primeiro atentado manifesto dos bolchevistas à liberdade da região. Todo o Congresso compreendeu perfeitamente bem todo o alcance deste ataque e votou uma resolução indignada em que protestou contra esse atentado. O protesto foi logo impresso e distribuído entre os camponeses e os operários da região. Alguns dias mais tarde, o Conselho Revolucionário Militar redigiu uma resposta às autoridades comunistas na pessoa

de Dybenko, em que frisava o verdadeiro papel desempenhado pela região de Gulai-Polé na Revolução e desmascarava os que faziam na realidade uma obra contra-revolucionária. Esta resposta caracteriza dum maneira muito típica uma e outra parte. Possuímo-la e vamos inseri-la integralmente:

CONTRA-REVOLUCIONÁRIO?

O «camarada» Dybenko declarou o Congresso reunido em Gulai-Polé, no dia 10 de Abril, contra-revolucionário e colocou fora da lei os seus organizadores, aos quais, segundo ele, as medidas repressivas mais rigorosas devem ser aplicadas. Nós publicamos aqui o seu telegrama literalmente:

«De Novo-Alexéitevka. N.º 283 — Em 10, 22 h. 45 m. Fazer seguir ao camarada Pai Mackno, Estado-Maior da Divisão Alexandrovsk. Cópia Volnovakha, Mariopola, fazer seguir ao camarada Mackno. Cópia ao Soviete de Gulai-Polé:

«Todo o Congresso convocado em nome do Estado-Maior revolucionário militar, por minha ordem dissolvido, é considerado como manifestamente contra-revolucionário e os organizadores serão submetidos às medidas repressivas e os organizadores serão submetidos às medidas repressivas mais rigorosas até à proclamação fora da lei. Ordeno que se tomem imediatamente as medidas para que semelhantes coisas não tornem a suceder. — Comandante da Divisão, Dybenko.»

Antes de declarar o Congresso contra-revolucionário, o «camarada» Dybenko não se deu mesmo ao trabalho de se informar em nome de quem e com que fim este Congresso foi convocado, o que lhe fez anunciar que o Congresso foi convocado pelo Estado-Maior revolucionário militar «dissolvido» de Gulai-Polé, quando na realidade o foi pelo Comité Executivo do Conselho Revolucionário Militar. Portanto este último, tendo convocado o Congresso, não sabe se ele é também considerado pelo «camarada» Dybenko como estando fora da lei. Se assim é, permita que informemos Vossa Excelência por quem e com que fim este Congresso (na sua opinião, manifestamente contra-revolucionário) foi convocado; e então já lhe não parecerá tão terrível como o imagina.

O Congresso, como já dissemos, foi convocado pelo Comité Executivo do Conselho Revolucionário Militar da Região de Gulai-Polé, em Gulai-Polé mesmo (como burgo situado no Centro). Foi designado como 3.º Congresso Regional de Gulai-Polé. Foi

convocado com o fim de determinar a linha de conduta futura do Conselho Revolucionário Militar. (Está a ver o «camarada» Dybenko que três destes congressos «contra-revolucionários» se realizaram já.) Mas surge a pergunta: donde vem e com que fim foi criado o próprio Conselho Militar Regional? Se o não sabe ainda, «camarada» Dybenko, nós vamos ensinar-lho. O Conselho Revolucionário Militar Regional foi formado conforme a resolução do 2.º Congresso que se realizou em Gulai-Polé em 12 de Fevereiro do ano corrente. (Como vê, foi há muito tempo — quando ainda na região não havia tropas soviéticas.) O Conselho foi então formado para organizar os combatentes e executar a mobilização voluntária, porque a região estava cercada de brancos e os destacamentos insurreccionais, compostos dos primeiros voluntários, não bastavam para sustentar uma frente extensa. Não havia nesse momento tropas soviéticas na nossa região; e, além disso, a população não esperava que essas tropas lhe prestassem um grande auxílio, considerando a defesa da sua região como o seu próprio dever. Foi com este fim que foi formado o Conselho Revolucionário Militar da Região de Gulai-Polé, o qual se compunha, segundo a resolução do 2.º Congresso, dum delegado de cada distrito, ao todo 32 membros representando os distritos de Ekaterinoslav e de Taurida. Mas é mais abaixo que daremos explicações sobre o Conselho Revolucionário Militar. Agora trata-se apenas da questão posta: donde veio o 2.º Congresso Regional? Quem o permitiu? O que o convocou está fora de lei ou não, e se não está porque é que não está? O 2.º Congresso Regional foi convocado para Gulai-Polé por um grupo de iniciativa composto de 5 pessoas eleitas pelo 1.º Congresso. O 2.º Congresso realizou-se a 12 de Fevereiro do ano corrente e, com grande admiração nossa, as pessoas que o convocaram não foram declaradas fora da lei, porque não existiam ainda então destes «heróis» que ousassem atentar contra os direitos do povo conquistados com o seu próprio sangue. Uma nova questão se põe pois: donde tinha vindo o 1.º Congresso Regional? Quem o convocara? O que o convocou é considerado fora da lei e, se não foi, porque não é? «Camarada» Dybenko é ainda, ao que parece, muito novo no movimento revolucionário de Ucrânia e temos de o informar dos próprios preliminares desse movimento. É o que vamos fazer; e o «camarada», depois de os conhecer, corrigir-se há talvez um pouco.

O 1.º Congresso Regional realizou-se a 23 de Janeiro do ano corrente no primeiro campo insurreccional, na Grande-Mikhailovka. Era composto de delegados de distritos situados perto da frente. As tropas soviéticas estavam então longe, muito longe. A região estava separada do mundo inteiro; dum lado por Denikine com as suas tropas; do outro pelos soldados de Petliura; não havia senão

os destacamentos insurreccionais, com o Pai Mackno e Stechno na frente, para o ataque a uns e a outros. As organizações e as instituições sociais nos burgos e aldeias não tinham então os mesmos nomes. Em tal burgo — era um «Soviete», em tal outro — a Regência Popular, num terceiro — um Estado-Maior Revolucionário Militar, num quarto — uma Regência Provincial etc., mas o espírito era em toda a parte igualmente revolucionário. Para consolidar a frente e para criar uma certa uniformidade de organização e de acção em toda a região insurgida, realizou-se o 1.º Congresso.

Ninguém o tinha convocado: reuniu-se espontaneamente segundo o desejo e com a aprovação da população. No Congresso foi feita a proposta de arrancar ao Exército de Petliura os nossos irmãos mobilizados à força. Com este fim, uma delegação composta de cinco pessoas foi eleita e recebeu a instrução de passar pelo Estado-Maior do Pai Mackno e por outros, se fosse preciso, penetrar no próprio exército do directório ucraniano (do nome de Petliura) para anunciar aos nossos irmãos mobilizados que eles foram enganados e que deviam abandonar esse exército. Além disso, a delegação foi encarregada de convocar, no seu regresso, um 2.º Congresso mais vasto, com o fim de organizar toda a região libertada dos bandos contra-revolucionários e de criar uma frente de defesa mais forte. Os delegados convocaram pois à sua volta esse 2.º Congresso Regional, estranho a qualquer «partido», a qualquer «poder», a qualquer «lei»: e, porque o «camarada» Dybenko e outros amadores e defensores da lei do mesmo género estavam então muito longe e porque os guias heróicos do movimento insurreccional não aspiravam ao poder sobre o povo que acabava de despedaçar por suas próprias mãos as cadeias da escravidão, o Congresso não foi proclamado contra-revolucionário e os que o convocaram não foram declarados fora da lei.

Voltemos ao Conselho Regional. No próprio momento da criação do Conselho Revolucionário Militar da Região de Gulai-Polé, o poder soviético apareceu na região. Conforme a resolução votada no 2.º Congresso, o Conselho Regional não interrompeu os seus trabalhos ao aparecerem as autoridades soviéticas. Devia executar as instruções do Congresso sem hesitar. O Conselho não era um órgão de direcção mas executivo. Continuou a trabalhar na medida das suas forças e seguiu sempre na sua obra a via revolucionária. Pouco a pouco, o poder soviético começou a levantar obstáculos à actividade do Conselho; os comissários e outros altos funcionários do Governo dos Sovietes entraram a considerar o Conselho como uma organização contra-revolucionária. Foi então que os membros do Conselho decidiram convocar o 3.º Congresso Regional para o dia 10 de Abril em Gulai-Polé, para determinar a

futura linha de conduta do Conselho ou para o liquidar, se o Congresso o entendesse necessário. E assim o Congresso se reuniu. Não foram nada contra-revolucionários os que a esse Congresso vieram, mas aqueles que tinham sido os primeiros a erguer na Ucrânia o estandarte de insurreição, o estandarte da revolução social. Vieram para ajudar a coordenar a luta geral contra todos os agressores. Os representantes de 72 cantões de diferentes distritos e governos como de muitas unidades militares vieram ao Congresso e todos entenderam que o Conselho Revolucionário Militar da Região de Gulai-Polé era necessário; completaram mesmo o seu Comité Executivo e encarregaram este último de realizar na região uma mobilização voluntária e igualitária. O Congresso foi extraordinariamente surpreendido pelo telegrama do «camarada» Dybenko declarando o Congresso «contra-revolucionário», quando esta região foi a primeira a erguer o estandarte da insurreição. E foi por isso que o Congresso votou um enérgico protesto contra esse telegrama.

Tal é o quadro que devia abrir-lhe os olhos, «camarada» Dybenko. Repare! Reflicta! Tem porventura o direito, sozinho, de declarar contra-revolucionária uma população dum milhão de trabalhadores, tendo ela própria, por suas mãos calosas, derrubado as cadeias da escravidão e construído a sua vida ela própria e a sua própria vontade?

Não! Se é realmente revolucionário, deve vir em seu auxílio na luta contra os agressores da obra da construção duma nova vida livre. Podem existir leis feitas por algumas pessoas, intitulado-se revolucionárias, que permitam colocar todo um povo mais revolucionário do que elas fora da lei? (Porque o Comité Executivo do Conselho representa toda a massa do povo.) É permitido e razoável ver estabelecer leis de violência devendo escravizar um povo que acaba de deitar abaixo todos os legalistas e todas as leis? Existe alguma lei segundo a qual um revolucionário estaria no direito de aplicar os castigos mais rigorosos à massa revolucionária de que se diz o defensor e isto pelo simples facto de que a massa em questão tomou, sem esperar licença, os bens que esse revolucionário lhe tinha prometido: liberdade e igualdade?

A massa do povo revolucionário pode ficar calada, quando o revolucionário lhe tira a liberdade que acabou de conquistar? As leis da revolução ordenam porventura que se fuzile um delegado porque crê dever exercer o mandato que lhe foi conferido pela massa revolucionária que o elegeu?

Que interesse deve defender um revolucionário? Os do partido ou os do povo que, com o sacrifício do seu sangue, põe em movimento a Revolução?

O Conselho Revolucionário Militar da Região Gulai-Polé mantém-se fora da dependência e influência dos partidos; não

reconhece senão o povo que o elegeu. O seu dever é cumprir aquilo de que o povo o encarregou e não criar obstáculos a quem quer Partido Socialista da Esquerda na propaganda das suas ideias. Por consequência, se algum dia a ideia bolchevista tiver êxito entre os trabalhadores, o Conselho Revolucionário Militar — esta organização manifestamente contra-revolucionária sob o ponto de vista dos bolcheviques — será substituído por outra organização contra-revolucionária e bolchevista. Mas, entretanto, não nos embarcemos na nossa acção, nem tenteis abafar-nos.

Se continua o «camarada» Dybenko e os seus semelhantes a fazer a mesma política que até agora, se a julga boa e conscienciosa, realize então todas essas pequenas porcarias até ao fim. Coloque fora da lei todos os iniciadores dos congressos regionais e os que foram convocados quando o «camarada» e o seu partido se conservava em Kursk. Proclame contra-revolucionários todos os que foram os primeiros a hastear o pendão da insurreição, da revolução social na Ucrânia e agiram em toda a parte sem esperar a licença do «camarada» e, sem seguir o vosso programa à letra, tornaram mais para a Esquerda. Ponha então fora da lei todos os que enviaram os seus delegados aos congressos declarados contra-revolucionários. Proclame, enfim, fora da lei todos os combatentes desaparecidos que, sem a sua licença, tomaram parte no movimento insurreccional para a libertação de todo o povo trabalhador. Proclame sempre ilegais e contra-revolucionários todos os congressos reunidos sem a sua autorização... Mas saiba que a verdade acaba por vencer a força. O Conselho não deixará de cumprir, apesar de todas as suas ameaças, as obrigações de que foi encarregado, porque não tem o direito de usurpar os direitos do povo.

O Conselho Revolucionário Militar da Região de Gulai-Polé

Presidente: Tchernsknijny; *Vice-Presidente:* Kogane; *Secretário:* Kardbete; *Membros do Conselho:* Koval, Petrenko, Dotzenko e outros.

Depois disto, a questão de macknovstchina foi posta nas altas esferas bolchevistas duma maneira determinada e nítida. A Imprensa oficial, que já antes tinha representado o movimento macknovista com um aspecto falso, passou a difamá-lo sistematicamente, atribuindo-lhe falsamente e conscientemente toda a espécie de absurdos, de violências e de crimes. O exemplo seguinte dará uma noção suficiente da maneira de agir dos bolcheviques. N

fim do mês de Abril ou no princípio de Maio de 1919, o general Ghkuro enviou uma carta a Mackno, na qual, depois de elogiar o seu talento militar inato e exprimir o desgosto de que esse talento se tivesse transviado para as falsas vias revolucionárias, propunha a Mackno a união deste ao exército de Denikine para a salvação do povo russo. À leitura desta carta, numa ampla sessão dos insurgidos revolucionários, estes últimos troçaram copiosamente da ingenuidade e estupidez do general reaccionário ignorando o próprio A B C da Revolução na Rússia e na Ucrânia. Remeteram em seguida essa carta à redacção do seu jornal — *O Caminho para a Liberdade* —, para que ele a publicasse e a convertesse picarescamente. A carta, seguida dos necessários comentários, ridicularizando-a, apareceu na íntegra no n.º 3 do jornal. Que fazem então os bolcheviques? Encontram a carta no jornal macknovista, reimprimem-na nos seus jornais e declaram, com um impudor monstruoso, que esta carta foi interceptada por eles e que certas negociações relativas a esta união se haviam realizado entre Mackno e Chkuro e que até essa união já estava feita. Toda a luta de ideias dos bolcheviques contra a macknovstchina se deu em formas idênticas.

*

* *

A partir do meado de Abril de 1919, a região insurreccional sofreu investigações minuciosas da parte dos altos funcionários do Governo comunista.

A 29 de Abril, o comandante da frente Sul, Antonov, vem a Gulai-Polé com o fim de conhecer Mackno, a frente macknovista e as disposições dos insurgidos.

Em 4-5 de Maio, com poderes extraordinários do Conselho de Defesa da República, L. Kaménev vem igualmente a Gulai-Polé, acompanhado de outros funcionários do Governo de Karkov. A entrada de Kaménev em Gulai-Polé tinha o ar afectivo e não deixava nada a desejar. Dirigiu cumprimentos aos camponeses e aos insurgidos

reunidos como aos heróis que tinham pelo seu esforço libertado a região do poder do *hetman* e a tinham defendido vitoriosamente contra Petliura e Denikine. A independência e a acção revolucionária livre dos camponeses pareciam encontrados na pessoa de Kaménev um admirador dos camponeses ardentes. Contudo, numa conversação oficial com Mackno e os membros do Estado-Maior e do Conselho Regional Kaménev tomou um ar muito diferente e não se mostrou nada entusiasta da autonomia e da livre acção dos trabalhadores. Quando a questão do Conselho Revolucionário Militar foi posta, Kaménev julgou a existência desse Conselho sob o poder soviético inadmissível e exigiu a sua dissolução. Como é muito natural para um estatista, Kaménev confundiu duas instituições absolutamente diferentes: o Conselho Revolucionário Militar duma república criada pelo partido governamental e o Conselho Revolucionário Militar da massa trabalhadora *criado espontaneamente directamente por essa massa*, na qualidade de seu órgão executivo. O primeiro destes conselhos pode na verdade ser dissolvido muito simplesmente: por ordem do Comité Central do Partido; mas o segundo não pode ser dissolvido por ninguém, a não ser pela própria massa que o criou. Dissolvê-lo contra a vontade dessa massa não pode senão por uma força contra-revolucionária, em caso nenhum por elementos revolucionários. Foi neste sentido precisamente que foi respondido a Kaménev. A resposta foi-lhe manifestamente desagradável e suscitou acesas discussões. Contudo, ao retirar, Kaménev (da mesma maneira que Antonov) fez aos insurgidos as suas despedidas calorosas exprimindo-lhes o seu profundo reconhecimento e desejando-lhes o êxito da sua causa. Beijou Mackno e assegurou que os bolcheviques saberiam sempre falar uma língua comum com os macknovistas, como com verdadeiros revolucionários com que se poderia e devia obrar sempre em conjunto e de acordo.

As visitas destes altos-comissários bolcheviques a Gulai-Polé eram na verdade quanto ao fundo tão amigáveis como os seus votos calorosos o deixavam crer, ou já a sua

hostilidade irrevogável entre a região insurgida se escondia sob a demonstração exterior de amizade? Esta última suposição parece a mais exacta. Os acontecimentos que não tardaram a desenrolar-se naqueles sítios provaram dentro de pouco tempo que a ideia duma campanha militar contra a região e o movimento insurreccional livre amadurecia há muito já no mundo bolchevista. As visitas de Antonov e Kaménev a Gulai-Polé não podem ser consideradas senão como um reconhecimento antes da agressão. Essas visitas não trouxeram nenhuma mudança nas disposições dos bolcheviques para com a macknovstchina. A sua campanha de agitação pela Imprensa não só se não atenuou mas, pelo contrário, tornou-se mais violenta. Não cessaram de inventar mentiras, umas mais vergonhosas e mais abomináveis do que outras. Tudo demonstrava que os bolcheviques queriam formar a opinião dos operários e das tropas vermelhas para o ataque armado que maquinavam contra a região livre. Um mês antes desse ataque, uma tentativa foi feita por eles para assassinarem Mackno sub-repticiamente. O comandante dum dos regimentos insurgidos, um certo Padalka, subordinado pelos bolcheviques, aceitou desempenhar a missão de que o haviam incumbido: atacar Gulai-Polé do lado de Pokrovskoié no momento em que Mackno aí se encontrasse com o seu Estado-Maior e dele se apoderar. A conspiração foi descoberta pelo próprio Mackno, enquanto estava em Berdiansk e devia dentro de poucos minutos partir para Gulai-Polé. Não foi possível transtornar este plano senão por meio de um aeroplano que se encontrava felizmente ao seu alcance, e no qual Mackno conseguiu fazer o trajecto de Berdiansk a Gulai-Polé em duas horas e alguns minutos. Os organizadores da conspiração foram apanhados de surpresa e executados.

Mackno foi mais duma vez advertido por camaradas empregados nas instituições bolchevistas de não ir, no caso de o chamarem, nem a Ekaterinoslav nem a Kharkov, porque toda a chamada oficial seria uma armadilha em que a morte o esperava. Cada dia deixava perceber cada vez melhor que os bolcheviques se preparavam para resolver a

discussão sobre o ascendente ideológico na revolução ucraniana pelas armas. A revolta de Grigoriev obrigou-os precipitadamente a mudar por algum tempo a sua atitude exterior para com a macknovstchina.

CAPÍTULO VI

A MACKNOVSTCHINA

(Continuação)

A revolta de Grigoriev — Primeira agressão dos bolcheviques contra Gulai-Polé

No dia 12 de Maio de 1919 foi recebido o telegrama seguinte no quartel-general dos macknovistas, estabelecido nesse momento em Gulai-Polé:

Gulai-Polé, fazer seguir ao Pai Mackno. — O traidor Grigoriev pôs a frente à disposição do inimigo. Recusando executar as ordens de batalha, voltou as armas. Chegou o momento decisivo: ou marcha a par com os operários e os camponeses da Rússia inteira ou abre de facto a frente ao inimigo. Não pode haver nenhuma hesitação. Queira imediatamente fazer-me conhecer a disposição das suas tropas e publicar uma proclamação contra Grigoriev, expedindo-me uma cópia para Kharkov. A ausência de resposta será considerada como uma declaração de guerra. Tenho fé na honra dos revolucionários: na sua, na de Archinov, Verehtnikov e outros. — Assinado: Kaménev. N.º 277. Fiscal militar revolucionário: Lobié.

O Estado-Maior reuniu imediatamente convidando representantes do Conselho Revolucionário Militar a tomar parte nessa reunião e, depois de ponderada reflexão e discussão sobre o telegrama e o acontecimento que ele comunicava, chegou-se às seguintes conclusões:

Grigoriev, antigo oficial czarista, encontrava-se na vanguarda da queda do *hetman* nas fileiras petliuristas e comandava numerosas forças insurreccionais que se encontravam à disposição das autoridades de Petliura. Quando, sob a influência de divergências de classes, o exército de Petliura se deslocou, Grigoriev passou com todas as suas tropas para o lado dos bolcheviques que acabavam de chegar da Rússia Central; começou a agir de acordo com eles contra os petliuristas, conservando, porém, uma certa autonomia e liberdade de acção para as suas tropas. Contribuiu muito para libertar dos petliuristas o território do Governo de Khercizia. Apoderou-se de Odessa. Em seguida manteve e protegeu com os seus insurgidos a frente do lado da Bessarábia.

Quanto às tropas insurreccionais de Grigoriev, conservaram-se, sob o ponto de vista de organização e sobretudo das ideias, muito mais atrasadas de que os insurgidos macknovistas. Não se desenvolveram nada, permanecendo sempre no seu estado primitivo. No início da insurreição deixaram-se, é verdade, penetrar do espírito revolucionário, mas não souberam descobrir, nem no campo mesmo nem no meio camponês donde saíam, as missões históricas do trabalho, o fulgurante estandarte dos macknovistas. Apesar do seu vigor revolucionário, o seu ideal social conservou-se hesitante e mal definido, o que fez com que elas se deixassem influenciar ora pelos petliuristas, ora por Grigoriev, ora pelos bolcheviques.

O próprio Grigoriev nunca foi um revolucionário, a sua conduta, tanto nas fileiras de Petliura como nas fileiras dos bolcheviques, teve constantemente um certo espírito aventureiro. Foi principalmente um simples *bravo*, um guerreiro ao qual o desencadeamento de movimento popular insurreccional permitiu o mover-se e obter uma situação favorável. A sua fisionomia presente é múltipla: encontra-se-lhe um

certa simpatia pelos camponeses oprimidos, muito instinto autoritário, extravagâncias dum chefe de bandoleiros, espírito nacionalista, anti-sovietismo. O que o levava a voltar-se contra os bolcheviques? O Estado-Maior dos macknovistas não sabia nada a este respeito. Existiam indícios sérios de que os próprios bolcheviques o tinham provocado, a fim de liquidar as suas tropas autónomas de insurgidos que não seguiam, é bem verdade, objectivos revolucionários independentes como os macknovistas, mas cuja forma e atitude eram, apesar disso, hostis à ideia do bolchevismo. Seja como for, o movimento de Grigoriev contra os bolcheviques não parecia ser aos olhos dos macknovistas uma manifestação do trabalho revolucionário, mas apenas uma acção puramente militar e política, não merecendo, por consequência, nenhuma atenção da sua parte. Isto tornou-se ainda mais claro depois de Grigoriev ter publicado o seu célebre *Apelo Geral* penetrado da ideia do ódio nacional entre trabalhadores. O único elemento deste movimento que merecia, segundo os macknovistas, atenção e compaixão eram as massas insurgidas arrastadas por engano para Grigoriev numa aventura política.

Tal foi a conclusão a que os macknovistas chegavam depois de ponderada deliberação sobre o movimento de Grigoriev. O Estado-Maior conformou-se com ela tomando as suas decisões. Começou por enviar à frente as ordens seguintes:

Mariopola. Estado-Maior da Frente do Exército Macknovista. Cópia completa deste a todos os chefes de secções de combate, a todos os chefes de regimentos, de batalhões, de companhias e de esquadras. Ordem de fazer a leitura em todas as unidades do exército dito do Pai Mackno. Cópia idêntica para Kharkov ao Delegado Extraordinário Plenipotenciário do Conselho de Defesa da República, Kaménev.

As medidas mais enérgicas deverão ser adoptadas para a manutenção da frente. Um enfraquecimento da frente exterior da Revolução é absolutamente inadmissível. A hora e a dignidade revolucionárias obrigam-nos a conservar-nos fiéis à Revolução e ao povo e as disputas de Grigoriev com os bolcheviques por causa do Poder não poderão levar-nos a enfraquecer a frente que os

brancos procuram romper, a fim de subjugar de novo o povo. Enquanto não conseguirmos obter a vitória sobre o nosso inimigo comum personificado nos brancos do Don, e enquanto não tivermos assegurado a liberdade conquistada pelas nossas armas, nós permaneceremos na nossa frente e continuaremos a lutar pela liberdade do povo, mas não pelo poder e as intrigas dos charlatões políticos.

Comandante de brigada: Pai Mackno. — Membros do Estado-Maior: (assinaturas).

O Estado-Maior enviava ao mesmo tempo o telegrama seguinte a Kaménev em resposta ao telegrama de

Kharkov. Kaménev, Delegado Extraordinário Plenipotenciário do Conselho de Defesa da República. Cópia a Mariopól Estado-Maior da frente.

Logo após a recepção do vosso telegrama e do de Rostchine⁽¹⁾ a respeito de Grigoriev, dei imediatamente a ordem para se empregarem todos os esforços para manter a frente com a mesma firmeza e não ceder uma toesa a Denikine ou outro canalha contra-revolucionário, cumprindo assim o nosso dever revolucionário para com os operários e os camponeses da Rússia e do mundo inteiro. Quanto a vós, declaro-vos que as minhas tropas e eu permaneceremos inabalavelmente fiéis à Revolução dos operários e dos camponeses, mas não às instituições de violência como os vossos comissariados e as vossas Comissões Extraordinárias (*Tchekas*) que praticam arbitrariedades contra a população trabalhadora. Se Grigoriev realmente entregou a frente e fez marchar as suas tropas para se apoderar do Poder, isso constituiria uma aventura criminosa e uma traição para com a revolução popular e eu não deixarei de afirmar bem claramente esta minha opinião. Mas eu não possuo actualmente informações exactas sobre Grigoriev e o movimento ligado ao seu nome; não sei o que ele faz nem com que fim o faz; é por isso que eu me absterei, por enquanto, de publicar uma proclamação contra ele, até mais amplas informações a este respeito. Como revolucionário e anarquista, eu declaro não poder prestar auxílio a nenhuma tentativa de conquista do Poder por Grigoriev ou por quem quer que seja. Como até aqui,

(1) Ao mesmo tempo que o telegrama de Kaménev, um outro tinha sido recebido, em nome de Mackno, emanando de Grossmam-Rostchine, *anarquista soviético* (isto é: «anarco-bolchevista»), falando do mesmo facto.

continuarei com os camaradas insurgidos a perseguir os bandos de Denikine, fazendo o necessário para que ao mesmo tempo as regiões libertadas se cubram de uma rede de uniões livres de camponeses e operários, tendo plenos poderes autónomos. Sob este ponto de vista, os comissariados e as *tchekas*, que são apenas instrumentos de coacção e de violência e servem para o estabelecimento duma ditadura de partido, que pretende exercer mesmo em relação às uniões e à imprensa anarquista, encontrarão em nós adversários enérgicos.

Comandante de brigada: Pai Mackno. — Membros do Estado-Maior: (assinaturas). — Presidente da secção cultural: Aerchinov.

Sem perda de tempo, uma comissão dos representantes do Estado-Maior e do Conselho Revolucionário Militar foi constituída e enviada à região onde se tinha dado o movimento esboçado por Grigoriev, a fim de desmascarar este último aos olhos dos insurgidos e chamá-los a alistarem-se sob a bandeira revolucionária da macknovstchina. Neste meio tempo, Grigoriev, que tinha já ocupado Alexandria, Znamenka e Elisabethgrado, aproximava-se de Ekaterinoslav, o que inspirava sérias inquietações às autoridades comunistas que se encontravam em Kharkov. Era com verdadeiro receio que os governantes bolchevistas prestavam atenção ao que se passaria do lado de Gulai-Polé. Qualquer movimento dos macknovistas, qualquer telegrama de Mackno eram avidamente tomados e publicados pela Imprensa soviética. Estes receios não tinham evidentemente outro fundamento que não fosse a profunda ignorância dos governantes soviéticos que admitiam a possibilidade de ver o revolucionário anarquista Mackno dar-lhes de repente batalha de-gorra com Grigoriev. A macknovstchina não abandonava nunca o terreno dos princípios; ela era guiada sempre pelo ideal da Revolução Social, da comunidade obreira e libertária. Portanto, ela não podia nunca associar-se a este ou àquele ataque contra o bolchevismo pela simples razão de que ela também era oposta a quaisquer manejos de Grigoriev, cujo movimento constituía um perigo a mais para a liberdade dos trabalhadores, sendo considerado por consequência inimigo da macknovstchina ao mesmo título que o bolchevismo. E, de facto, durante

toda a sua existência, a macknovstchina nunca se juntou a nenhum dos movimentos antibolchevistas, mas lutou com o mesmo heroísmo e o mesmo espírito de sacrifício tanto contra o bolchevismo como contra Petliura, contra Grigoriev, Denikine, Vranghel, considerando todos estes movimentos como os dos grupos autoritários, procurando subjugar e explorar as massas trabalhadoras. Ela repeliu mesmo os convites feitos por certos grupos dos socialistas revolucionários da Esquerda para combater os bolcheviques conjuntamente com eles, porque esses convites vinham dum movimento político, pretendendo no fundo o mesmo que o bolchevismo, isto é, um domínio estatista do povo pela democracia socialista.

Grigoriev tentou por diversas vezes, durante a sua revolta, pôr-se em relações com Mackno. Mas só um dos seus telegramas dirigidos a Gulai-Polé chegou ao seu destino; esse telegrama era assim concebido: «Batco! (Pai! Porque hesitas com os comunistas? Dá-lhes uma trepa — Ataman Grigoriev.»

Este telegrama ficou, bem entendido, sem resposta e, dois ou três dias mais tarde, o Estado-Maior, reforçado pelos representantes das tropas insurreccionais que se encontravam na frente, condenou definitivamente Grigoriev e redigiu contra ele a seguinte proclamação:

QUEM É GRIGORIEV?

Irmãos trabalhadores! Quando, há um ano, iniciámos uma luta sem tréguas contra a invasão austro-alemã e o domínio do *hetman*, depois contra Petliura e contra Denikine, nós apercebemo-nos bem do verdadeiro significado dessa luta, porque desde o princípio nós estivemos reunidos sob o estandarte que tem esta inscrição: a libertação dos trabalhadores. Durante esta luta temos obtido muitas vitórias dum grande significado: expulsámos os invasores, derrubamos o *hetman*, impedimos que se firmasse o regime pequeno-burguês de Petliura e encetámos a obra construtiva nas regiões libertadas por nós. Ao mesmo tempo nós não perdíamos nunca a ocasião de recomendar às vastas massas populares para vigiar atentamente o que se passava à sua volta; nós

advertiamo-las que numerosos animais de rapina rondavam nas proximidades, esperando só o momento oportuno para tomar o Poder e cavalgar o povo. Uma nova fera acaba de fazer a sua aparição: é o *ataman* Grigoriev que, falando dos sofrimentos do povo, da sua opressão e do seu labor, procura na realidade restabelecer a antiga e injusta ordem de coisas, o regime da violência e do banditismo que escravizará o povo e o seu trabalho, aumentará as suas penas, tornará mais apertado o jugo e destruirá a liberdade. Demos algumas informações sobre o próprio *ataman* Grigoriev.

Grigoriev é um antigo oficial do exército czarista. No início da Revolução na Ucrânia, combateu com Petliura contra o poder soviético; colocou-se em seguida do lado desse mesmo poder; actualmente, voltou-se contra os Sovietes e a Revolução em geral. De que fala Grigoriev nas suas declarações? Logo nas primeiras palavras do seu *Apelo Geral* começa por proclamar que a Ucrânia é dirigida actualmente por aqueles que crucificaram o Cristo e por pessoas «saídas dos antros de Moscovo».

Irmãos! Não vêdes nisto um repugnante e triste apelo aos programas antijudaicos? Não vêdes nisto o desejo do *ataman* Grigoriev de despedaçar os laços fraternais que unem a Ucrânia revolucionária à Rússia revolucionária? Grigoriev fala-nos também de mãos desgastadas pelo trabalho do santo trabalhador, etc. Mas quem presentemente não fala de trabalho sagrado e de bem do povo? Mesmos os brancos afirmam, quando exercem violências nas nossas terras e sobre nós próprios, que defendem a causa do povo trabalhador. E nós sabemos bem quanto nos podemos fiar nisto e que bens eles dão ao povo quando se sentem definitivamente dele senhores.

Grigoriev diz lutar contra os comissários, «pelo verdadeiro poder dos Sovietes». Mas no mesmo *Apelo Geral* escreve: «Eu, o *ataman* Grigoriev... são estas as minhas ordens: escolhei os vossos comissários.»

E dizendo-se, algumas linhas mais adiante, inimigo das lutas armadas, Grigoriev anuncia, no mesmo «Apelo», que vai fazer um levantamento de tropas e envia mensageiros a Kiev e a Khar-kov declarando: «Exijo que as minhas ordens sejam executadas; eu próprio ocupar-me-hei do resto.»

Que é isto? É «o verdadeiro poder do povo»? Mas o czar Nicolau cria também que a sua autoridade era verdadeiramente a do povo. Suporá o *ataman* Grigoriev que as suas ordens não significam um domínio exercido sobre o povo e que os seus comissários serão não comissários, mas anjos? Irmãos! Não vêdes como um bando de aventureiros vos incita uns contra os outros, se esforça por levar a perturbação às vossas fileiras revolucionárias

e procura inutilizar-vos, à falsa fé, pelas costas e com o vosso próprio auxílio? Tende cautela! O traidor Grigoriev, que conseguiu vibrar um rude golpe no próprio seio da Revolução, dá ao mesmo tempo o sinal dum levantamento da burguesia. Penetra intensificando o movimento de reacção que organizou, procura penetrar na nossa região vindo da Galícia e Denikine vindo do Don. Infeliz do povo ucraniano se não põe imediatamente frente a todas estas perturbações, tanto as fomentadas no interior como as que o ameaçam do exterior!

Irmãos camponeses, trabalhadores, partidários! Muitos entre vós porão a seguinte questão: que fazer para com os numerosos insurgidos que combateram lealmente pela causa da Revolução e que, em virtude da traição de Grigoriev, se encontram presentemente sob a sua bandeira? Devemos considerá-los como contra-revolucionários? De modo nenhum. Estes camaradas são vítimas dum logro. Estamos persuadidos que o seu próprio instinto de revolucionários lhes abrirá os olhos: eles acabarão por compreender que foram enganados por Grigoriev e abandoná-lo para voltar às fileiras revolucionárias.

Devemos fazer observar também que as razões que determinaram o movimento de Grigoriev têm a sua origem não só no próprio Grigoriev mas também em grande parte na desordem que a Ucrânia tem estado nestes últimos tempos. Desde a vinda dos bolcheviques, a ditadura do seu partido foi aí implantada. Mas sua qualidade de estatistas, apressaram-se a estabelecer por toda a parte órgãos governamentais, a fim de reger o povo revolucionário. Tudo deve ser-lhe submetido e passar pela sua fiscalização vigilante! Toda a veleidade de resistência, de protesto ou mesmo de iniciativa independente foi cruelmente abafada pelas suas Comissões Extraordinárias. Para cúmulo, todos estes órgãos do Governo eram formados por pessoas estranhas tanto ao trabalho como à Revolução. Disto nasceu um estado de coisas tal que todo o povo trabalhador e revolucionário se encontrou reduzido à tutela e à vigilância de pessoas absolutamente afastadas das classes laboriosas e inclinadas a exercer para com elas um regime de satisfação pessoal e de violência. Foi desta maneira que se manifestou a ditadura do partido dos bolcheviques-comunistas. Essa ditadura provocou nas massas populares uma irritação, um movimento de protesto e uma animosidade para com a ordem existente. Grigoriev aproveitou-se desse estado de coisas para se lançar na aventura que empreendeu. Grigoriev é um traidor à revolução e inimigo do povo. Mas o partido dos bolcheviques-comunistas não é menos inimigo do povo trabalhador. Pela sua ditadura irresponsável, este partido suscitou nas massas populares um ódio de que Grigoriev se aproveita hoje, de que se aproveitará amanhã quando

quer outro aventureiro. É por isso que, desmascarando a traição do *ataman* Grigoriev à causa da Revolução, nós pedimos ao mesmo tempo contas ao Partido Comunista pelo movimento do próprio Grigoriev.

Recordamos mais uma vez ao povo trabalhador que não deve esperar a libertação da opressão, da miséria e da violência, senão dos seus próprios esforços. Nenhuma mudança de poder o ajudará nesta obra. Só por meio das suas organizações livres de camponeses e operários é que os trabalhadores poderão atingir a verdadeira Revolução Social — a liberdade integral e a igualdade de facto.

Morte e perda de tudo aos traidores e aos inimigos do povo! Abaixo o ódio de raças! Abaixo os agentes provocadores! Viva a união geral dos operários e dos camponeses! Viva a comuna livre e laboriosa!

Assinado: Conselho do Estado-Maior das tropas ditas do Pai Mackno. Membros: Pai Mackno, A. Tchubenko, Mikhalev-Pavlenko, A. Olkhovik, I. Tchutchko, E. Karpenko, M. Pusanov, V. Charovskiy, P. Archinov, B. Verétnikov.

Agregados: Os membros do Comité Executivo do Soviete dos delegados dos operários, dos camponeses e dos guardas-vermelhos da cidade de Alexandrovsk: o presidente do Conselho Executivo do distrito: Andrustchenko. — Chefe da Secção Administrativa: Chpota — Membro: Garvilov. — Membro do Com. Ex. do Soviete da cidade e comissário político: A. Bondar.

Esta proclamação teve uma tiragem dum grande número de exemplares e foi espalhada entre os camponeses e as tropas da frente; apareceu também o órgão principal dos insurgidos macknovistas *O Caminho para a Liberdade* e no jornal anarquista *Nabat (O Rebate)*.

A aventura de Grigoriev desapareceu tão depressa como apareceu. Provocou numerosos programas antijudaicos, dos quais principalmente um — o de Elisabetegrado — foi terrível. O resultado foi as grandes massas insurreccionais abandonarem Grigoriev prontamente. Os cam-

poneses não podiam estar dispostos durante muito tempo a sustentá-lo, porque viam a sua falta absoluta de seriedade. Grigoriev conservou apenas um núcleo de alguns milhares de homens e entrincheirou-se no fundo do distrito de Alexandria no Governo de Kherson. Contudo, o empreendimento havia causado muita diferença aos bolcheviques. Mas desde que eles souberam o ponto de vista que se tinha colocado a região de Gulai-Polé, respiraram livremente e tranquilizaram-se. As autoridades soviéticas anunciaram estrondosamente por toda a parte que os macknovistas tinham condenado a revolta de Grigoriev. As autoridades procuravam aproveitar a atitude adoptada por estes, para fazer uma vasta campanha de propaganda contra Grigoriev. O nome de Mackno era citado a todo o momento pela Imprensa soviética. Os seus telegramas eram constantemente reimpressos. Distinguiam-no com o título de verdadeiro guarda da Revolução dos operários e dos camponeses. Procurava-se mesmo fazer dele um espantalho para Grigoriev, inventando e espalhando falsas notícias que Grigoriev seria cercado pelas tropas de Mackno e não tardaria a ser feito prisioneiro ou simplesmente aniquilado.

Contudo, todas estas adulações não passavam de hipocrisia pura e não foram de longa duração. Logo que o perigo representado por Grigoriev passou, a propaganda antimacknovista dos bolchevistas surgiu de novo e com mais intensidade.

Foi Trotzky, chegando então à Ucrânia, que deu o modelo para esta campanha: — O movimento insurreccional não era, segundo ele, senão um movimento dos ricos proprietários agrícolas (*kulaks*), procurando estabelecer o seu poder na região. Todos os discursos dos macknovistas e dos anarquistas sobre a comuna libertária dos trabalhadores não eram senão um truque de guerra, pois que os macknovistas e anarquistas aspiravam na realidade a estabelecer a sua própria autoridade anarquista, que seria por fim a dos ricos *kulaks*. (O jornal *A Caminho* n.º 51, artigo de Trotzky: «A Macnovstchina»).

Simultaneamente com esta campanha de agitação conscientemente mentirosa, a vigilância ou, para melhor dizer, o bloqueio da região insurreccional era levado ao extremo. Só à custa das maiores dificuldades é que operários revolucionários atraídos pelas suas simpatias das longínquas paragens da Rússia — de Moscovo, de Petrogrado, de Ivanovo-Voznessesk, do Volga, do Ural e da Sibéria — para a região independente conseguiam lá entrar.

O abastecimento em munições, cartuchos e outras matérias indispensáveis, dispendido quotidianamente na frente cessou duma maneira completa. Grossmann-Rostchine, que tinha vindo de Kharkov para Gulai-Polé quinze dias antes, no momento da revolta de Grigoriev, tinha sido informado da situação difícil da frente pela falta de munições e de cartuchos. Rostchine pareceu prestar a maior atenção a estas informações e tinha-se comprometido a fazer tudo o que pudesse em Kharkov para fazer enviar imediatamente o abastecimento necessário. Mas haviam-se passado já quinze dias e nenhum envio de munições se fizera e a situação na frente tornava-se catastrófica; isto, num momento em que as tropas de Denikine recebiam um reforço considerável justamente no sector em questão pela chegada dos cossacos de Kuban e destacamentos formados no Cáucaso.

Os bolcheviques mediriam todo o alcance do que faziam e das consequências que a sua linha de conduta traria à situação já complicada na Ucrânia? Evidentemente sabiam bem o que estavam fazendo. Haviam adoptado a táctica do bloqueio com o fim de destruir, de anular o poder militar da região. É naturalmente muito mais fácil lutar contra adversários desarmados. Seria mais fácil subordinar os insurgidos faltos de munições e colocados diante da pesada frente de Denikine que os mesmos insurgidos providos do que lhes era necessário para combater.

Mas ao mesmo tempo os bolcheviques não conheciam bem a situação geral em toda a região do Donetz. Não tinham nenhum conhecimento da frente e das forças de que dispunha Denikine; ignoravam da mesma maneira os seus planos imediatos. E, no entanto, contingentes militares

muito importantes tinham sido levantados, bem instruídos e organizados, no Cáucaso, nas regiões de Don e de Kuban para uma campanha geral contra a Revolução. A resistência obstinada mantida durante quatro meses, pela região de Gulai-Polé, tinha impedido as tropas de Denikine de desenvolver seriamente a sua ofensiva para o Norte, porque os insurgidos de Gulai-Polé constituíam um perigo permanente para a sua asa esquerda. As tentativas desesperadas feitas durante quatro meses pelo general Chkuro não tinham conseguido reduzir essa ameaça. Foi pois com a máxima energia que os brancos prepararam a sua segunda campanha que começou no mês de Maio de 1919 com uma enorme amplitude, inesperada mesmo pelos macknovistas. Os bolcheviques não sabiam nada de tudo isto, ou antes nada queriam saber, preocupados como estavam com a luta a sustentar com a macknovstchina.

Desta maneira, a região livre e mesmo toda a Ucrânia estavam ameaçadas de dois lados ao mesmo tempo. Foi então que o Conselho Revolucionário Militar de Gulai-Polé, apreciando toda a gravidade da situação, decidiu convocar um congresso extraordinário de camponeses, operários, partidários e soldados vermelhos de muitas regiões e especialmente dos Governos de Ekaterinoslav, de Khar'kov, Taurida, Kherson e Donetz. Este congresso devia tomar conhecimento da situação geral, visto o perigo mortal representado pelas forças contra-revolucionárias de Denikine e a inaptidão das autoridades soviéticas para empreender qualquer coisa para as deter. O congresso devia determinar o que se havia de fazer e as medidas práticas que os trabalhadores deviam tomar para obviar a este estado de coisas.

É este o texto do apelo dirigido a este respeito pelo Conselho Revolucionário Militar aos trabalhadores da Ucrânia:

CONVOCAÇÃO DO QUARTO CONGRESSO EXTRAORDINÁRIO DOS DELEGADOS DOS CAMPONESES, OPERÁRIOS E PARTIDÁRIOS

Telegrama n.º 416

A todos os Comitês Executivos dos distritos, cantões, comunas e aldeias dos governos de Ekaterinoslav, de Taurida e das regiões vizinhas; a todas as unidades da primeira divisão insurreccional da Ucrânia, dita do Pai Mackno; a todas as tropas do Exército Vermelho dispostas nas mesmas regiões. A todos, todos, todos.

Em sua sessão de 30 de Maio, o Comité Executivo do Conselho Revolucionário Militar, tendo examinado a situação da frente determinada pela ofensiva dos bandos dos brancos, e considerando a situação geral política e económica do poder soviético, chegou à conclusão de que só as próprias massas laboriosas e não quaisquer pessoas ou partidos poderão obter para isto uma solução. É por isso que o Comité Executivo do Conselho Revolucionário Militar da Região de Gulai-Polé decidiu: convocar um congresso extraordinário para o dia 15 de Junho em Gulai-Polé.

Modo de eleição: 1. Os camponeses e os operários escolherão um delegado por três mil pessoas. 2. Os insurgidos e os soldados vermelhos delegarão um representante por unidade de tropas (regimento divisão, etc.) 3. Os estados-maiores: o da divisão do Pai Mackno: 2 delegados; os das brigas: 1 delegado por brigada. 4. Os comitês executivos dos distritos enviarão um delegado por fracção (representação de partido). 5. As organizações de partidos nos distritos; as que admitem os fundamentos do regime soviético enviarão um delegado por organização.

Observações: a) As eleições dos delegados dos operários e camponeses trabalhadores realizar-se-ão nas assembleias gerais de aldeia, de cantão, de fábrica ou de oficina; b) As assembleias separadas de membros dos Sovietes ou dos comitês dessas unidades não poderão proceder a essas eleições; c) Atendendo a que o Conselho Revolucionário Militar não dispõe de numerário necessário, os delegados deverão munir-se de víveres e de dinheiro.

Ordem do dia: a) Relatório do Comité Executivo do Conselho Revolucionário Militar e relatórios dos delegados; b) A actualidade; c) O objectivo, o papel e a missão do Soviete dos delegados dos camponeses, operários partidários e soldados vermelhos da região de Gulai-Polé; d) Reorganização do Conselho Revolucionário Militar da região; e) Administração militar da região; f) Questões de abastecimento; g) Questão operária; h) Questões

financeiras; i) Uniões de camponeses trabalhadores e de operários; j) Questão de segurança pública; k) Questão do exercício da regalia.

1). Assuntos correntes neste movimento.

Assinado: O Comité Executivo do Conselho Revolucionário Militar.

Feito em Gulai-Polé, em 31 de Maio de 1919.

Logo que esta convocação foi lançada, os bolcheviques começaram uma campanha militar em regra contra a *gulai-polstchina*. Enquanto as tropas dos insurgidos marchavam para a morte, resistindo ao assalto furioso dos cossacos de Denikine, os bolcheviques, à frente de numerosos regimentos, irromperam nas aldeias da região insurgida do lado Norte — isto é, pelas costas. Nessas aldeias apoderados dos militantes, executavam-nos imediatamente, destruíam as comunas estabelecidas na região ou as organizações análogas. É fora de dúvida que a nota decisiva desta intervenção tinha sido dada por Trotzky vindo então à Ucrânia. Compreende-se sem dificuldade quais foram os seus sentimentos quando viu a linguagem duma população vivendo livremente e não ligando nenhuma atenção ao poder novo quando leu os jornais deste povo livre em que se falava dele sem temor nem respeito, simplesmente como dum funcionário do Estado. Ele que tinha ameaçado de «varrer com uma vassoura de ferro» todo o anarquismo para fora da Rússia não podia sentir senão uma irritação, um ódio feroz e cego, próprio dos estatistas do seu género. Muitas ordens que foram dirigidas contra a *macknovstchina* estão impregnadas destes sentimentos.

Com uma desenvoltura sem limites, Trotzky dedicou-se a liquidar o movimento macknovista. Começou por publicar a ordem seguinte, em resposta à convocação do Conselho Revolucionário Militar de Gulai-Polé:

Ordem n.º 1824 do Conselho Revolucionário Militar da República, 4 de Junho de 1919, Kharkov.

A todos os comissários militares e a todos os Comités Executivos dos Distritos de Alexandrovsk, de Mariopola, Berdiansk, Bakhmut, Pavlogrado e Kherson.

O Comité Executivo de Gulai-Polé, de acordo com o Estado-Maior da brigada de Mackno, tenta convocar para o dia quinze do mês corrente um congresso de Sovietes e dos insurgidos dos distritos de Alexandrovsk, de Mariopola, Berdiansk, Melitopola, Bakhmut e Pavlogrado. O dito congresso é convocado contra o poder dos Sovietes na Ucrânia e contra a organização da Frente-Sul a que pertence uma brigada de Mackno. Este congresso não poderia ter nenhum outro resultado que não fosse o de suscitar qualquer nova revolta infame no género da de Grigoriev e de entregar a frente aos brancos, diante dos quais a brigada de Mackno não faz senão recuar sem cessar, graças à incapacidade, às tendências criminosas e à traição dos seus chefes.

1. É proibida a constituição do dito Congresso, que se não realizará em caso nenhum.

2. Toda a população camponesa e operária deverá ser prevenida oralmente e por escrito que a participação ao dito congresso será considerada igual a todo o acto de alta traição para com a República dos Sovietes e a Frente.

3. Todos os delegados ao dito Congresso deverão ser imediatamente presos e conduzidos ao Tribunal Militar Revolucionário do 14.º Exército (antigamente 2.º Exército) da Ucrânia.

4. As pessoas que distribuam as convocações de Mackno e do Comité Executivo de Gulai-Polé deverão ser presas.

5. A presente ordem adquire força de lei pela via telegráfica, deve ser amplamente proclamada por toda a parte, afixada em todos os lugares públicos e remetida aos representantes dos Comités Executivos dos cantões e das aldeias, bem como a todos os representantes das autoridades soviéticas, aos comandantes e comissários das unidades de tropas.

Presidente do Conselho Revolucionário Militar da República: Trotzky. — Comandante em chefe: Vatzetis. — Membro do Conselho Revolucionário Militar da República: Aralov. — Comissário Militar de região de Kharkov: Kochkarev.

Este documento é verdadeiramente clássico. Quem se ocupar do estudo da Revolução Russa deverá decorá-lo. Mas quão previdentes e perspicazes haviam sido dois meses antes os camponeses revolucionários, que, na sua admirável resposta a Dybenko citada mais acima, pareciam ter

previsto esta ordem 1824! Eles faziam estas perguntas aos bolcheviques:

Podem existir leis feitas por algumas pessoas intitulado-revolucionárias que lhes permitam colocar um povo mais revolucionário do que elas fora da lei?

O artigo 2.º da ordem de Trotzky responde com precisão que leis semelhantes podem existir e que disso é um exemplo a Ordem n.º 1824.

Existe uma lei — perguntam ainda mais adiante os revolucionários de Gulai-Polé — segundo a qual um revolucionário tem o direito de aplicar os castigos mais rigorosos à massa revolucionária de que se diz o defensor, e isto pelo simples facto de que a mesma massa tomou, sem lhe pedir licença, os bens que o revolucionário lhe tinha prometido: liberdade e igualdade?

O mesmo artigo 2.º da Ordem promulgada por Trotzky responde a isto afirmativamente: a população camponesa e operária inteira é declarada previamente culpada de alta traição no caso de ousar tomar parte no seu próprio Congresso livre.

Ordenam as leis da Revolução que se fuzile um delegado, porque ele crê dever exercer o mandato que lhe foi conferido pela massa revolucionária que o elegeu?

A ordem de Trotzky declara abertamente (artigos 3.º e 4.º) que não só os delegados que se esforcem por efectuar as directivas recebidas por eles das massas revolucionárias mas mesmo os que acabam de ser eleitos e que não tenham tido tempo de se ocupar do seu mandato deverão ser presos e executados. (Ser conduzidos perante o Tribunal Militar Revolucionário do Exército e ser fuzilados é a mesma coisa. Foi o que sucedeu a Kostine, Polunine, Dobrolubov e outros que foram levados ao tribunal do exército e fuzilados, sob a acusação de terem discutido a convocação do Conselho Revolucionário Militar de Gulai-Polé).

O documento, todo ele, representa uma usurpação de tal maneira monstruosa dos direitos dos trabalhadores que é inútil insistir mais sobre este assunto.

Sem se deter a estudar a questão com alguma atenção e retomando a versão habitual, Trotzky considerou Mackno como autor responsável de tudo o que se passava em Gulai-Polé, de todas as disposições revolucionárias da região. Nem sequer reparara que o Congresso era convocado não pelo Estado-Maior da brigada de Mackno, nem pelo Comité Executivo de Gulai-Polé, mas por um órgão perfeitamente independente dos dois: pelo Conselho Revolucionário Militar da região.

Facto significativo: na sua Ordem n.º 1824, Trotzky insinua já a traição dos chefes macknovistas que, diz ele, «recuam sem cessar diante dos brancos». Bastaria alguns dias mais para toda a Imprensa comunista barafustar sobre a pretendida abertura da frente às tropas de Denikine.

Vimos já que esta frente havia sido formada exclusivamente devido aos esforços e aos sacrifícios dos próprios camponeses insurgidos. Nascera num momento muito heróico da sua epopeia, no instante em que a região se tinha libertado de toda a espécie de autoridades. Foi instalada ao Sudeste como sentinela valorosa, defensora da liberdade conquistada. Durante mais de seis meses, os insurgidos revolucionários tinham oposto deste lado uma baragem a uma das correntes mais vigorosas da contra-revolução monárquica; tinham sacrificado muitos milhares dos melhores deles, movidos todos os recursos da região e preparavam-se para defender encarniçadamente a sua liberdade, resistindo à contra-revolução, que começava uma ofensiva geral. O telegrama de L. Kaménev citado mais acima e que foi enviado a respeito da revolta de Grigoriev, demonstra claramente quanto a frente de que se trata era sobretudo, mesmo nos últimos tempos, a obra dos insurgidos. Ele, o delegado plenipotenciário de Moscovo pedia a Mackno informações necessárias sobre a disposição das tropas insurreccionais na frente contra Denikine. Dirigia evidentemente esta pergunta a Mackno, porque em Khar-

kov, onde ele se encontrava nesse momento, não podia obter as informações desejadas, nem mesmo do Comissariado Militar nem do Comandante Chefe. Com certeza Trotzky chegou à Ucrânia quando ela estava já abrasada de dois lados pelo incêndio contra-revolucionário, estava ainda mais mal informado a respeito da frente de Denikine. Não era-lhe precisa uma justificação formal para a sua campanha criminosa contra o povo em revolução; e é com cinismo monstruoso e uma insolência inconcebível que declarou o congresso de camponeses, operários e partidários projectado para o dia 15 de Junho hostil à organização ao fortalecimento da frente Sul. Então os camponeses e insurgidos que fazem todo o possível por manter essa frente que convidam todos os homens capazes de pegarem as armas a alistar-se voluntariamente e à pressa para a defesa (deliberações tomadas pelo 2.º Congresso Regional de 12 de Fevereiro de 1919 — sobre o alistamento voluntário e igualitário) — esses mesmos camponeses e insurgidos pensariam em conspirar contra a sua própria frente? Ser-se-ia levado a crer que estas afirmações emanam de pessoas sofrendo de alienação mental. Mas não, são esboços perfeitamente equilibrados, mas acostumados a tratar o povo com um cinismo sem limites.

A Ordem de Trotzky que acabamos de citar não foi comunicada pelas autoridades soviéticas ao Estado-Maior dos Macknovistas que dela só teve conhecimento — e isto fortuitamente — dois ou três dias mais tarde. Mackno respondeu imediatamente por via telegráfica, declarando deixar o seu posto de comando, em virtude da situação criada, inepta e impossível. Lamentamos não possuir o texto desse telegrama.

Como foi dito mais acima, a Ordem de Trotzky adquiria força de lei por via telegráfica. Os bolcheviques trataram de a executar *manu militari* em todos os seus pontos. As assembleias de operários das oficinas de Alexandrovsky, reunidas pela convocação lançada pelo Conselho Revolucionário Militar da Região de Gulai-Polé, foram dispersas pela força e proibidas sob pena de morte. Quan-

aos camponeses, eram ameaçados pura e simplesmente de ser passados pelas armas ou enforcados. Em diferentes sítios da região, muitas pessoas — Kostine, Polunine, Dobrolubo, etc... — foram presas, incriminadas por terem distribuído a convocação do Conselho e executadas sem mais formalidades.

Além da Ordem N.º 1824, Trotzky publicou muitas outras dirigidas às unidades do Exército Vermelho, incitando-o a destruir a macknovstchina nas suas próprias origens. Além disso, deu ordens secretas para que se apuderassem custasse o que custasse de Mackno, dos membros do Estado-Maior, assim como dos militantes pacíficos que se ocupavam da parte cultural do Movimento e enviá-los todos a conselho de guerra, o que quer dizer, executá-los.

Segundo testemunho duma personagem que comandou várias divisões do Exército Vermelho e afirmações de certos chefes militares então ao serviço dos bolcheviques, Trotzky teria formulado a sua linha de conduta a respeito da macknovstchina pouco mais ou menos desta forma: — «Vale mais ceder a Ucrânia inteira a Denikine que permitir uma expansão do movimento macknovista; o movimento de Denikine, sendo abertamente contra-revolucionário, poderia facilmente ser comprometido pela via da propaganda de classe, ao passo que a macknovstchina se desenvolve no fundo das massas e levanta justamente as massas contra nós.»

Alguns dias antes destes acontecimentos, Mackno fez saber ao Estado-Maior e ao Conselho que os bolcheviques tinham desguarnecido a frente na secção Grichino e que ofereciam assim tropas de Denikine, o acesso livre da região de Gulai-Polé pelo flanco do lado nordeste. E, com efeito, as hordas de cossacos fizeram irrupção na região *não do lado da frente insurreccional, mas da esquerda onde estavam dispostas as forças do Exército Vermelho*. Em consequência disto, o exército macknovista, que mantinha a frente Mariopola-Kutéinikovo-Taganrog, encontrou-se envolvido pelas tropas de Denikine. Estas últimas invadiram com força enorme o próprio coração da região.

Dissemos já que os camponeses de toda a região esperavam um ataque geral de Denikine, que se preparava para isso e tinham resolvido detê-lo com um levantamento de tropas voluntário. Desde o mês de Abril, os camponeses de muitas aldeias tinham dirigido para Gulai-Polé um grande número de combatentes frescos. Mas faltavam armas e munições. Mesmo as antigas unidades que se encontravam na frente não tinham já munições e travavam por vezes ataques contra os brancos com o único fim de as obterem. Os bolcheviques, que se tinham comprometido, em virtude do acordo concluído, a fornecer aos insurgidos o abastecimento necessário, tinham começado desde o mês de Abril a sua obra de sabotagem e de bloqueio. Foi por isso impossível formar a tempo novas tropas apesar da chegada de recrutas voluntários e os resultados faziam-se já sentir.

Num só dia, os camponeses de Gulai-Polé formaram um regimento para tratar de salvar a sua aldeia. Tiveram de se armar, para esse efeito, de utensílios primitivos: machados, chuços, foices, velhas carabinas, espingardas de caça, etc. Puseram-se em marcha ao encontro dos cossacos procurando deter o seu avanço. A 15 quilómetros de Gulai-Polé, na proximidade da aldeia de Seviatodukhovka, esbararam com importantes forças de cossacos do Don e do Kuban. Os gulaipolianos travaram com eles uma luta encarniçada, heróica e mortífera, durante a qual sucumbiram quase todos, com o seu comandante B. Vérétnikov, operário das oficinas Putilov, em Petrógrado, originário de Gulai-Polé, que ocupou em 6 de Junho de 1919. Mackno, com o Estado-Maior do Exército e um destacamento que só tinha uma bateria, recuou até à estação de Gulai-Polé, situada a uns sete quilómetros da aldeia; mas, pela tarde, viu-se obrigado a abandonar também a estação. Tendo organizado todas as forças de que podia ainda dispor, Mackno conseguiu no dia seguinte empreender uma ofensiva sobre Gulai-Polé e chegou a desalojar o inimigo. Mas não ficou senhor da aldeia por muito tempo: uma nova torrente de cossacos obrigou-o a abandoná-la de novo.

É para acentuar que os bolcheviques, embora tendo dado várias ordens dirigidas contra os macknovistas, continuavam nos primeiros dias a mostrar-lhes um rosto sorridente e amável como se nada tivessem feito. Era uma manobra que tinha por fim apoderar-se com segurança dos guias do movimento. A 7 de Junho enviaram a Mackno um comboio blindado, recomendando-lhe que resistisse até à última extremidade e prometendo mandar-lhe outros reforços. Com efeito, alguns destacamentos do Exército Vermelho vieram dois dias depois do lado de Tchaplino à estação de Gaïtchur, distante uns vinte quilómetros de Gulai-Polé; com eles chegaram: o comissário nos exércitos Mejlaúk, Vorochilov e outros. Um contacto entre os comandantes do Exército Vermelho e o dos insurgidos se estabeleceu; uma espécie de Estado-Maior comum aos dois campos foi criado. Mejlaúk e Vorochilov encontravam-se com Mackno no mesmo comboio blindado e dirigiam de acordo as operações militares. Mas, ao mesmo tempo, Vorochilov tinha em seu poder uma ordem assinada por Trotzky, que lhe prescrevia de se apoderar de Mackno e de todos os outros chefes responsáveis da macknovstchina, desarmar as tropas dos insurgidos e fuzilar sem piedade os que tentassem qualquer resistência. Vorochilov esperava só o momento propício para executar a sua missão. Mackno foi advertido a tempo e compreendeu o que lhe restava fazer. Estudou a situação, viu que sangrentos acontecimentos podiam desenrolar-se dum dia para o outro e procurou uma solução satisfatória. Julgou que o melhor seria abandonar o seu posto de comandante da frente insurreccional. Fez esta declaração ao Estado-Maior do Exército dos insurgidos, acrescentando que o seu trabalho nas fileiras na qualidade de simples soldados seria mais útil no momento dado. Foi o que fez. Submeteu ao Comando Superior Soviético uma declaração motivada escrita. É a seguinte:

Estado-Maior do 14.º Exército, Vorochilov. — Kharkov, Presidente do Conselho Revolucionário Militar, Trotzky. — Moscovo. Lenine, Kamenev.

Por causa da Ordem n.º 1824, do Conselho Revolucionário Militar da República, eu expedi ao Estado-Maior do 2.º Exército

e a Trotzky um telegrama com o pedido de me exonerar do posto que ocupo actualmente. Neste momento confirmo a minha declaração e vou expor as razões com que julgo dever reforçá-la. Embora eu tenha feito a guerra, com os insurgidos, apenas contra bandos brancos de Denikine, não pregando ao povo senão o amor da liberdade e da auto-acção — toda a Imprensa soviética oficial como a do partido dos comunistas-bolcheviques espalham a meu respeito boatos indignos dum revolucionário. Tem-se procurado inculcar-me como bandido, um cúmplice de Grigoriev, um conspirador contra a República dos Sovietes com o intuito de restabelecer a ordem capitalista. Assim, num artigo intitulado «*A Macknovstchina*» (jornal «*A Caminho*» n.º 3), Trotzky põe a questão contra quem se levantam os insurgidos macknovistas? E ocupa-se em todo o seu artigo a demonstrar que a macknovstchina não seria senão uma frente de batalha contra o Poder dos Sovietes. Não diz palavra da frente efectiva contra os brancos, duma extensão de mais de cem *verstas* (quilómetros) onde os insurgidos têm sofrido há seis meses e sofrem ainda perdas inúmeras. A Ordem n.º 1824 declarou-me como um conspirador contra a República dos Sovietes e um organizador da rebelião à maneira de Grigoriev.

Considero como um direito inviolável dos operários e dos camponeses, direito conquistado pela Revolução, convocarem eles próprios congressos para tratar e decidir as suas questões especiais ou gerais. E, por isso, a proibição feita pela autoridade central da convocação de tais congressos, a declaração que os proclamava ilícitos (Ordem n.º 1824) é uma violação directa, insolente dos direitos das massas laboriosas.

Conheço bem a atitude das autoridades centrais a meu respeito. Estou absolutamente convencido de que essas autoridades consideram o movimento insurreccional como incompatível com a sua actividade estatista. Ao mesmo tempo, as autoridades centrais julgam que este movimento está estreitamente ligado com a minha pessoa e honram-me com todo o seu ressentimento e todo o seu ódio pelo movimento insurreccional. Não há nada que o demonstre melhor do que o referido artigo de Trotzky onde, afirmando muito conscientemente calúnias e mentiras, patenteia uma animosidade pessoal contra mim.

Esta atitude hostil e que se torna actualmente agressiva das autoridades centrais contra o movimento insurreccional leva inevitavelmente à formação duma frente interior, de cada lado da qual se encontrarão as massas laboriosas que têm fé na Revolução. Considero esta eventualidade como um crime imenso, imperdoável, para com o povo trabalhador e julgo do meu dever fazer tudo o que possa para o combater. O meio mais seguro para evitar que as autoridades cometam esse crime consiste, segundo a minha

opinião, em eu abandonar o posto que ocupo. Suponho que, feito isto, as autoridades centrais cessarão de suspeitar que eu, assim como os insurgidos revolucionários, andemos envolvidos em conspirações anti-soviéticas e que essas autoridades acabarão por considerar a insurreição da Ucrânia como um sério ponto de vista revolucionário, como uma manifestação viva e activa da Revolução social das massas e não como um *clan* hostile, com o qual se tem tido até agora relações frouxas e cheias de desconfiança, regateando-se-lhe cada objecto de munição e por vezes mesmo sabotando-se-lhe positivamente o abastecimento, em virtude do que os insurgidos tiveram muitas vezes de sofrer perdas inúmeras em homens e em terreno ganho à Revolução — o que teria sido possível evitar facilmente, se as autoridades centrais tivessem adoptado uma outra tática. Peço que me tome conta dos meus relatórios e de tudo quanto me está confiado.

Estação de Gaïtchur, 9 de Junho de 1919. — Assinado: Pai Mackno.

*

* *

Entretanto, os destacamentos de insurgidos que se encontravam para lá de Mariopola tinham recuado até Pologui e Alexandrovsk. Mackno juntou-se a eles inesperadamente, escapando-se aos tentáculos com que os bolchevistas o tinham envolvido em Gaïtchur. Imediatamente, o chefe do Estado-Maior do Exército insurreccional, Ozérov, os membros do Estado-Maior Mikhalev-Pavlenko, Burby e muitos membros do Conselho Revolucionário Militar foram traiçoeiramente presos e executados pelos bolcheviques. Foi o sinal de numerosas execuções de macknovistas caídos nessa época nas mãos dos bolcheviques.

A situação de Mackno tornava-se cada vez mais difícil. Devia ou abandonar completamente os seus destacamentos com os quais tinha vivido os mais duros momentos da Revolução na Ucrânia ou chamá-los à luta contra os bolcheviques. Mas esta última eventualidade, em virtude da ofensiva decisiva de Denikine, era para Mackno absolutamente inaceitável. Então, com o sentido revolucionário e a perspicácia que o distinguem, ladeou brilhantemente a

dificuldade: dirigiu uma proclamação circunstanciada aos exércitos insurreccionais, esclarecendo a situação tal como ela era; declarou deixar nessa ocasião o seu posto de comandante e recomendou aos insurgidos que combatessem com a mesma energia contra as tropas de Denikine sem se preocuparem com o facto de, durante um certo tempo, se encontrarem sob o comando dos estados-maiores bolchevistas.

Esta proclamação teve, por efeito, conservar a maior parte dos insurgidos tranquilamente no seu lugar, aceitando o comando vermelho e fazendo parte do Exército Vermelho.

Mas, ao mesmo tempo, os comandantes dos destacamentos de insurgidos resolveram tomar o compromisso de esperar o momento propício para se reunirem todos de novo sob o comando de Mackno sem pôr em risco a frente exterior. (Como veremos mais adiante esse momento foi escolhido pelos insurgidos com um tacto e um a-propósito admiráveis.)

Em seguida, Mackno desapareceu com um reduzido destacamento de cavalaria.

Os regimentos dos insurgidos transformados em regimentos vermelhos e ficando sob as ordens dos seus chefes habituais — Kalachnikov, Kurilenko, Klein, Dermandji e outros — continuaram a deter as tropas de Denikine, impedindo-as de alcançarem Alexandrovsk e Ekaterinoslav.

*
* *

Até ao último momento as sumidades bolchevistas não se apercebiam das verdadeiras dimensões da invasão de Denikine. Alguns dias antes da queda de Kharkov e Ekaterinoslav, Trotzky declarava que Denikine não representava uma ameaça séria e que a Ucrânia de modo nenhum estava em perigo. É verdade que no dia seguinte se vira forçado a admitir que, tendo tomado mais perfeito conhecimento do estado das coisas, devia retirar as suas

afirmações da véspera e reconhecer que Kharkov se encontrava sob uma forte ameaça. Não fez esta confissão senão quando toda a gente já via que, pelo menos então, a Ucrânia estava perdida. Ekaterinoslav sucumbiu no fim do mês de Junho. Kharkov teve a mesma sorte 15 dias depois.

Os bolcheviques ocuparam-se não de ofensiva ou mesmo de defesa, mas unicamente da evacuação da Ucrânia. Todas as tropas do Exército Vermelho foram empregadas neste trabalho. A Ucrânia inteira foi entregue à reacção literalmente sem combate.

E foi então — quando se tornou evidente a todos que os bolcheviques abandonavam a Ucrânia, derrotados, pensando unicamente em conduzir consigo o maior número de homens e de material circulante possível —, foi então que Mackno julgou o momento oportuno para tomar a iniciativa da luta contra a contra-revolução e agir como força revolucionária independente contra Denikine e contra os bolcheviques ao mesmo tempo. Foi dada a comunicação aos destacamentos de insurgidos, que se encontravam temporariamente sob o comando dos chefes do Exército Vermelho, para destituírem os chefes vermelhos e agruparem-se sob a direcção militar de Mackno.

CAPÍTULO VII

A GRANDE RETIRADA DOS MACKNOVISTAS E A SUA VITÓRIA

**Execução de Grigoriev. — A batalha
de Peregonovka. — Derrota das tro-
pas de Denikine. — Era de liberdade**

Dissemos já que Mackno, deixando o seu posto de comandante do exército insurreccional se tinha retirado com um pequeno destacamento de cavalaria. Partira para o lado de Alexandrovsk. Embora os bolcheviques estivessem na disposição de o apanharem no distrito de Gaïtchur, para o executarem, ele teve tempo de entregar oficialmente o comando bem como as contas de administração da divisão insurreccional ao novo chefe de brigada que acabava de ser nomeado pelos bolcheviques. Tinha Mackno o máximo empenho em assim proceder, fazendo disso uma questão de honra, desejando deixar publicamente e honestamente o seu posto, para que os bolchevistas não tivessem nenhum pretexto para o acusar de qualquer coisa que dissesse respeito à administração financeira da divisão que

ele comandava. Tratava-se de fazer um jogo franco, qual Mackno saiu com a sua honra completamente limpa e imaculada.

Entretanto, a ofensiva empreendida por Denikine esmagava as classes laboriosas. Um grande número de camponeses fugitivos juntava-se a Mackno, para o qual convergiam como para o seu guia natural. Foi também a volta dele que se agruparam os numerosos insurgidos e persos na região.

Ao cabo duns quinze dias, um novo destacamento insurreccional se tinha formado sob a direcção de Mackno. Com o auxílio destas novas tropas assim como de algumas fracções do exército insurreccional fundamental chegaram até junto de Alexandrovsk, Mackno ocupou-se em deter as divisões de Denikine, recuando passo a passo, procurando estudar as circunstâncias do momento e aproveitá-las convenientemente.

Espalhando-se rapidamente por toda a Ucrânia os denikinistas não pendiam nunca Mackno de vista, porque não tinham esquecido quantos esforços, inquietações e perdas ele lhes tinha causado durante o Inverno precedente. O comandante denikinista empregou um corpo do exército que consistia em doze a quinze regimentos de cavalaria e de infantaria, especialmente para o combater. Mas não foi só a guerra ao exército macknovista: quase todas as aldeias da região onde as tropas de Denikine conseguiram estabelecer-se foram incendiadas e massacrados os seus habitantes; as casas dos camponeses foram saqueadas, a população maltratada, roubada e frequentemente executada. Era a vingança dos oficiais contra a Revolução.

Desde o primeiro dia da tomada de Gulai-Polé por Denikine, um grande número de camponeses foram fuzilados, as habitações saqueadas e centenas de carriolas e de carros, carregados de víveres e de toda a espécie de objectos pertencendo aos habitantes da aldeia, conduzidos pelos cossacos de Chkurro para o Don e o Kuban. Quase todas as mulheres judias de Gulai-Polé foram violadas.

Foi por isso que o exército de Mackno foi seguido na sua retirada por milhares de famílias camponesas que abandonavam as suas aldeias, conduzindo o seu gado e levando as suas coisas. Uma fila contínua se estendia por centenas de quilómetros, uma verdadeira emigração de povos, um vasto «reino sobre rodas», seguindo o exército na sua marcha para Oeste. Durante a retirada, esta massa enorme e pesada de fugitivos dissipou-se por toda a Ucrânia; a maior parte deles perderam para sempre todos os seus bens e habitações, uma grande quantidade perdeu também a vida.

Mackno começou por se entrincheirar na margem de Dnieper, perto da cidade de Alexandrovsk. Conseguiu durante algum tempo conservar a ponte de Kitchkass (uma das pontes mais importantes da Rússia, atravessando o Dnieper muito perto de Alexandrovsk). Depois, cedendo à superioridade das forças do inimigo, retirou-se para Dolinskaia e daí para Elisabetgrado.

Entretanto, as tropas do Exército Vermelho tinham perdido quase toda a importância como unidade militar na Ucrânia: uma grande parte tinha sido transferida para a Rússia Central e o resto começado a hesitar, testemunhando uma certa desconfiança do comando. Parecia ter chegado o momento de Mackno procurar ganhar a sua causa. Mas a sua atenção tinha de ser dirigida noutro sentido. Havia algum tempo já que uma nuvem negra se erguia no horizonte da Revolução na Ucrânia e Mackno observava-a de perto. Tratava-se do movimento de Grigoriev.

As forças de Grigoriev tinham começado a diminuir muito pouco tempo depois que ele se voltou contra o poder soviético; contudo estava ainda longe de as ter perdido todas; entrincheirou-se com alguns destacamentos no Governo de Kherson e começou uma campanha de guerrilhas dirigida contra os bolcheviques. O número total dos destacamentos submetidos ao seu comando ou, pelo menos, à sua influência e dispersos através o Governo de Kherson abrangia alguns milhares de pessoas. Estas tropas

operavam frequentemente assaltos contra fracções do Exército Vermelho alojadas nos sítios habitados da região; desarmavam-nas, apoderavam-se das aldeias e destruíam as vias férreas. Era este último género de hostilidades que eles aplicavam com mais vontade.

Grigoriev mostrou-se muito hábil neste mister de guerrilheiro. Era mais ele do que os bolcheviques quem detinham o poder na região de Znamenka, de Alexandria e de Elisabetgrado.

A guerra que Grigoriev tinha declarado aos Sovietes inspirou-se não em motivos revolucionários, mas pessoais: no princípio e contra-revolucionários em seguida. Não possuindo uma ideologia estável agregava-se a qualquer movimento em que visse uma vantagem de momento para ele: ao de Petliura para começar, ao bolchevismo em seguida, outra vez a Petliura, para acabar em Denikin.

É fora de toda a dúvida que o próprio Grigoriev era um aventureiro contra-revolucionário. Mas as massas submetidas à sua influência e a região em que ele operava estavam ainda impregnadas do espírito revolucionário. Mackno decidiu fazê-las entrar no número das forças da Revolução. Não era isso possível senão desembaraçando-se de Grigoriev e do seu Estado-Maior. Com a rectidão e a energia que lhe são próprias, Mackno tomou o partido de desmascarar e executar Grigoriev publicamente. Os bolcheviques estatistas que lutavam há muitos meses contra Grigoriev não tinham achado outro expediente que não fosse o de terem posto a sua cabeça a prémio (meio milhão de rublos a quem o matasse e metade desta soma a quem matasse um dos seus cúmplices, como tinha sido anunciado no mês de Junho de 1919 em muitos jornais da Ucrânia). O camponês-revolucionário Mackno, inspirando-se nas necessidades da Revolução, decidiu arrancar em público, e como revolucionário, a máscara com que se cobria Grigoriev. Para conseguir chegar até junto dele, Mackno pôs-se em relações com os seus destacamentos, pretendendo querer unificar todas as forças dos insurgidos.

Pela iniciativa de Mackno, um congresso de insurgidos

dos Governos de Kherson, Ekaterinoslav e de Turida devia reunir-se em 27 de Julho de 1919 na aldeia de Sentovo, perto de Alexandria. A ordem do dia do congresso comportava a organização dum programa de acção para toda a Ucrânia insurreccional, segundo as necessidades do momento. Perto de vinte mil pessoas — camponeses e insurgidos, os destacamentos de Grigoriev e as tropas de Mackno — reuniram-se nesse dia em Sentovo. No número dos oradores inscritos figuravam Grigoriev, Mackno e outros representantes das duas correntes. Grigoriev foi o primeiro a tomar a palavra. Convidava os camponeses e insurgidos a empregar todas as suas forças para expulsar os bolcheviques do país sem desprezar nenhuma força aliada. Dizia mesmo estar disposto a aliar-se neste sentido com Denikin: uma vez sacudido o jugo do bolchevismo, o povo veria então o que se deveria fazer. Esta declaração foi funesta a Grigoriev. Mackno e o seu camarada Tchubenko, tomando a palavra imediatamente, declararam que a luta contra os bolcheviques não seria verdadeiramente revolucionária senão quando fosse travada em nome da Revolução Social. Uma aliança com os piores inimigos do povo — os generais — só podia ser uma aventura contra-revolucionária e criminosa. Grigoriev convidava-os a todos a tomar parte nesta contra-revolução, logo ele era inimigo do povo. Em seguida, Mackno declarou perante todo o congresso que Grigoriev tinha a responder imediatamente pelo pavoroso programa judeu organizado por ele no mês de Maio em Elisabetgrado, assim como por outras violências anti-semitas. — «Miseráveis como Grigoriev são o opróbio de todos os insurgidos da Ucrânia; não podem ser tolerados nas fileiras dos honestos trabalhadores revolucionários» — foi assim que Mackno terminou o seu libelo contra Grigoriev. Este viu então que a situação era má para ele. Quis fazer uso das suas armas. Mas era já tarde: Simeão Karetnik, ajudante de campo de Mackno, abateu-o logo a tiros de colt, enquanto o próprio Mackno aconhia gritando: «Morte ao ataman Grigoriev» e lhe dava o golpe de misericórdia. Os satélites de Grigoriev e os membros do seu

Estado-Maior lançaram-se no conflito, mas um grupo macknovistas colocados previamente junto deles dominaram-nos imediatamente. Tudo isto se passou aos olhos da assembleia no espaço de alguns minutos.

A assembleia, extraordinariamente impressionada no princípio pelo que acabava de se passar, recobrou a serenidade depois das alocações de Mackno, Tchubenko e outros. O congresso reconheceu que o acto cometido tinha a sua justificação revolucionária e histórica. A assembleia decidiu — e esta decisão foi registada na acta — que a macknovstchina assumiria toda a responsabilidade pelos acontecimentos que acabavam de se passar e por todas as suas consequências. A assembleia decidiu também que os destacamentos livres anteriormente submetidos ao comando de Grigoriev se juntassem ao exército geral dos insurgidos macknovistas (1).

*
* *

Dissemos já que as tropas soviéticas, de resto poucas e numerosas, que tinham ficado nas regiões da Ucrânia, desconfiavam dos seus comandantes. Os soldados consideravam a fuga vergonhosa das autoridades soviéticas para fora da Ucrânia como uma defecção à causa da Revolução. Mackno representava para elas o único centro das esperanças revolucionárias do país. Foi para ele que convergiram os olhares de todos os que aspiravam a defender imediatamente a liberdade. Este espírito alcançou igualmente as tropas do Exército Vermelho que se encontravam na Ucrânia. No mês de Julho, os destacamentos bolchevistas situados na Crimeia revoltaram-se, destituíram os seus chefes e puseram-se em marcha para se juntarem às tropas de Mackno. Este golpe de Estado tinha sido organizado por

(1) A acta do congresso assim como a resenha das alocações de Mackno e de Grigoriev e muitos outros documentos pareceram no decurso dos acontecimentos e das lutas armadas do ano de 1920.

comandantes macknovistas que se encontravam então nas fileiras do Exército Soviético: Kalachinokov, Dermendji e Budanov. Tropas importantes do Exército Vermelho avançavam de Novo Bug para Pomostchnaia à procura de Mackno, conduzindo com eles, prisioneiros, os seus chefes da véspera (Ktocherguine, Dybetd e outros). A junção efectuou-se em Dobrovelitchkovka (Governo de Kherson) no princípio do mês de Agosto de 1919. Foi um rude golpe vibrado aos bolcheviques, porque reduzia quase a coisa nenhuma as poucas forças militares que eles ainda possuíam na Ucrânia.

O distrito situado entre Pomostchnaia, Elisabetgrado e Voznessensk (perto de Odessa) foi a primeira paragem em que Mackno se deteve para pôr em ordem as tropas que acorriam para ele de todos os lados. Foi aí que foram formadas quatro brigadas de infantaria e de cavalaria, uma divisão de artilharia e um regimento de metralhadoras — perto de quinze mil combatentes. Uma esquadra de *élite* em número de 150-200 cavaleiros aproximadamente, acompanhando sempre Mackno, não entrava nesse número. Foi com estas forças que os macknovistas empreenderam em seguida uma ofensiva contra as tropas de Denikine.

Os recontros revestiram logo o carácter duma luta das mais encarniçadas. Por várias vezes o exército de Denikine foi repellido a 50 ou mesmo 80 quilómetros para Oeste. Os macknovistas tomaram-lhe, por meio de uma vigorosa luta, três ou quatro comboios blindados, um dos quais muito importante, denominado o *Invencível*. Mas, munidos de reforços novos, os denikinistas conseguiram afastar outra vez os macknovistas para Oeste. Tinham a seu favor a grande superioridade em número e armamento. As tropas de Mackno quase não tinham munições. Além disso, os macknovistas tiveram de se defender, ao mesmo tempo que algumas tropas bolchevistas operavam a sua retirada de Odessa para o Norte. Foi por isso necessário abandonar a região Elisabetgrado-Pmostchnaia-Voznessensk e continuar a recuar.

A retirada efectuava-se no meio de combates incessantes. As tropas de Denikine lançadas em perseguição de Mackno distinguiam-se pela sua energia e a sua obstinação. Sobretudo os regimentos compostos de oficiais eram notáveis pela sua bravura — especialmente o regimento 1 de Sinféropola e o regimento 2 de Labinsk. Combatendo contra eles, Mackno não podia deixar de admirar a sua coragem e o seu desprezo da morte. A cavalaria de Denikine merecia os mais rasgados elogios. Como Mackno o verificava era verdadeiramente uma cavalaria que justificava o seu nome. A muito numerosa do Exército Vermelho, formada mais tarde, não tinha de cavalaria senão o nome. Era incapaz de lutar corpo a corpo e não tomava geralmente parte nos combates senão quando o inimigo já estava desorientado pelo fogo dos canhões e das metralhadoras. Durante toda a guerra civil, a cavalaria vermelha evitou sempre aceitar um duelo com a cavalaria macknovista, embora ultrapassando muito em número esta última. Os regimentos de cavalaria do Cáucaso e os cossacos de Denikine eram outra coisa. Aceitavam sempre a luta aberta ao sabre e caíam sobre o inimigo a toda a brida, sem esperar que estivesse desorganizado pelo fogo dos canhões.

Contudo, mesmo estas *tropas de elite* sucumbiram mais duma vez nos combates contra os macknovistas. Os chefes do exército de Denikine mencionavam frequentemente nos seus papéis, caídos nas mãos dos macknovistas, que nada, em toda a sua campanha, era mais duro e mais terrível para eles do que estas batalhas encarniçadas dadas pela cavalaria e a artilharia de Mackno.

Desde o meado do mês de Agosto de 1919, este corpo de exército denikinista intensificou a perseguição das tropas de Mackno, procurando cercá-las por todos os lados ao mesmo tempo. Mackno via perfeitamente que o menor erro de comando da sua parte podia ser funesto a todo o seu exército. É por isso que ele espiava cuidadosamente o momento em que poderia vibrar um golpe decisivo ao inimigo. No Norte, as tropas de Denikine encontram-se já próximas de Kursk. Mackno considerava esta circunstância, sendo de

opinião que quanto mais eles avançassem na direcção do Norte mais facilmente poderiam ser atacados pela retaguarda. Mas Mackno via-se obrigado a recuar sempre para o Oeste sob a pressão das forças inimigas muito superiores em número. Pelo fim do mês de Agosto, o corpo de exército que pesava sobre Mackno foi ainda reforçado por novas tropas vindo do lado de Odessa e de Voznessensk. A situação piorava. O exército dos insurgidos decidiu-se então a abandonar a proximidade das linhas férreas e começou por fazer ir pelos ares os comboios blindados que se encontravam à sua disposição.

A retirada continuou pelas estradas vicinais de aldeia em aldeia. Os denikistas apertavam sempre o seu cerco. O seu fim era não só desorganizar, mas aniquilar as tropas de Mackno.

Esta retirada, acompanhada de combates quotidianos, durou mais de um mês, até ao momento em que o exército de Mackno chegou perto da cidade de Uman, ocupada nessa época pelas tropas de Petliura. Este último encontrava-se em estado de guerra com Denikine. E foi posta a questão: que fazer dos petliuristas? Declarar-lhes guerra? Ou adoptar qualquer outra táctica a seu respeito? Neste momento o exército de Mackno contava aproximadamente oito mil homens feridos, privados de todo o socorro médico, formando uma vanguarda enorme, ligada ao exército e oferecendo um obstáculo sério aos seus movimentos e operações militares. Depois de ter considerado todos os aspectos da questão, decidiu-se propor aos petliuristas uma espécie de neutralidade militar. Entretanto, uma delegação petliurista tinha chegado de Uman, ao campo de Mackno e tinha-lhe exposto o ponto de vista do comando de Petliura, quanto à situação geral: encontrando-se em estado de guerra com Denikine, os petliuristas desejavam evitar a formação duma nova frente e não queriam encetar as hostilidades com os macknovistas. Isto concordava maravilhosamente com os planos destes. Uma delegação macknovista foi enviada a Shmérinka para concluir um pacto, segundo o qual as duas partes tomavam o compromisso de manter

uma para com a outra uma estrita neutralidade militar, não obstante as divergências políticas que os dividiam. Além disso, os petliuristas comprometiam-se a receber tratamento todos os feridos macknovistas.

Mackno, como o seu estado-maior e o do exército viam bem que esta neutralidade era apenas fictícia e que se devia esperar que dum dia para o outro os petliuristas fizessem causa comum com as forças de Denikine para atacarem juntas os macknovistas. Mas tratava-se para estes, antes de tudo, de ganhar 8 ou 15 dias de descanso, de evitar mesmo um ataque de flanco de Oeste e de não se encontrarem completamente cercados, fechados como num saco. De facto, a atitude dos macknovistas para com os petliuristas não tinha mudado. Tudo se comportava duma maneira perfeitamente fraternal para com os simples soldados petliuristas, os macknovistas continuavam a sua propaganda revolucionária contra as sumidades da petliurovachina e foi justamente nesse momento que o Conselho Revolucionário Militar do exército macknovista fez aparecer um manifesto intitulado «*Quem é Petliura?*», no qual a personalidade deste era desvendada e o seu papel de defensor das classes ricas digno de acabar às mãos dos trabalhadores. Muitos soldados de Petliura, originários das regiões de Zaporojié pertenciam, pelo seu espírito e as suas tradições, verdadeiramente ao grupo dos macknovistas e, se a ofensiva de Denikine não fosse tão furiosa nesse momento, os macknovistas sem nenhuma dúvida teriam ganho uma grande quantidade para as suas fileiras. Os macknovistas pensavam nisto constantemente, os chefes petliuristas suspeitavam-no e, recordando-se do caso de Grigoriev, mantinham em face dos macknovistas uma atitude extremamente prudente.

As suspeitas dos macknovistas quanto à intenção dos petliuristas de parlamentar com Denikine e concertarem-se com ele para agir conjuntamente contra Mackno começavam a realizar-se. Depois do pacto concluído com os petliuristas, o exército macknovista estava no direito de ocupar um território de 10 quilómetros quadrados de

superfície, perto da aldeia de Tekutché, nas proximidades de Uman. As forças de Petliura estavam dispostas ao Norte e a Oeste; as de Denikine encontravam-se a Este e ao Sul do lado de Golta. Esta cláusula do contrato estabelecida pelos petliuristas pareceu logo suspeita. E, efectivamente, alguns dias mais tarde, chegou a informação de que negociações tinham sido entabuladas entre os dois campos para assentar num plano de conjunto, tendo por fim cercar as hostes de Mackno e exterminá-las. Ao mesmo tempo — em 24-25 de Setembro — quatro ou cinco regimentos de Denikine foram encontrados na retaguarda das tropas de Mackno, do lado de oeste, onde eles não podiam ter chegado doutra forma senão passando através do terreno ocupado pelos petliuristas, isto é, com o auxílio ou pelo menos a aquiescência destes.

No dia 25 de Setembro à tarde, os macknovistas eram cercados por todos os lados pelas tropas de Denikine, cujo grosso de forças estava concentrado para o oeste. A própria cidade de Uman se encontrava em poder de Denikine. O momento de agir tinha chegado. Ia decidir-se da sorte do exército dos insurgidos.

*
* *

A retirada dos macknovistas numa extensão de mais de 600 quilómetros havia durado perto de quatro meses. Tinha sido duma dificuldade inaudita. Aos insurgidos faltava-lhes tudo — vestuário e calçado. Por um calor torrido, envoltos em nuvens de pó, sob a metralha e uma saraivada de balas e de obuses, afastavam-se da sua região, caminhando para um destino ignorado. Mas estavam todos animados pela sua ideia, pela esperança íntima de triunfarem do inimigo e suportavam estoicamente os rigores da situação. Apenas, às vezes, os menos pacientes exclamavam: «*Voltemos para o Dnieper!*», mas a implacável necessidade impelia-os sempre para longe de Dnieper e do seu distrito. Com uma paciência suprema, procurando cada um deles fazer um apelo à própria vontade para a não

se deixar sucumbir, seguiam sob um fogo terrível e contínuo do inimigo o seu guia querido. — Uman marcara o fim da retirada. Era impossível passar além: o inimigo surgira de todos os lados ao mesmo tempo. Foi então que Mackno, com a simplicidade que lhe era própria e o dom que tinha de despertar o heroísmo nos seus camaradas, declarou que a retirada realizada não tinha sido mais do que uma estratégia forçada, que a verdadeira guerra ia começar e deveria começar já no dia seguinte 26 de Setembro.

Importava conhecer a situação das tropas de Denikine ao Norte, assim como nas outras direcções. Feito isto, Mackno deixou-se penetrar pela convicção de que a sorte que lhe oferecia uma vantagem maravilhosa: a possibilidade de vibrar um golpe mortal a toda a contra-revolução denikinista. Esta possibilidade aparecia aos seus olhos dum modo tangível. Tratava-se apenas de despedaçar o círculo que envolvia e paralisava o exército macknovista.

No dia 25 de Setembro, as tropas macknovistas que até então tinham marchado para oeste mudaram bruscamente de direcção e marcharam para este, de frente, contra o grosso do exército de Denikine. O primeiro encontro realizou-se a 25 à tarde, perto da aldeia de Krutenkoïé, entre a primeira brigada do exército macknovista e as tropas de Denikine. Estas recuaram para tomar melhores posições e atrair o inimigo. Mas os macknovistas não os perseguiram. Isto iludiu a vigilância do inimigo, que ficou persuadido que os insurgidos pretendiam continuar a sua marcha para Oeste. Entretanto, todas as forças macknovistas dispostas em várias aldeias das proximidades tinham começado a marcha a meio da noite, dirigindo-se para este, onde as forças principais do inimigo estavam concentradas perto da aldeia de Pérégonovka, ocupada pelos macknovistas.

O combate iniciou-se entre as três e quatro horas da manhã. Foi aumentando sempre de intensidade e atingiu o seu ponto culminante pelas oito horas. Foi então uma verdadeira tempestade de metralha. O próprio Mackno, rodeado pela sua escolta de cavaleiros, tinha desaparecido

desde o começo da noite, procurando envolver o inimigo. Durante toda a batalha não se receberam notícias dele. Pelas nove horas da manhã, os macknovistas começaram a perder pé. De diversos lados, as forças inimigas disponíveis chegavam em massa e precipitavam verdadeiras vagas de fogo sobre os macknovistas. O estado-maior do exército insurreccional e todos os que se encontravam na aldeia e podiam manejar uma carabina armaram-se e lançaram-se no combate. Chegara o momento crítico. Parecia que a batalha e, com ela, a causa inteira estava perdida. Foi dada ordem a todos, mesmo às mulheres, que estivessem prontos para fazer fogo contra o inimigo nas ruas. Todos se preparavam para viver os momentos supremos da vida. E eis que de repente o fogo das metralhadoras e os *hurrá* do inimigo começaram a enfraquecer, acabando por se afastarem. Os que se encontravam na aldeia compreenderam que o inimigo tinha recuado e que a batalha prosseguia a uma certa distância. Era Mackno que, surgindo inesperadamente, havia decidido a sorte do combate. Tinha aparecido no próprio momento em que as suas tropas eram repelidas e que o combate estava prestes a desenrolar-se nas ruas de Pérégonovka. Coberto de pó, exausto de fadiga, Mackno surgiu no flanco do inimigo, dum ravina profunda. Em silêncio, sem proferir nenhum apelo, mas com uma vontade ardente e bem firme desenhada no seu rosto, lançou-se, seguido da sua escolta, sobre o inimigo e rompeu as suas linhas. Toda a fadiga e todo o desânimo desapareceram como por encanto entre os macknovistas. — «Batko chegou!... Batko maneja o sabre!...» ouvia-se gritar. E foi então, com uma energia decuplicada, que todos se lançaram de novo para a frente, atrás do guia amado que parecia ter-se votado à morte. Um combate corpo-a-corpo, dum encarniçamento inaudito — uma machadagem, como diziam os macknovistas, se seguiu. Por mais valente que fosse o 1.º regimento de oficiais de Simféropola, foi derrubado e bateu precipitadamente em retirada, mantendo uma ordem perfeita durante os primeiros dez minutos — tinha sido dada a ordem de dispersar *em cadeia* — e procurando deter

a onda dos vencedores, mas pondo-se em seguida em fuga desordenadamente. Os outros regimentos seguiram o exemplo do primeiro e finalmente todas as tropas de Denikin fugiram, tratando de passar o rio Sinukha que corria a um 15 quilómetros da aldeia e de se entrincheirarem na margem oposta. Mackno apressou-se a tirar todo o partido possível da situação, cujas vantagens ele tinha admiravelmente calculado. Lançou a toda a brida a cavalaria e arrastaria em perseguição do inimigo em retirada e lançou-o ele próprio, à frente do seu regimento, mais bem montado pelos caminhos transversais, a fim de apanhar os fugitivos de flanco. Tratava-se dum trajecto de 12 a 15 quilómetros. No momento mais crítico, quando as tropas de Denikin tinham atingido o rio, foram apanhadas pelos cavaleiros de Mackno. Centenas de denikinistas pereceram nas águas. A maior parte teve contudo tempo de passar para a outra margem onde eram já esperados por Mackno em pessoa. O estado-maior da divisão de Denikine e um regimento de reserva que aí se encontravam também foram surpreendidos e feitos prisioneiros. Apenas uma parte insignificante das tropas de Denikine que se encarniçavam, havia dois meses, na perseguição obstinada de Mackno conseguiram salvar-se. O 1.º regimento de oficiais de Simféropola com outros ainda foram saibrados a valer. Numa extensão de dois ou três quilómetros a estrada estava juncada de cadáveres. Por mais horrível que possa parecer este espectáculo a certos olhos, não era senão a consequência natural de duelo travado entre o exército de Denikine e os macknovistas. Durante toda a perseguição feita a estes não se falava senão em os exterminar a todos. O menor passo em falso dado por Mackno teria infalivelmente reservado a mesma sorte ao exército insurreccional revolucionário; as próprias mulheres que tinham acompanhado o exército onde combatiam os seus homens não teriam sido poupadas. Os macknovistas sabiam-no bem, por o terem experimentado nos seus, o tratamento que os esperava e às suas famílias no caso de terem sido vencidos.

*
* *

Conta-se entre os camponeses da Grande Rússia a seguinte lenda sobre Pugatchov⁽¹⁾. Quando Pugatchov caiu, depois de vencido, nas mãos das autoridades, exclamou perante os senhores reunidos em volta dele: «O que eu fiz foi apenas dar-vos uma amostra do que está para vos suceder. Esperai um pouco, que depois de mim virá a verdadeira vassoura que vos há-de levar definitivamente.» Mackno foi essa vassoura histórica do povo durante toda a sua actividade insurreccional revolucionária e, sobretudo, no momento da derrota inflingida aos denikinistas. Depois de ter destruído o grosso das suas tropas, lançou sem perda de tempo o seu exército em três direcções ao mesmo tempo. Ia como uma vassoura gigantesca pelas cidades, pelos burgos e pelas aldeias, dissipando todos os vestígios de exploração e de servidão. Os proprietários agrícolas, os grandes fazendeiros (os «kulaks»), os gendarmes, os padres das aldeias, as autoridades administrativas, os oficiais embuscados — tudo era varrido no caminho vitorioso da macknovstchina. As prisões, os postos de polícia e os comissariados, enfim, todos os símbolos da servidão popular eram destruídos. Todos os que se sabiam serem inimigos activos dos camponeses e dos operários eram votados à morte. Foram sobretudo os grandes proprietários da terra e os grandes fazendeiros exploradores do povo, os «kulaks», que pereceram em maior número. Isto bastaria, parece-nos, para dar um desmentido aos boatos conscientemente falsos dos bolcheviques sobre o carácter «kulak» da macknovstchina. Na realidade, era o contrário que se dava: por toda a parte onde o movimento macknovista começava a abrir caminho, os «kulaks» recorriam à protecção das autoridades soviéticas *que não lha negavam nunca*.

(1) *Pugatchov*, guia duma vasta revolta camponesa no Sul da Rússia, no fim do século XVIII.

O movimento do exército macknovista retomando as margens do Dnieper fazia-se duma maneira fabulosa. No dia seguinte da derrota das tropas de Denikine em Pérégonovka, Mackno encontrava-se já a mais de 100 quilómetros de campo de batalha. Ele próprio, acompanhado da escolta, marchava a umas 40 *verstas* à frente do grosso das tropas. Passou-se mais um dia e os macknovistas tinham-se tornado já senhores de Dolinskaïa, de Krivoï-Rog e de Nikopola. No dia seguinte, ainda a ponte de Kitchkass tomada de assalto e a cidade de Alexandrovsk caía nas mãos dos insurgidos. Estes últimos pareciam penetrar no reino encantado, no da Bela-do-Bosque-Encantado: ninguém aí tinha ainda ouvido falar dos acontecimentos de Uman, nem fazia ideia do lugar onde se encontravam os macknovistas. As autoridades não tomavam nenhuma medida extraordinária, permaneciam nesse estado de letargia própria da retaguarda. É por isso que os macknovistas — como o trovão na Primavera — caíam por toda a parte duma maneira inteiramente inesperada sobre os seus inimigos. Depois de Alexandrovsk, foi a vez de Pologuy, de Gulai-Polé, de Berdiansk, de Melitopola, de Mariopola. Ao cabo de oito ou dez dias, todo o Sul da Ucrânia estava libertado das tropas e das autoridades de Denikine.

A ocupação do Sul de Ucrânia, sobretudo das regiões junto do mar de Azov, pelos macknovistas, significava um perigo de morte para toda a campanha contra-revolucionária de Denikine: com efeito, era entre Volnovakha e Mariopola que se encontrava situada a base principal de abastecimento do exército de Denikine. Logo que Berdiansk e Mariopola foram tomadas, encontraram-se quantidades incalculáveis de munições. Em Volnovakha, os obuses elevavam-se a muitos andares sobrepostos. Embora esta última localidade não tivesse caído logo nas mãos dos macknovistas (a batalha travou-se enraivecidamente durante cinco dias), o material que aí tinham acumulado não podia já servir às tropas de Denikine, visto que as vias férreas de toda a região se encontravam em poder dos insurgidos. Os regimentos de reserva de Denikine dispostos na região

foram aniquilados. Foi assim que toda esta formidável base de artilharia se encontrou cercada pelos macknovistas e não pôde tornar a enviar um único obus nem à frente norte de Denikine nem a qualquer outra.

Os denikinistas lançaram a toda a pressa contra Mackno as tropas acantonadas em reserva perto de Tangarog. Estas tropas foram igualmente batidas e as ondas da macknovstchina rolaram então para o próprio fundo da bacia de Donetz e para o Norte. Nos dias 12-20 de Outubro os insurgidos apoderaram-se de Ekaterinoslav e das suas imediações. Foi então que os chefes do exército de Denikine confessaram a situação tal como ela era. Declararam que o centro de gravidade da sua campanha se transportara da frente norte para a frente sul e que era no Sul que devia decidir-se a sorte da sua causa. O general May Maïevsky, dirigindo-se aos cossacos, dizia: «As nossas terras encontram-se actualmente sob uma ameaça imediata. O inimigo está desenfreado no Sul, ameaçando invadir as nossas habitações. Devemos apressar-nos em ir ao seu encontro para o impedir.» (Discurso de May-Maïevsky, publicado numa das gazetas de Denikine).

Tomando conhecimento da situação, as melhores tropas de cavalaria de Denikine — as comandadas por Mamontov e Chkuro — foram levadas da frente norte e dirigidas para a de Gulai-Polé. Mas era demasiadamente tarde. O incêndio lavrava já em todo o país, das margens do mar Negro e de Azov até Kharkov e Poltava. Graças aos reforços que lhes chegaram e à quantidade de autoblandados de que dispunham, os brancos conseguiram um momento fazer recuar os macknovistas de vários pontos: de Mariopola, Berdiansk, Gulai-Polé, mas em compensação os macknovistas apoderavam-se de Sinelnikovo, Pavlogrado, Ekaterinoslav e outras cidades e povoações. Durante o mês de Outubro e de Novembro a luta retomou o seu antigo encarniçamento e as tropas de Denikine sofreram ainda numerosas derrotas importantes. Foram sobretudo os regimentos caucasianos de Denikine que mais sofreram: os cavaleiros

da Tchéthnia (população muito belicosa habitando a montanha do Cáucaso) e outros pereceram aos milhares. No fim do mês de Novembro, estas tropas declararam categoricamente que se recusavam a continuar a bater contra Mackno e, abandonando os seus postos e a fileiras do exército de Denikine, retomaram o caminho da sua região. Foi o princípio da derrocada final das tropas denikinistas.

Assim Denikine tinha experimentado uma derrota completa na sua luta com a macknovstchina na Rússia Meridional e esta derrota tinha decidido a de toda a empresa contra-revolucionária.

Em conformidade com a verdade histórica, devemos pois estabelecer aqui que a honra de ter aniquilado, no Outono do ano de 1919, a contra-revolução de Denikine, pertence principalmente dos insurgidos macknovistas. Se estes não tivessem obtido a vitória decisiva de Pérégonovka perto de Uman e não tivessem continuado a minar as bases da retaguarda de Denikine, destruindo o seu serviço de abastecimento em artilharia, víveres e munições, os brancos teriam provavelmente feito a sua entrada em Moscovo no fim de Dezembro de 1919. A batalha dos brancos e dos vermelhos perto de Orel teve pouca importância: de facto, a retirada de Denikine para o Sul tinha começado já antes, tendo sido provocada justamente pela derrocada na retaguarda. Todas as operações militares subsequentes dos brancos tinham por fim unicamente proteger a retirada e fazer evacuar as munições e as provisões. Em toda a extensão do caminho — de Orel e Kursk aos confins dos mares Negro e de Azov — o Exército Vermelho avançava sem quase encontrar obstáculos. A sua entrada na Ucrânia e na região do Cáucaso foi efectuada, como um ano antes, quando da queda do *hetman*, por caminhos que já estavam desimpedidos.

*

* *

O lado puramente militar do momento absorvia quase todas as forças dos macknovistas; ficava-lhes muito pouco para um trabalho produtivo no interior. A atmosfera de combate que envolvia toda a região não era, além disso, nada propícia a este género de actividade. Contudo, os macknovistas testemunharam um espírito de iniciativa e uma grande boa vontade neste domínio igualmente. Logo de princípio se apressaram a tomar por toda a parte medidas indispensáveis para evitar desde logo um mal entendido importante: a possibilidade de os tomarem por um novo poder ou um novo partido qualquer. Logo que entravam em qualquer cidade declaravam que não representavam nenhuma autoridade, que a sua força armada não constrangia ninguém a qualquer obrigação, fosse de que natureza fosse, que se limitavam a proteger a liberdade dos trabalhadores. A liberdade dos camponeses e dos operários, diziam os macknovistas, pertence a eles próprios e não pode sofrer nenhuma restrição. É a eles mesmos que compete agir, construir, organizar-se como entenderem em todos os domínios da sua vida. Quanto aos macknovistas, só podem *ajudá-los* como um ou outro *conselho* ou *opinião* e pôr à sua disposição as forças intelectuais ou militares necessárias, mas não querem em nenhum caso *prescrever* seja o que for (1).

Aledandrovsk e a região em volta marcara a primeira estação em que os macknovistas se fixaram por um tempo

(1) Os macknovistas nomeavam comandantes em algumas cidades tomadas. As funções desses comandantes consistiam simplesmente em servir de traço de união entre as tropas que tinham tomado a dita cidade e a população, para fazer saber a esta que medidas, ditadas pelas necessidades da guerra e tendo uma certa repercussão na vida dos habitantes, o comandante militar julgava oportuno que se tomassem. Estes comandantes não dispunham de nenhuma autoridade quer militar quer civil e não deviam intrometer-se de nenhuma maneira na vida social da população.

mais ou menos longo. Dirigiram-se desde logo à mass laboriosa da população para a convidar a tomar parte numa conferência geral dos trabalhadores da cidade. Quando esta conferência se reuniu, um relatório lhe foi feito sobre a situação do distrito sob o ponto de vista militar, depois do que se deliberou sobre a proposta de organizar a vida da cidade e o funcionamento das oficinas e das fábricas pelas forças e os cuidados dos próprios operários e das suas organizações, baseando-se sobre os princípios do trabalho e da igualdade. Os operários aclamaram entusiasticamente esta ideia; contudo, tardavam em encetar o empreendimento perturbados até certo ponto pela sua novidade e inquietos sobretudo pela proximidade da linha da frente, que lhes fazia recear que a situação da cidade fosse pouco segura. A primeira conferência foi seguida em breve por uma segunda. A questão da organização de vida segundo os princípios da auto direcção dos operários foi nessa conferência aprofundada e discutida com animação pelas massas dos trabalhadores que acolheram esta ideia com o maior entusiasmo, mas só muito difficilmente chegavam a encontrar as primeiras formas concretas para a sua aplicação. Os ferroviários deram o primeiro passo nessa direcção: organizaram um *comité*, encarregaram-se de assegurar o funcionamento das vias férreas na região, estabeleceram um plano minucioso para o serviço dos comboios e transporte dos passageiros, o sistema de remuneração, etc. Desde então, o pensamento do proletariado de Alexandrovsk trabalhou sistematicamente na elaboração dum plano de auto direcção operária.

Pouco tempo depois das conferências operárias, realizou-se em Alexandrovsk, a 20 de Outubro de 1919, um congresso regional de camponeses e operários. Tomaram parte nele mais de 200 delegados, dos quais 180 camponeses e duas ou três dúzias de operários. O congresso deliberou não só sobre questões de ordem militar (luta contra Denikine, aumento do exército insurreccional e seu abastecimento) como também acerca doutras que diziam respeito à constituição da vida civil.

Os trabalhos do congresso duraram quase uma semana e notabilizaram-se pelo entusiasmo pouco vulgar dos que nele tomaram parte. O próprio ambiente do congresso contribuiu bastante para isso. Em primeiro lugar, o regresso do exército macknovista vitorioso à sua região natal representava um acontecimento da mais alta importância para a população do campo, porquanto quase que não havia família que não contasse um ou dois membros no número dos insurgidos. Porém, o que era bem mais significativo era que o congresso havia-se reunido sob os auspícios duma *liberdade verdadeira e absoluta*; não se fazia sentir nele nenhuma influência *de cima*. E, para completar, o congresso tinha um colaborador e um relator excelente na pessoa do anarquista Voline, o qual, com grande admiração dos camponeses, traduzia o âmago dos seus pensamentos e das suas aspirações. A ideia dos Sovietes livres, trabalhando de acordo com os desejos da população laboriosa: as relações entre camponeses e operários das cidades, baseadas na troca mútua dos produtos do trabalho respectivo; a ideia duma organização igualitária e libertária da vida, todas essas teses que Voline defendia nos seus relatórios representavam as próprias ideias da massa dos campos, que não concebia a Revolução nem o trabalho criador revolucionário doutra maneira que não fosse nesse sentido e sob esse aspecto.

Os representantes dos partidos políticos tentaram por todos os modos, na primeira sessão deliberativa, introduzir um espírito de discórdia, mas o congresso tem peso opôs-se-lhes e os trabalhos da assembleia seguiram desde essa data com uma unanimidade perfeita...

Os últimos dias dos trabalhos do congresso assemelharam-se a um belo poema. As decisões concretas eram acompanhadas de magníficas explosões de entusiasmo. Todos estavam transfigurados pela fé, na majestade da Revolução e pela confiança nas próprias forças... O espírito da verdadeira liberdade, tal qual nos é raramente dado pressentir, planava na sala. Todos viam ante si, todos concebiam uma obra verdadeiramente grande, que merecia que

se lhe consagrassem todas as forças e, pela qual, valiam mesmo a pena morrer. Diziam os camponeses, entre outros, que jamais esqueceriam este congresso, em que se via muita gente de idade madura e até velhos, e que era o primeiro congresso em que se sentiam não só perfeitamente livres como também irmãos, o que jamais esqueceriam. E, com efeito, é pouco provável que qualquer pessoa que tenha tomado parte nesse congresso algum dia se esqueça dele. Para a maior parte, senão para a totalidade, ficará para sempre gravado na memória como um bel sonho de vida, quando a grande e verdadeira liberdade houver aproximado os homens uns dos outros, dando-lhes a possibilidade de viver reunidos pelo coração e com a alma cheia de amor.

As decisões do congresso diziam respeito em primeiro lugar à elevação dos efectivos do exército insurreccional e à sua consolidação. Decidiu-se que toda a população masculina até à idade de 48 anos, inclusive, seria mobilizada. De acordo com o espírito do congresso, o alistamento deveria ser voluntário e tão geral quanto possível, dada a situação extremamente perigosa em que o distrito se encontrava. Já tivemos acima ocasião de observar o significado que tinha tido a decisão tomada no 2.º congresso regional (de Fevereiro de 1919) relativa ao alistamento voluntário. A resolução tomada a este respeito pelo congresso de Outubro teve o mesmo significado. O congresso decidiu em seguida que o abastecimento do exército seria feito pelas dádivas voluntárias dos camponeses, a ajuntar ao que se tomasse ao inimigo e às requisições que só se fariam nos abastados. Quanto às questões de organização interior, o congresso limitou-se, na ocasião, a indicar as directrizes gerais: os trabalhadores dispensariam em toda a parte toda e qualquer espécie de autoridade e organizariam eles próprios a sua vida pelos seus únicos esforços e meios.

Ao separarem-se os camponeses acentuaram a importância e a necessidade que havia em executar, na prática, as decisões do congresso. Os delegados levaram consigo cópias dessas resoluções, a fim de darem conhecimento delas a toda a região. É certo que, ao cabo de três ou quatro

semanas, os resultados do congresso ter-se-iam feito, na realidade, sentir em todas as localidades do distrito e que o congresso, na opinião de bastantes camponeses e operários, não deixaria de provocar o interesse e a participação das grandes massas proletárias na sua obra geral. Infelizmente, a liberdade destas é sempre espreitada pelo seu pior inimigo: o Poder. Apenas os delegados tinham tido tempo de voltar para as suas casas e já numerosas aldeias eram ocupadas pelas tropas de Denikine, vindas a marchas forçadas da frente norte. É verdade que a invasão foi desta vez de curta duração, derradeira convulsão do inimigo a expirar, mas paralisou e precisamente no melhor momento o trabalho criador dos camponeses. E, visto que do lado do norte se aproximava já uma outra autoridade, o bolchevismo, igualmente hostil à ideia da liberdade das massas, essa invasão fez um mal irreparável à causa dos trabalhadores: não só foi impossível reunir o congresso seguinte como mesmo as decisões do primeiro não puderam ser postas em prática.

Quanto à cidade de Ekaterinoslav, ocupada pelo exército dos insurgidos até ao momento dos trabalhos do congresso, as condições em que se encontrava eram ainda menos favoráveis a toda a tentativa de organização criadora no domínio económico. As tropas de Denikine, repelidas para fora da cidade, tinham encontrado a possibilidade de se entrincheirar do outro lado do rio, na margem esquerda do Dnieper, e não cessaram durante todo o mês de bombardear diariamente a cidade, abrindo o fogo das baterias dos seus numerosos carros blindados. De cada vez que a secção de cultura do exército insurreccional conseguia reunir uma conferência dos operários da cidade, os denikinistas, perfeitamente bem informados, nunca deixaram de aumentar a intensidade do fogo, de lançar projecteis em quantidade sobre os locais, sobretudo onde se devia realizar a sessão, tornando-a assim impossível. Todo o trabalho sério de organização sistemática se encontrava desta maneira paralisado: só com custo se podem fazer algumas reuniões, tanto no coração da cidade como nos arrabaldes.

Contudo, os macknovistas conseguiram fazer aparecer regularmente o seu jornal diário — *O Caminho para a Liberdade* — que deu uma ramificação, um diário do mesmo nome em língua ucraniana (1).

*

* *

Em toda a extensão das regiões libertadas, os macknovistas eram a única organização dispondo de forças suficientes para impor a sua vontade ao inimigo. Mas não usaram nunca dessas forças com um objectivo de domínio

(1) Um dos argumentos empregados de preferência pelos bolcheviques contra os macknovistas é a afirmação, por eles feita, de que os insurgidos nada fizeram durante o tempo em que estiveram de posse de Ekaterinoslav para uma organização criadora na vida dessa cidade. Mas, dizendo isto, os bolcheviques ocultam às massas das circunstâncias duma gravidade especial. É, primeiro, que os macknovistas nunca foram os representantes dum partido ou duma autoridade qualquer. Em Ekaterinoslav constituíam apenas um destacamento militar revolucionário, para a defesa da liberdade da cidade. Nesta qualidade *não lhes pertencia de forma alguma* empreender a realização do programa criador da Revolução. Isso só poderia ser a obra das massas laboriosas da localidade. O exército macknovista, quando muito, o que podia era *ajudar com* a sua opinião, os seus conselhos, o seu espírito de iniciativa e as suas faculdades de organização, o que fez tanto quanto lhe foi possível. Por outro lado, argumentando assim, os bolcheviques ocultam também às massas do povo em que situação excepcional a cidade se encontrava nessa época: durante todo o tempo em que os macknovistas lá se conservaram, a cidade esteve não só em estado de sítio, mas literalmente sitiada. Nem uma hora se passou sem que obuses sobre ela caíssem e explodissem. Foi isso que impediu os operários e não o exército macknovista de organizar a vida, segundo os principios de acção livre.

Pelo que diz respeito à fábula de que os macknovistas teriam declarado aos ferroviários que vinham pedir-lhes auxílio não terem nenhuma necessidade de vias férreas, visto que a estepe e os seus bons cavalos lhes bastavam perfeitamente — essa invenção grosseira foi lançada pelos jornais de Denikine, no mês de Outubro, de 1919, e é a esta fonte que os bolchevistas foram beber, para a fazer servir os seus fins.

ou de influência política; nunca também delas se serviram contra os seus adversários puramente políticos e ideológicos. O adversário militar, o conspirador contra os interesses dos operários e dos camponeses, o aparelho estatista, as prisões — era contra quem que os esforços do seu exército eram dirigidos.

As prisões simbolizam a servidão do povo. Não foram nunca construídas senão para dominar o povo, os operários e os camponeses. Durante séculos, a burguesia de todos os países domou sempre a resistência e o espírito de revolta das massas escravas e rebeldes por meio do cadafalso e da prisão. No presente, igualmente no Estado comunista e socialista, as prisões estão transbordando principalmente do proletariado da cidade e do campo. Um povo livre não tem disso nenhuma necessidade. Se as prisões existem, o povo não é livre. A prisão representa uma ameaça constante para o trabalhador, constitui um atentado à sua consciência e à sua vontade, é um rival manifesto de sua servidão. — Era assim que os macknovistas definiam o seu ponto de vista sobre as prisões. E é, consequentes com ele, que demoliam as cadeias por toda a parte por onde passavam. Em Berdiansk fizeram vir pelos ares a cadeia na presença duma multidão enorme, que tomou também uma parte activa na sua destruição. Da mesma maneira em Alexandrovsk, Krivoi-Rog, Ekaterinoslav e outros lugares, as prisões foram demolidas ou queimadas pelos macknovistas. A população operária aplaudia invariavelmente este acto.

*

* *

É com a maior satisfação que nós podemos acentuar aqui que os macknovistas aplicavam integralmente os principios revolucionários da liberdade de palavra, de consciência, da Imprensa e das associações políticas e partidos. Em todas as cidades e pequenos burgos ocupados pelos macknovistas começavam por levantar todas as proibições e anular todas as restrições impostas, por qualquer poder

que fosse, aos órgãos da Imprensa ou às organizações políticas. A completa liberdade de Imprensa, das associações e das reuniões para toda a gente era declarada imediatamente. Em seis semanas apenas, que foi o tempo que os macknovistas estiveram em Ekaterinoslav, cinco ou seis jornais de orientação política diversa tiveram o seu início: o jornal dos socialistas-revolucionários da direita *Narodovlastié (O Poder do Povo)*, o dos socialistas-revolucionários da esquerda *Znamia Vozstania (O Estandarte da Revolta)*, e outros; entre eles o dos bolcheviques *Zviézdá (A Estrela)* que, como era justo, deveriam ter menos do que quaisquer outros o direito de contarem para eles com uma tal liberdade de Imprensa e de associação: primeiramente, porque eles tinham destruído por toda a parte onde tinham podido a liberdade de Imprensa e de associação para as classes operárias; e em seguida porque tinham sido as suas organizações locais que tinham tomado uma parte directa na invasão criminosa de Gulaï-Polé no mês de Junho de 1919 e que deveriam, em boa justiça, sofrer-lhe as consequências e a responsabilidade.

Com o fim de não ensombrar os grandes princípios da liberdade de expressão e de associação, não foram incomodados, e puderam gozar, tal como todas as outras correntes políticas, de todos os direitos inscritos na bandeira da revolução proletária.

A única restrição que os macknovistas julgaram necessário impor aos bolcheviques, aos socialistas-revolucionários de esquerda e a outros estatistas, foi a de não poderem formar comités revolucionários jacobinos que tinham como fim exercer sobre o povo uma ditadura autoritária. Em Alexandrovsk e Ekaterinoslav, enquanto as tropas de Mackno se apoderavam dessas cidades, os bolcheviques apressaram-se a organizar esse género de comités, para estabelecer o seu poder e governar a população. Em Alexandrovsk, os membros do comité chegaram até a propor a Mackno que compartilhasse a sua esfera de acção, quer dizer, ele exercia o poder militar e reservava ao comité toda a liberdade de acção e de autoridade no domínio político

e civil. Ao que Mackno respondeu que os aconselhava a ocuparem-se de um trabalho honesto, em vez de tentarem impor a sua vontade ao povo trabalhador. Ameaçou também trespassar com as armas todos os membros do comité comunista no caso de estes tentarem levar a cabo a mais pequena medida autoritária contra o povo trabalhador. Em Ekaterinoslav, também um comité revolucionário do mesmo género foi dissolvido da mesma maneira. Quanto a este ponto de vista os macknovistas operavam com muita energia e consequência. Ao garantir e defender a completa liberdade de expressão e associação, não deviam vacilar, sem dúvida, em tomar todas as medidas possíveis contra as organizações políticas que se ativessem a impor pela força a sua vontade e autoridade a todos os trabalhadores. E quando, no mês de Novembro de 1919, o comandante do 3.º regimento insurreccional macknovista, Crimea Polonsky, se encontrou comprometido numa organização autoritária deste género, foi executado juntamente com outros membros dessa organização.

Eis aqui o que declararam os macknovistas a propósito da liberdade de Imprensa e de associação:

«1. Todos os partidos, organizações e correntes políticas socialistas têm o direito de propagar livremente as suas ideias, teorias, pontos de vista e opiniões, tanto oralmente como por escrito. Nenhuma restrição da liberdade dos socialistas, de Imprensa e de expressão poderá ser admitida e não poderão ser objecto de perseguição por causa disso.

Nota: Os comunicados militares não poderão ser impressos senão sob a condição expressa de que tenham sido proporcionados pela direcção do órgão central dos guerrilheiros revolucionários.

2. Ao dar a todos os partidos e organizações políticas plena e inteira liberdade de propagar as suas ideias, o exército dos guerrilheiros previne todos os partidos de que a preparação, organização e imposição de toda a autoridade política às massas trabalhadoras não serão admitidas

pelos guerrilheiros, porque nada tem que ver com a liberdade de propagação de ideias.

Conselho Militar Revolucionário dos Guerrilheiros Macknovistas, Ekaterinoslav, 5 de Novembro de 1919.

No decurso de toda a Revolução Russa a época da macknovstchina foi a única em que a liberdade pode ser realizada em todos os aspectos. Por mais penosa e insegura que fosse a situação em Alexandrovsk e, sobretudo em Ekaterinoslav, onde os projecteis dos carros blindados do exército de Denikine não cessavam de chover, os trabalhadores de ambas as cidades puderam, pela primeira vez, dizer tudo o que queriam e como queriam. Além disso, tinham nas suas mãos a possibilidade preciosa de organizar a sua vida por si próprios.

Ao cabo dum mês os macknovistas foram obrigados a abandonar Ekaterinoslav. Mas tinham tido tempo de mostrar que a liberdade se encontra entre os trabalhadores, que ela começa a raiar e a desenvolver-se quando o espírito libertário e de igualdade se instalam no seu meio.

CAPÍTULO VIII

OS ERROS DOS MACKNOVISTAS SEGUNDA AGRESSÃO DOS BOLCHEVIQUES CONTRA A REGIÃO INSURGIDA

Os esforços empregados pelos macknovistas na sua luta contra Denikine eram enormes. O heroísmo que tinham praticado amplamente durante os últimos seis meses tinha sido notado por todos. Em todo o formidável percurso das regiões libertadas tinham sido apenas eles a fazer ouvir o estrondo do trovão revolucionário e a preparar a vala comum da contra-revolução denikinista. Era desta maneira que as massas do povo, tanto das cidades como do campo, entendiam os acontecimentos que se tinham dado.

Esta circunstância contribuiu para manter entre muitos macknovistas a firme convicção de que estavam dali em diante garantidos contra toda a provocação da parte dos bolcheviques, visto a opinião dos camponeses e operários de que o Exército Vermelho, que avançava nesse momento do Norte, compreenderia quão infundadas eram as calúnias do Partido Comunista a respeito dos macknovistas; que esse exército não prestaria mais ouvidos a uma

nova infâmia e provocação do Partido, e que faria, pelo contrário, causa comum com os macknovistas desde que se encontrasse face a face com eles. Mais ainda: o optimismo de certos macknovistas ia até crer inverosímil que o Partido Comunista ousasse, dadas as tendências macknovistas adquiridas e gerais das massas, organizar um novo atentado contra o povo livre.

A actividade militar e revolucionária dos macknovistas acompanhava este estado de espírito. Limitaram-se a ocupar uma parte da região do Dnieper e do Donetz e não procuraram avançar para o Norte e consolidar-se, julgando que logo que se desse a junção dos dois exércitos a tática que conviesse adoptar se desenharia por si própria.

Alguns dos militantes eram de opinião que se não devia atribuir uma importância exagerada ao lado puramente militar, mesmo revolucionário, da causa; que o essencial era dirigir os principais esforços para as massas operárias e camponesas, impeli-las na via da construção revolucionária. Os congressos de camponeses e operários — de distritos, de regiões de províncias — eis o que importava considerar como o primeiro trabalho prático do dia. É por isso que, segundo eles, se devia começar por socorrer a Revolução, para a ajudar a sair do beco bolchevista.

O optimismo dos macknovistas, assim como o seu ponto de vista sobre a necessidade de se entregarem antes de tudo a um trabalho positivo no país, eram perfeitamente sãos, mas não correspondiam à situação tal como ela se tinha desenhado na Ucrânia e foi por isso que os resultados obtidos não foram os que se esperavam.

Havia em primeiro lugar o bolchevismo. Nunca em nenhum caso ele consentiria, pela sua própria natureza, admitir a existência livre e franca dum movimento popular vindo de baixo, das próprias massas, tal como a macknovstchina. Qualquer que fosse a opinião pública das massas operárias e camponesas, o bolchevismo não se coibiria, ao primeiro contacto com o movimento, não só em passar por cima dele, mas tudo fazer para o estrangular e aniquilar. É por isso que os macknovistas, colocados no centro dos

acontecimentos e dos movimentos populares na Ucrânia, deveriam ter começado por se garantirem contra uma semelhante eventualidade. O seu desejo de se consagrarem principalmente a um trabalho positivo — desejo por mais justo e revolucionário que fosse — conservou-se estéril no ambiente especial, criado na Ucrânia desde 1918. O país tinha sido atravessado em todos os sentidos e por várias vezes pelas tropas alemãs e austríacas, por Petliura, Denikine e bolcheviques. Em 1919, a região dos insurgidos tinha sido varrida duma ponta à outra pela onda dos cossacos, dirigindo-se num sentido a princípio e, quatro meses depois, no sentido oposto, devastando tudo no seu caminho. Esta avalanche era seguida de perto por numerosas tropas do Exército Vermelho, que infligiam ao povo revolucionário a mesma devastação interminável.

A região insurgida estava no Verão de 1919 numa situação tal que toda a obra de edificação revolucionária em grande era absolutamente impossível. Parecia que uma ceifa gigantesca, feita de baionetas aceradas, andava de Norte ao Sul e vice-versa, como uma lançadeira dum tear, desfazendo na sua passagem todos os vestígios da obra criadora das massas. Nestas condições os macknovistas estavam reduzidos a apoiar e a insistir sobretudo no lado militar da sua missão e a fazer a guerra a todas as forças adversas.

Era da maior importância ter tomado em linha de conta as condições especiais da vida na região.

O aniquilamento da contra-revolução de Denikine constituía, em Outono de 1919, uma das missões principais da macknovstchina, como afinal de toda a Revolução Russa. Esta missão desempenharam-na os macknovistas até ao fim. Mas não constituía *toda* a missão histórica que coubera, na Revolução Russa, aos macknovistas durante esse período trágico. O país em Revolução, libertado das forças de Denikine, exigia imperiosamente uma organização de defesa imediata em toda a sua extensão. Sem esta defesa, o país e todas as possibilidades revolucionárias que se abriam perante ele, após a liquidação da denikinstchina,

arriscavam-se diariamente a ser esmagados pelos exércitos estatistas dos bolcheviques, que se tinham lançado na Ucrânia em perseguição das tropas de Denikine batendo em retirada.

É pois incontestável que uma das missões históricas impostas em Outono de 1919 pelos acontecimentos à macknovstchina foi a formação dum exército revolucionário de dimensões especiais, para permitir ao povo revolucionário defender a sua liberdade não só numa região isolada e limitada mas em todo o território de insurreição Ucrâniana.

No momento da luta encarniçada contra Denikine, não teria sido nada fácil, mas historicamente necessária e possível, visto que então a maior parte da Ucrânia se encontrava em plena insurreição e pendia, pela sua psicologia para a macknovstchina. Destacamentos de insurgidos vinham juntar-se aos macknovistas, chegados não só da parte Meridional do país mas também do Norte, como por exemplo as tropas de Bilik que ocupavam Poltava. Certos destacamentos, mesmo do Exército Vermelho afluíam da Rússia Central, ávidos de combater pela Revolução social sob as bandeiras da macknovstchina, entre outras, as tropas, muito numerosas comandadas por Ogarkov, vindas do Governo de Orel, para se juntarem aos macknovistas e que chegaram pelo fim de Outubro a Ekaterinoslav, depois de terem tido pelo caminho muitas batalhas com as tropas bolcheviques, como também com as de Denikine.

O estandarte dos macknovistas erguia-se espontaneamente e flutuava em toda a Ucrânia. Só faltava tomar as medidas necessárias para organizar o todo, para fundir todas as numerosas forças armadas, movendo-se por toda a Ucrânia em um só e poderoso Exército Popular Revolucionário, que teria feito a defesa militar em volta do território da Revolução.

Uma tal força, defendendo todo esse território e não apenas uma região limitada, teria servido de argumento mais persuasivo contra os bolcheviques acostumados a operar e a contar com a força.

Contudo, o enebriamento da vitória e uma certa dose de negligência impediram os macknovistas de criar em tempo útil uma força desse género. Foi por isso que, desde que o exército bolchevista fez a sua entrada na Ucrânia, eles se viram na obrigação de se concentrarem na região limitada de Gulai-Polé. Foi uma falta de guerra grave, falta que os bolcheviques não tardaram a aproveitar e cujas consequências pesaram sobre os macknovistas e sobre toda a Revolução na Ucrânia.

*

* *

A epidemia do tifo exantemático, que tinha invadido toda a Rússia atacou também o exército de Mackno. Desde o mês de Outubro metade dos homens estavam doentes. Foi mais uma razão pela qual os macknovistas foram obrigados a deixar Ekaterinoslav, quando esta cidade foi atacada por uma forte parte do exército de Denikine com o general Slastchov à frente. (Esta divisão vinha do Norte, batendo em retirada para a Crimeira. Por consequência, a tomada de Ekaterinoslav para os denikinistas não tinha desta vez nenhuma importância.)

Os macknovistas agruparam-se de novo na região situada entre as cidades de Melitopola, Nicopola e Alexandrovsk. O Estado-Maior deteve-se nesta última cidade. A notícia da aproximação do Exército Vermelho espalhou-se já um tempo antes, os macknovistas não julgavam necessário tomar medidas preventivas, esperando não uma colisão, mas um encontro fraternal.

Numerosas divisões do Exército Vermelho chegaram pelo fim de Dezembro à região de Alexandrovsk e de Ekaterinoslav. Os soldados do Exército Vermelho e os macknovistas saudaram-se fraternalmente e amigavelmente. Uma assembleia comum se realizou, onde os combatentes dos dois exércitos apertaram reciprocamente as mãos declarando que lutavam de acordo contra um inimigo comum: o capitalismo e a contra-revolução. Numerosas unidades do

Exército Vermelho manifestaram mesmo a intenção de passar para as fileiras dos macknovistas.

Mas, nessa ocasião, dirigida ao comandante do exército macknovista, chegou do Conselho Revolucionário Militar do 14.º Corpo do Exército Vermelho a ordem de dirigir o exército insurreccional para a frente polaca. Todos compreenderam logo que se tratava dum primeiro passo para um novo ataque dos bolcheviques contra os macknovistas. Enviar o exército insurreccional para a frente polaca — isso equivalia a cortar cerce o nervo principal do movimento na região. Era justamente o que desejavam os bolcheviques, a fim de poderem ser senhores incontestados na região rebelde e os macknovistas perceberam-no perfeitamente. Além disso, a ordem em si mesma despertou a indignação dos macknovistas; nem o 14.º Corpo de Exército nem nenhum outro, aliás, tinha com eles qualquer ligação de forma a poder dar qualquer ordem ao exército insurreccional, que não era subordinado de nenhuma unidade militar vermelha e que tinha suportado só todo o peso da luta contra a contra-revolução na Ucrânia.

O Conselho Revolucionário Militar do Exército Insurreccional respondeu imediatamente à ordem emitida pelo 14.º Corpo de Exército. Essa resposta consistia no seguinte (à falta de documentos escritos, citamos de memória): «O exército dos insurgidos macknovistas demonstrou mais do que qualquer outro o seu espírito revolucionário. Continuará a manter o seu posto de combate na Ucrânia, não tendo nenhuma necessidade de se dirigir à frente polaca cujo fim lhe é além disso desconhecido. Essa partida é mesmo impossível, devido à epidemia do tifo: a metade dos homens, todo o Estado-Maior e o próprio Comandante estão doentes neste momento. O Conselho Revolucionário Militar do Exército Macknovista declara a ordem emitida pelo 14.º Corpo de Exército descabida e provocante.»

Esta resposta dos macknovistas era acompanhada dum manifesto aos soldados do Exército Vermelho, convidando-os a não se deixarem ludibriar pelas manobras provocadoras dos seus chefes. Isto feito, os macknovistas levan-

taram o campo e puseram-se em marcha para Gulai-Polé. Chegaram sem dificuldades e sem incidente pelo caminho. Os soldados do Exército Vermelho não manifestavam nenhum desejo de se oporem a esse movimento. Apenas alguns destacamentos insignificantes e diversas personagens isoladas que tinham ficado na vanguarda do grosso das tropas foram feitos prisioneiros pelos bolcheviques.

Pelos meados do mês de Janeiro de 1920, Mackno e os combatentes do seu exército foram de novo declarados, em nome do Comité Revolucionário da Ucrânia, proscritos e fora de lei, pela sua recusa de se dirigir à frente polaca. A datar desse momento, uma luta encarniçada foi travada entre os macknovistas e as autoridades comunistas. Não cremos dever descrever minuciosamente todas as peripécias desta luta que durou nove meses. Diremos apenas que ela foi feita sem piedade dos dois lados igualmente. Os bolcheviques apoiavam-se sobre numerosas divisões, bem armadas e providas de tudo. A fim de evitar uma fraternização entre os soldados do Exército Vermelho e os macknovistas, o comandante bolchevista dirigiu imediatamente contra estes a divisão dos atiradores letões e os destacamentos de chineses — isto é, os corpos que menos conheciam a essência da Revolução Russa e que estavam prontos a obedecer cegamente às ordens dos chefes.

*

* *

No mês de Janeiro, os macknovistas eram dizimados pela epidemia do tifo. Todos os membros do Estado-Maior estavam atacados da doença. O próprio Mackno tinha sido atingido pelo tifo exantemático e duma maneira muito grave. A maior parte dos combatentes tiveram de deixar as fileiras por causa da doença e estavam disseminados pelas aldeias. Era nestas condições que os macknovistas deviam fazer face aos seus numerosos inimigos e cuidar de Mackno, que estava sem acordo, havia muitos dias. Foi um momento de grandes inquietações, de perigos de toda

a natureza, de abnegação e de extraordinárias dedicações e cuidados pelo guia querido. Os insurgidos, simples camponeses das aldeias circunvizinhas, foram tomados dum modo comoção profunda vendo sob que ameaça imediata encontrava Mackno que, estando doente, podia ser feito prisioneiro pelo Exército Vermelho dum dia para o outro. Todos compreendiam perfeitamente que a perda de Mackno seria um golpe terrível, vibrado a toda a causa dos camponeses, não sendo mesmo possível avaliar a importância de tal infelicidade. Assim, os camponeses fizeram tudo o que puderam para o evitar. Seria preciso ver com que solicitude eles transportavam Mackno — em Gulai-Polé e em outras aldeias — duma casa para outra, para o furtar às buscas dos soldados do Exército Vermelho, lançados em sua perseguição; seria preciso ver como, por mais duma vez, no momento crítico, quando o esconderijo de Mackno, sempre sem acordo, ia ser descoberto, eles sacrificavam-se por si próprios, procurando ganhar tempo para que ele pudesse ser transportado para um lugar mais seguro; seria preciso ver tudo isso, para compreender com que dedicação fanática os camponeses estavam prontos a defender o seu guia e quanto eles o estimavam. Não foi senão graças a essa dedicação excepcional que a vida de Mackno foi salva nesses momentos mais críticos do movimento.

*
* *

Embora as tropas bolchevistas fossem dez vezes mais numerosas, os destacamentos de Mackno e o próprio Mackno encontravam-se constantemente fora do seu alcance. Mas os bolchevistas conseguiram estabelecer-se solidariamente em muitos sítios e deter o livre desenvolvimento da região esboçado em 1919. E então começaram as execuções em massa dos camponeses.

Muitas pessoas recordarão como a Imprensa soviética costumava citar, falando da luta contra os insurgidos, o número de macknovistas derrotados feitos prisioneiros e

fuzilados. Mas omitia-se que se tratava na maior parte dos casos não de insurgidos militantes pertencendo ao exército insurreccional, mas simples aldeãos manifestando alguma simpatia pela macknovstchina. A chegada dos soldados do Exército Vermelho a uma aldeia era inevitavelmente acompanhada da prisão de numerosos camponeses que eram em seguida executados ou como insurgidos macknovistas ou como reféns. Os comandantes de diversas divisões vermelhas gostavam muito desta maneira selvagem e ignóbil de fazer a guerra à macknovstchina, preferindo-a à luta aberta contra o próprio Mackno. Eram sobretudo as unidades das divisões 42 e 46 dos atiradores vermelhos que se davam a esse género de exercícios. A aldeia de Gulai-Polé, que mudou uma inúmera quantidade de vezes de possuidor, foi a que sofreu mais. De cada vez que as tropas bolchevistas nela faziam a sua entrada ou eram obrigadas a sair, os comandantes apressavam-se a apoderar-se de algumas dezenas de camponeses, apanhando-os de repente nas ruas e a fuzilá-los.

Cada habitante de Gulai-Polé que tenha ficado com vida poderia contar casos pavorosos. Segundo os cálculos mais moderados, não se poderá avaliar o número de camponeses e operários fuzilados e mutilados pelas autoridades soviéticas na Ucrânia, durante esse período, em menos de 200 mil. Uma quantidade aproximadamente igual de vítimas foi deportada para os confins da Sibéria e outros pontos distantes.

Naturalmente os macknovistas — esses filhos revolucionários dum povo em Revolução — não podiam ficar indiferentes em face duma deformação tão monstruosa da Revolução. Ao terror dos bolcheviques responderam com golpes não menos rudes. Aplicaram aos bolcheviques todas as regras e meios de guerrilhas que tinham sido empregados na sua luta contra a skoropadstchina. Quando a batalha se travava entre as tropas dos macknovistas e as dos bolcheviques, realizava-se segundo as regras da arte militar e eram infelizmente os simples soldados do Exército Vermelho que não caíam em massa. Mas quando os mackno-

vistas conseguiam apoderar-se, sem se trocar nenhum tiro, de alguns destacamentos vermelhos, desarmavam-nos e davam a liberdade aos soldados; os que o desejassem podiam juntar-se aos insurgidos; mas os chefes e os representantes do Partido Comunista em missão nos Exércitos eram geralmente passados a fio de espada, com raras excepções que era quando os soldados pediam por eles.

As autoridades soviéticas e os seus agentes pintavam muitas vezes os macknovistas como assassinos sem piedade, citando longas listas de soldados do Exército Vermelho e de membros do Partido Comunista mortos por eles. Mas fazia-se sempre silêncio sobre um ponto — as circunstâncias em que esses soldados e esses membros do Partido haviam sido mortos. Tinham-no sido sempre *em combates* iniciados na maior parte pelos próprios bolcheviques ou provocados por eles, quando procuravam fazer recuar os macknovistas para uma posição perigosa. A guerra é sempre a guerra; causa inevitavelmente vítimas, tanto dum lado como do outro. Mas os macknovistas sabiam perfeitamente que não faziam a guerra aos soldados do Exército Vermelho em massa ou a cada um deles em especial, mas aos chefes e senhores que dirigiam essa massa, que dela dispunham e que não apreciavam a vida dos soldados senão na parte em que era útil à conservação do seu poder. É por isso que, lutando por vezes com encarniçamento contra as divisões do Exército Vermelho, os macknovistas manifestavam, logo que a batalha terminava, aos soldados do exército inimigo o mesmo espírito de fraternidade e de camaradagem que mantinham entre si. Era para admirar os sentimentos de tacto, de delicadeza, de disciplina espontânea e de honra revolucionária que os macknovistas demonstravam para com os soldados do Exército Vermelho: nenhum dos simples soldados deste exército, feito prisioneiro pelos macknovistas, teve de sofrer fosse o que fosse — e isto num momento em que todos os macknovistas, quaisquer que eles fossem, de que os bolcheviques se apoderassem, eram invariavelmente fuzilados em seguida à vista do Exército Vermelho.

Mas os macknovistas manifestavam outros sentimentos, relativamente aos chefes desse exército e da *aristocracia* do Partido Comunista. Consideravam-nos como os únicos e verdadeiros autores de todos os males e de todos os horrores com que o poder soviético submergia o país. Tinham sido esses chefes que tinham conscientemente aniquilado a liberdade dos trabalhadores e feito da região insurgida uma chaga aberta por onde corria o sangue do povo. É por isso que procediam para com eles duma maneira enérgica, a única que se impunha: esses chefes eram habitualmente executados, ao serem feitos prisioneiros.

O terror dos bolcheviques contra os macknovistas tinha todos os característicos do terror exercido habitualmente pelas classes dominantes. Se os macknovistas prisioneiros não eram fuzilados imediatamente, eram encerrados em prisões e submetidos a toda a espécie de torturas para os obrigar a renegar a sua participação no movimento e a denunciar os seus companheiros e a fazer serviço na Polícia. O ajudante do comandante do 13.º Regimento de insurgidos, Bérézovsky, feito prisioneiro pelos bolcheviques, tornara-se agente da *secção especial* «tcheka»; mas não o fez, segundo ele diz, senão depois de ter sofrido a tortura. Igualmente os bolcheviques não hesitaram em oferecer, por várias vezes, a vida e a liberdade ao chefe do destacamento de engenharia do exército macknovista, Tchubenko, se ele consentisse em prestar-lhes o seu auxílio para matar Mackno.

Durante todo o Verão de 1920, os bolcheviques não cessaram de pensar em organizar o assassinio de Mackno, com o auxílio de qualquer prisioneiro do exército macknovista. Eis o texto dum documento publicado pelos macknovistas por ocasião dum atentado frustrado contra a pessoa de Mackno:

ATENTADO TRAIÇOEIRAMENTE ORGANIZADO PELOS BOLCHEVIQUES-COMUNISTAS PARA ASSASSINAR O PAI MACKNO

Há dois meses que o Estado-Maior dos insurgidos revolucionários da Ucrânia não cessa de receber de vários lados informações, demonstrando que o partido dirigente dos comunistas-bolcheviques, impotente, apesar de todas as suas divisões, para vencer num leal combate a livre insurreição da macknovstchina, se deu a urdir o assassinio, com o auxílio de mercenários, do guia da insurreição revolucionária e do companheiro Nestor Mackno.

Possuímos informações seguras de que, para este fim, uma secção especial foi criada junto da Tcheka Ucrâniana, secção à frente da qual se encontram os carrascos policiais bolchevistas experimentados: Mantzev e Martignov. O pessoal da secção e secção especial foi criada junto da Tcheka Ucrâniana, secção à morte que compravam a sua vida ao preço de serviços a prestar à Tcheka.

Entre os agentes provocadores encontram-se alguns tendo tido de qualquer maneira relações com o movimento anarquista; citemos por exemplo os nomes de Pedro Sidorov Pétrakov (Timan-Ivan), Gemia Ernakova (Ana Sukova), Tchaldon e Burtzev. Estavam ligados aos anarquistas, sobretudo por certos actos armados. Fomos informados, igualmente, que no número destes agentes provocadores se encontra «O grande Nicolau», um individualista que editou o ano passado em Kharkov a revista *Para a Luz* e conhecido também sob o nome de Vassaly.

Este bando de provocadores não conhece limites à sua traição. Tendo sabido, ainda na época em que o poder era exercido por Denikine, muitos nomes e direcções clandestinas dos anarquistas, penetravam nos refúgios dos camaradas e saqueavam-nos, exercendo assim verdadeiros programas; não é preciso dizer que todos os anarquistas que eles conheciam e que eram mais ou menos hostis à autoridade dos bolcheviques foram apanhados por eles e fuzilados. Depois de ter operado desta maneira em Kharkov e em Odessa, este bando, com o seu chefe Mantzev à frente, transportou os seus quartéis para Ekaterinoslav, para aí preparar o assassinio do pai Mackno e obter o pessoal necessário para esse feito.

(1) *Naletchik*, o que faz dos roubos à mão armada um género de profissão. Tipo muito espalhado na Rússia, depois da decomposição definitiva de revoluções bolchevistas, em 1919-1921. As autoridades soviéticas condenavam-nos à morte.

Contudo, os bolcheviques «revolucionários» esqueceram evidentemente, nos três anos em que exerceram o Poder, quão pouco devotados eram os agentes provocadores do czarismo ao seu Governo e quantas vezes saía dentre eles um Petrov que sabia resgatar a sua desonra. O mesmo sucede agora. Entre os agentes provocadores, reduzidos pelos bolchevistas por dinheiro e pela promessa da salvação da vida, encontram-se pessoas que tomadas pelo sentimento do dever moral ou pelos remorsos, sabem frustrar a tempo todas as tentativas do senhor Mantzev e dos seus amigos.

CAPTURA DOS AGENTES DE MANTZEV

(Resumo da acta duma sessão do Soviete)

No dia 20 de Junho último, uma hora depois da chegada duma secção de insurgidos macknovistas a Turkenovka (aldeia situada a 15 *verstas* de Gulaï-Polé), um certo Fédia Glustchenko, que trabalhara o ano precedente no serviço da contra-espionagem do exército insurreccional e que acabava de chegar à aldeia, aproximou-se do camarada Mackno que se encontrava próximo do Estado-Maior e disse-lhe numa voz trémula: «Batko, venha comigo, tenho uma coisa urgente a comunicar-lhe.» O camarada Mackno encarregou-o de fazer a sua comunicação ao camarada Korilenko que se encontrava a alguns passos dali. Fédia confessou que ele próprio e um outro personagem ainda, que nesse momento se aproximava de Mackno, tinham sido enviados a Turkenovka para procurarem assassinar o pai Mackno. Korilenko aproximou-se logo do personagem com muita precaução para não levantar suspeitas e conseguiu desarmar o homem, que se encontrava munido dum revólver «Mauser» e duma «Browning», bem como de duas bombas. O próprio Fédia estava armado dum revólver «Colt».

O indivíduo em questão declarou chamar-se Tiago Kostiukine — um «naletchik» conhecido sob a alcunha de «Yachka, o vilão» — e não tardou a confessar pormenorizadamente e com toda a sinceridade, de viva voz primeiro e por escrito depois, o que ele estava para fazer instigado pelos Matzev e outros, contra os quais se mostrava muito mal disposto. Ele e os seus cúmplices tinham recebido 13 mil rublos em papel do czar e uma certa soma em papel-moeda dos Sovietes. Um plano pormenorizado do assassinio projectado tinha sido cuidadosamente elaborado em Ekaterinoslav por Mantzev, Martynov e Fédia. Kostiukine encontrava-se sob as ordens deste último, que tinha, além disso, por missão, assegurar o auxílio de Zadov, antigo chefe do serviço de contra-espionagem

do 1.º corpo dos macknovistas (grupo do Donetz). Kostiukine acrescentou que só merecia a morte; ofereceu os seus serviços para que quisessem dele, fosse o que fosse; este oferecimento foi naturalmente rejeitado e foi executado no dia seguinte. Morreu pedindo as piores invectivas, sobretudo a respeito de Fédia, que tinha a ele próprio conduzido e em seguida entregado.

Quanto a Fédia, declarou ter sido preso por Mantzev, que lhe tinha oferecido a escolher ou a morte ou o trabalho sob as ordens de Tcheka para o assassinio de Mackno; aceitou esta última proposta, tendo em vista, dizia ele, advertir a tempo o camarada Mackno. Conservou-se durante todo o interrogatório muito firme e reconheceu ter merecido a morte pela sua participação na Tcheka; mas repetiu que o fizera para poder prevenir os camaradas e para morrer às suas mãos e não às dos techekistas. Os insurgidos não podiam evidentemente deixar impune a colaboração na Tcheka, quaisquer que pudessem ser os motivos que tinham induzido Fédia a fazê-lo, porque um verdadeiro revolucionário não deveria nunca pactuar com a Polícia; portanto, a 21 de Junho, Fédia foi executado ao mesmo tempo que Kostiukine. Morreu com o maior sangue-frio, reconhecendo mais uma vez ter merecido a morte, mas pedindo aos assistentes para fazer saber aos seus camaradas macknovistas que tinha morrido não como um traidor, mas como um amigo fiel dos insurgidos, que tinha entrado para o serviço de Tcheka apenas para sacrificar a sua vida à do Pai Mackno. «Que Deus vos ajude»⁽¹⁾ — tais foram as suas últimas palavras.

Eis como terminou a tentativa traiçoeira feita pela Tcheka Ucraniana para assassinar, com o concurso de agentes mercenários, o guia da insurreição revolucionária, o companheiro Mackno.

(Assinado): O Conselho dos Insurgidos Revolucionários (macknovistas) da Ucrânia.

25 de Junho de 1920.

*
* *

Durante todo o ano de 1920 e ainda mais tarde as autoridades soviéticas encetaram uma luta contra a macknovstchina, a pretexto de combaterem o banditismo. Para este fim, provocaram uma agitação intensa, adaptando a sua imprensa e todos os meios de propaganda a esse objec-

(1) Expressão tradicional da Ucrânia, que não tem já nenhuma significação religiosa.

tivo, sustentando a todo o custo essa mentira. Ao mesmo tempo, numerosas divisões de atiradores e cavalaria eram lançados contra os insurgidos, fazendo todo o possível para destruir o movimento e compeli-lo assim efectivamente para o abismo do banditismo. Os macknovistas prisioneiros eram mortos sem dó nem piedade e as suas famílias — pais, mães, esposas — submetidos à tortura ou mortas, os seus bens saqueados, as casas devastadas, etc., tudo isto numa escala intensa. Seria preciso ter uma vontade sobre-humana e desenvolver esforços inauditos, verdadeiramente heróicos, para que a vasta massa de insurgidos, em face de todos estes horrores diariamente cometidos pelas autoridades, se mantivesse em posições estritamente revolucionárias e não se precipitasse a valer, tomada de desespero, no pego do banditismo. Ora essa massa não perdeu nem um só momento a coragem e nunca desceu o pavilhão revolucionário. Para aqueles que tiveram ocasião de a observar durante este período tão duro e tão penoso, esse espectáculo foi um verdadeiro milagre, demonstrando quão profunda era a fé das massas laboriosas na Revolução e quão poderosa era a sua dedicação à causa que os entusiasmava.

*
* *

Durante toda a Primavera e Verão do ano de 1920, os macknovistas tiveram de sustentar luta não contra alguns destacamentos do Exército Vermelho, mas sim contra todo o sistema e contra todas as forças estatistas dos bolcheviques da Rússia e da Ucrânia em peso.

É por isso que as tropas insurgidas se viam por vezes obrigadas, para evitar o contacto com um inimigo muitíssimo superior em força, a afastarem-se da sua base e efectuar marchas forçadas de mil quilómetros e mais. Acontecia-lhes terem de recuar umas vezes para a Bacia do Donetz, outras para os Governos de Karkhov ou Poltava. Estas peregrinações involuntárias foram habitualmente

aproveitadas pelos insurgidos para efeitos de propaganda: cada povoação em que paravam um dia ou dois tornava-se imediatamente um vasto auditório macknovista.

Foi durante este período nómada (Junho-Julho de 1920) que se constituiu o organismo superior de direcção de toda a actividade do movimento macknovista e do exército: O Conselho dos Insurgidos Revolucionários da Ucrânia (macknovistas), formado de sete membros eleitos e ratificados pela massa dos insurgidos. Três secções principais do exército — a dos assuntos e operações militares, a da organização e inspecção e, enfim, a da instrução e cultura — estavam submetidas a este Conselho.

CAPÍTULO IX

ACORDO ENTRE OS MACKNOVISTAS E O GOVERNO DOS SOVIETES. TERCEIRA AGRESSÃO DOS BOLCHEVIQUES

Durante o ano de 1920, os macknovistas tentaram mais duma vez dirigir-se contra Vranghel. Por duas ocasiões chegaram a travar combate com as suas tropas, mas de ambas as vezes, atacadas pela retaguarda pelas tropas vermelhas, viram-se obrigadas a abandonar a linha de fogo e a acção dirigida contra Vranghel.

As autoridades soviéticas não deixavam escapar nada que servisse para destruir a fama dos macknovistas. Os jornais espalhavam por toda a Ucrânia a falsa notícia duma aliança concluída entre Mackno e Vranghel. No Verão de 1920, o representante plenipotenciário do Governo de Kharkov, Iakolev, não hesitou em declarar em sessão plenária do Soviete de Ekaterinoslav que o Governo possuía provas documentais dessa aliança. Escusado será dizer que essa declaração constituía uma mentira intencional. As autoridades soviéticas haviam recorrido a esse logro para influenciarem a massa dos operários que, inquietos pelos

êxitos de Vrangél e pela retirada das forças do Exército Vermelho, começavam a inclinar-se — pelo menos em pensamento — para Mackno e a invocar com mais frequência o seu nome. Ninguém, entre os operários, acreditava nas asserções dos bolcheviques acerca duma pretensa aliança entre Mackno e Vrangél. O povo conhecia de sobejo os processos dos bolcheviques.

Mas Vrangél acabou provavelmente por acreditar na fábula repetida dia a dia pela Imprensa soviética, porque não se encontra outra explicação, além da influência dessa Imprensa, a não ser que se tratasse simplesmente da crassa ignorância do general, para que o facto de Vrangél ter mandado, ele próprio, um delegado a Mackno. É também possível que isto fosse também para sondar o terreno.

Citemos o documento seguinte:

Comunicado da sessão dos comandantes do exército dos insurgidos revolucionários da Ucrânia (macknovista), com data de 9 de Julho de 1920, realizada em Vrémievka, distrito de Mariopola.

Missiva do general Vrangél

Quase no fim da sessão, foi conduzido ao Estado-Maior um emissário do general Vrangél. Era portador da missiva seguinte:

«Ao *ataman* das tropas insurreccionais: Mackno. O Exército russo faz guerra exclusivamente aos comunistas a fim de libertar o povo da comuna e dos commissários e de assegurar aos camponeses laboriosos o gozo das terras que pertenceram ao Estado, aos grandes proprietários rurais e ainda outros. Esta medida já se applica na prática.

«Os soldados e os officiaes russos lutam pela causa do povo e pela sua felicidade. Todos aqueles que se interessam por esta causa devem juntar-se a nós. É por isso que é necessário, actualmente, que luteis com mais energia contra os comunistas, que lhes ataqueis as retaguardas, destruais os meios de transporte e nos ajudeis com todas as vossas forças a esmagar as tropas de Trotsky. O nosso comando superior ajudar-vos-á na medida das suas forças; fornecendo-vos o material e as munições necessárias e enviando-vos especialistas. Enviai até junto de nós o vosso plenipotenciário.

a fim de nos fazer saber aquilo de que tendes particularmente necessidade e de conciliar os nossos planos de acção militar.

«(as): Chefe do Estado-Maior ao Comandante-geral das Forças Armadas da Rússia Meridional: Tenente-General Chatillov; General do Estado-Maior: Konovaletz.»

Melitopola, 18 de Junho de 1920.»

O emissário, que dizia chamar-se Yvan Mikaïlov e ter 28 anos de idade, declarou que tinha recebido a missiva em questão das mãos do ajudante de campo do general Slastchov, com a incumbência de a entregar ao «batko» Mackno e afirmou que entre eles toda a gente estava convencida de que este último trabalhava de acordo com Vrangél.

Popov (secretário do Conselho dos Insurgidos Revolucionários): «Nós acabamos de tratar a questão duma resposta a dar aos vermelhos e resolvemo-la. Tratemos agora de dar uma digna resposta aos bandidos brancos.»

Mackno: «A única resposta que podemos dar a propostas tão infames é decidir que todo e qualquer commissário de Vrangél ou de qualquer representante da direita deve ser immediatamente morto e que mais nenhuma resposta há a dar.

Decidiu-se por unanimidade executar o delegado de Vrangél e encarregar o conselho de dar conhecimento ao público do conteúdo da missiva recebida do Estado-Maior dos brancos assim como de lhe dar a resposta conveniente por meio da Imprensa.

O emissário de Vrangél foi imediatamente executado à vista de todos. Todo este incidente foi comentado na Imprensa macknovista. Os bolcheviques souberam perfeitamente como tudo se tinha passado; no entanto, não deixaram de continuar a afirmar por toda a parte e sem o menor escrúpulo a pretensa aliança de Mackno com Vrangél. Somente após o acordo político e militar concluído entre os macknovistas e as autoridades soviéticas estas se deci-

diram a declarar por intermédio do Comissariado principal da guerra, que Mackno nunca se tinha encontrado em relações com Vrangel e que as informações espalhadas pelas autoridades nesse sentido eram um erro consequente de falsos informes e que, bem pelo contrário, os macknovistas haviam executado os emissários enviados por Vrangel sem entrar em negociações com ele. (Ver as declarações feitas pelo comissariado principal da guerra, intituladas «Mackno e Vrangel» no *Proletário* e outras folhas de Kharkov, de 20 de Outubro de 1920.) Esta declaração, pela qual as autoridades soviéticas se desmentiam a si próprias, não tinha sido feita, evidentemente, pela necessidade de proclamar a verdade, mas somente porque os bolcheviques a isso eram obrigados pelo acordo que acabavam de concluir com os macknovistas.

*

* *

Desde os meados do Verão de 1920, Vrangel começava a tomar resolutamente a superioridade na luta travada. Avançava lentamente, mas com segurança e constituía já uma ameaça grave para a Bacia do Donetz. Dados os acontecimentos que se desenrolavam simultaneamente na frente polaca, esta ameaça poderia estender-se duma maneira nefasta a toda a Revolução.

Os macknovistas não podiam ficar indiferentes ao avanço de Vrangel. Compreendiam claramente que era preciso combater Vrangel sem demora, sem lhe dar tempo de se consolidar na sua luta contra a Revolução. Tudo que se fizesse contra ele aproveitaria necessariamente à Revolução. Mas que fazer aos comunistas? A sua ditadura era também funesta e hostil à liberdade do trabalho como o próprio Vrangel. Contudo, a diferença entre os comunistas e Vrangel consistia em que do lado deles se encontravam as massas tomadas pela fé na Revolução. É verdade que os comunistas enganavam essas massas clinicamente e aproveitavam o entusiasmo revolucionário dos trabalhadores

no interesse do seu poder. Contudo, as próprias massas, opostas a Vrangel, acreditavam na Revolução e esta circunstância era de grande importância. Depois duma discussão ponderada sobre a questão numa conferência do Conselho dos Insurgidos Revolucionários e do Estado-Maior do Exército, foi decidido conduzir a luta contra Vrangel. Era à massa dos insurgidos a quem pertencia dizer em seguida a última palavra e resolver definitivamente a questão.

A assembleia era de parecer que o aniquilamento de Vrangel daria grandes resultados. Isso significaria em primeiro lugar a eliminação dum perigo para a Revolução. Em seguida, a actualidade Russa seria libertada dessa mistura contra-revolucionária de que a Revolução sofrera tanto nos últimos anos movimentados. As massas operárias e camponesas tinham grande necessidade duma tal purificação da atmosfera ambiente que lhes facilitaria a missão que se lhes impunha: olhar com serenidade em volta de si, apurar tudo com clareza, fazer as deduções necessárias e fornecer novas forças à causa da Revolução.

Foi decidido nessa conferência propor aos comunistas uma suspensão das hostilidades entre eles e os macknovistas, a fim de esmagar Vrangel de acordo. Nos meses de Julho e Agosto de 1920 foram enviados telegramas a Moscovo e a Kharkov em nome do conselho e do comandante do Exército Insurreccional. Nenhuma resposta veio. Os comunistas continuavam a sua campanha contra os macknovistas, fazendo-lhes a guerra e cobrindo-os de calúnias. Mas, no mês de Setembro, quando Ekaterinoslav foi abandonado e que Vrangel se apoderou de Berdiansk, Alexandrovsk, Gulai-Polé, Sinelnikovo, uma delegação plenipotenciária do Comité Central do Partido Comunista, com Ivanov à frente, dirigiu-se a Starobelsk, onde acampavam então os macknovistas, para combinar com eles uma acção comum contra Vrangel. As negociações travaram-se imediatamente, em Starobelsk mesmo e foi lá que foram estabelecidos os preliminares do acordo militar e político entre os macknovistas e o poder Soviético. As cláusulas do compromisso

foram enviadas a Kharkov para serem submetidas a uma redacção definitiva e ratificadas. Com este fim e para manter relações seguidas com o Estado-Maior da frente Meridional, uma delegação militar e política dos macknovistas, presidida por Korilenko, Budanov e Popov, foi enviada a Kharkov.

Entre 10 e 15 de Outubro de 1920, as cláusulas do acordo foram redigidas definitivamente e adoptadas de dois lados sob a forma seguinte:

Convenções de acordo militar e político entre o Governo Soviético da Ucrânia e o Exército Insurreccional (macknovista) da Ucrânia.

Parte I — Acordo político

1. Libertação imediata e cessação de toda a perseguição nos territórios das Repúblicas Soviéticas de todos os macknovistas e anarquistas, à excepção dos que travarem uma luta armada contra o Governo dos Sovietes.

2. Agitação e propaganda inteiramente livres, para a palavra e para a Imprensa, das suas ideias e princípios, para todos os macknovistas e anarquistas, excepto, contudo, o apelo a um ataque para o aniquilamento violento do poder dos Sovietes e com a condição de respeitar a censura militar. No que diz respeito a toda a espécie de publicação, os macknovistas e os anarquistas, na qualidade de organizações revolucionárias reconhecidas pelo Governo dos Sovietes, dispõem do aparelho técnico do Estado dos Sovietes submetendo-se às regras técnicas das publicações.

3. Livre participação nas eleições dos soviets; direito para os macknovistas e os anarquistas de serem eleitos, assim como livre participação na organização do próximo V Congresso pan-ucrainiano dos Sovietes que deve realizar-se no mês de Dezembro do ano corrente:

Assinado: Por mandato do Governo dos Sovietes da Rep. Soc. Sov. da Ucrânia: Yakoviev — Plenipotenciários do Conselho e do Comando do Exército Insurreccional Revolucionário (macknovista) da Ucrânia: Korilenko, Popov.

Parte II — Acordo militar

1. O Exército Insurreccional Revolucionário (Macknovista) da Ucrânia faz parte das forças armadas da República como exército de partidários, subordinado para as operações ao comando superior do Exército Vermelho. Mantém a sua estrutura interna previamente estabelecida sem adoptar as bases e os princípios de organização do Exército Vermelho regular.

2. O Exército Insurreccional Revolucionário (Macknovista) da Ucrânia, passando através do território dos Sovietes, encontrando-se na frente ou atravessando as frentes, não aceita nas suas fileiras destacamentos do Exército Vermelho nem desertores desse exército — (Observação do autor: os representantes do Governo dos Sovietes insistiam sobre este último ponto por causa da passagem frequente dos destacamentos do Exército Vermelho para as fileiras dos macknovistas).

Observações:

a) As partes do Exército Vermelho com os soldados vermelhos isolados encontrados na retaguarda da frente Vranghel o Exército Insurreccional Revolucionário e tendo-se juntado a ele devem, ao encontrar o Exército Vermelho, reentrar de novo neste último.

b) Os partidários macknovistas na retaguarda da frente de Vranghel, como a população do país nas fileiras do Exército Insurreccional permanece nesta última, mesmo que tenha sido noutro tempo mobilizado pelo Exército Vermelho.

3. Com o fim de aniquilar o inimigo comum, o Exército Branco, o Exército Insurreccional Revolucionário (Macknovista) da Ucrânia põe as massas trabalhadoras que o acompanham ao corrente do acordo concluído e isto por apelos, convidando a população a cessar toda a acção hostil contra o poder dos Sovietes; a fim de obter mais êxito, o Governo dos Sovietes fará, pelo seu lado, imediatamente publicar as cláusulas do acordo concluído.

4. As famílias dos combatentes do Exército Insurreccional Revolucionário (Macknovista) que habitam o território da República dos Sovietes gozarão dos mesmos direitos que as dos soldados do Exército Vermelho e serão munidas pelo Governo Soviético da Ucrânia de documentos para esse efeito.

(Assinado): Comandante da frente Sul: Frounsé. —
Membros do Conselho Revolucionário da frente Sul: Belakun, Gussev — Delegados plenipotenciários do Conselho e do Comando do Exército Insurreccional Macknovista: Korilenko, Popov.

Quarta cláusula do acordo político

Além das três cláusulas mencionadas mais acima, os representantes do Conselho e do comando do Exército macknovista submetem ao Governo dos Sovietes uma outra cláusula do acordo político assim concebida:

«Sendo um dos pontos essenciais do movimento macknovista a luta pela autodirecção dos trabalhadores, o Exército Insurreccional crê dever insistir sobre o ponto seguinte (4.º): na região onde opera o Exército macknovista, a população operária e camponesa organizará as suas instituições livres para a autodirecção económica e política, que serão autónomas e ligadas federativamente (por pactos) com os órgãos governamentais das Repúblicas Soviéticas.»

*
* *
*

As autoridades soviéticas retardaram durante muito tempo, sob diversos pretextos, a publicação do acordo concluído. Os representantes macknovistas viam nisto um sinal que não prometia nada de bom; mas a significação completa dessas delongas tornou-se clara quando o Governo dos Sovietes desencadeou uma nova agressão brutal e traiçoeira contra os macknovistas. Nós trataremos mais adiante deste assunto.

Notando a falta de franqueza das autoridades soviéticas no que respeitava à publicação das cláusulas do acordo, os macknovistas declararam firmemente que, enquanto o acordo não fosse publicado, o Exército Insurreccional não poderia agir de harmonia com as suas cláusulas. Só depois desta pressão directa é que o Governo dos Sovietes se decidiu enfim a publicar o texto do acordo concluído, mas não dumavez e por inteiro: foi a Parte II (acordo militar) primeiro, a Parte I (acordo político) depois. A significação do pacto foi assim obscurecida e tornou-se pouco compreensível para a maior parte dos leitores. Quanto à cláusula 4 (política) os bolcheviques separaram-na do acordo, pretendendo que lhes era indispensável revê-la à parte e isto teria também de ser feito em Moscovo. O

representantes macknovistas transigiram em tratar esse assunto separadamente.

Isto feito, o Exército macknovista pôs-se em marcha a 15-20 de Outubro para atacar Vrangell. A linha de batalha estendia-se de Sinelinikovo a Alexandrovsk, Pologui, Berdiansk; a direcção tomada era a de Pérécope⁽¹⁾. Desde os primeiros combates entre Pologui e Orékhov, um forte destacamento de tropas de Vrangell com o general Drozdov à frente foi batido completamente e mais de 4 000 soldados foram feitos prisioneiros. Três semanas depois, a região estava libertada das tropas de Vrangell. No princípio do mês de Novembro, os macknovistas, conjuntamente com o Exército Vermelho, encontravam-se já diante de Pérécope.

É indispensável fazer notar aqui um facto que teve grande importância: desde que se espalhou a notícia de que os macknovistas se tinham ligado aos Vermelhos para combater Vrangell, a população da região readquiriu a sua confiança e o seu entusiasmo: a causa de Vrangell estava irrevogavelmente condenada e a sua derrota era esperada por toda a parte dum dia para o outro.

O papel dos macknovistas na libertação da Crimeia das tropas de Vrangell foi o seguinte: enquanto Pérécope era bloqueado por algumas divisões do Exército Vermelho, os macknovistas, seguindo as ordens do Estado-Maior, passaram a 25-30 quilómetros à esquerda, de Pérécope e meteram-se através dos gelos do estreito de Sivach, gelado nessa época. A cavalaria comandada por Martchenko — um camponês anarquista originário de Gulai-Polé — encontrava-se na vanguarda; em seguida vinha o regimento de metralhadoras sob as ordens de Kojine. A travessia fez-se sob o fogo terrível e contínuo do inimigo e custou muitíssimas vidas. O comandante Tomás Kojine, entre outros, foi várias vezes gravemente ferido. Contudo, a impetuosidade e obstinação dos assaltantes obrigaram as tropas de Vrangell

(1) Pérécope, istmo muito estreito que liga a península da Crimeia ao continente.

a fugir. Então Simão Karetnik, que comandava o exército de Crimeia dos macknovistas, dirigiu todas as suas tropas a direito para Simferopola, que foi tomada de assalto em 13 ou 14 de Novembro; ao mesmo tempo, o Exército Vermelho forçava Pérékope. É incontestável que os macknovistas, que tinham penetrado na Crimeia pelo Sivani, tinham poderosamente contribuído para a tomada do istmo, reputado inexpugnável, obrigando Vrangel a lançar-se para o fundo da península da Crimeia, para não ser cercado por todos os lados na garganta de Pérékope.

*
* *

Depois de um longo período de guerra incessante, o acordo concluído entre os macknovistas e o Governo dos Sovietes parecia dar alguma possibilidade de se proceder a um trabalho social ponderado. Insistimos sobre a restrição «alguma», porque, além do facto de em vários lugares se prosseguir a luta encarniçada contra Vrangel (Gulai-Polé, por exemplo, passou mais duma vez durante esse período de mão em mão), as autoridades soviéticas, apesar do acordo concluído, continuavam um meio bloqueio da região e punham quantos empecilhos podiam à acção dos trabalhadores, ocupados na sua obra de edificação revolucionária. Contudo, o núcleo activo dos macknovistas, permanecendo em Gulai-Polé, desenvolvia a máxima energia nessa região.

A atenção principal era dirigida para a organização de Conselhos (Soviets) livres de trabalhadores com função de *self-government* dos operários e dos camponeses da localidade. Estes Conselhos eram baseados sobre a ideia da sua independência de toda a autoridade que quisesse impor-se-lhe. Não eram responsáveis senão para com os trabalhadores da localidade.

Foram precisamente os habitantes de Gulai-Polé que empreenderam as primeiras medidas práticas desse género. Do dia 1 a 25 de Novembro de 1920, não se reuniram

menos de 5 a 7 vezes para deliberar ponderadamente sobre a questão. O Soviete Livre de Gulai-Polé foi fundado pelos meados do mês, mas não podia ser considerado como definitivamente organizado, porque, na qualidade de ensaio prático dos trabalhadores e dum género novo, tinha grande necessidade de tempo e de experiência. Foi também nesta época que o conselho dos insurgidos revolucionários elaborou e publicou os Estatutos Fundamentais do Soviete Livre dos trabalhadores (a título de projecto apenas).

Os trabalhadores de Gulai-Polé consagraram também muitos dos seus cuidados às questões respeitantes à instrução escolar. As incursões repetidas dos diversos exércitos tinham tido uma repercussão funesta no ensino. Os professores, não recebendo há muito nenhuma remuneração, tinham-se dispersado por vários lados, procurando ganhar a sua vida. Os edificios escolares estavam abandonados. Quando o acordo foi concluído entre os macknovistas e o Governo Soviético, a questão escolar foi posta e exigiu a atenção contínua das massas. Os macknovistas decidiram que esta questão só podia ser resolvida com o auxílio da vontade dos trabalhadores. A questão escolar, diziam eles, como qualquer outra que diga respeito às necessidades imediatas dos trabalhadores só poderia ser resolvida por eles. Era a eles mesmos que incumbia o dever de se ocuparem da situação da geração próxima. Mas não era tudo ainda. Encarregando-se da instrução e da educação da juventude, os trabalhadores levantam e purificam a própria ideia do ensino. Nas mãos do povo a escola torna-se mais do que uma fonte de conhecimentos, torna-se, a igual título, um meio para a educação e o desenvolvimento do homem livre, tal como deve ser na sociedade livre e laboriosa. É por isso que, desde os primeiros passos do «self-government» dos trabalhadores, a escola deve ser independente e separada não só da Igreja mas também do Estado.

Guiados por esta ideia, os camponeses e os operários da região saudaram com alegria a ideia da escola separada e completamente independente tanto do Estado como da Igreja. Em Gulai-Polé encontraram-se numerosos adeptos

da escola livre de Francisco Ferrer, como teóricos e discípulos práticos das ideias da escola única do trabalho.

Este novo aspecto da questão escolar produziu um vivo movimento, um grande entusiasmo entre os habitantes de Gulai-Polé. A maior parte das pessoas que se entregavam a um trabalho de cultura entre os camponeses e provindas do próprio meio camponês afluíram de todos os lados para tomar parte na obra nova. Nestor Mackno, embora enfermo nessa época dum terrível ferimento numa perna, interessava-se extraordinariamente por esta questão; frequentava todas as reuniões em que se debatia o assunto e convidava as pessoas competentes para fazerem um curso sobre os princípios e a prática da escola única do trabalho.

Na prática as tentativas dos habitantes de Gulai-Polé no domínio dos trabalhadores escolares foram as seguintes: os camponeses e operários encarregavam-se da manutenção do pessoal pedagógico necessário para todas as escolas da aldeia (Gulai-Polé contava numerosas escolas primárias e dois liceus). Criou-se uma comissão mista — de camponeses, operários e professores — encarregados de satisfazer as necessidades tanto económicas como pedagógicas da vida escolar. Depois de terem adoptado a separação da escola e do Estado, os habitantes de Gulai-Polé adoptaram um plano de ensino livre tendo muita analogia com o de Francisco Ferrer. A comissão escolar tinha elaborado este plano minuciosamente e preparado um estudo teórico bastante profundo sobre o princípio e a organização da escola livre (infelizmente os documentos a isso referentes não se encontram já nas nossas mãos).

Ao mesmo tempo cursos especiais eram organizados em Gulai-Polé para a instrução dos insurgidos iletrados ou pouco letrados. Encontraram-se imediatamente pessoas que haviam demonstrado já uma grande aptidão no ensino dos adultos.

Finalmente cursos de noções políticas foram organizados nesse momento em Gulai-Polé para os insurgidos. O seu fim consistia em lhes dar noções elementares sobre a História, a Sociologia e outras ciências do mesmo género.

a fim de completar o seu arsenal de combate pelo arsenal do saber e prepará-los para uma compreensão mais ampla dos objectivos e da estratégia revolucionária. O ensino nesses cursos era também feito por insurgidos pertencentes ao número dos camponeses e operários tendo lido bastante e estudado. O programa compreendia: a) a Economia; b) a História; c) a Teoria e a Prática do Socialismo e do Anarquismo; d) a História da Revolução Francesa (segundo Kropotkine); e) a História da Insurreição Revolucionária no Seio da Revolução Russa, etc. Os professores de que dispunham os macknovistas eram pouco numerosos e deixavam muito a desejar; apesar disso, e graças aos cuidados e à dedicação prestada, tanto pelos professores como pelos auditores, o trabalho teve desde os primeiros dias um carácter sóbrio e vivo ao mesmo tempo e prometia desempenhar no futuro um papel importante para o desenvolvimento posterior do movimento.

Os macknovistas ocupavam-se igualmente das questões de teatro. Mesmo antes da conclusão do acordo com os bolcheviques, enquanto o exército insurreccional era obrigado a batalhar contra os seus numerosos adversários, conservava sempre a sua secção de teatro, que se ocupava em organizar espectáculos para os insurgidos e os camponeses das aldeias vizinhas logo que a situação estratégica o permitisse.

Gulai-Polé possui um grande edificio para representações teatrais. Mas artistas dramáticos profissionais eram sempre uma excepção na região; na sua falta eram geralmente amadores recrutados entre os camponeses, os operários e os intelectuais (sobretudo o pessoal de ensino e os alunos) da localidade que serviam de actores. Durante a guerra civil, embora Gulai-Polé tivesse sofrido atrocemente, o interesse dos habitantes pela arte dramática não pareceu diminuir: pelo contrário, ia aumentando sempre. No período do acordo com os bolcheviques, quando o bloqueio da região foi levantado, o teatro de Gulai-Polé regorgitava quotidianamente de gente; os camponeses, os insurgidos e suas mulheres tomavam parte nas representações, não

apenas na qualidade de espectadores e de actores mas de autores dramáticos também (1). A secção de cultura e de instrução do exército macknovista tomava uma parte activa e imediata na organização dum bom teatro, tanto em Gulai-Polé como em toda a região.

*
* *
*

Ninguém entre os macknovistas acreditava na grande duração nem na solidez do acordo concluído com os bolcheviques. Os acontecimentos que o tinham precedido

(1) Notemos sobretudo uma peça escrita por um jovem camponês de Gulai-Polé que havia tomado uma parte activa nas diferentes fases do movimento insurreccional. Esta peça intitulava-se: «A Vida dos Macknovistas» e era composta de muitos actos. A acção começava no Verão de 1920, no momento da ocupação de toda a Ucrânia pelo exército de Dénikine. As aldeias, livres até então, são inundadas de polícias e de oficiais. Desde a sua chegada o jugo é de novo imposto aos trabalhadores. Os camponeses são oprimidos e submetidos a perseguições intermináveis; confiscam-se-lhes os bens e fazem-se buscas por toda a parte e sem descanso; procuram-se macknovistas. Massacra-se e fuzila-se para a direita e para a esquerda sem perdoar a idade nem a infância. O espírito de revolta apodera-se dos camponeses. Encontram-se os grupos, falam da sua situação desastrosa, preparam-se para uma nova insurreição e pensam cada vez mais em Mackno, obrigado, três meses antes, a retirar-se sob a pressão dos exércitos de Dénikine e de Trotsky.

Contudo, um boato se propaga que Mackno, vencedor de Dénikine, marcha através da Ucrânia e que se aproxima de novo de Gulai-Polé. Esta notícia dá nova alma e coragem aos habitantes da aldeia. Ouvindo ao longe o troar dos canhões dos macknovistas, levantam-se, empreendem uma luta encarniçada contra as tropas de Dénikine e obrigam-nas a deixar Gulai-Polé, sustentados pela cavalaria de Mackno que opera neste momento a sua entrada.

A peça dá uma imagem fiel da vida nas aldeias ucranianas no Verão de 1919. Os males do povo, a sua emoção intensa, o seu entusiasmo e o seu sublime heroísmo revolucionários são nela descritos com um vigor notável. Toda a atenção do espectador é mantida num grande estado de tensão até ao fim do espectáculo, sem afrouxar um momento.

sugeriam a ideia de que não tardariam a empreender uma nova campanha contra a macknovstchina sob um pretexto qualquer. Contudo as condições políticas do momento permitiam supor que este entendimento duraria pelo menos três ou quatro meses. Esse lapso de tempo devia ter a maior importância para o desenvolvimento dum vasto trabalho de propaganda na região: a necessidade duma acção deste género fazia-se muito sentir e os macknovistas dispunham agora de elementos poderosos para isso. As exigências dos últimos tempos tinham-nos obrigado a abandonar quase inteiramente este género de trabalho. Previa-se sobretudo que o acordo concluído ofereceria uma bela ocasião de pôr em toda a evidência aos olhos dos trabalhadores o fundo essencial das questões sobre que os macknovistas diferiam dos bolcheviques e a respeito dos quais se tinha entre eles travado a luta. Este resultado foi atingido duma maneira mais que satisfatória. A quarta cláusula do acordo político — cláusula sobre a qual os macknovistas insistiam para obter que os bolchevistas reconhecessem o direito do «self-government» económico e social para os operários camponeses — era absolutamente inadmissível aos olhos do governo dos Sovietes. Os representantes da macknovstchina exigiam que as autoridades soviéticas escolhessem: ou assinar o artigo em questão ou explicar francamente porque se recusavam a fazê-lo. Ao mesmo tempo os macknovistas submetem o artigo litigioso à discussão e à opinião das vastas massas trabalhadoras. Em Kharkov os macknovistas e os anarquistas discutiam este tema nas reuniões políticas. Em Gulai-Polé e nas proximidades folhas volantes tratando a questão eram profusamente distribuídas. No meado do mês de Novembro, esta quarta cláusula, cujo enunciado se continha em três ou quatro linhas, atraía por toda a parte a atenção pública e prometia alcançar, no futuro, uma importância capital.

É por essa época que a aventura de Vrangal pôde ser considerada como definitivamente terminada. Para os que não estavam iniciados na política bolchevista essa circunstância não parecia dever influir nas relações entre os mack-

novistas e o Governo Soviético. Mas os que sabiam com o que podiam contar previam o fim do acordo. Logo que o telegrama de Simão Karetnik anunciando que se encontrava com as tropas insurreccionais na Crimeia e se dirigia para Simféropola foi transmitido a Gulai-Polé, o ajudante de campo de Mackno, Gregório Vassilevsky, exclamou: «É o fim do acordo! Aposto tudo em como em oito dias os bolchevistas virão sobre nós.» Isto foi dito a 15 ou 16 de Novembro e a 26 do mesmo mês os bolcheviques atacavam traiçoeiramente o Estado-Maior e as tropas macknovistas na Crimeia lançavam-se ao mesmo tempo contra Gulai-Polé, apoderavam-se dos representantes macknovistas em Karkov e saqueavam todas as organizações libertárias, prendendo todos os anarquistas e procedendo da mesma maneira através de toda a Ucrânia.

As autoridades soviéticas não tardaram a dar explicações deste ataque inesperado e desleal, apresentando o seu argumento predilecto: sustentando que os macknovistas e os anarquistas estavam preparando uma insurreição contra o Governo dos Sovietes. Pretendiam que o objectivo deste levantamento era o parágrafo 4.º do acordo político. Diziam saber que o próprio lugar e data do levantamento estavam já fixados. Acusaram também Mackno de se ter recusado a comparecer na frente caucásica, de ter recrutado tropas entre os camponeses, a fim de preparar um exército contra as autoridades soviéticas; afirmaram que em vez de combater Vrangel na Crimeia se tinha ocupado em combater em luta de guerrilhas a retaguarda do Exército Vermelho, etc.

Não é preciso dizer que todas estas explicações, duma ponta à outra, não passavam duma mentira monstruosa. Possuímos felizmente todos os elementos necessários para destruir este amontoado de calúnias e estabelecer a verdade.

1.º — No dia 23 de Novembro de 1920, os macknovistas capturavam em Pologui e Gulai-Polé nove espiões bolchevistas pertencentes à 42.ª divisão de atiradores do Exército Vermelho, que confessaram ter sido enviados pelo chefe do serviço de contra-espionagem a Gulai-Polé, a fim

de saber com exactidão o domicílio de Mackno, dos membros do Estado-Maior, dos comandantes das tropas insurreccionais e dos membros do Conselho depois do que deviam conservar-se occultamente em Gulai-Polé, para aí esperarem a chegada do Exército Vermelho e indicar logo onde se encontravam todas essas entidades; se a chegada inesperada do Exército Vermelho obrigasse essas pessoas a correr dum lado para o outro para se esconderem, os espiões deveriam segui-los, sem os perder de vista. Os espiões disseram que se devia esperar um ataque contra Gulai-Polé a 24 ou 25 de Novembro.

Fundando-se nisto, o Conselho dos insurgidos revolucionários e o comandante do Exército enviaram a Racovsky e ao Conselho Militar Revolucionário de Karkov uma comunicação minuciosa sobre essa conspiração, exigindo: 1.º — a prisão imediata e o julgamento em tribunal marcial do chefe da 42.ª divisão, do chefe do seu estado-maior e outras entidades que tinham tomado parte na conspiração e 2.º — a proibição dos destacamentos do Exército Vermelho de atravessar Gulai-Polé, Pologui, Malaia-Tokmatchka e Turkénovka, a fim de evitar a possibilidade de equívocos.

A resposta do Governo de Karkov foi a seguinte: a pretendida conspiração não passava dum mal-entendido; contudo, as autoridades soviéticas, desejando esclarecer o caso, confiavam-no a uma comissão especial e propunham ao Estado-Maior do Exército macknovista que nomeasse dois delegados para tomarem parte nos trabalhos dessa comissão. Esta resposta foi transmitida por fio directo de Karkov a 25 de Novembro. No dia seguinte de manhã, o secretário do Conselho dos insurgidos revolucionários P. Rybine tratou de novo da questão, pela mesma via, e os bolcheviques de Karkov tranquilizaram-no afirmando que o caso da 4.ª divisão seria certamente regularizado com inteira satisfação dos macknovistas; acrescentaram ainda que a questão do parágrafo 4.º do acordo político também estava prestes a ser resolvida amigavelmente e duma maneira honrosa. Esta conversação por fio directo deu-se no dia

26 de Novembro às 9 horas da manhã — quando seis horas antes, ao meio da noite, os representantes dos macknovistas em Karkov haviam já sido presos, da mesma forma que todos os anarquistas que se encontravam em Karkov e noutros pontos. Exactamente duas horas depois da conversação de Rybine pelo fio directo, Gulai-Polé era investida por todos os lados por tropas vermelhas e submetida a um bombardeamento intenso. No mesmo dia e à mesma hora, o exército macknovista que se encontrava na Crimeia era atacado; os bolcheviques apoderavam-se à traição de todos os membros do estado-maior e do seu comandante Simão Karetnik e executavam-nos a todos sem excepção.

É evidente que esta vasta operação devia ter sido cuidadosamente preparada e que a sua elaboração não podia deixar de ter gasto menos de dez ou quinze dias. Vê-se nisto não só um ataque traiçoeiro do governo dos Sovietes contra os macknovistas mas ainda uma maquinação meticulosa, elaborada com todas as suas minúcias, adormecendo a vigilância dos macknovistas, induzindo-os em erro por falsas alegações de segurança, que eram feitas apenas para melhor sitiá-los e destruir as suas forças.

2.º — No dia seguinte ao do ataque de Gulai-Polé, a 27 de Novembro, os macknovistas encontraram nos prisioneiros do Exército Vermelho proclamações intituladas: «Avante contra Mackno!» e «Morte à Macknovstchina!», publicadas pela secção política do 4.º exército, sem data. Os soldados prisioneiros disseram ter recebido essas proclamações em 15 ou 16 do mês: elas continham um apelo à luta contra Mackno, acusado de ter infringido as cláusulas do acordo político e militar, de se ter recusado a marchar para a frente caucásica, de ter provocado um levantamento contra o poder soviético, etc. Isto demonstra claramente que todas estas acusações contra Mackno tinham sido falsificadas e publicadas com antecedência, ainda no tempo em que o seu exército acabava de abrir um caminho para a Crimeia e de ocupar Simferopola, e em que os representantes macknovistas trabalhavam tranquilamente de acordo com as autoridades soviéticas, em Karkov.

3.º — Durante os meses de Outubro e Novembro de 1920, isto é, num momento em que o acordo político e militar entre os macknovistas e os bolcheviques estava em negociações ou acabava de ser concluído, duas tentativas urdidas pelos bolcheviques para matar Mackno, em Gulai-Polé com o auxílio de assassinos mercenários, haviam sido frustradas pelos macknovistas.

Acrescentemos que nenhuma ordem ao exército insurreccional de marchar para a frente caucásica foi recebida em Gulai-Polé, onde se encontrava o estado-maior principal das tropas insurreccionais. Nessa época Mackno, sofrendo gravemente dum ferimento que lhe tinha inutilizado uma perna, não se ocupava nada da parte burocrática militar; tudo era escrito pelo chefe do estado-maior Bélach e pelo secretário do Conselho P. Rybine, que faziam quotidianamente um relatório ao Conselho sobre todos os papéis recebidos pelo estado-maior.

Recordemos aqui de que maneira as autoridades soviéticas tinham enviado todos os esforços para demorar indefinidamente a publicação do acordo militar e político. O que acabamos de relatar explica perfeitamente a razão destas demoras contínuas e obstinadas: para os bolcheviques este acordo era apenas uma medida militar e estratégica, calculada para um mês ou dois, o tempo de derrotar Vrangel. Os bolcheviques tinham o firme propósito de, logo que isso se tivesse feito, declarar de novo que os macknovistas eram vulgares bandidos e contra-revolucionários e recomçavam a fazer-lhes a guerra sob esse pretexto. É por isso que não tinham nenhum interesse em publicar o acordo político concluído com os macknovistas, podendo assim ser julgado pelas massas populares. No fundo teriam preferido, se pudessem, ocultar a essas massas a própria existência desse acordo, para continuar no dia seguinte, como se nada tivesse havido, a luta contra os macknovistas sob o pretexto de lutar contra o banditismo e a contra-revolução. Tal é a verdade sobre a ruptura do pacto militar e político entre os macknovistas e o poder dos Sovietes.

É indispensável considerar o próprio texto do acordo

com a atenção mais minuciosa. Duas tendências se patenteiam claramente nesse documento: uma estatista, defendendo os privilégios e prerrogativas habituais da autoridade, e a outra, popular e revolucionária, defendendo as reclamações feitas em todos os tempos pelas massas subjugadas contra os detentores do Poder. É muito característico que a primeira parte do acordo respeitante aos direitos políticos dos trabalhadores consiste no enunciado das exigências feitas pelos macknovistas; em relação a isto, as autoridades soviéticas tomaram a atitude clássica de todas as tiranias: procuraram diminuir as exigências dos macknovistas, regateando sobre todos os pontos, fazendo tudo o que podiam para reduzir os direitos políticos do povo, indispensáveis para a sua liberdade e inalienáveis.

Notemos ainda que os macknovistas, em virtude da sua concepção anarquista de luta, foram sempre inimigos do sistema de conspirações políticas. Tomavam parte abertamente na luta e no conflito revolucionário e transportavam-se à atmosfera das vastas massas populares, persuadidos de que só uma luta das massas revolucionárias poderia dar a vitória aos trabalhadores, enquanto que as conspirações só podiam causar uma mudança de Governo, o que era contrário à própria essência da macknovstchina. Desta maneira o acordo dos macknovistas com os bolcheviques estava condenado à morte desde o seu início e só devia durar até à derrota de Vranghel.

Este facto é confirmado também por certos documentos de proveniência soviética. Citemos a ordem do dia do comandante da frente sul, Frunzé, documento que demonstra inteiramente a traição dos bolcheviques para com os macknovistas e reduz a nada todas as mentiras inventadas por eles contra os anarquistas e os insurgidos:

Ordem ao comandante do Exército Insurreccional, o camarada Mackno. Cópia aos comandantes dos exércitos da Frente Sul, N.º 00149. Feito no estado-maior, Melitopola, 23 de Novembro de 1920.

Tendo cessado as hostilidades contra Vranghel, em virtude da sua derrota completa, o Conselho Revolucionário Militar da Frente Sul entende que a missão do exército dos partidários terminou e propõe ao Conselho Revolucionário Militar do Exército Insurreccional tratar imediatamente de transformar os destacamentos insurreccionais de partidários em unidades militares do tipo habitual que fazem parte do Exército Vermelho. Já não há motivo para que o Exército Insurreccional, organizado segundo os seus próprios princípios, continue a existir. Pelo contrário, a existência do lado do Exército Vermelho desses destacamentos com uma organização especial e prosseguindo objectivos especiais causa efeitos inteiramente inadmissíveis⁽¹⁾ e é por isso que o Conselho Revolucionário Militar de Frente Sul prescreve ao Conselho Revolucionário Militar do Exército Insurreccional: 1. Todas as partes do antigo Exército Insurreccional que se encontram neste momento na Crimeia deverão ser imediatamente incorporadas no 4.º Exército Soviético e é o Conselho Revolucionário Militar que terá de se ocupar dessa transformação; 2.º A secção das formações de Gulaï-Polé deverá ser liquidada; os combatentes serão distribuídos entre os destacamentos de reserva segundo as indicações do comandante desta parte do Exército; 3.º O Conselho Revolucionário Militar do Exército Insurreccional deverá tomar todas as medidas necessárias para tornar compreensível aos combatentes a necessidade das medidas anunciadas.

Assinado: Comandante-Geral da Frente Sul:
M. Frunzé; Membro do Conselho Revolucionário Militar: Snilga; chefe do estado-maior: Karatyguine.

(1) Frunzé cita a propósito disto numerosos casos em que os soldados do Exército Vermelho teriam sido desarmados e mortos por macknovistas. Contudo, todos os casos de que fala haviam sido examinados por ele próprio, juntamente com Racovsky e os representantes dos macknovistas em Karkov e ficou estabelecido duma maneira incontestável que o exército dos macknovistas não tinha nada com estes factos e que se acções hostis para com o Exército Vermelho tinham sido cometidas por outros destacamentos que não faziam parte do exército macknovista, isto provinha das autoridades soviéticas não terem publicado de maneira e em tempo oportuno o seu acordo com os insurgidos: um grande número de destacamentos operando na Ucrânia e que não estavam incorporados no exército macknovista fariam contudo muito caso da opinião deste e teriam indubitavelmente cessado todas as hostilidades para com as autoridades soviéticas se tivessem tido conhecimento do seu pacto com os macknovistas.

É conveniente recordar a história da conclusão do acordo entre o Governo soviético e os macknovistas. Como se disse mais acima, a conclusão do acordo tinha sido precedida por conversações com os macknovistas, por uma soviética, vinda expressamente para esse efeito ao campo dos macknovtzi, nesse momento em Starobalsk e presidida pelo comunista Ivanov. Estas conversações foram continuadas depois em Karkov, onde os representantes dos macknovistas trabalharam durante três semanas com os bolcheviques para levar a bom termo a conclusão do acordo. Todos os artigos tinham sido cuidadosamente examinados e discutidos pelas duas partes. A redacção definitiva desse acordo tinha sido aprovada pelas duas partes, isto é, pelo *Governo dos Sovietes e a região dos insurgidos revolucionários* na pessoa do Conselho dos Insurgidos Revolucionários da Ucrânia e selada com as suas assinaturas respectivas.

Segundo o próprio sentido deste acordo, nenhum dos seus artigos podia ser suspenso ou alterado sem um entendimento prévio das autoridades soviéticas e do Conselho dos Insurgidos Revolucionários da Ucrânia, se o acordo não tivesse sido infringido nem dum lado nem doutro.

O artigo 1.º da secção II do acordo contém textualmente as palavras seguintes :

«O Exército Insurreccional Revolucionário (Macknovista) da Ucrânia faz parte das Forças Armadas da República, como exército de partidários, subordinado para as operações ao comando superior do Exército Vermelho. Conserva a sua estrutura interna previamente estabelecida, sem adoptar as bases e os princípios da organização do Exército Vermelho regular.»

A Ordem N.º 00149, dada por Frunzé em 23 de Novembro de 1920, exige que o Exército dos Insurgidos macknovistas seja liquidado e os combatentes distribuídos entre as tropas do Exército Vermelho. Como é dito no texto da ordem, esta medida deve ser tomada, porque em virtude da derrota completa de Vrangél, o *Conselho Revo-*

lucionário Militar da Frente Sul entende que a missão do exército dos partidários terminou.

É pois perfeitamente claro que esta ordem anulava não só o artigo 1.º (citado precedentemente) do acordo militar, mas até todo o acordo. O facto de, em lugar de propor uma revisão e modificação do acordo já existente, os bolchevistas procederem por meio de uma ordem militar urgente, reforçada à mão armada, demonstra suficientemente que eles não consideravam o acordo senão como uma armadilha destinada a enganar os macknovistas.

Além da cópia da Ordem N.º 00149, o 4.º exército, que se encontrava na Crimeia, recebeu ordem de agir contra os macknovistas por todos os meios ao seu alcance e com todas as suas forças militares, em caso de recusa de obediência da parte dos insurgidos.

A ordem dada por Frunzé é tão clara que não há necessidade de nenhum comentário para descrever a verdadeira situação. Frunzé ordena aos macknovistas a liquidação do seu exército e a sua transformação numa simples divisão do Exército Vermelho: prescreve pois à macknovstchina que se suicide. Ninguém poderia deixar de se espantar com uma tal ingenuidade — se se tratasse só de ingenuidade.

Mas esta fingida ingenuidade dissimulava um plano cuidadosamente organizado, um cálculo muito reflectido, tendo por fim a destruição completa da macknovstchina. Vrangél estava vencido, as forças da macknovstchina tinham sido já suficientemente aproveitadas. Parecia ter chegado, pois, o momento próprio para o seu aniquilamento. Era por isso que se pretendia que elas cessassem imediatamente de existir. Tal era a verdadeira significação da Ordem N.º 00149.

Mas apesar duma certa «franqueza» um pouco brutal, a ordem de Frunzé era igualmente mentirosa. Deve dizer-se que nem só o Estado-Maior do exército que se encontrava em Gulai-Polé nem a delegação dos macknovistas em Karkov a tinham recebido. Os macknovistas só dela tiveram conhecimento três ou quatro semanas depois da agressão dos bolcheviques e isto por meio de alguns jornais que

casualmente chegaram às suas mãos. Isto era perfeitamente compreensível. Os bolcheviques que preparavam em segredo um ataque brusco contra os macknovistas não podiam pô-los de sobreaviso enviando-lhes um documento daquela natureza: o seu plano teria completamente fracassado: uma tal ordem teria despertado todas as forças macknovistas e o ataque meditado pelos bolcheviques teria sido infalivelmente repellido. As autoridades soviéticas apercebiam-se disto perfeitamente. É por isso que mantinham fielmente o segredo até ao último movimento. A ordem de Frunzé só foi publicada nos jornais, depois de se ter realizado o ataque e quando a ruptura se tornou um facto. Apareceu, pela primeira vez, em 15 de Dezembro de 1920, no jornal de Kharkov *O Comunista* antedatado de 23 de Novembro. Todas estas maquinações tinham por fim surpreender os macknovistas de repente e derrotá-los completamente e explicar em seguida esta acção, com as «peças justificativas» nas mãos, como perfeitamente «ideal».

O ataque dirigido contra os macknovistas era acompanhado da prisão em massa de anarquistas militantes. Estas capturas em toda a parte tinham por fim não só combater directamente a ideia anarquista mas ainda abafar toda a possibilidade de protesto, matar no ovo toda a tentativa de esclarecer perante os olhos do povo a significação dos acontecimentos. Não só os anarquistas, mas os que eram seus conhecidos ou se interessavam pela sua literatura, todos foram presos. Assim em Elisabetegrado quinze rapazes de 15 a 18 anos foram metidos na cadeia. É verdade que as autoridades governamentais de Nikolaiev (capital) se mostraram pouco satisfeitas com essa captura, dizendo que precisavam de «verdadeiros anarquistas» e não de crianças; contudo, nenhuma dessas crianças foi restituída à liberdade.

Em Kharkov, as perseguições contra os anarquistas tomaram proporções desconhecidas até então. Ciladas e emboscadas foram organizadas junto de todos os anarquistas da localidade. Uma cilada desta natureza foi organizada na Livraria Fraternidade Livre: qualquer pessoa

que viesse para comprar um livro era presa e enviada à Tchéka. Prendiam-se mesmo as pessoas que paravam para ler o jornal *Nabat* (*O Alarme*) afixado na parede e que tinha aparecido um pouco antes duma maneira perfeitamente legal. Um dos anarquistas de Kharkov, Gregório Zesnik, tendo escapado fortuitamente a ser preso, os bolcheviques meteram na prisão sua mulher, perfeitamente estranha a toda a acção política; esta declarou a greve da fome, exigindo a sua libertação imediata. Os bolcheviques tiveram o arrojo de lhe declarar que se Zesnik desejava obter a liberdade de sua mulher, bastar-lhe-ia vir entregar-se à prisão. Zesnik apresentou-se e, embora doente, tuberculoso, foi capturado.

Dissemos já que o Estado-Maior e o comandante do exército macknovista na Crimeia tinham sido apanhados traiçoeiramente. Martchenko, que comandava a cavalaria, embora cercado por numerosos destacamentos do 4.º exército dos bolcheviques, conseguiu abrir uma passagem através dos obstáculos e das barragens de Perekope fortificado; levando os seus homens a marchas forçadas de dia e de noite, conseguiu juntar-se a Mackno na pequena aldeia de Kermentchik (colónia de gregos). Aí ouvia-se já falar da saída feliz do exército macknovista da Crimeia. Finalmente, a 7 de Dezembro, um emissário a cavalo chegou para prevenir que as tropas de Martchenko chegariam dentro de algumas horas. Os macknovistas que se encontravam em Kermentchik foram cheios de comoção esperar os heróis. Qual não foi a sua angústia quando acabaram por perceber que o grupo dos cavaleiros, em vez duma cavalaria poderosa de 1 500 homens a cavallo, se reduzia a 250. À sua frente encontravam-se Martchenko e Taranosky.

— «Tenho a honra de vos anunciar o regresso do exército da Crimeia» — pronunciou Martchenko com uma certa ironia. Todos sorriram. — «Sim, irmãos» — continuou Martchenko —, só agora é que nós sabemos verdadeiramente o que são os comunistas.» Mas Mackno estava com um ar sombrio. A vista da valorosa cavalaria quase ani-

quilada tinha-o perturbado completamente. Calava-se, procurando dominar a sua comoção. Uma assembleia geral se realizou imediatamente e a história dos acontecimentos da Crimeia foi rapidamente referida: o comandante Karetnik tinha sido mandado pelo Estado-Maior dos bolcheviques a Gulai-Polé, sob o pretexto de conciliábulo militar e traiçoeiramente capturado no caminho; como Gavilenko, chefe do Estado-Maior do corpo expedicionário macknovista e os membros deste Estado-Maior e vários comandantes tinham sido atraídos com o mesmo pretexto. Todos tinham sido imediatamente fuzilados. A secção da cultura e de instrução do exército, em Sinferopola, tinha sido capturada sem se ter recorrido a nenhum estratagema militar.

*
* *

No momento em que Gulai-Polé foi cercado pelas tropas vermelhas — 26 de Novembro — só ali se encontravam 150-200 cavaleiros dum destacamento especial. Com o auxílio deste punhado de homens, Mackno conseguiu derrotar o regimento de cavalaria do Exército Vermelho, que avançava sobre Gulai-Polé do lado de Uspéonovka e escapar do cerco do inimigo. Durante a primeira semana ocupou-se em organizar os destacamentos de insurgidos, afluindo para ele de todos os lados, assim como alguns grupos de soldados do Exército Vermelho que abandonavam os bolcheviques para vir juntar-se-lhe. Conseguiu desta maneira formar um batalhão de 1.000 lanceiros e de 1.500 infantas, com os quais empreendeu um movimento de ofensiva. Oito dias depois tomava Gulai-Polé depois de ter derrotado a divisão 42 do Exército Vermelho e feito perto de 6.000 prisioneiros. Destes, uns 2.000 declararam querer juntar-se ao Exército Insurreccional; o resto foi restituído à liberdade no mesmo dia depois de ter assistido a uma grande sessão popular.

Três dias depois, Mackno dava um novo golpe, ainda mais sério desta vez, aos bolcheviques, perto de Andréévka. Durante toda uma noite e o dia seguinte deu batalha a

duas divisões do Exército Vermelho e acabou por as vencer, fazendo ainda prisioneiros 8 a 10.000 homens. Estes foram logo postos em liberdade como em Gulai-Polé: os que manifestaram esse desejo entraram como voluntários para o Exército Insurreccional. Mackno vibrou ainda três golpes consecutivos no Exército Vermelho: perto de Komar, de Tzarékonstantinovka e de Berdiansk. A infantaria dos bolcheviques batia-se contrafeita e aproveitava a primeira ocasião para se constituir prisioneira — e isto em massa⁽¹⁾.

Durante um certo tempo os macknovistas regozijavam-se com a ideia da vitória que acabariam por obter. Parecia-lhes que bastaria bater duas ou três divisões bolchevistas, mais ou menos importantes, atacando de diversos lados os insurgidos, para que então uma parte do Exército Vermelho aderisse aos macknovistas, enquanto a outra se

(1) Os soldados do Exército Vermelho logo que eram feitos prisioneiros eram postos em liberdade, com o conselho de voltarem para as suas casas e não mais servirem de instrumentos do Poder para subjugar o povo. Mas os macknovistas punham-se imediatamente em marcha e os prisioneiros libertados estavam quatro ou cinco dias depois reintegrados nos seus corpos respectivos. As autoridades soviéticas tinham organizado comissões especiais para interceptar os soldados do Exército Vermelho libertados pelos macknovistas. Desta forma os macknovistas encontraram-se num círculo mágico de que já não podiam sair. Quanto aos bolcheviques, a situação para eles apresentava-se muito mais simplesmente: de harmonia com as ordens da «comissão especial para a luta contra a macknovstchina» todos os macknovistas prisioneiros eram imediatamente fuzilados.

Com grande desgosto nosso, não podemos citar aqui *textualmente* um documento significativo, perdido nas condições de vida de bivac do ano 1920. Este documento é uma ordem dada à brigada Bogutchassky do Exército Vermelho (brigada 41.º, salvo erro) derrotada pelos macknovistas no mês de Dezembro de 1920 à vista da aldeia grega de Constantino. É este o seu conteúdo (quase pelas próprias palavras): «Em harmonia com as ordens da comissão especial para a luta contra a macknovstchina» e para não encorajar no seio do exército uma atitude frouxa (quer dizer, sentimentos de conciliação — P. A.), todos os prisioneiros macknovistas deverão ser fuzilados imediatamente.»

retiraria para o Norte. Mas, dentro em breve, os camponeses dos diferentes distritos começavam a trazer as notícias de que os bolcheviques estavam acantonando regimentos inteiros, de cavalaria principalmente, em todas as aldeias conquistadas e a concentrar em vários lugares enormes forças armadas. Efectivamente Mackno não tardou a encontrar-se cercado em Fédorovk, ao sul de Gulai-Polé, por muitas divisões de cavalaria e infantaria. O combate durou ininterruptamente das duas horas da manhã até às quatro horas da tarde. Abrindo um caminho através das fileiras do inimigo, Mackno conseguiu escapar-se na direcção de nordeste. Três dias depois, um combate igual se deu perto da aldeia grega de Constantino, contra um círculo cerrado de cavalaria inimiga muito numerosa e um fogo contínuo e circular de artilharia. Por alguns oficiais do Exército Vermelho feitos prisioneiros, Mackno soube que tinha que haver-se com quatro corpos do exército dos bolcheviques: dois de cavalaria e dois mistos e que o fim do comandante vermelho era de o fechar e cercar por fortes divisões que estavam prestes a operar a sua junção. Estas informações concordavam perfeitamente com as fornecidas pelos camponeses assim como com as conclusões e observações feitas pelo próprio Mackno. Tornava-se claro que a derrota de duas ou três unidades do Exército Vermelho não teria nenhuma significação, dada a massa de tropas contra os macknovistas. Não se tratava já duma vitória a alcançar sobre os exércitos bolchevistas, mas de evitar a derrocada definitiva do Exército Insurreccional. Este exército pouco numeroso — não contava então mais de 3.000 combatentes — era obrigado a dar *diariamente* batalha a um inimigo quatro ou cinco vezes mais forte. Nestas condições, a catástrofe já não oferecia dúvida. O conselho dos insurgidos revolucionários decidiu então o abandono provisório de toda a região Meridional, deixando a Mackno inteira liberdade para a direcção do movimento de retirada.

O génio de Mackno devia ser submetido a uma prova suprema. Parecia absolutamente impossível escapar-se da rede monstruosa de tropas apertando de todos os lados o

pequeno grupo dos insurgidos: 3.000 militantes revolucionários se encontravam encerrados de todas as partes por um exército de 150 000 homens. Mackno não perdeu contudo a coragem um único momento e travou um duelo heróico com essas tropas. Cercado por todos os lados pelas divisões vermelhas, caminhava semelhante a um titã das lendas, defendendo-se para a direita e para a esquerda, na frente e na retaguarda. Depois de ter derrotado várias unidades do Exército Vermelho e feito prisioneiros mais de 20 000 soldados, Mackno, sem ter o ar de ver fosse o que fosse, pôs-se a princípio em marcha para o Este na direcção de Yuzovka, embora os operários mineiros da região o tivessem prevenido de que era esperado por uma barragem militar ininterrupta, depois voltou bruscamente para Oeste e escolheu caminhos fantásticos só próprios para ele. As vias ordinárias foram abandonadas e o movimento do exército fez-se durante centenas de quilómetros através dos campos cobertos de neve, graças a um sentimento do espaço e a uma faculdade de orientação no deserto gelado que chegava a ser prodigiosa⁽¹⁾. Esta manobra permitiu ao exército macknovista evitar o fogo de centenas de canhões e de metralhadoras inimigas que o cercavam e mesmo vencer em Petrovo (Governo de Kherson) duas brigadas do 1.º exército de cavalaria que se deixaram surpreender, julgando Mackno distante uns cem quilómetros.

A luta durou muitos meses, com batalhas incessantes de dia e de noite.

Chegados ao Governo de Kiev, o exército macknovista encontrou-se em pleno período glacial e numa região

(1) Nenhuma carta e nenhum compasso poderiam ser de qualquer utilidade para semelhantes movimentos, pois, dando a direcção exacta, não poderiam impedir a queda no fundo de qualquer ravina ou leito de torrente, o que se não deu nem uma única vez durante as peregrinações do exército macknovista. É evidente que o segredo desta marcha miraculosa através das estepes privadas de vias consistia no facto de as tropas conhecerem perfeitamente a conformação das planícies ucranianas.

por tal forma acidentada e rochosa que foi necessário abandonar toda a artilharia, os víveres e as munições e mesmo quase todos os carros de transporte. Ao mesmo tempo, a massa dos exércitos inimigos vinham juntar-se duas divisões de cavalaria, ditas dos «cossacos vermelhos», acampadas na fronteira ocidental. Parecia não haver nenhuma possibilidade de escapar. A região oferecia tantos recursos como um cemitério: só rochas e ravinas escarpadas — e isto coberto de gelo. Não se podia avançar senão com extrema lentidão. De todos os lados — um fogo incessante de canhões e de metralhadoras. Ninguém esperava encontrar uma saída salvadora. Mas ao mesmo tempo ninguém pensa numa fuga vergonhosa. Todos decidem morrer juntos, ao lado uns dos outros.

Era muitíssimo triste observar nesse momento o punhado dos insurgidos, só em face dos rochedos, do céu e do fogo do inimigo, com a resolução exaltada de se baterem até ao último e já fatalmente condenados. A dor, o desespero e uma tristeza especial se lhes apoderavam da alma. Sentia-se o desejo de gritar ao universo inteiro que um crime espantoso estava prestes a cometer-se, que o que há de mais heróico no coração dum povo, o que ele é capaz de produzir de mais nobre nas épocas heróicas da sua história, estava prestes a ser aniquilado, a perecer para sempre.

Mackno saiu com honra da prova a que a sorte o levava. Avançou até aos confins da Galícia, tornou a subir depois até Kiev, passou de novo o Dnieper, perto desta cidade, desceu aos Governos de Poltava e Kharkov, tornou a subir ainda uma vez para o Norte, para Kursk e, atravessando as vias férreas entre este ponto e Belgrado, encontrou-se numa situação muito mais vantajosa, deixando bem longe e atrás de si as numerosas divisões de cavalaria e de infantaria dos bolcheviques.

*
* *

O duelo heróico dum punhado de macknovistas contra os exércitos do Estado soviético não estava perto do fim. O comandante bolchevista fazia todo o possível para se apoderar do núcleo principal da macknovstchina e para a destruir. As divisões de cavalaria e de infantaria de toda a Ucrânia foram postas em marcha para bloquear Mackno. O círculo de fogo e de morte apertava-se de novo em volta dos heróis da Revolução e o combate de vida ou de morte recomeçava.

Numa carta dirigida ao seu amigo, Mackno descreveu da maneira seguinte o fim deste episódio heróico e emocionante da macknovstchina (1):

Logo a seguir à tua partida, querido amigo — ao certo uns dois dias depois — apoderei-me da cidade de Korotcha (Gov. de Kursk); fiz publicar, em muitos milhares de exemplares os «Estatutos dos Sovietes Livres» e dirigi-me por Varpniarka e a região do Don para os Governos de Ekaterisnolav e de Taurida. Eu tinha de sustentar diariamente, dum lado, batalhas encarniçadas contra a infantaria dos comunistas que nos seguia passo a passo e do outro contra o 2.º Exército de Cavalaria lançado contra mim pelo estado-maior bolchevista. Tu conheces bem os meus cavaleiros: nunca a cavalaria vermelha, desde que não seja sustentada por destacamentos de infantaria e por autos blindados, lhes pode fazer frente. E é por isso que eu consegui, embora à custa de perdas importantes, abrir caminho sem mudar de direcção. O nosso exército demonstrava cada dia que era verdadeiramente um exército popular e revolucionário: dadas as condições exteriores, ele devia derreter-se rapidamente e à nossa vista; ora, pelo contrário, aumentava em efectivo e em material.

Numa das batalhas sérias que tivemos de sustentar no caminho, o nosso destacamento especial de cavalaria teve mais de trinta homens mortos, sendo a metade comandantes. No número destes encontrou-se o nosso querido e bom amigo, muito novo em anos e velho em experiência da guerra, o chefe desse destacamento

(1) Esta carta escrita depois de Nestor Mackno ter deixado a Rússia.

Gabriel Trogam. Foi morto instantaneamente por uma bala. Ao seu lado morreram Apolon e muitos outros dos nossos valorosos e dedicados camaradas.

A alguma distância de Gulai-Polé juntaram-se-nos as nossas tropas novas, frescas e bem dispostas, comandadas por Brova e Parkhomenko. Pouco tempo depois, a primeira brigada da 4.^a divisão da cavalaria de Badenny, com o seu comandante Malask à frente, passou para o nosso lado. A luta contra a autoridade e o capricho dos bolcheviques tornava-se cada vez mais encarniçada.

No princípio do mês de Março, disse a Brova e a Malask para formarem, com certas partes do exército que se encontravam junto de mim, um corpo especial que foi expedido para o Don e o Kuban. Um outro grupo foi formado sob as ordens de Parkomenko e enviado para a região de Veroneje (neste momento Parkomenko está já morto e é um anarquista de Tehuguyv que o substitui). Um terceiro grupo, composto de 600 lanceiros e do regimento de infantaria de Ivanuk, foi dirigido para Kharkov.

Nesta época, o nosso melhor camarada e revolucionário Vdovitchenko foi ferido durante um combate e teve de ser enviado com um destacamento a Novospassovka para aí ser tratado. Um corpo expedicionário de bolcheviques descobriu o seu alojamento e, defendendo-se contra o inimigo com Matrossenko⁽¹⁾, fizeram fogo contra si mesmos. Matrossenko caiu instantaneamente morto. A bala que Vdovitchenko dirigiu contra si permaneceu encravada sob o crânio, um pouco mais abaixo do cérebro. Quando os comunistas se apoderaram dele e souberam quem era trataram-no e salvaram-no nesse momento da morte. Tive logo notícias suas. Encontrava-se no hospital de Alexandrovsk e pedia aos camaradas para descobrirem um meio de o libertarem. Atormentavam-no atrozmente, insistindo com ele para renunciar à macknovstchina e assinar um papel nesse sentido. Repelia estas propostas com desprezo, embora estivesse tão fraco que mal podia falar. Por causa desta recusa, devia ser fuzilado dum momento para o outro, mas não pude saber se foi fuzilado ou não.

Durante este tempo, efectuei um *raid* através do Dnieper para Nikalaiev; daí tornei a passar o Dnieper acima de Pérékope, dirigindo-me para a nossa região onde eu cria convictamente encontrar alguns dos nossos destacamentos. Mas perto de Melitopola o comandante comunista tinha-me preparado uma emboscada. Era impossível tornar a passar o Dnieper, porque as neves tinham começado a derreter e o gelo do rio estava em movimento. Foi

(1) Matrossenko, insurgido ucraniano e poeta de origem camponesa.

por isso necessário que eu montasse a cavalo (observação do autor: nesta época o camarada Mackno tinha o pé fracturado por uma bala que lhe levou quase todos os pequenos ossos do artelho, o que o obrigava a não montar a cavalo senão nos casos de absoluta necessidade) e que dirigisse eu próprio a manobra do combate. Uma parte das tropas do inimigo foi habilmente evitada pelos nossos, enquanto que eu as obrigava a permanecer no quem vive durante vinte e quatro horas, repelindo-as, com o auxílio dos nossos destacamentos de guarda avançada; durante esse tempo consegui fazer uma marcha forçada de 60 verstas e derrotar, na madrugada de 8 de Março, um terceiro exército de bolcheviques acampado nas margens do lado Molotchny e alcançar, pelo promontório estreito entre esse lago e o mar de Azov, o espaço livre na região do Alto Tokmak. De lá expedi Korilenko para o distrito de Berdiansk-Mariopola para aí dirigir o movimento insurreccional. Eu fui, por Gulai-Polé, para o Governo de Tschernigov, donde as delegações de camponeses de muitos distritos tinham vindo pedir-me para fazer uma visita a essa região.

No caminho, as minhas tropas, isto é as de Petrenko, consistindo em 1 500 lanceiros e dois regimentos de infantas que se encontravam consigo, foram detidas e encerradas por todos os lados por fortes divisões bolcheviques. Foi preciso que eu próprio tornasse a dirigir os movimentos de contra-ataque, que foram dos mais bem sucedidos. Batemos o inimigo completamente, fazendo numerosos prisioneiros, apoderando-nos de munições, de armas, de canhões e de montadas. Mas dois dias mais tarde fomos atacados de novo por tropas frescas e muito fortes. Estes combates diários tinham de tal forma habituado os homens a não fazer nenhum caso da sua vida que o valor e o heroísmo ilimitado estavam na ordem do dia. Aos gritos de «Viver livres ou morrer combatendo!» os homens lançavam-se na luta contra qualquer unidade fosse ela qual fosse, derrotando o inimigo muito mais forte e obrigando-o à fuga. Durante um contra-ataque intrépido até à loucura, eu fui atravessado por uma bala, que me feriu a coxa e passou pelo apêndice; caí da minha sela. Esta circunstância foi a causa da nossa retirada, porque alguém pouco experimentado bradou: «Batko está morto!»

Transportaram-me durante doze verstas numa carriola antes de me fazerem um penso e eu perdia sangue em abundância. Estendido, sem sentidos, permaneci sob a guarda de Léo Zinkovsky. Estava-se a 14 de Março. Na noite de 15, todos os comandantes do nosso exército e os membros do nosso estado-maior, com Belach à frente, reunidos à minha cabeceira, pediam-me para assinar a ordem de enviar destacamentos de 100 a 200 homens para Korilenko, Kogine e outros que dirigiam o movimento insurrec-

cional em certos distritos. O que eles queriam era obter que eu me retirasse com um dos regimentos para um lugar relativamente calmo esperando que pudesse de novo montar a cavalo. Assinei a ordem e permiti a Zabudko que formasse um destacamento volante para agir como quisesse na região, mas sem perder o contacto comigo. Na manhã de 16, os destacamentos tinham já partido, excepto o destacamento especial que se conservava junto de mim. Foi nesse momento que a nova divisão de cavalaria vermelha caiu sobre nós, perseguindo-nos durante 13 horas num percurso de 180 verstas. Na aldeia de Sloborda, à margem do mar de Azov, mudamos de cavalos e fizemos uma paragem de cinco horas...

Na madrugada de 17, dirigimo-nos para Novospassovka e, depois de ter caminhado 17 verstas, encontrámo-nos com novas forças frescas de cavalaria inimiga que iam no encalço de Korilenko, mas tinham-no perdido de vista e tinham caído sobre nós. Depois de nos terem perseguido, quando nós já estávamos exaustos de fadiga, extenuados e desta vez verdadeiramente incapazes de combater num percurso de 25 verstas, lançaram-se sobre nós. Que fazer? Eu estava também incapaz de cavalgar e mesmo de me erguer; devia permanecer na minha carriola e via que a uma centena de metros, por trás de mim, um corpo-a-corpo espantoso, uma «machadagem» se tinha travado. Os nossos homens morriam apenas por mim, para não me abandonarem. Mas não havia nenhuma probabilidade de salvação, nem para eles nem para mim. O inimigo era cinco ou seis vezes mais forte do que nós e recrutas novos lhe chegavam constantemente. De repente eu vejo os nossos serventes das metralhadoras «Lewis», os mesmos que estavam comigo no teu tempo agarrados à minha carriola (eram cinco sob as ordens de Micha, que é originário da aldeia de Tchernigovka, perto de Berdiansk) e despedem-se de mim dizendo: «Batko, sois necessário à causa da nossa organização camponesa. Esta causa é para nós querida. Vamos morrer neste momento, mas a nossa morte salvar-vos-á, assim como aos que nos são fiéis e cuidam de vós; não esqueçais de repetir as nossas palavras aos nossos pais.» Um deles beijou-me, depois eu não vi mais nenhum deles junto de mim. Nesse momento, Leo Zinkovsky, transportou-me em braços da minha carriola para a carruagem dum camponês, encontrado em qualquer parte. (O camponês passava perto dali.) Ouvi apenas ainda as metralhadoras crepitando e as bombas explodindo; eram as metralhadoras que impediam os bolcheviques de passar. Nós tivemos tempo de ganhar três ou quatro verstas de distância e de passar uma ribeira. Os metralhadores morreram todos.

Algum tempo depois, passamos de novo no mesmo sítio e os camponeses da aldeia de Starodiabovka (distrito de Mariopola)

mostravam-nos o túmulo onde eles tinham enterrado os metralhadores. Até agora, sempre que penso nesses valentes combatentes, simples e honestos camponeses, não posso deixar de chorar. E contudo, meu amigo, devo dizer-te que me parece que foi esse episódio que me curou. Na tarde desse mesmo dia, montei a cavalo e deixei a região.

Pelo mês de Abril eu tinha retomado contacto com todas as partes de tropas e as que se encontravam a pouca distância receberam ordem de se pôr em marcha para a região de Poltava. No mês de Maio, os destacamentos de Tomás Kogine e Korilenko reuniram-se aí, formando um corpo de 2 000 lanceiros e de alguns regimentos de infantaria. Foi decidido marchar sobre Kharkov e expulsar os grandes senhores, os do Partido Comunista. Mas estes estavam em guarda. Enviaram ao meu encontro 60 autoblandados, várias divisões de cavalaria e uma nuvem de infantaria. A luta contra essas tropas durou semanas.

Um mês mais tarde, o camarada Stchuss foi morto numa batalha travada na mesma região de Poltava; tinha sido chefe do estado-maior das tropas de Zabudko e tinha valorosamente cumprido o seu dever.

Um mês depois, foi a vez de Korilenko. Ele cobria a passagem das nossas tropas através das vias férreas e ocupava-se em pessoa a colocar os destacamentos, andando sempre com a esquadra da vanguarda. Foi surpreendido um dia pelos cavaleiros de Budenny e pereceu na luta.

No dia 18 de Março, de 1921, a cavalaria de Budenny estava em marcha vindo da região de Ekaterinoslav e dirigindo-se para o Don para aí dominar uma insurreição de camponeses, à frente da qual se encontravam os camaradas Brova e Maslak, aquele mesmo que tinha sido chefe da primeira brigada do exército Budenny e se tinha juntado a nós com todos os homens que comandava.

O nosso grupo, compreendendo o nosso estado-maior principal e eu, era formado de muitos destacamentos reunidos e encontrava-se sob as ordens de Pétrekko-Planov, a 15 ou 20 verstas de caminho, pelo qual avançava o exército de Budenny. Esta proximidade seduzia este, que sabia muito bem que eu me conservava sempre junto do referido grupo. Deu ao chefe do destacamento de autoblandados n.º 21 que marchava também para o Don, para aí apaziguar um levantamento de camponeses, a ordem de empregar 16 autoblandados e bloquear as proximidades da aldeia de Novo-Grigorievka. Quanto ao próprio Budenny, marchou à frente dum parte da 19.ª divisão de cavalaria (antiga divisão do serviço interno) através dos campos, na direcção de Novo-Grigorievka e chegou lá antes que o chefe do destacamento de autoblandados o

pudesse supor, tendo este sido obrigado, para evitar as ravinas e procurar o sítio mais baixo dos cursos de água, a dispor de auto-sentinelas, etc. A vigilância da nossa guarda-avançada pôs-nos ao corrente de todos estes movimentos, o que nos deu a possibilidade de tomar as nossas precauções. No momento preciso em que Budenny se aproximava dos nossos acampamentos, nós lançámo-nos ao seu encontro.

Num esfregar de olhos, Budenny, que galopava audaciosamente na primeira fila, fez voltar as rédeas e o infame cobarde pôs-se em fuga, abandonando os seus companheiros.

Foi um verdadeiro pesadelo o combate que se travou. Os soldados do Exército Vermelho que tinham sido arremessados contra nós tinham pertencido às tropas que tinham estado até então na Rússia Central onde tinham mantido a ordem interna. Não tinham combatido ao nosso lado na Crimeia, não nos conheciam, tinham-nos enganado, dizendo-lhes que nós éramos «bandidos vulgares» e consideravam um ponto de honra recuar diante de malfeitores. Quanto aos nossos amigos, os insurgidos sentiam-se no seu direito e estavam firmemente decididos a vencer e a desarmar o inimigo. O combate foi mais encarniçado do que nenhum outro antes ou depois. Terminou por uma derrota completa das tropas de Budenny, o que determinou a decomposição do seu exército e a deserção de muitos soldados.

Em seguida eu formei um destacamento dos originários da Sibéria e enviei-os, armados e munidos do necessário, para a Sibéria, sob as ordens do camarada Glassunv. No princípio do mês de Agosto, de 1921, vimos nos jornais bolchevistas que esse destacamento tinha aparecido no Governo de Samara. Depois não se ouviu falar mais dele.

Durante todo o Verão de 1921 não cessámos de combater. A seca desse Verão e a má colheita que daí resultou nos Governos de Ekaterinoslav, de Taurida e em parte nos de Kherson e de Poltava, assim como na região do Don, forçava-nos a dirigir-nos em parte para o Kuban e sob Tsaritzine e Saratov, em parte para Kiev e Tchernigov. Deste último lado a luta era conduzida pelo camarada Kojine. Quando nos voltámos a encontrar, ele transmitiu-me os compromissos e decisões tomadas pelos camponeses do Governo de Tchernigov, que declaravam querer sustentar-nos inteiramente na nossa luta.

Quanto a mim, fiz com os destacamentos dos camaradas Zubudko e Pétrenko se deslocassem a um *raid* para o Volga; depois marchei sobre o Don, encontrando no caminho muitas das nossas tropas, de que operei a junção, ligando-me também com o grupo de Azov (antigamente Vdovitchenko).

No começo do mês de Agosto, de 1921, foi decidido que eu devia partir, visto a gravidade dos meus ferimentos, com alguns dos nossos comandantes, para o estrangeiro para aí ter um tratamento rigoroso. Foi esse tempo que tinham sido gravemente feridos os nossos melhores comandantes: Kojine, Pétrenko e Zabudko...

No dia 13 de Agosto, acompanhado duma centena de cavaleiros, meti-me na direcção do Dnieper e, na manhã de 16, passámos esse rio, entre Orlik e Krémentchug com o auxílio de 17 barcos de pescadores. Nesse mesmo dia fui ferido seis vezes, mas ligeiramente.

Durante o caminho, na margem direita do Dnieper, encontramos muitos dos nossos destacamentos, aos quais explicámos a razão da nossa partida para o estrangeiro. Todos nos diziam a mesma coisa: «Parti, tratai bem Batko e depois voltai em nosso socorro.» A 19, a uma distância de 12 verstas de Bobrinetz, caímos sobre a 7.ª Divisão de Cavalaria do Exército Vermelho, acampada ao longo do rio de Inguletz. Voltar sobre os nossos passos equivalia a correr para a nossa perda, porque nós tínhamos sido descobertos por um regimento de cavalaria à nossa direita que se tinha precipitado sobre nós para nos cortar a retirada. Foi por isso que eu pedi a Zinkovsky para me pôr a cavallo. Num relancear de olhos, desembainhados os sabre e aos gritos de «Hurrah», precipitámo-nos a direito para as metralhadoras da divisão que se encontrava numa aldeia. Conseguimos apoderarmo-nos de 13 metralhadoras «Maxime» e de 3 metralhadoras «Lewis». Depois continuámos o nosso caminho.

No próprio instante em que nos apoderámos das metralhadoras, a divisão inteira, acampada nas aldeias vizinhas, alinhou-se rapidamente e atacou-nos. Nós estávamos apanhados numa ratoeira. Contudo não perdemos a coragem e, depois de ter derrotado o 38.º regimento da divisão, percorremos 110 verstas sem parar, defendendo-nos sem cessar dos ataques furiosos dessas tropas; acabámos por escapar às suas perseguições, depois de ter perdido, é verdade, 17 dos nossos melhores companheiros.

No dia 22 de Agosto, tiveram ainda de se ocupar de mim: uma bala tinha-me perfurado a cabeça, entrando à direita, um pouco mais abaixo da nuca e saído pela face direita. Eis-me de novo deitado no fundo duma carriola. Mas isto fez acelerar até a marcha. A 26, fomos obrigados a sustentar um novo combate com os vermelhos, durante o qual pereceram os nossos melhores camaradas e combatentes: Pétrenko, Planotov e Ivanuk. Eu fui obrigado a mudar de itinerário e a 28 de Agosto passei o Dniester. Eis-me no estrangeiro...

*
* *
*

A terceira campanha dos bolcheviques contra os macknovistas foi ao mesmo tempo uma campanha dirigida contra as aldeias e a população camponesa da Ucrânia. O fim geral e especial desta campanha era não só infligir uma derrota decisiva ao exército dos insurgidos mas dominar, logo em seguida, os camponeses descontentes e tirar-lhes toda a possibilidade de organizar no futuro qualquer movimento de guerrilhas revolucionárias. O numeroso Exército Vermelho, libertado da preocupação de esmagar Vranghel, permitia aos bolcheviques pôr este plano em execução. Divisões vermelhas atravessaram todas as aldeias rebeldes da região insurgida, exterminando os camponeses em massa segundo as indicações dos ricos proprietários agrícolas «kulaks» da localidade. Quando oito dias depois do ataque traiçoeiro dos bolcheviques contra Gulai-Polé, Mackno realizou a sua entrada na povoação, os camponeses e as camponesas da aldeia rodearam os macknovistas contando-lhes com desespero como os comunistas tinham fuzilado, ainda na véspera, mais de 300 habitantes. A população havia esperado todos os dias a chegada dos macknovistas com a ideia de que eles salvariam esses desgraçados. Alguns dias depois os macknovistas chegavam a Novospassovka e aí constatavam que uma execução igual acabava de se realizar. A secção de cultura do exército macknovista e o conselho dos insurgidos estabeleceram incontestavelmente que, nesta última localidade, os *techékistas*, sedentos de morticínios, tinham obrigado as mães a apertar os seus filhos de peito, nos seus braços, para os matar com o mesmo tiro. Tinham procedido desta maneira, por exemplo, com a mulher e o filho de peito dum insurgido de Nowspassovka: Martinho. A criança tinha sido morta, mas a mãe, ferida, sobreviveu graças à pouca atenção dos *techekistas*. Casos deste género eram muito frequentes. A história no-los relatará um dia. Os bolcheviques fuzilaram ainda em massa

camponeses nas aldeias de Malaya, Tokmatchka, Uspé-novka, Pologui, etc.

Era o comandante-geral da Frente Sul, Frunze, que dirigia toda esta campanha repressiva: «Tem que se acabar com a macknovstchina em dois tempos e três movimentos» — escrevia este bravo guerreiro, na sua ordem do dia aos exércitos da Frente Sul, antes de iniciar esta expedição. Na sua qualidade de verdadeiro graduado, cheio do desejo de se distinguir aos olhos dos seus inferiores, entrou na campanha ucraniana de sabre desembainhado, semeando a morte e a desolação em volta dele.

Citemos dois casos de execução capital muito característicos para os bolcheviques e para o movimento histórico:

Sèréda. — Camponês, insurgido macknovista, originário do Governo de Ekaterinoslav, não pertencendo a nenhum partido. Ocupava-se das finanças do exército e tinha a caixa; substituía também algumas vezes Mackno, que ele amava e sobre o qual velava com uma dedicação especial. No mês de Outubro de 1920, no momento do acordo concluído entre os bolcheviques e os macknovistas, num combate contra Vranghel, foi-lhe o peito atravessado por uma bala, enquanto outra ficou dentro. Vista a necessidade duma operação, foi para Kharkov, não duvidando que as autoridades soviéticas lhe prestariam socorro. Efectivamente foi internado num hospital. Mas oito dias depois, quando os bolcheviques caíram sobre os macknovistas e os anarquistas, foi encarcerado e fuzilado no mês de Março de 1921.

Recordemos aqui alguns factos interessantes: quando no mês de Outubro de 1919 os macknovistas tomaram Ekaterinoslav, não fizeram nenhum mal aos soldados e aos oficiais do exército de Denikine e outros que se encontravam em tratamento nos hospitais, entendendo que a morte dum inimigo desarmado era uma ignomínia contrária à honra dum revolucionário. O general Slastchov (então às ordens de Denikine, hoje às dos bolcheviques) que se apoderou de Ekaterinoslav um mês depois matou todos os macknovistas doentes e feridos que encontrou nos hospi-

tais. As autoridades comunistas foram mais longe ainda que Slastchov, fuzilando um homem que, tendo combatido na mesma frente que eles e tendo sido ferido, tinha vindo pedir-lhes que o tratassem, julgando que a sua vida estava garantida sob a salvaguarda do acordo assinado por eles.

Boguche. — Anarquista que acabava de vir da América com os outros anarquistas expulsos dos Estados- Unidos. No momento do acordo concluído entre os macknovistas e os bolcheviques, encontrava-se em Karkov e tendo ouvido falar imenso do lendário Gulai-Polé, quis lá ir, para estudar no sítio a macknovstchina. Os bolcheviques facilitavam nesse momento viagens deste género, pondo à disposição dos representantes macknovistas em Kharkov uma locomotiva e uma carruagem de caminhos de ferro para transportar a Gulai-Polé militantes trabalhando no domínio cultural. Contudo Boguche só pôde ver Gulai-Polé livre uns dias; logo depois da ruptura dos bolcheviques com os macknovistas e do princípio das hostilidades entre eles, voltou a Karkov onde foi preso pelos bolcheviques e fuzilado por ordem da Tcheka, no mês de Março de 1921.

Este facto só pode ter uma única explicação: os bolcheviques não queriam deixar com vida nenhum daqueles que sabiam a verdade sobre a sua agressão contra os macknovistas e poderiam desvendá-la um dia.

CAPITULO X

O PROBLEMA NACIONAL NA MACKNOVSTCHINA A QUESTÃO JUDAICA

Tudo o que acaba de ser dito sobre a macknovstchina demonstra que era um verdadeiro movimento popular dos camponeses e operários e que o seu objectivo essencial era estabelecer a liberdade do trabalho pela via da actividade revolucionária livre das massas do povo.

Desde o seu início, o movimento conhecido sob o nome da macknovstchina abrangeu as massas pobres de todas as nacionalidades que habitavam a região. A maior parte consistia naturalmente em camponeses de nacionalidade ucraniana. Seis a oito por cento eram camponeses de origem grande-russa. Vinham em seguida gregos, judeus, caucasianos e diversas outras nacionalidades. As pequenas povoações situadas nos confins do mar de Azov e povoados de gregos e judeus tinham contacto constantemente com o movimento. Muitos dos melhores comandantes do exército revolucionário eram de origem grega e até ao último momento o exército contava alguns destacamentos especiais de gregos.

Formado por indigentes e fundido num só pela união natural dos trabalhadores, o movimento foi impregnado desde o princípio pelo profundo sentimento de fraternidade dos povos — só própria do trabalho oprimido. Não houve um só momento em que fizesse uma propaganda de carácter puramente nacional. Toda a luta dos macknovistas contra o bolchevismo foi conduzida apenas em nome dos direitos e dos interesses do trabalho. As tropas de Denikine, dos austríacos e dos alemães, de Petliura, dos franceses (encostas de Berdiansk), de Vrangél, foram consideradas pelos macknovistas, em primeiro lugar, como inimigas do trabalho. Cada uma dessas invasões representava para eles, acima de tudo, uma ameaça para os trabalhadores e nada para eles significava o pavilhão nacional que cobria essas incursões.

Na «Declaração» publicada pelo Conselho Revolucionário Militar do Exército, em Outubro de 1919, os macknovistas dizem no capítulo consagrado à questão das nacionalidades:

Falando da independência da Ucrânia, nós entendemos essa independência não como nacional, no género petliurista, mas como a independência social e laboriosa dos operários e camponeses. Nós declaramos que o povo trabalhador ucraniano (como qualquer outro) tem o direito de preparar o seu próprio destino, não na qualidade de entidade nacional, mas de entidade de trabalhadores.

Sobre a língua em que devia ser feito o ensino nas escolas, os macknovistas exprimiam-se assim:

À secção de cultura e de instrução do exército macknovista são constantemente feitas perguntas pelos professores, sobre qual a língua em que o ensino deve ser dado nas escolas, agora que as tropas de Denikine foram expulsas. Os insurgidos revolucionários, conformando-se com os princípios de verdadeiro socialismo, não poderiam de nenhuma maneira neste assunto exercer qualquer violência contra os desejos naturais do povo ucraniano. É por isso que a questão da língua em que deve ser feito o ensino nas escolas não poderá ser decidida pelo nosso exército, mas unicamente pelo próprio povo, na pessoa dos professores, dos alunos e de seus

pais. Todas as ordens emanadas do Conselho Especial de Denikine e a Ordem n.º 22, do general May-Maievsky, proibindo o emprego da língua materna nas escolas, são consideradas como nulas, visto que foram impostas pela força ao mundo escolar. No interesse do maior desenvolvimento intelectual do povo, a língua do ensino escolar deve ser aquela para que a população local tende naturalmente e é por isso a população, os professores, os alunos e seus pais e não as autoridades ou o exército que decidirão livremente a questão.

Assinado: Secção de Cultura e Instrução do Exército dos Insurgidos Macknovistas («O Caminho para a Liberdade», n.º 10, 18 de Outubro de 1919).

Assim os prejuízos nacionais não tinham nenhuma influência sobre a macknovstchina. Os prejuízos religiosos também não. Como movimento revolucionário das classes pobres da cidade e do campo, a macknovstchina era adversária, em princípio, de toda a religião. Entre os movimentos sociais modernos, era dos poucos em que ninguém queria saber nem da sua religião nem da do vizinho, nem da sua nacionalidade nem da dos outros, onde se respeitava sobretudo o trabalho e a liberdade do trabalhador.

Isto não impedia que os inimigos do movimento procurassem desacreditá-lo, principalmente sob esse ponto de vista. Tanto na Imprensa russa como na estrangeira, a macknovstchina foi várias vezes descrita como um movimento de camponeses muito acanhado, alheia às ideias de fraternidade e de solidariedade internacionais e mesmo contaminado de anti-semitismo. Não há nada mais criminoso do que semelhantes calúnias. Para esclarecer este aspecto da questão, citaremos aqui alguns factos baseados sobre documentos que se relacionam com este assunto.

Um papel muito importante foi desempenhado no exército dos macknovistas por elementos revolucionários de origem judaica, muitos dos quais haviam sofrido trabalhos forçados por terem tomado parte na Revolução de 1905 ou tinham sido obrigados a emigrar para a Europa Ocidental ou América. Citemos entre outros:

Kogan. — Vice-Presidente do órgão central do movimento, do Conselho Regional Revolucionário de Gulai-Polé. Kogan era um operário que tinha deixado, por motivos de ordem espiritual, a sua oficina muito antes da Revolução de 1917 e se tinha dedicado ao trabalho do campo, numa pobre colónia agrícola judaica. Ferido na batalha de Pérégonovka (perto de Uman) contra os denikinistas, foi capturado por eles no hospital de Uman, onde se curava dos seus ferimentos, segundo dizem testemunhas, imediatamente morto à machadada.

L. Zinkovsky (Zadov). — Chefe do serviço de contra-espionagem no exército e depois comandante do Regimento Especial de Cavalaria. Operário, tendo sofrido, antes da Revolução, uma condenação a 10 anos de trabalhos forçados por crime político. Um dos militantes mais activos da insurreição revolucionária.

Helena Keller. — Secretária da Secção de Cultura e de Instrução do exército. Operária, tendo tomado parte no movimento sindicalista na América e depois na organização da Confederação «Nabat» (*O Rebate*) na Ucrânia.

José, o Emigrado (Gottmann). — Operário, membro da Secção de Cultura e de Instrução do exército: tinha tomado uma parte activa no movimento anarquista na Ucrânia. Um dos organizadores da Confederação do «Nabat» e depois membro do seu secretariado.

J. Aly (Sukorolsky). — Operário, membro da secção de Cultura e de Instrução do exército, tendo sofrido, nos tempos czaristas, uma condenação a trabalhos forçados por crime político. Um dos organizadores da Confederação do «Nabat» e depois membro do seu secretariado.

Poderíamos acrescentar muitos nomes ainda da longa lista dos revolucionários judeus que tomaram parte nas diferentes manifestações do movimento macknovista, mas devemos abster-nos por motivos de conspiração.

No próprio seio da insurreição revolucionária, a população judaica laboriosa tomava uma parte activa nessa insurreição e mantinha com o movimento relações de ordem verdadeiramente fraternal. As colónias agrícolas de judeus,

dissimuladas nos distritos de Mariopola, de Berdansk, de Alexandrovsk e outras tomavam uma parte activa nas assembleias regionais de camponeses, operários e partidários; enviavam a essas reuniões os seus delegados assim como ao Conselho Revolucionário Militar Regional.

Tendo-se produzido na região actos de anti-semitismo, Mackno propôs a todas as colónias judaicas a organização de milícias para a sua própria defesa e forneceu espingardas e munições em quantidade suficiente a todas essas colónias. Nessa ocasião várias sessões públicas foram organizadas na região, nas quais Mackno fazia o apelo às mesmas para a luta contra o anti-semitismo.

A população laboriosa judaica, por sua vez, professava para com a insurreição revolucionária sentimentos de profunda solidariedade e fraternidade revolucionárias. Ao apelo do Conselho Revolucionário Militar para o alistamento de combatentes voluntários para o Exército dos Insurgidos macknovistas, as colónias judaicas responderam enviando um grande número de alistados voluntários aos exércitos insurreccionais.

No seio do exército macknovista existia uma bateria servida exclusivamente por artilheiros judeus e coberta por um destacamento de infantaria formado também por judeus. Esta bateria comandada pelo insurgido judeu Schneider ofereceu no mês de Junho de 1919, uma resistência desesperada às tropas de Denikine que atacavam Gulai-Polé e foi aí completamente aniquilada, perdendo até ao último homem e ao último obus.

Pode naturalmente ter havido, na grande perturbação insurreccional de 1918-1919, pessoas hostis aos judeus: eram os produtos, não de insurreição, mas do conjunto da actualidade russa e esses casos isolados não podem ter nenhuma significação no movimento. Se as pessoas desse género se permitiam actos dirigidos contra os judeus não tardavam a experimentar a justiça severa dos insurgidos revolucionários.

Nós dissemos já com que presteza de decisão Grigoriev e o seu estado-maior foram executados pelos macknovistas e indicámos que uma das razões principais desse acto tinha

sido a sua participação nos programas contra os judeus.

Citemos ainda outros casos que se relacionam com a mesma questão e de que nós tivemos conhecimento.

Em data de 12 de Maio de 1919, várias famílias israelitas — 20 pessoas ao todo — foram mortas na colónia judaica de Gorkaia, perto de Alexandrovsk. O estado-maior macknovista nomeou imediatamente uma comissão especial para averiguar o caso; esta comissão concluiu que o assassinio havia sido cometido por sete camponeses da aldeia vizinha, Uspénovka; estes camponeses não faziam parte do Exército Insurreccional; contudo, os macknovistas consideraram que tal crime não podia ficar impune e fuzilaram os culpados imediatamente. Averiguou-se depois que este crime e outras tentativas do mesmo género haviam sido feitas por instigação de agentes de Denikine que tinham conseguido penetrar na região e que procuravam preparar por estes meios uma atmosfera favorável à entrada das suas tropas na Ucrânia.

A 4 ou 5 de Maio de 1919, Mackno, acompanhado de alguns comandantes, dirigia-se a toda a pressa da frente para Gulai-Polé, onde era aguardado pelo delegado plenipotenciário da República, L. Kaménev, vindo de Karkov com outros representantes do Governo soviético. Na estação do Alto-Tokmak, Mackno viu de repente um cartaz afixado com estes dizeres: «Morte aos judeus, salvemos a Revolução, viva o Pai Mackno.»

— «Quem afixou este cartaz?» — perguntou Mackno. Soube que o cartaz tinha sido afixado por um dos insurgidos, que ele conhecia pessoalmente e que tomara parte nas batalhas contra Denikine e que era em suma um homem honesto. O autor do cartaz apresentou-se e foi fuzilado imediatamente.

Mackno continuou o seu caminho para Gulai-Polé. Durante o resto do dia e durante as conversações com os representantes dos Sovietes, não podia libertar-se da impressão sinistra desta execução. Considerava que se tinha procedido cruelmente para com o insurgido, mas sabia também que, na região da frente, em vista dos aconteci-

mentos, do avanço de Denikine, era impossível deixar de agir prontamente e resolutamente, porque factos deste género podiam não só significar um grande perigo para a população judaica mas tornar-se mesmo uma ameaça para a Revolução.

Quando o Exército Insurreccional recuava (no Verão de 1919) para Uman, produziram-se actos de pilhagem em bens de famílias judaicas praticados por insurgidos. Examinando esses casos, os macknovistas averiguaram que se tratava sempre dos mesmos autores — 4 ou 5 homens, tendo pertencido aos destacamentos de Grigoriev e que tinham sido incorporados depois da sua morte no exército macknovista. Este grupo, logo desmascarado, foi reformado. Mais tarde, todos os combatentes que tinham servido sob Grigoriev foram afastados do exército macknovista, como elementos demasiadamente inconscientes sob o ponto de vista das ideias e que não fora possível educar no momento e nas circunstâncias em que os macknovistas se encontravam.

Vê-se por tudo isto a forma por que os macknovistas encaravam o anti-semitismo. Depreende-se muito bem que as manifestações de anti-semitismo que se deram na Ucrânia não tinham nada que ver com a macknovstchina.

Onde a população judaica se encontrava em contacto com os macknovistas, tinha neles os seus melhores defensores. A população judaica de Gulai-Polé, das cidades de Alexandrovsk, Berdiansk, Mariopola, como todas as colónias agrícolas judaicas situadas na região do Donetz podem certificar que os judeus encontravam sempre amigos revolucionários na pessoa dos macknovistas e que, graças às medidas severas que eles não deixavam nunca de adoptar, em caso de necessidade, as veleidades anti-semitas dos contra-revolucionários da região eram sempre prontamente abafadas.

O anti-semitismo existe na Rússia como em muitos outros países. Na Rússia e na Ucrânia em especial manifestava-se não como um resultado da Revolução ou do movimento insurreccional, mas pelo contrário como um

vestígio do passado. Os macknovistas combatiam-no sempre resolutamente, por palavras e por actos. Em todo o seu percurso, publicavam manifestos, convidando as massas do povo a lutar contra esse mal. Pode-se afirmar que os macknovistas mereceram bem os maiores louvores no domínio da luta contra o anti-semitismo na Ucrânia e além dos seus limites. Temos na nossa mão um manifesto publicado pelos macknovistas de acordo com os anarquistas, a propósito de casos de anti-semitismo que se deram na Primavera de 1919 e que se encontram ligados incontestavelmente ao princípio da ofensiva geral de Denikine contra a Revolução. Eis o que dizia esse manifesto (resumindo um pouco):

AOS OPERÁRIOS, CAMPONESES E PARTIDÁRIOS!

Sempre com os oprimidos, contra os opressores!

Nos dias penosos da reacção, quando a situação dos camponeses da Ucrânia era extraordinariamente dura e parecia sem solução, vós fostes os primeiros a erguer-vos como combatentes indomáveis e intrépidos da grande causa da libertação das massas laboriosas... Foi o momento mais belo e mais cheio de alegria da nossa Revolução, porque vós marcháveis contra o inimigo com as armas na mão, como revolucionários conscientes, animados pela alta ideia de liberdade e de igualdade... Mas elementos nocivos e criminosos puderam insinuar-se nas vossas fileiras. E ao som dos cantos revolucionários, dos cantos fraternais da libertação próxima dos trabalhadores, vieram juntar-se ruídos terríveis: os gritos lancinantes dos pobres judeus atormentados até à morte. No fundo claro e resplandecente da Revolução apareceram manchas escuras que é impossível fazer desaparecer: as produzidas pelo sangue dos pobres mártires judeus que, agora como noutra tempo, continuam a ser, segundo o desejo da reacção, as vítimas inocentes da luta de classes que se travou. Actos vergonhosos estão em via de realização. Programas anti-semitas se realizaram já.

Camponeses, operários e partidários!

Vós sabeis que os trabalhadores de todas as nacionalidades — russos, judeus, polacos, alemães, arménios, etc. — se debatem todos igualmente no mesmo abismo da miséria. Sabeis que milhares de

raparigas judias são vendidas e desonradas pelo capital, da mesma maneira que as mulheres de outras nacionalidades. Vós sabeis também quantos honestos e valentes judeus militantes revolucionários deram a sua vida durante a luta pela liberdade... A Revolução e a honra dos trabalhadores obrigam a gritar o mais alto que pudermos, a gritar de forma a fazer estremecer as forças obscuras da reacção, que nós fazemos a guerra a um inimigo comum: ao Capital e ao princípio da Autoridade, que oprimem igualmente todos os trabalhadores, quer sejam de nacionalidade russa, polaca, judaica, etc. Devemos proclamar por toda a parte que os nossos inimigos são os exploradores e os opressores de todas as nacionalidades: o fabricante russo, o mestre das forjas alemão, o banqueiro judeu, o proprietário agrícola polaco... A burguesia de todos os países e de todas as nacionalidades uniu-se para uma luta tenaz contra a Revolução, contra as massas laboriosas de todo o Universo e de todas as nacionalidades.

Camponeses, operários e partidários!

Neste momento em que o inimigo internacional, a burguesia de todos os países se precipitou sobre a Revolução russa e semeia profusamente a discórdia entre as massas dos trabalhadores, a fim de falsear a Revolução e abalar mesmo os fundamentos da nossa luta de classes: a solidariedade e a união de todos os trabalhadores, é a vós que compete marchar contra os contra-revolucionários conscientes ou inconscientes que põem em risco a causa da libertação do povo trabalhador das garras do Capital e da Autoridade. O vosso dever, revolucionários, é impedir toda a perseguição nacional e fazer implacavelmente justiça contra todos os instigadores de progrómos anti-semitas.

A via para a libertação do trabalho será aberta pela união dos trabalhadores de todo o Universo. Viva a Internacional do Trabalho!

Viva a comuna anarquista livre e libertária!

(Assinado): Comité Executivo do Conselho Revolucionário Militar de Gulaï-Polé; Comandante do Exército dos Insurgidos: Pai Mackno; Chefe do Estado-Maior do Exército dos Insurgidos macknovistas: B. Vérételnikov.

Gulaï-Polé, Maio de 1919.

APÊNDICE AO CAPÍTULO X

ORDEM N.º 1 (¹)

Do comandante do Exército Revolucionário Insurreccional da Ucrânia, Pai Mackno.

A todos os comandantes de infantaria, de cavalaria, de artilharia, a todos os comandantes de praças e de guarnições. A todos os insurgidos revolucionários, sem excepção.

1. O fim do nosso exército revolucionário como o de todo o insurgido que a ele vem juntar-se é a luta viril para a libertação dos trabalhadores da Ucrânia de toda a opressão. É por isso que cada insurgido deve recordar constantemente — e reparar que seja assim na realidade — que não deve haver lugar entre nós para os que procurarem satisfazer, sob o disfarce da insurreição revolucionária, os seus instintos de lucro, de violência ou de pilhagem à custa da pacífica população judaica.

2. Todo o insurgido revolucionário deve recordar-se de que os seus inimigos pessoais assim como os do povo inteiro são os burgueses ricos, quer eles sejam russos, ucranianos ou judeus e também aqueles que defendem o regime injusto dos burgueses, isto é, os comissários soviéticos, os membros dos corpos expedicionários repressivos e das comissões extraordinárias que vão de cidade em cidade e de aldeia em aldeia e torturam o povo trabalhador que recusa submeter-se ao seu arbítrio, à sua ditadura. Cada insurgido deve deter e enviar ao estado-maior do exército todo o membro dos corpos expedicionários, das Tchékas e das outras instituições que sirvam para a opressão e a subordinação do povo; em caso de resistência tratar de o fuzilar logo. Mas toda a violência para com os pacíficos trabalhadores, de qualquer nacionalidade que seja, será punida com a morte.

3. Toda a requisição e confiscação individuais como a troca de cavalos e de veículos com os camponeses sem autorização por escrito dos chefes serão severamente punidas. Cada insurgido deve

ter presente que este género de requisições atrairia às fileiras do Exército Insurreccional os patifes da pior espécie, sedentos de lucros e felizes por poderem perpetrar, cobrindo-se com o nome dos insurgidos revolucionários, vergonhosas acções, que lançariam a ignominia no movimento de libertação revolucionária.

Apelo para os militantes insurgidos para que defendam eles próprios a ordem e a honra do nosso Exército Insurreccional, verdadeiramente revolucionário, combatendo todo o acto de injustiça tanto entre nós como para com o povo trabalhador que nós defendemos. Nenhuma injustiça deve emanar de nós. Nós não poderíamos fazer mal aos filhos e às filhas do povo trabalhador que nós queremos defender. E todo o insurgido que suportasse um acto semelhante cobrir-se-ia de vergonha e atrairia contra ele o castigo do exército revolucionário popular.

4. Os interesses da Revolução e duma luta bem compreendida para as nossas ideias exigem que a disciplina fraternal mais rigorosa seja observada nas nossas fileiras. O mais profundo respeito e a maior obediência sob o ponto de vista militar para com os comandantes escolhidos por nós são absolutamente indispensáveis. A grande causa que nos é dado defender exige-o e nós levaremos assim a bom termo essa causa, que seria comprometida imediatamente se nós não tivéssemos disciplina. É por isso que eu exijo que os comandantes e os insurgidos mantenham a disciplina mais severa no seu meio e no seu serviço.

5. Embriagar-se com licores fortes é um crime. Maior crime seria para um insurgido revolucionário o mostrar-se nas ruas no estado de embriaguês.

6. Cada insurgido, indo duma aldeia para outra, deverá estar sempre pronto para o combate. As relações com a população pacífica nas aldeias e nas estradas deverão ser, em primeiro lugar, afáveis e fraternais. Recordai-vos sempre, camaradas comandantes e insurgidos, que nós somos os filhos do grande povo dos trabalhadores, que todos os trabalhadores são nossos irmãos e nossas irmãs. A causa pela qual nós combatemos é uma grande causa que exige que sejamos infatigáveis, generosos, cheios de afeição fraternal e de honra revolucionária.

É por isso que eu faço apelo a todos os insurgidos revolucionários para que sejam verdadeiros amigos do povo, fiéis e leais filhos da Revolução. É nisto que consiste a nossa força e a nossa vitória.

Assinado: O Comandante do Exército Revolucionário Insurreccional da Ucrânia: Pai Mackno.

Feito em Dobrovelitckovka, Governo de Kerson, em 5 de Agosto de 1919.

(¹) Esta Ordem foi publicada no momento da unificação e da organização de todas as forças dos insurgidos num só exército, quando, depois da retirada forçada da região de Gulai-Polé, os destacamentos que tinham servido sob Grigoriev e as tropas do Exército Vermelho vindas de Novy-Bug para se juntarem aos macknovistas foram incorporadas no Exército Insurreccional na região de Elisabetgrado e de Pomostchnaia.

CAPÍTULO XI

A PERSONALIDADE DE MACKNO NOTAS BIOGRÁFICAS DE ALGUNS MACKNOVISTAS

A macknovstchina é um movimento revolucionário das massas preparado pelas condições históricas da vida das camadas pobres da população camponesa na Rússia. Que Mackno aparecesse ou não, esse movimento teria infalivelmente brotado das fontes profundezas onde fermentava para o exterior e ter-se-ia manifestado em formas características e próprias. Desde os primeiros dias da Revolução fazia-se sentir nas diversas partes da Rússia. Não sendo na Ucrânia poderia rebentar em qualquer outra parte. A Revolução Russa trazia os gérmenes desse movimento no seu seio. No ano de 1918, com as condições de vida na Ucrânia, permitiu-lhe brotar numa grossa torrente e fortificar-se até certo ponto. Na sua qualidade de movimento histórico nascido no próprio coração do povo, colocou na evidência, desde o seu início, uma pleiade de individualidades que se tinham conservado até então desconhecidas, mas que possuíam o valor intrínseco necessário: uma força de alma

inflexível, um instinto revolucionário notável e grandes aptidões estratégicas. Eis os nomes de alguns que se assinalaram duma maneira especial: Kalachnikov, os irmãos Karetnik, Vassilevsky, Martchenko, Vdovitchenko, Korilenko, Gavrilenko, Pétrenko, Bélach, Stchuss, Ivan e Alexandre Lepetchenko, Isidoro Luty, Vérétnikov, Tchubenko, os irmãos Danilov, L. Zinkovsky, Krat, Seraguine, Taranovsky, Pusanov Troiano⁽¹⁾ e outros ainda menos conhecidos. Todos foram dos pioneiros do movimento macknovista, seus porta-bandeiras e guias admiráveis. O movimento encontrou também um guia geral, digno de ter esse posto, na pessoa de Nestor Mackno.

Nós conhecemos Mackno nas três fases da sua evolução e da sua actividade revolucionária.

A primeira foi quando, jovem revolucionário, cumpria a sua pena de trabalhos forçados. Na casa central onde estava encerrado, não se distinguia em nada dos outros presos: levava a mesma vida que eles, estava ligado aos ferros como eles, sofria a enxovia, respondia à chamada. O único traço que chamava a atenção era a sua infatigabilidade. Envolvía-se constantemente em discussões e controvérsias e inundava a prisão com os seus escritos. Tinha a paixão de escrever sobre temas políticos e revolucionários. Gostava muito de fazer versos desde que se encontrava na prisão e a poesia era para ele mais bem sucedida do que a prosa. Nessa época tinha um grande amor pelo título de anarquista, entendendo que nada poderia ser mais elevado e mais belo do que o mundo das ideias anarquistas. Durante a guerra imperialista, conservou-se perfeitamente estranho ao inebriamento patriótico de que sofria uma boa metade dos presos políticos. Os apelos de Kropotkine, que testemunhava a sua simpatia por um dos dois partidos em guerra, causaram-lhe uma mágoa infinita, mas não conseguiram abalar a sua convicção.

(1) É o próprio autor deste livro, Archinov. (Nota do tradutor).

A segunda fase do desenvolvimento de Mackno vai do 1.º de Março de 1917 até ao Verão de 1918. Durante este período manifestou uma grande actividade revolucionária na região de Gulai-Polé. Os sindicatos operários e as associações de camponeses em Gulai-Polé, o primeiro Conselho (Soviete) de operários e de camponeses que aí se reuniu foram os frutos do trabalho infatigável de Mackno em 1917. Tornou-se muito popular desde esse momento, entre os camponeses da região, mas como a Revolução tinha feito surgir muitas personalidades dotadas duma energia formidável, não se distinguia ainda duma maneira especial entre os outros. Um traço, contudo, lhe era próprio: mesmo quando se encontrava entre os seus camaradas, acontecia-lhe concentrar-se subitamente consigo mesmo e, então, acabava por tomar de repente resoluções pessoais inesperadas e do maior alcance para ele.

Finalmente, a sua terceira fase abrange a sua actividade entre os insurgidos revolucionários desde os tempos do *hetman* até aos últimos dias. Indubitavelmente, o ambiente das massas camponesas revoltadas; o ambiente da acção directa revolucionária e militar constituiram o meio em que a sua personalidade encontrou o seu elemento próprio e onde se desenvolveu integralmente. Na Primavera de 1919, quando o vimos pela primeira vez no seu novo meio, na sua qualidade de guia da insurreição revolucionária, era um novo homem, parecia transfigurado. O exterior não tinha mudado, mas, em seu foro interior, Mackno tinha-se tornado outro. Estava todo inflamado pela causa. Cada um dos seus movimentos manifestava alma, demonstrava vontade implacável e uma grande perspicácia. Nesse momento estava todo entregue à luta contra Denikine na frente sul. A energia de que deu provas durante esse período era imensa. Passava semanas e meses inteiros na frente, fazendo sentinela e combatendo nas fileiras com os outros insurgidos. Quando vinha a Gulai-Polé, passava todo o seu tempo a trabalhar no estado-maior. Este trabalho prolongava-se todos os dias até à uma da manhã e mais tarde ainda. Mackno só se deitava quando tudo estava terminado. E às

cinco ou seis horas da manhã já ele estava a acordar os outros membros do estado-maior, se eles dormiam ainda. Ao mesmo tempo, tomava uma parte activa nos comícios e assembleias que se organizavam ou em Gulai-Polé mesmo ou nos arredores. E, contudo, ele encontrava sempre o meio de passar uma hora ou duas em qualquer festa nupcial, para a qual o noivo o tinha convidado com 2-3 semanas de antecedência. Mantinha as mais simples relações com os camponeses, continuava a interessar-se profundamente pela sua vida quotidiana e partilhava o seu género de existência.

Uma grande quantidade de lendas sobre Mackno correram na Ucrânia entre os camponeses e os operários; Mackno era representado como dotado duma bravura excepcional, dum espírito vivíssimo e perspicaz, como um ser invencível. Na verdade, quando se conhece pessoalmente e se observa nos seus actos, nota-se que ele é, talvez, mais prodigioso ainda do que o apresentam as lendas.

Mackno é o homem da acção histórica. Os três anos da sua luta revolucionária estão cheios de acções incessantes, uma mais retumbante do que a outra.

O traço dominante de sua personalidade é a sua vontade formidável. Parecia que este homem de pequena estatura fora formado de elementos duma tenacidade especial. Não recuava nunca diante de nenhum obstáculo, se tomava a resolução de o vencer. Nos momentos mais árduos da sua vida, quando sobrevinha qualquer catástrofe na frente ou que os seus melhores amigos pereciam à sua vista — ficava exteriormente impassível, como indiferente. E, contudo, sofria mais de que nenhum outro, sem manifestar a sua dor. Quando, depois da ruptura do pacto militar e político em Novembro-Dezembro de 1920, os bolcheviques, sabendo com quem tinham de se haver e desejosos de evitar os erros por eles cometidos no Verão precedente, lançaram contra Mackno quatro corpos do exército, este último viu-se empurrado para uma situação catastrófica. Contudo, não perdeu um só momento o seu equilíbrio moral. A sua calma tinha alguma coisa de prodígio: não prestava nenhuma atenção nem aos milhões de projecteis que dizimavam as

tropas dos insurgidos nem ao perigo iminente de ser esmagado a cada instante pelos pesados Exércitos Vermelhos. Este sangue frio teria podido parecer o de um demente. Mas só um estranho teria podido fazer esta suposição. Os que conheciam Mackno sabiam que esta calma significava um esforço de vontade inaudita para poder obter a vitória sobre o inimigo.

A audácia e a firmeza de Mackno são as dos verdadeiros heróis; distingue-se, por isso, dos que são audaciosos e decididos atrás e à custa doutros. Em todos os casos graves, ia à frente, sendo o primeiro a arriscar a sua vida. Que ele corra à batalha com um destacamento ou que o exército inteiro se ponha em movimento numa extensão de 15 ou 20 verstas — Mackno está sempre na primeira fila, a cavalo se está de saúde, em carruagem se sofre dos seus ferimentos. Isto é uma regra sem excepção.

Mackno é incontestavelmente dotado dum talento militar. Quantas não foram as dificuldades em que se encontrou com o seu exército na Ucrânia! Soube sempre tirar-se dessas dificuldades honrosamente. A derrota que ele infligiu, em Uman, às divisões de Denikine comandadas por generais sabedores da Escola Militar e a maneira como ele desorganizou e sua retaguarda são monumentos do talento militar de Mackno. E não são os únicos.

Pelas suas concepções revolucionárias e sociais, Mackno é um anarquista-comunista. É dedicado até ao fanatismo à classe a que pertence — à dos camponeses pobres destituídos de todos os direitos, subjugados, esmagados.

Mackno é inteligente e agaz, sabendo usar das dissimulações e manhas mais ou menos habilidosas. Esta característica do seu espírito, que lhe vem do povo e que se desenvolveu no seu meio camponês, revela-se nele constantemente. Goza com todo o direito da dedicação e do afecto do seu exército e das massas dos camponeses. Nesse meio é considerado pelos camponeses o único, o seu verdadeiro companheiro e camarada, inteiramente deles. — «O Batko (Pai) é dos nossos» — diziam os insurgidos falando dele. — Ele bebe de muito boa vontade um copo connosco, con-

versa conosco muito bem e combate ombro a ombro conosco...» Estas simples palavras contêm talvez a melhor característica de Mackno como verdadeiro filho do povo.

Sim, os seus laços com o povo são verdadeiros: são naturais, plenos de seiva e de sangue. Não era fácil encontrar em toda a Rússia outro homem gozando da mesma popularidade e duma tão grande afeição das massas. Os camponeses têm um grande e íntimo orgulho por ele, por ser um camponês como eles. Contudo, ele nunca procurou aproveitar-se desta circunstância para uma situação de exclusivismo. Pelo contrário, muitas vezes se ria disso com aquele humorismo próprio da raça ucraniana.

O pulso firme e forte de guia fez-se sentir em Mackno. Não é nada autoritário pelas suas tendências, mas no ponto culminante da acção soube sempre demonstrar a firmeza necessária, sem dar uma tendência autoritária ao movimento, mas sem o comprometer ao mesmo tempo pela falta de coesão.

Sabe-se quanto os bolcheviques censuraram o facto de os camponeses chamarem a Mackno «Batko» (Pai).

Nós tivemos já ocasião (no capítulo III) de dizer como e em que circunstâncias ele foi assim baptizado. Depois de 1920 chamam-lhe geralmente «Maly» (O Pequenote) — alcunha que se refere à sua pequena estatura e lhe foi posta por acaso por um dos insurgidos (1).

A personalidade de Mackno tem muitos traços dum homem superior: a inteligência, a vontade, o ardor, a energia, a actividade. Estas qualidades reunidas dão-lhe um

aspecto que o impõe à consideração e o tornam notável mesmo entre os revolucionários.

Contudo, a Mackno faltavam-lhe conhecimentos teóricos, saber histórico e político. Era por isso que lhe sucedia muitas vezes não poder fazer as generalizações e as deduções revolucionárias que se impunham ou mesmo aperceber-se da sua necessidade. O vasto movimento de insurreição revolucionária exigia imperiosamente que novas fórmulas sociais e revolucionárias, adequadas à sua essência, fossem encontradas. Por virtude da sua falta de instrução teórica, Mackno não satisfazia sempre a esta necessidade. Dada a posição que ocupava no centro de insurreição revolucionária, este defeito tinha uma grande repercussão em todo o movimento.

Nós somos de opinião de que, se Mackno possuísse mais conhecimento no domínio da História e das Ciências Políticas e sociais, a insurreição revolucionária teria tido a assinalar, em vez de certos fracassos, uma série de vitórias que teriam tido uma influência enorme — talvez mesmo decisiva — no desenvolvimento da Revolução Russa.

Além disso, Mackno possuía uma feição característica que diminuía por vezes as suas qualidades dominantes: uma certa negligência que se manifestava de vez em quando. Este homem cheio de energia e de vontade dava por vezes mostras, em momentos duma gravidade excepcional e em face de necessidades também excepcionais, duma ligeireza descabida e não tinha aquela profundidade de vistas que a situação exigia.

Assim, por exemplo, os resultados da vitória ganha em Outubro de 1919 pelos macknovistas sobre a contra-revolução de Denikine não foram aproveitados convenientemente até às proporções duma insurreição pran-ucraniana, embora o momento fosse extraordinariamente favorável para isso. A razão era, entre outras, um certo inebriamento pela vitória, assim como a enorme dose de confiança e de negligência com que os guias da insurreição e Mackno se instalaram, à frente, na região libertada, sem se preocuparem com o bolchevismo que vinha do Norte.

(1) Depois de 1920 os bolcheviques têm falado muito (ou escrito) dos defeitos pessoais de Mackno, baseando-se no jornal da sua pretensa esposa, uma tal Fédora Galenko, que teria sido feita prisioneira durante uma batalha. A mulher de Mackno chama-se Andreievna Kuzmenko nunca o deixou desde 1918. Nunca escreveu nem por conseguinte perdeu nenhum jornal. Portanto a documentação das autoridades soviéticas é, como frequentemente, uma falsificação.

Mas a personalidade de Mackno engrandecia-se e desenvolvia-se à medida que se desenvolvia a Revolução Russa. Em cada ano, tornava-se mais reflectido. Em 1921, tinha ganho muito em profundidade e ponderação em comparação com 1918-1919.

Estudando a personalidade de Mackno, importa não esquecer as condições péssimas do meio em que viveu os seus primeiros anos, desde a sua infância: uma falta quase completa de instrução entre os que o rodeavam e, em seguida, quase completa de experiência prática e de direcção na luta social e revolucionária. Apesar disso, Mackno realizou factos imortais na Revolução Russa e a história o incluirá com toda a justiça entre os homens mais notáveis desta época.

Com grande espanto nosso, a maior parte dos anarquistas russos contemporâneos, pretendendo ter um papel preponderante no domínio da ideia anarquista não souberam distinguir os aspectos notáveis da personalidade de Mackno. Muitos deles viam-no julgavam-no através das lentes bolchevistas, fundando-se nos dados oficiais ou prendendo-se com pormenores. Pedro Kropotkine formava uma excepção brilhante nesta maneira de ver. «Dizei da minha parte ao camarada Mackno que tome cautela consigo próprio, porque há poucos homens como ele na Rússia.»⁽¹⁾ Estas palavras foram ditas por Kropotkine no mês de Junho de 1919, isto é, num momento em que na Rússia Central não se sabia a respeito de Mackno senão o que constava das deturpadas informações oficiais. A uma grande distância e baseando-se só em factos isolados, a vista inspirada e perspicaz de Kropotkine tinha descoberto em Mackno uma personagem duma acção histórica de grande envergadura.

(1) Necessariamente estas palavras de Kropotkine eram um conselho ao camarada Mackno para se resguardar não só fisicamente, mas também moral e revolucionariamente.

NOTÍCIAS BREVES SOBRE ALGUNS MACKNOVISTAS

Terminaremos o presente capítulo com algumas breves indicações sobre vários dos principais actores do movimento. A documentação sobre a sua biografia que nós acumulámos perdeu-se no princípio de 1921; é por isso que temos de limitar-nos a curtas notícias.

Simão Karetnik. — Antes da Revolução, camponês de Gulai-Polé, não possuindo nenhuns bens; criado de herdade. Só frequentou a escola um ano. Anarquista-comunista desde 1907. Tomou parte no movimento macknovista logo desde os primeiros dias. Talento militar eminente. Ferido várias vezes nos combates contra as tropas de Denikine. Desde 1920 era ele quem substituíra Mackno; nesta qualidade se encontrou à frente do exército enviado à Crimeia contra Vrangel, membro do Conselho dos Insurgidos Revolucionários da Ucrânia. Depois da derrota de Vrangel, foi enviado para Gulai-Polé pelas autoridades soviéticas sob pretexto de conciliábulo militar, mas traiçoeiramente capturado em Melitopola e fuzilado. Deixa viúva e muitos órfãos.

Martchenko. — Camponês de Gulai-Polé. Filho de pobres. Curso escolar incompleto. Anarquista-comunista desde 1907. Um dos primeiros insurgidos da região de Gulai-Polé. Foi feito prisioneiro pelas tropas de Denikine e ferido várias vezes. Comandou toda a cavalaria macknovista durante os dois últimos anos da insurreição. Membro do Conselho dos Insurgidos Revolucionários. Morto no mês de Janeiro de 1921, perto de Poltava, durante uma batalha com o Exército Vermelho. Deixa viúva.

Gregorio Vassilevsky. — Camponês de Gulai-Polé, filho de pobres. Instrução primária. Anarquista antes da Revolução de 1917. Tomou parte na macknovstchina desde o seu início. Amigo pessoal de Mackno e seu camarada em todas as acções. Substituiu-o em muitos casos. Morto no mês de Dezembro de 1920, no Governo de Kiev, durante uma batalha contra os cossacos vermelhos. Deixa viúva e órfãos.

B. Vérétnikov. — Camponês de Gulai-Polé. Operário fundidor nas oficinas da localidade, no princípio e depois na oficina Putilov em Petrogrado. Socialista revolucionário no princípio, anarquista desde 1918. Organizador e agitador experiente. Tomou uma parte activa em todas as fases da Revolução Russa. Voltou em 1918 a Gulai-Polé onde se dedicou à propaganda e obteve uma grande popularidade na região. Desempenhava por último as funções de chefe do Estado-Maior. No princípio de Junho de 1919, quando as tropas de Denikine irromperam na região, marchou ao seu encontro, à frente dum destacamento formado à pressa; a 15 verstas pouco mais ou menos de Gulai-Polé, perto de Sviatodukova, foi cercado por todos os lados pelo inimigo e pereceu com todo o seu destacamento sem largar as armas até ao último momento. Deixa viúva e órfãos.

Pedro Gavrilenko. — Filho de camponeses de Gulai-Polé, anarquista desde a Revolução de 1905-1907. Um dos actores principais e mais activos da macknovstchina. Desempenhou um papel importante na derrota de Denikine no Outono de 1919, quando comandava o 3.º corpo dos insurgidos macknovistas. Durante o ano de 1920, ficou capturado em Kharkov pelos bolcheviques. Depois da conclusão do acordo militar e político com o Governo dos Sovietes, foi restituído à liberdade e dirigiu-se logo para a Crimeia para tomar parte na luta contra Vrangeli; ocupou o posto de Chefe do Estado-Maior da frente das tropas macknovistas. Depois da derrota de Vrangeli foi traiçoeiramente capturado pelos bolcheviques e, segundo o que podemos saber, foi fuzilado em Melitopola. Chefe militar e revolucionário eminente.

Bazílio Korilenko. — Camponês da aldeia de Novospassovka. Instrução escolar muito sumária. Anarquista. Comandante das forças de cavalaria. Membro do Conselho dos Insurgidos Revolucionários. Como cavaleiro experimentado foi, em 1919, convidado pelos bolcheviques a ocupar o posto de comandante da cavalaria vermelha, mesmo estando os macknovistas declarados fora da lei. Aceitou esse posto com aprazimento de Mackno e dos outros cama-

radas e ocupou-se em combater Denikine durante o avanço deste no Governo de Ekaterinoslav. Por ocasião do acordo militar e político, foi delegado pelos macknovistas para as conversações com os bolcheviques. Ferido várias vezes nos combates contra os vermelhos e contra os brancos. Bom propagandista nos grandes comícios populares. Morto numa escaramuça contra as tropas vermelhas no Verão de 1921. Deixa viúva.

Victor Bèlach. — Camponês da aldeia de Novospassovka com 26 anos de idade. Instrução primária. Anarquista. Comandou até 1919 um regimento macknovista e tomou parte no ataque a Taganrog. Foi depois chefe do Estado-Maior. Para se vingarem da sua participação na macknovstchina, as tropas de Denikine mataram-lhe o pai, o avô e os seus dois irmãos e queimaram tudo o que lhes pertencia. Membro do Conselho dos Insurgidos Revolucionários. Dotado de aptidões notáveis para a estratégia militar, elaborava todos os planos respeitante aos movimentos das tropas e assumia-lhes a inteira responsabilidade. Feito prisioneiro pelos bolcheviques em 1921, encontrou-se sob a ameaça de morte. Não temos notícias sobre a sua sorte.

Vdovitchenko. — Camponês da aldeia de Novospassovka. Anarquista. Instrução primária. Comandante do destacamento especial das tropas macknovistas. Um dos participantes mais activos da insurreição revolucionária. Gozava duma grande popularidade e duma profunda afeição da parte dos camponeses do litoral do mar de Azov e dos insurgidos. Desempenhou um papel importante na derrota infligida a Denikine no Outono de 1919. Gravemente ferido, foi feito prisioneiro pelos bolcheviques em 1921 e ameaçado de morte, recusou desdenhosamente a proposta que eles lhe fizeram de entrar para o seu serviço. A sua sorte é desconhecida.

Pedro Rybine (Zonov). — Torneiro metalúrgico, originário do Governo de Orel. Na época da reacção czarista emigrou para a América onde tomou parte no movimento revolucionário, desempenhando um papel importante na

qualidade de membro da União dos Operários Russos nos Estados Unidos e no Canadá. No princípio da Revolução de 1917 voltou à Rússia pelo Japão e Vladivostok e deteve-se em Ekaterinoslav. Aí ocupou-se activamente do movimento profissional e adquiriu uma grande popularidade entre os operários. No fim do ano, os operários de Ekaterinoslav enviaram-no como seu delegado à conferência pan-ucraniana dos representantes das uniões profissionais e dos comités de oficinas. A conferência adoptou o plano de Rybine elaborando a unificação da indústria e o restabelecimento dos transportes. Depois Rybine permaneceu em Kharkov como os bolcheviques lhe tinham proposto e trabalhou nas uniões profissionais dos operários metalúrgicos e em outras instituições centrais para a indústria e os transportes. Pelo Verão de 1920 chegou à conclusão de que era impossível trabalhar com os bolcheviques, porque estes dirigiam todos os seus esforços contrariamente aos interesses dos operários e dos camponeses. É de notar que Rybine tinha trabalhado com os bolcheviques como especialista meticoloso do movimento profissional e não tinha pensado em fazer quaisquer reclamações anarquistas às autoridades soviéticas. Mas, mesmo limitando-se a este papel, entendeu que era impossível servir honestamente os interesses da classe operária sob a ditadura comunista. Pelo Outono de 1920 o seu pensamento voltou-se para o lado de Mackno e dirigiu-se para o campo dos insurgidos onde se pôs a trabalhar com uma grande energia na secção de cultura do movimento. Algum tempo depois da sua chegada, foi eleito membro do Conselho dos Insurgidos Revolucionários como secretário. Rybine deu provas duma energia espantosa, dedicando-se aos trabalhos de organização e de cultura. No mês de Janeiro de 1921 deixou por um certo tempo o campo dos macknovistas e foi para Kharkov. Tinha a intenção de aí chamar Racovsky ao telefone e dizer-lhe francamente a opinião que formava dele e dos outros autores do ataque traiçoeiro feito contra os macknovistas e os anarquistas. É muito provável que tivesse executado o seu desígnio e que isso fosse a causa da sua perda: 5 dias

depois da sua chegada a Karkov, era preso por ordem de Tchêka e fuzilado um mês depois; fuzilado pelos bolcheviques que lhe prenunciavam tão pouco tempo antes uma carreira brilhante, qualificando-o de organizador inato e teórico do movimento operário.

Kalachnikov. — Insurgido muito novo. Filho de operário, tendo passado pela escola municipal. Alferes no exército antes da Revolução. Secretário da organização dos anarquistas-comunistas de Gulai-Polé em 1917. Comandante duma bravura e duma aptidão excepcionais. Principal actor do levantamento das tropas vermelhas perto de Novy-Bug no Verão de 1919, quando passaram em massa para os macknovistas. Comandava a princípio a 1.^a Brigada do Exército Insurreccional e depois o 1.^o Corpo de Exército dito do Donetz. Morto por um obus no Verão de 1920 num combate com as tropas vermelhas. Deixa viúva e um órfão.

Mikhalev Pavlenko — Filho de camponês da Rússia Central. Membro da organização dos anarquistas de Petrogrado. Chegou a Gulai-Polé no princípio de 1919. Organizou e comandou as tropas de engenharia e dos sapadores do exército macknovista. Tinha uma alma de jovem idealista muito pura e delicada. Em 11 ou 12 de Junho de 1919, estando de serviço num comboio blindado que estava travando luta contra Denikine, foi traiçoeiramente preso por Vorochilov que comandava o 14.^o exército dos bolchevistas e executado a 17 em Karkov.

Makécy — Operário de Ivanovo-Voznessenk, membro da organização anarquista desta cidade. Partiu pelos fins de Abril de 1919 para Gulai-Polé em companhia de 35 camaradas pertencentes à mesma organização. Dedicou-se a princípio à propaganda e foi eleito, pouco depois, intendente do Estado-Maior do exército macknovista. No fim do mês de Novembro de 1919 foi morto perto de Zaporojié num combate com as tropas do general Slastchov.

Bazílio Danilov — Filho duma família de camponeses pobres de Gulai-Polé ferrador de profissão. Soldado artilheiro. Tomou parte na insurreição revolucionária logo nos

primeiros dias, ocupando com o exército macknovista o posto de chefe responsável do abastecimento da artilharia.

Tchernoknijny. — Professor primário da aldeia de Novoplavlóka, distrito de Pavlogrado. Foi eleito pelo 2.º Congresso de camponeses, operários e partidários realizado em Gulai-Polé presidente do Conselho Revolucionário Militar da região e continuou a exercer estas funções até à derrocada da região insurgida pelas tropas «vermelhas» e «brancas», no mês de Julho de 1919. As autoridades soviéticas declararam-no mais de uma vez fora da lei, pela sua participação na macknovstchina.

Stchuss — Filho duma família de pobres camponeses da aldeia de Grande-Mikhaïlovka. Marinheiro. Um dos primeiros e mais activos insurgidos do Sul da Ucrânia. Encontrava-se, desde o mês de Abril de 1918, à frente de destacamentos insurreccionais que combatiam com as tropas alemãs e austríacas, manifestando nessa luta, como na luta contra as forças do «hetman», uma energia e uma bravura excepcionais. O seu nome gozava entre os insurgidos e em todo o país uma popularidade igual à de Nestor Mackno. Ocupou posto de confiança no exército macknovista como comandante da cavalaria e depois Chefe do Estado-Maior do grupo do Exército Especial. Morto no mês de Julho de 1921, no Governo de Poltava, durante uma batalha com as tropas bolchevistas.

Isidoro Luty — Camponês de Gulai-Polé. Instrução primária. Pintor de construção. Anarquista. Um dos primeiros e mais activos entre os insurgidos revolucionários. Membro do Estado-Maior e um dos ajudantes mais íntimos de N. Mackno. Morto na batalha contra as tropas de Denikine perto de Uman, no mês de Setembro de 1919.

Tomás Kojine — Camponês. Não pertencia a nenhum partido. Comandava o destacamento de metralhadoras do exército macknovista; foi depois chefe do destacamento especial. Desempenhou um papel eminente nas derrotas infligidas no Outono de 1919 a Denikine e no Outono de 1920 a Vrangel. Ferido várias vezes durante essas cam-

panhas. Gravemente ferido em 1921 num combate com os «vermelhos». A sua sorte é desconhecida.

João e Alexandre Lépetchenko — Dois irmãos camponeses de Gulai-Polé, anarquistas. Foram os primeiros a fomentar a revolta contra o *hetman* de Ucrânia. Trabalharam activamente tanto na frente como no interior da região insurreccional. Alexandre Lépetchenko foi fuzilado pelos bolchevistas na Primavera de 1920, em Gulai-Polé, como um dos macknovistas mais eminentes; João Lépetchenko permaneceu até ao fim do seu posto de responsabilidade no exército macknovista.

Séréguine — Camponês, anarquista desde 1917. Tomou parte na insurreição logo nos primeiros dias. Ocupou o posto de chefe do abastecimento do Exército Insurreccional.

Gregório e Sawa Mackno, irmãos de Nestor Mackno — Em 1918 e no princípio de 1919, Gregório Mackno tomou parte como Chefe do Estado-Maior da 73.ª Brigada do Exército Vermelho na luta contra os brancos na frente Tzaritzyna. Juntou-se ao Exército Insurreccional na Primavera de 1919, exercendo as funções de adjunto ao Chefe do Estado-Maior. Morto perto de Uman num combate contra as tropas de Denikine, no mês de Setembro de 1919, ao mesmo tempo que Izidoro Luty. Sawa Mackno, o mais velho da família, tomou parte na insurreição desde a época da ocupação austro-alemã. Foi preso pelos bolcheviques em Gulai-Polé, não durante uma batalha, mas em sua própria casa e fuzilado — por causa dos seus laços de parentesco com Nestor Mackno. Deixa uma família numerosa.

*

* *

Não dispondo de documentação suficiente não podemos fornecer indicações biográficas mais ou menos completas sobre toda a numerosa pléiade dos macknovistas activos e responsáveis que representavam um papel proeminente no movimento, como por exemplo: *Garkucha*, comandante dum destacamento especial dos insurgidos mackno-

vistas, morto em 1920; *Koliada*, membro do Estado-Maior; *Dermendji*, chefe da secção de ligação; *Pravda*, chefe dos transportes; *Bondaretz*, que comandava toda a cavalaria e foi morto em 1920; *Tchnbeuko*, chefe do destacamento das minas⁽¹⁾; *Brová*, chefe do destacamento especial do exército; *Domachenko*, comandante do Estado-Maior; *Zabudko*, chefe do destacamento especial; *Tykhenko*, chefe do abastecimento; *Buryma*, chefe do destacamento de minas⁽¹⁾; *Tchunak*, tesoureiro do exército; *Krat*, administrador da secção económica e muitos outros.

Todos tinham provindo das camadas mais profundas da população laboriosa; todos se revelaram no momento mais heróico e revolucionário da acção e serviram a causa do movimento com todas as suas forças e até ao último instante.

(1) Durante muitos anos de macknovstchina muitos homens se sucederam nos diferentes postos de comando.

CAPÍTULO XII

A MACKNOVSTCHINA E O ANARQUISMO

O anarquismo abrange dois mundos: o das ideias propriamente ditas, da filosofia, e o das acções e realizações práticas. Ambos estão intimamente ligados entre si. A classe operária em luta preocupa-se naturalmente mais com o lado concreto e prático do anarquismo. O seu princípio essencial e fundamental é o princípio da iniciativa revolucionária dos trabalhadores e a sua libertação pelas suas próprias forças. Deste princípio deduz-se naturalmente o da negação do Estado, assim como o da autodirecção dos trabalhadores na sociedade nova. Contudo, até ao presente, a história das lutas proletárias não nos deu o exemplo dum movimento das massas guiado pelo princípio anarquista puro. Todos os movimentos operários e camponeses que se deram até aqui desenrolaram-se nos limites do regime capitalista e apenas têm sido mais ou menos atingidos de anarquismo. Isto é perfeitamente natural e compreensível. As classes laboriosas agem não no mundo desejado, mas no que existe; estão diariamente em luta com a acção física e psíquica das forças hostis. Além do mundo das ideias

anarquistas, que tem apenas uma fraca extensão, os trabalhadores sofrem constantemente a influência de todo o meio real do regime capitalista e dos grupos intermediários.

As condições da vida moderna rodeiam os trabalhadores por todos os lados, encerram-nos como os peixes o são pelas águas do mar. Os trabalhadores não podem sair desse ambiente. É por isso que é muito natural que a luta que sustentam traga o selo das diversas condições e particularidades do que existe. Nunca pois esta luta pôde nascer e manifestar-se sob uma forma anarquista nitidamente marcada e responder a todas as aspirações ideais. Uma semelhante forma só seria possível em círculos políticos restritos e, então, também só em planos e programas e não na prática.

Quanto às massas populares, quando travam a luta, sobretudo uma luta de amplas dimensões, cometem no princípio, inevitavelmente, erros, admitem antinomias e desvios. Só no decurso da luta é que elas poderão corrigir a sua linha de combate segundo o ideal para que tendem.

Foi sempre assim. Assim será no futuro. Por maior que seja o cuidado com que previamente, em tempo de paz, tenhamos preparado as organizações da classe operária — no primeiro dia da luta decisiva das massas, tudo se passará duma maneira diversa do que faria prever o plano pensado com antecedência; sucederá em certos casos que o próprio facto de acção de grandes massas desorganize algumas posições preparadas; em outros casos, os desvios e os choques das massas tornarão necessária a modificação das disposições já tomadas. E só gradualmente é que o movimento imenso das massas tomará a via delimitada em princípio e conduzindo ao objectivo que tem em vista.

Isto não quer dizer, de modo nenhum, que a organização prévia das forças e das posições da classe operária seja supérflua. Pelo contrário, um trabalho preparatório desse género é uma condição absoluta da vitória dos trabalhadores. O que se deve é ter sempre presente que isso não é o coroamento da obra e que, mesmo tendo-se realizado esse trabalho, o movimento exigirá ainda uma grande

perspicácia de todos os instantes e uma faculdade de orientação muito viva nas novas circunstâncias nascentes. Numa palavra, será preciso realizar uma estratégia revolucionária de classe e é disso que dependerá num grau considerável o futuro do movimento.

O ideal do anarquismo é grande e rico na sua multiplicidade. Contudo, o papel dos anarquistas na luta social das massas é muito modesto. O seu fim é ajudar as massas a entrar na verdadeira via da luta e da edificação da sociedade nova. Enquanto o movimento das massas não tomar a via da colisão decisiva, o dever dos anarquistas é auxiliar as massas a interpretar a significação da luta que as espera, a definir as obras a realizar e os seus objectivos, a tomar as necessárias disposições de combate e a organizar as suas forças. Se o movimento passou já ao período do conflito decisivo, os anarquistas deverão precipitar-se nele sem perderem um instante; deverão fazer tudo o que depender deles para auxiliar as massas a libertar-se dos desvios erróneos, para sustentar os seus primeiros ensaios constructivos, servi-los pelo pensamento, procurando fazer de maneira que o movimento siga firmemente pelo caminho direito que conduz às aspirações essenciais dos trabalhadores. É nisto que consiste o objectivo principal, para não dizer único, do anarquismo durante a fase da Revolução. A classe operária, logo que se apoderar das posições da luta e da edificação social, não cederá a mais ninguém a iniciativa do trabalho criador. Deixar-se-á dirigir pelo seu próprio pensamento, criará a sociedade nova segundo o seu plano próprio. Quer seja plano anarquista ou não, esse plano, assim como a sociedade nova nele baseada, sairão do seio do trabalho libertado, sendo preparados pelo seu pensamento e pela sua vontade.

Estudando a macknovstchina, reparamos logo em dois aspectos essenciais desse movimento; 1.º) O seu carácter verdadeiramente popular e proveniente das próprias camadas proletárias; o movimento surgiu de baixo, das profundezas da massa trabalhadora; em toda a sua duração, são as próprias massas populares que o sustentam, o desenvol-

vem e o dirigem; 2.º) Esse traço distintivo de desde os seus primeiros dias se ter apoiado, não só instintivamente mas também conscientemente, sobre certos princípios incontestavelmente anarquistas:

- a) O direito dos trabalhadores a uma iniciativa completa;
- b) O seu direito de autodirecção económica e social;
- c) O princípio do não estatismo na edificação social.

Em todas as fases do seu desenvolvimento, a macknovstchina manteve estes princípios com tenacidade e consequência. Em nome destas ideias, o movimento suportou a morte de duzentos ou trezentos mil dos melhores filhos do povo, recusou enfeudar-se a qualquer força estatista que fosse e sustentou ao alto, durante três anos, em condições duma dificuldade inaudita e com um heroísmo raro na história humana, a bandeira negra da humanidade oprimida, estandarte no qual estão inscritas: a verdadeira liberdade dos trabalhadores e a verdadeira igualdade no seio da sociedade nova.

Nós temos na macknovstchina um movimento anarquista das classes laboriosas — não completamente acabado, não inteiramente cristalizado, mas aspirando ao ideal e encaminhado na via libertária.

Mas exactamente porque este movimento saíra das profundas camadas do povo, não dispunha das forças teóricas necessárias, das forças de generalização indispensáveis a cada grande movimento social. Este defeito manifestou-se, entre outras coisas, em que o movimento, colocado em face das condições gerais, não chegava a estabelecer a tempo as suas ideias e os preceitos próprios, a elaborar as suas fórmulas práticas concretas. É por isso que o movimento avançava lentamente e com custo, devido sobretudo às forças inimigas múltiplas que o atacavam.

Estava-se no direito de contar que os anarquistas — que tinham sempre falado tanto dum movimento revolucionário das massas, que o tinham esperado durante anos, como a vinda dum novo Messias — se apressariam a jun-

tar-se a esse movimento, a dedicar-se-lhe, a fundir-se integralmente com ele. Não sucedeu assim.

A maior parte dos anarquistas russos que tinham passado pela escola teórica de anarquismo conservava-se à parte, nos círculos isolados sem nenhuma razão de ser nesse momento; procuravam estudar o que era este movimento e de que maneira o deveriam encarar; mas permaneciam inactivos, satisfeitos por poderem justificar a sua inércia pela ideia de que o movimento parecia não ser puramente anarquista.

Contudo, o seu auxílio prestado à causa do movimento, sobretudo quando o bolchevismo não tinha ainda paralisado o seu desenvolvimento normal, poderia ter sido dum valor incalculável. A massa tinha uma necessidade infinita de militantes que soubessem formular e desenvolver as ideias que a animavam, que a ajudassem a criar em grande escala, a definir e elaborar as formas e a marcha futura do movimento. Os anarquistas não quiseram ou não souberam fazê-lo. Causaram assim um prejuízo imenso tanto ao movimento como a eles próprios. Ao movimento, porque não puseram ao seu serviço em tempo oportuno as suas forças de organização e de cultura, o que fez com que o movimento se desenvolvesse lentamente e dolorosamente, com o auxílio dos pobres recursos teóricos de que dispunham as próprias massas. E quanto a eles mesmos, os anarquistas perderam enormemente em ter ficado fora da actualidade viva, condenando-se pela sua inactividade à esterilidade. Somos obrigados a constatar que os anarquistas russos, adormecidos nos seus círculos, deixaram passar à sua vista um movimento grandioso das massas, o único até esse dia que, na Revolução actual, parece dever realizar as aspirações históricas da humanidade oprimida.

Mas nós verificamos também que esse facto deplorável se não deu fortuitamente: foi causado por motivos determinados que importa apreciar com alguma atenção. Uma grande parte dos nossos teóricos pertencem pelas suas origens à *inteligência*. Esta circunstância é duma grande importância. Agrupando-se sob a bandeira do anarquismo, são

contudo muitos deles incapazes de romper definitivamente com o estado de alma, a psicologia do meio de que saíram, ocupando-se mais do que o resto dos camaradas da teoria do anarquismo, vão-se deixando gradualmente compenetrar da ideia de que desempenham um papel de guias do mundo anarquista e acabam por acreditar que o próprio movimento anarquista se realizará segundo as suas indicações ou, pelo menos, com o seu concurso imediato e dirigente. Ora o movimento começou muito longe deles, na província distante e nas camadas mais profundas da sociedade moderna. Apenas alguns entre os teóricos do anarquismo — isolados — foram bastante perspicazes e corajosos para reconhecer que esse movimento era bem aquele para que o anarquismo os havia preparado de longa data e para se apressar a entrar nele. Seria mesmo mais justo dizer que, de todos os anarquistas *intelectuais* e teoricamente instruídos, foi *Voline* o único que tomou parte no movimento, com toda a decisão, pondo ao seu serviço todas as suas aptidões, as suas forças e os seus conhecimentos. O resto dos trabalhadores teóricos do anarquismo permaneceu à parte do movimento macknovista. Isto nada prova naturalmente contra a macknovschina nem contra o anarquismo, mas apenas contra aqueles anarquistas e aquelas organizações libertárias que no momento histórico em que o movimento social dos camponeses e dos operários se manifestara em todo o seu vigor foram demasiadamente tacanhos; demasiadamente passivos e demasiadamente desprevenidos para saber ou querer aproximar-se da sua própria causa, quando ela lhes apareceu revestida de carne e chamou a si todos aqueles a quem eram queridas a liberdade do trabalho e as ideias do anarquismo.

Um outro traço ainda mais importante da inactividade dos anarquistas é a confusão das ideias anarquistas e a desorganização das fileiras libertárias. Embora o ideal do anarquismo seja potente, positivo e incontestável, acusa ainda algumas lacunas, entra ainda muito pelos lugares comuns abstractos e vagos e as divagações por domínios que não têm nada a ver com o movimento social dos trabalhadores. É daí que provem a possibilidade de interpretar

erradamente as aspirações do anarquismo e o seu programa prático.

Assim, muitos anarquistas gastam as suas forças a tratar de resolver se o problema do anarquismo é o da libertação das classes, da humanidade ou do indivíduo. A questão é vã — contudo, ela tem a sua base em algumas posições vagas do anarquismo e abre um caminho livre aos abusos no domínio da ideia anarquista, por meio da prática anarquista em seguida. A própria teoria anarquista da liberdade individual que está longe de se encontrar suficientemente esclarecida oferece um campo ainda mais vasto aos abusos. Lentamente os homens da acção, possuindo uma vontade firme e um instinto revolucionário muito desenvolvido, verão na ideia anarquista da liberdade individual antes de tudo a ideia do respeito anarquista pela *individualidade doutrem*, a ideia da luta infatigável pela liberdade anarquista das massas. Mas os que não têm a paixão da Revolução, que pensam em primeiro lugar nas manifestações do seu próprio «eu», compreendem esta ideia à sua maneira. De cada vez que se trata de organização prática, de grave responsabilidade, refugiam-se na ideia anarquista da liberdade individual e fundando-se nela procuram subtrair-se a toda a responsabilidade e impedir toda a organização. Cada um deles retira-se para a sua tenda, imagina a sua obra própria e prega o seu próprio anarquismo. As ideias e as acções dos anarquistas são assim pulverizadas duma maneira insensata.

Como resultado dum tal estado de coisas, constatamos um grande número de diferentes sistemas práticos preconizados pelos anarquistas russos. De 1904 a 1907, vimos os programas práticos dos «Beznatchaltzy» (Sem autoridade) e dos «Tchernoznamentzy» (Bandeira Negra) que pregavam as expropriações parciais (a posse individual) e o terror «sem motivos» como métodos de luta anarquista. Facilmente se vê que estes programas não eram senão a expressão das inclinações fortuitas de pessoas que se tinham encontrado nas fileiras anarquistas apenas por acaso e que tais programas não podiam ter aparecido e ser apresentados

nos meios libertários senão por virtude do fraco desenvolvimento da responsabilidade para com o povo e a sua Revolução. Ultimamente temos visto aparecer uma grande quantidade de teorias, algumas das quais sofrem duma simpatia para com a autoridade estatista e a direcção autoritária das massas, enquanto outras rejeitam todo o princípio de organização e proclamam a liberdade absoluta do indivíduo, enquanto outras ainda se ocupam dos objectivos «gerais» do anarquismo, procurando na realidade subtraí-lo às obrigações árduas do momento histórico.

Há dezenas de anos que os anarquistas russos são atacados por esta terrível doença: desorganização. Este mal destruiu neles a necessidade e o vigor dum pensamento concreto e condenou-os à inactividade no momento histórico da Revolução. A desorganização é a irmã gémea da irresponsabilidade e, juntas, conduzem ao empobrecimento da ideia e à nulidade em matéria prática. Eis porque, quando o movimento das massas, personificado na macknovstchina, brotou das camadas profundas do povo, os anarquistas se manifestaram tão fracos, irresolutos e pouco preparados.

A nossa opinião é que se trata apenas dum fenómeno passageiro, explicável pela falta de cristalização e de organização no meio dos anarquistas russos. A organização deverá vir e virá, ligando entre si todos os que tomam verdadeiramente a peito os interesses do anarquismo que são realmente dedicados às classes laboriosas. Os elementos fortuitos e desorganizadores do meio anarquista serão assim eliminados.

O anarquismo não significa misticismo, nem vãs palavras sobre o Belo, nem um grito de desespero. A sua grandeza é feita, antes de tudo, pela sua dedicação à causa da humanidade oprimida. Traz em si a aspiração das massas para a verdade, o seu heroísmo e a sua vontade concentrada; representa neste momento a única doutrina social sobre que as massas podem apoiar-se com confiança para conduzir a sua luta. Mas, para justificar esta confiança, não basta que o anarquismo seja uma grande ideia e os anar-

quistas os seus representantes platónicos. É necessário que os anarquistas tomem constantemente parte no movimento revolucionário das massas e como cooperadores. Só então esse movimento respirará plenamente a atmosfera verdadeira do ideal anarquista. Nada se obtém gratuitamente. Todas as causas exigem esforços perseverantes e sacrifícios. O anarquismo deve encontrar uma unidade de vontade e uma unidade de acção e alcançar uma noção exacta do seu papel histórico. O anarquismo deve penetrar no coração das massas, fundir-se com elas.

Embora a macknovstchina se tenha manifestado e desenvolvido independentemente das organizações anarquistas e da sua influência imediata, a sua sorte e a do anarquismo encontraram-se intimamente ligados durante a Revolução Russa. A própria essência da macknovstchina resplandecia com os reflexos do anarquismo e sugeria involuntariamente a ideia deste. O anarquismo era, entre todas as doutrinas sociais, a única para que a massa dos insurgidos revolucionários era atraída com simpatia. Muitos deles intitulavam-se anarquistas, sem renunciar a esse título, mesmo em face da morte. E ao mesmo tempo o anarquismo deu à macknovstchina alguns militantes admiráveis que, cheios de ardor e dedicação, empregaram todas as suas forças e os seus conhecimentos ao serviço desse movimento. Embora pouco numerosa que fosse a lista desses militantes, foram da maior utilidade ao movimento e ligaram o anarquismo à sorte trágica da macknovstchina.

Este entrecruzamento dos destinos do anarquismo e da macknovstchina começou pelos meados de 1919. Foi consagrado na Ucrânia no Verão de 1920, pelo ataque simultâneo dos bolcheviques contra os macknovistas e os anarquistas e sublinhado duma maneira brilhante em Outubro de 1920, no momento do acordo militar e político entre as autoridades soviéticas e os macknovistas, quando estes últimos exigiram, como condição absoluta deste acordo, que todos os anarquistas fossem libertados das cadeias da Ucrânia e da Rússia Central e que lhes fosse concedida completa

liberdade de professar e proclamar as suas ideias e as suas teorias.

Indiquemos por ordem cronológica a participação dos anarquistas no movimento macknovista. Logo nos primeiros dias da Revolução de 1917, um grupo de anarquistas-comunistas se formou em Gulai-Polé e fez um trabalho revolucionário muito importante na região. É desse grupo que saíram depois numerosos actores e guias notáveis da macknovstchina: N. Mackno, S. Karetnik, Martchenko, Kalachnikov, Luty, Gregório Mackno, etc. Este grupo anda intimamente ligado aos princípios do movimento macknovista.

Pelo fim de 1918 e princípio de 1919, outros grupos anarquistas se formaram na região da macknovstchina e procuraram pôr-se em relações com ela. Contudo, alguns desses grupos, como por exemplo em Berdiansk, não estavam à altura da situação e só podiam ser nocivos ao movimento. Por felicidade este era de tal maneira são que passou além...

Nos primeiros meses de 1919, Gulai-Polé albergava já não apenas camponeses da localidade, anarquistas tão notáveis como o eram Mackno, Karetnik, Martchenko, Vaassilevsky e outros, mas outros ainda vindos de cidades distantes e representando certas organizações anarquistas: Burbyga, Mikhálev, Pavlenko, etc. Trabalhavam exclusivamente no meio das tropas insurreccionais, na frente ou na retaguarda.

Na Primavera de 1919, alguns camaradas vieram a Gulai-Polé para se consagrarem principalmente à organização da cultura e da instrução na região: criaram o jornal *Putek Svobodé* (O Caminho para a Liberdade), que foi o órgão fundamental dos macknovistas e fundaram a Associação dos Anarquistas de Gulai-Polé que se pôs a trabalhar tanto no exército como entre os camponeses.

Ao mesmo tempo, um grupo anarquista ligado à Confederação do *Nabat* (*O Rebate*) foi fundado em Gulai-Polé. Trabalhou em contacto estreito com os macknovistas, sobretudo no domínio da cultura e publicou o jornal local:

Nabat. Pouco tempo depois esta organização fundiu-se com a Associação dos Anarquistas de Gulai-Polé numa só.

No mês de Maio 36 operários anarquistas vieram de Ivano-Voznessensk a Gulai-Polé; no número dos que vieram encontravam-se anarquistas muito conhecidos no movimento: Tcherniakov e Makéev. Uma parte dos recém-vindos instalou-se na comuna anarquista situada a 7 quilómetros de Gulai-Polé; outros dedicaram-se ao trabalho cultural na região; outros ainda alistaram-se no Exército Insurreccional.

Foi também no mês de Maio de 1919 que a Confederação das organizações anarquistas da Ucrânia *Nabat*, que era a mais activa de todas as organizações anarquistas da Rússia, acabou por se aperceber de que o pulso principal da vida revolucionária das massas batia na região insurreccional libertada. Decidiu fazer convergir para aí as suas forças. No princípio de Junho de 1919 enviou a Gulai-Polé: Voline, Matchny, José, o Emigrado e vários outros militantes. Havia a intenção de levar a Gulai-Polé as instruções principais da Confederação logo que acabassem as sessões do congresso extraordinário dos operários e dos camponeses convocado para o dia 15 de Junho pelo Conselho Revolucionário Militar. Mas o ataque feito simultaneamente na região insurgida por Denikine e os bolcheviques não permitiu pôr estes projectos em execução. Matchny foi o único que pôde chegar nesse momento a Gulai-Polé, mas viu-se obrigado, em virtude da retirada geral, a voltar para o sítio de onde tinha vindo, um ou dois dias depois da sua chegada, e não voltou mais. Quanto a Voline e os seus companheiros, não puderam então deixar Ekaterinoslav e só no mês de Agosto de 1919 é que conseguiram juntar-se perto de Odessa ao exército macknovista em plena retirada.

Os anarquistas entraram, pois, no movimento com um atraso imenso, quando já o seu desenvolvimento normal havia sido interrompido e já tinha sido violentamente projectado para fora das bases do trabalho de edificação social

e, sob a pressão das circunstâncias, tinha entrado principalmente no caminho da acção militar.

Durante o período que vai do fim de 1918 até ao mês de Junho de 1919, as condições para um trabalho positivo na região tinham sido das mais favoráveis: a frente estava afastada uns 200 ou 300 quilómetros, perto de Taganrog, e a população da região, avaliada em muitos milhões de pessoas e disseminada através de oito ou dez distritos, encontrava-se entregue a si mesma.

A partir do Verão de 1919, os anarquistas já só podiam trabalhar num ambiente de operações militares, sob um fogo contínuo de todos os lados, obrigados a mudar de lugar todos os dias. Os anarquistas que se tinham juntado ao exército faziam tudo o que podiam nestas circunstâncias de guerra. Uns, como Makev e Kogan tomaram parte na acção militar; a maior parte ocupava-se do trabalho cultural entre os insurgidos e nas aldeias que os macknovistas atravessavam. Mas não era um trabalho criador entre as massas no sentido verdadeiro e amplo da palavra. O ambiente de combate tinha-o reduzido principalmente a uma propaganda volante. Era impossível pensar numa obra de criação, obra positiva. Em casos muito raros apenas como, por exemplo, depois da tomada de Alekandrovsk, Berdiansk, Melitopola e outras cidades, os anarquistas e os macknovistas tiveram a possibilidade — por um tempo muito curto contudo — de esboçar as bases dum trabalho mais profundo e mais vasto. Mas logo qualquer vaga militar vinha, avançando dum lado e doutro e levando tudo até os próprios vestígios do que tinha sido feito; de novo se tinha de restringir a uma propaganda sumária entre os insurgidos e os camponeses. Todo o ambiente do momento era verdadeiramente hostil a um trabalho criador entre as massas.

Certas pessoas que não tinham tomado parte no movimento ou que o tinham feito só durante um tempo restricto tiraram dos acontecimentos deste período a conclusão errónea de que a macknovstchina estava demasiadamente impregnada do espírito militar, que ela se interessava muito

pelo lado militar e pouco pelo trabalho construtivo de educação das massas. Na realidade, o período militar na história da macknovstchina não é o produto desta, mas o das condições que a rodearam desde o ano de 1919.

Os bolcheviques estadistas empenharam-se em diminuir a significação do movimento macknovista e a situação do anarquismo na Rússia. Eles sabem perfeitamente que o anarquismo na Rússia, privado do contacto com um movimento das massas dum importância tal como a macknovstchina, não tem actualmente nenhuma base e só poderia ser um fenómeno inofensivo sem nenhum perigo para eles. E *vice-versa*: o anarquismo, em sua opinião, é a única concepção sobre que a macknovstchina podia apoiar-se na sua luta implacável contra o bolchevismo. É por isso que eles não pouparam nenhum esforço para separar uma da outra.

Tem de se lhes fazer esta justiça: que eles prosseguiram o seu objectivo com perseverança: eles colocaram a macknovstchina fora de toda a lei humana. E como verdadeiros homens práticos que são, actuam na Rússia e principalmente no estrangeiro como se este facto fosse muito natural, devesse ser logo compreendido por todos, como se não pudesse sugerir nenhuma dúvida e que apenas os que são verdadeiramente cegos ou não conhecem a Rússia é que poderiam hesitar em considerar justas e razoáveis as medidas adoptadas por eles.

Quanto à ideia anarquista, os bolcheviques evitaram declará-la oficialmente fora da lei; mas qualificam todo o acto revolucionário dos anarquistas, todo o acto de honestidade veemente, de macknovstchina; e sobre isto, com o mesmo ar inocente, como se não pudesse ser doutra maneira, metem-nos na cadeia, fuzilam-nos ou cortam-lhes a cabeça. Afinal, a macknovstchina e o anarquismo se se não curvam perante os bolcheviques são tratados de maneira idêntica.

CONCLUSÃO

A história que acaba de ser narrada está longe de representar todo o quadro do movimento. Nós só traçamos — e assim mesmo muito sumariamente — a história duma só corrente desse movimento, a mais importante é verdade, saída da região de Gulai-Polé. Mas esta corrente era apenas uma parte do todo. Sendo um movimento social dos trabalhadores da Ucrânia, a macknovstchina abrange uma esfera mais ampla que a que nós descrevemos nesta obra. O espírito que a animava e os objectivos que ela pôs em destaque convulsionaram completamente a Ucrânia. Em quase todos os Governos, um certo redemoinho social e psicológico se produziu entre os camponeses e operários; por toda a parte os trabalhadores procuravam realizar a sua independência no sentido que lhe dava a macknovstchina; por toda a parte se ouviam apelos à Revolução Social; tentativas de luta e de criação revolucionárias foram empreendidas. E se nós tivéssemos podido seguir a corrente de todos os braços e de todas as ramificações da macknovstchina, por toda a Ucrânia, se tivéssemos podido traçar a história de cada uma delas, ligando-as entre si e projectando sobre elas uma luz igual e comum — nós teríamos obtido o quadro grandioso

de um povo de muitos milhões de homens em revolução, lutando, sob a bandeira da macknovstchina, pela ideia fundamental da Revolução: a liberdade e a igualdade. Mas é infelizmente impossível realizar um trabalho dessa natureza nas condições da actualidade bolchevista, mesmo estando-se disposto a sofrer toda a espécie de privações.

Mesmo a presente obra, que diz respeito a uma única corrente do movimento, teve de ser extremamente reduzida. Uma enorme documentação, um grande número de factos, de gestos e de acções e de escritos faltam. É por isso que o nosso trabalho se encontra involuntariamente imperfeito tanto quanto à forma como quanto ao conteúdo.

Esperamos firmemente que uma história mais desenvolvida e completa do movimento macknovista será escrita um dia.

Além dos defeitos que acabamos de indicar, a obra presente sofre, talvez, dum outro ainda: é possível que os aspectos negativos do movimento não tenham sido suficientemente acentuados.

Nenhum movimento social de alguma importância histórica, por mais impregnado que seja de aspirações exaltadas, poderia evitar erros, faltas graves, páginas negras. Há certamente de tudo isso na macknovstchina. Mas deve-se sempre ter presente que a macknovstchina não tinha de maneira nenhuma a pretensão de fazer experiências no domínio social e que, por consequência, não pôde cometer erros *nesse sentido*. A macknovstchina é apenas um *movimento espontâneo e ardente das massas*, não representa senão *o seu impulso entusiástico* cheio de dedicação para vencer a reacção e salvar a causa da Revolução. É pois *nesse ponto de vista* que importa descobrir as faltas do movimento.

O defeito principal é o de, durante os seus dois últimos anos, a macknovstchina se ter concentrado sobretudo no domínio das operações militares. Não era contudo um defeito orgânico, inerente ao próprio movimento: era a sua má sorte. A necessidade de se meter por essa via tinha sido imposta pela situação na Ucrânia.

Três anos de guerras civis ininterruptas tinham feito da Ucrânia um campo de batalha permanente. Numerosos exércitos de todos os partidos tinham-na sulcado em todas as direcções, devastando a existência da população tanto sob o ponto de vista material como moral e social. Os camponeses estavam cansados disto. As suas principais tentativas de livre organização social fundada no trabalho tinham sido destruídas. O espírito de criação social encontrava-se reprimido. E quanto à macknovstchina encontrava-se afinal arrancada da sua base sã, isto é, do trabalho socialmente criador entre as massas e obrigada a consagrar-se à guerra — revolucionária é verdade, mas sempre a guerra.

Presentemente ainda, os inimigos da liberdade persistem em empregar todas as suas forças a impedir a insurreição de deixar o caminho árduo das operações militares. É a grande tragédia da macknovstchina. Ela sofreu isso durante mais de dois anos e a julgar pelo estado geral da Rússia assim será ainda no futuro.

Isto nos poupa a resposta a dar àqueles anarquistas que, mal informados, fundando-se unicamente em boatos e em vagas informações deturpadas que obtiveram em fontes pouco seguras, censuravam à macknovstchina o seu carácter marcial e, por essa razão, se conservavam à parte. O carácter militar foi *imposto* à macknovstchina. Mais ainda: todas as autoridades que se sucederam na Ucrânia — as autoridades comunistas mais do que quaisquer outras — esforçavam-se o mais que podiam para empurrar o movimento para uma parede que só tinha uma única saída: o banditismo. Toda a táctica do Governo dos Sovietes na sua luta dos últimos três anos contra a macknovstchina era ditada por este cálculo. Pode-se lançar essas maquinações bolchevistas na balança contra o movimento? Certamente que não. Da mesma maneira falando do carácter marcial do movimento, não devem basear-se sobre o facto único de os macknovistas terem consagrado muito tempo aos combates de cavalaria e de artilharia, mas procurar descobrir por onde os macknovistas tinham *começado*, quais eram

os *objectivos* que se propunham prosseguir e *que meios* contavam empregar para o conseguirem.

Sabemos que começaram por destruir a autoridade e expulsar os representantes do *hetman* para fora do país e por proclamar que todas as terras e todos os bens industriais pertenciam ao povo trabalhador. O seu fim era o estabelecimento da vida livre sobre os fundamentos duma independência completa, social e obreira das classes operárias. A Revolução Social e os Sovietes Livres dos trabalhadores deviam ser os meios a empregar para atingir este *objectivo*.

Na sua qualidade de revolucionários *de acção*, não podiam naturalmente limitar-se a expulsar o *hetman* e a proclamar os seus direitos. Não. Para vencer definitivamente a burguesia, para garantir os seus direitos e as suas conquistas revolucionárias, organizaram a defesa armada, demonstrando assim a sua profunda compreensão do papel que lhes tinha cabido na Revolução Social. *Porque o programa positivo da Revolução não poderia realizar-se com êxito, senão sob a condição de os trabalhadores destruírem a tempo o poder militar do Estado burguês.*

Do facto de o movimento, como força activa e ofensiva, não ter sido geral e limitar-se a alguns Governos apenas resultou o encontrar-se cercado por forças hostis: os estatistas-petliuristas, os estatistas-bolcheviques e as numerosas forças armadas de Denikine que o esmagavam de todos os lados pelo seu grande número, pela sua potência militar colossal. É pois muito natural que o movimento tivesse de sofrer grandes alterações na sua táctica, como nas vias e nos meios de acção empregados por ele, vendo-se obrigado a consagrar a maior parte das suas forças no lado militar de luta pela liberdade. Mas, como já dissemos, isto não era a sua falta, era a sua má sorte.

A atmosfera belicosa de que se encontravam constantemente rodeados os macknovistas criou entre eles muitas particularidades próprias da sua situação excepcional: uma disciplina severa nas suas fileiras, uma grande rigidez para com os seus inimigos. Contudo, e apesar destas parti-

cularidades, os macknovistas eram revolucionários acima de tudo. Quando ocuparam Ekaterinoslav, no mês de Outubro de 1919, os macknovistas não atentaram contra a vida e a pessoa dos combatentes de Denikine e dos outros exércitos que estavam em tratamento nos hospitais da cidade, fosse qual fosse a patente dos feridos — simples soldados ou oficiais. E esses mesmos macknovistas fuzilaram os seus próprios comandantes Bogdanov e Lachkévitich⁽¹⁾ por infracção à disciplina e à honra revolucionárias.

Indicámos já no capítulo VIII certos erros e omissões importantes do movimento. Quanto a faltas e defeitos são duma importância tão insignificante que não há nenhuma razão nem interesse em determo-nos neste assunto⁽²⁾.

(1) *Bogdanov* exercia as funções de chefe do Estado-Maior da 2.ª brigada insurreccional. Foi fuzilado no mês de Outubro de 1919, em Alexandrovsk, por ter cobrado da burguesia da localidade uma contribuição em nome do exército, applicando-a na realidade em proveito próprio.

Lachkévitich, o célebre comandante do célebre regimento n.º 13 do Exército Insurreccional, foi fuzilado no Verão de 1920, conforme a decisão tomada pela assembleia geral dos insurgidos, por ter dispendido somas que pertenciam ao exército em seu benefício e ter recusado socorrer vários trabalhadores da insurreição que se encontravam numa situação crítica.

(2) Notemos apenas de passagem que os pontos negros do movimento, sobre os quais a Imprensa governamental se comprazia em insistir — pilhagens, violências exercidas contra a população pacífica, anti-semitismo —, não passavam de mentiras descaradas. Para reduzir a nada esse tecido de falsidades, basta recordar o acolhimento alegre, verdadeiramente excepcional que faziam aos macknovistas os habitantes de todas as aldeias da Ucrânia e da Grande Rússia, onde as tropas insurreccionais acabavam de passar. Além disso, até os documentos bolchevistas não deixam subsistir nenhuma dúvida a este respeito. Em todos os relatórios relativos à luta contra os macknovistas — os documentos secretos, bem entendido, e não os destinados a ser publicados — os agentes da autoridade soviética não cessam de repetir a mesma coisa, a saber: que a luta contra a macknovstchina é muito difícil, em virtude do auxílio e assistência que os camponeses prestam ao exército macknovista ao passo que oferece as maiores dificuldades ao Exército Vermelho.

*
* *

Levanta-se a questão: quais poderiam ser as perspectivas actuais do movimento.

O último ano e meio da luta dos macknovistas contra o poder comunista teve um carácter exclusivamente militar. Todo o trabalho de organização e de instrução entre os camponeses tornou-se impossível. Não ficou um único recanto livre para a obra de edificação anarquista. Que sentido a continuação duma luta deste género poderia ter? Com que esperanças poderia ela ser sustentada?

É evidente que no momento actual, quando o espírito militar é cultivado, implantado nas dimensões estatistas pan-russas, quando as massas populares da Ucrânia e da Grande Rússia estão completamente subjugadas, quando todo o país é invadido por uma epidemia de delações e de julgamentos iníquos — a situação da macknovstchina é das mais precárias e toda a luta parece previamente condenada ao insucesso. Mas isto parece ser assim unicamente se a questão é considerada sob o ponto de vista estreito e estadista.

Nós vivemos numa época revolucionária caracterizada por vastos movimentos da população operária e camponesa, aos quais sucedem as tentativas reaccionárias de diferentes governos para se tornarem senhores da situação e estabelecer a sua ditadura. O movimento das massas que se deu no mês de Março de 1917 cedeu o lugar ao Governo da Duma. Os movimentos agrários e operários do Verão seguinte tiveram como contrapeso o estabelecimento dum género de coligação entre os burgueses e os socialistas. Ao alto do forte movimento dos camponeses e dos operários que deu a Revolução de Outubro de 1917, elevou-se o sistema autoritário dos comunistas.

O facto de a autoridade destes ter conseguido manter-se, há tanto tempo, na Rússia revolucionária sugeriu a muitas pessoas o pensamento de que esse sistema é o produto e a forma natural da Revolução Russa. Mas é um erro profundo.

A Revolução Russa e o sistema autoritário dos comunistas são dois antípodas. Durante a Revolução Russa, o poder comunista não é nem foi senão a forma mais subtil, mais flexível e ao mesmo tempo a mais tenaz da reacção. Desde os seus primeiros momentos, uma luta se levantou entre ela e a Revolução. Neste combate as massas trabalhadoras da Rússia perderam já as primeiras conquistas da sua Revolução: a liberdade de organização, da palavra, da Imprensa, a abolição da pena de morte, etc. Esta luta passa duma maneira ou doutra por toda a vasta extensão da Rússia, penetrando em cada aldeia e cada oficina: o seu apogeu foi atingido pela insurreição revolucionária da Ucrânia; estendeu-se em seguida de novo a vários Governos da Rússia Central e fez-se ouvir no levantamento dos marinheiros de Cronstadt no mês de Março de 1921.

A Rússia atravessa actualmente um período de reacção aguda. É impossível prever se será o movimento revolucionário dos operários e dos camponeses que obterá a vitória ou se será a reacção que conseguirá manter-se e consolidar-se por um longo lapso de tempo. Mas uma coisa é incontestável: a época revolucionária em que a Rússia se encontra está ainda longe do seu fim; uma grande porção de energia revolucionária está sempre de reserva entre os operários e os camponeses; as suas «poivoneiras regorgitam ainda de pólvora» e as lutas revolucionárias activas da parte das massas trabalhadoras são mais do que possíveis nos próximos anos.

Estas lutas são possíveis por três causas de ordem diferente: em primeiro lugar como resultado da luta directa das massas contra a reacção bolchevista; segundo lugar, em caso de ataque de qualquer burguesia estrangeira dirigida contra a Revolução Russa; e em terceiro lugar se qualquer poder derrubado durante a Revolução tentar mudar-lhe o rumo. Parecia à primeira vista que as duas razões mencionadas em último lugar, a contra-revolução vinda do exterior ou do interior, não viriam juntar nenhum elemento novo à contra-revolução comunista existente. Mas na sua qualidade de forças novas podem provocar uma confla-

gração, por detonação, entre as massas que, quebrando então o envólucro reaccionário *comunista* sob que abafam, darão um novo impulso à marcha da Revolução.

A macknovstchina alimentou-se com estas forças revolucionárias das massas momentaneamente oprimidas pela reacção. É com o seu auxílio que ela realizou acções revolucionárias maravilhosas com que as autoridades soviéticas se glorificam injutsamente. Foi ela que partiu o jugo do poder do *hetman* na Ucrânia, que destruiu a empresa de Petliura, que defendeu a causa da Revolução contra Denikine e que poderosamente contribuiu para a derrocada final de Vrangel.

Pode parecer paradoxal afirmar — e contudo esta afirmação é das mais exactas — que a autoridade dos comunistas conseguiu implantar-se, manter-se e consolidar-se na Rússia graças à luta exaltada dos revolucionários macknovistas contra as tentativas numerosas de contra-revolução.

E no futuro, enquanto a chama da Revolução se não apagar no fundo da alma popular, a macknovstchina responderá sempre ao apelo para o bom combate.

No momento actual, vê-se obrigada a procurar acomodar-se, a aplicar todos os seus esforços para sobreviver ao período de reacção aguda que atravessamos. Não será isto mais do que táctica revolucionária, uma manobra estratégica, que pode, é verdade, durar muitos anos. A sorte da macknovstchina e de toda a Revolução Russa será decidida durante estes cinco ou dez anos próximos.

A salvação da Revolução Russa consiste na sua libertação das cadeias do estatismo e na criação dum regime social fundado nos princípios da autodirecção dos camponeses e operários. E quando um impulso desta natureza se faça sentir entre as massas laboriosas, a macknovstchina tornar-se-á o centro da sua união revolucionária geral. Tornar-se-á a aspiração, o apelo, a bandeira em volta da qual virão agrupar-se todos os que são bravos, audaciosos e dedicados de corpo e alma à causa dos trabalhadores. É então que a dedicação da macknovstchina pelas massas do povo, a sua experiência no domínio da organização e

o seu génio militar se manifestarão e se empregarão em toda a sua amplitude, ao serviço e para a vitória da Revolução Social verdadeiramente proletária. É esta a razão por que ela continua até agora uma luta, na aparência sem resultado, contra a ditadura comunista. É esta a razão por que ela não cessa de perturbar a calma e a paz comunistas.

*
* *

Uma outra questão surge agora. O movimento macknovista representa por excelência o movimento das camadas mais pobres dos camponeses ucranianos. A vitória da macknovstchina significará a vitória dessas camadas populares. Mas significará ao mesmo tempo a vitória da *ideia* de macknovstchina, a vitória da Revolução Social?

No dia seguinte ao da vitória deste movimento os camponeses ver-se-ão obrigados a fornecer os víveres necessários para o sustento dos operários das cidades. Dada a desorganização da indústria das cidades, não estando em condições de satisfazer as necessidades do campo, os operários não poderão reembolsar os camponeses cedendo-lhes os frutos do seu trabalho. Por conseguinte, os camponeses deverão, durante os primeiros tempos, assegurar voluntariamente e gratuitamente o sustento dos operários das cidades. Serão capazes de um tal acto de generosidade revolucionária? Os comunistas não cessam de pintar os camponeses como uma força reaccionária saturada de instintos mesquinhos e estreitos de pequenos proprietários. Este espírito de propriedade, o espírito do lucro e a avareza não dominarão? Não voltarão os camponeses as costas à cidade, abandonando-a sem o socorro necessário?

Estamos firmemente convencidos de que não.

A macknovstchina entende a Revolução Social no seu verdadeiro sentido. Compreende que a vitória e a consolidação da Revolução, o desenvolvimento de todas as vantagens que daí advêm só são possíveis com uma aliança íntima entre as classes laboriosas da cidade e do campo.

Os camponeses compreendem que sem os operários das cidades, sem as grandes empresas industriais não poderão tirar a décima parte das vantagens que lhes proporcionará a Revolução Social. E ao mesmo tempo consideram os operários das cidades como seus próprios irmãos, como membros da mesma grande família dos trabalhadores.

É indubitável que, no momento da vitória da Revolução Social, os camponeses prestarão todo o seu apoio aos operários. E será um apoio voluntário e verdadeiramente revolucionário prestado nobremente ao proletariado das cidades. O pão que presentemente se arranca à força aos camponeses serve principalmente para alimentar a enorme máquina governamental. O camponês vê e entende perfeitamente que todo este aparelho burocrático que custa tão caro não é necessário nem para ele nem para o operário e que, em relação aos trabalhadores, desempenha o mesmo papel que a direcção administrativa duma prisão para com os presos. É por isso que ele se mostra hostil para com os recebedores actuais de contribuições: os comissários e os diversos órgãos de abastecimentos estatistas.

Mas os camponeses aspiram sempre a pôr-se em relações *directas* com os operários das cidades. Esta questão foi levantada por mais duma vez nos congressos camponeses e foi sempre decidida num sentido revolucionário e positivo. Quando, no momento da Revolução Social, as massas do proletariado das cidades se tornarem verdadeiramente independentes e se puserem em relações *directas* com os camponeses, por intermédio das suas próprias organizações — os camponeses dar-lhes-ão os socorros indispensáveis e fornecer-lhes-ão os víveres necessários, sabendo que pouco tempo depois os operários não deixarão de pôr o poder gigantesco da indústria ao serviço das necessidades essenciais dos trabalhadores da cidade e do campo.

*
* *

A macknovstchina desvenda apenas um aspecto da actualidade russa. É fora de dúvida que virá um momento em que se fará toda a luz sobre essa actualidade. É então que o papel do bolchevismo na Revolução Russa aparecerá claro a cada um.

Mas mesmo no presente, pelo menos no domínio que nós estudamos, vemos transparecer o seu verdadeiro rosto. A história do movimento macknovista, durante o qual as massas populares se esforçaram, em anos inteiros, para obter a sua independência, fazendo para isso os mais duros sacrifícios, esta história desmascara violentamente o bolchevismo e destrói completamente a lenda de que ele tem um carácter revolucionário e proletário.

Através de toda a Revolução Russa, logo que os trabalhadores se esforçavam por adquirir a verdadeira independência, de agir por si próprios — o bolchevismo abafava os seus esforços. O seu espírito reaccionário não se desmentiu, mesmo no momento em que se tornou claro para todos e para ele também que a Revolução Russa se encontrava em perigo de morte sob o pulso pesado da ditadura. A ideia verdadeiramente louca e mórbida de fechar e deter à força toda a Revolução no círculo do seu programa não o deixa um só instante.

A salvação da Revolução era perfeitamente possível em 1919 e 1920. Esta possibilidade não se perdeu ainda. Só é preciso para isso uma coisa: apelar para o espírito revolucionário das massas, para a verdadeira actividade livre das organizações operárias e camponesas, deixar-lhes a liberdade de agir à sua maneira. E a Revolução, encontrada de novo a sua fé e a sua vontade, será salva. Ela terá assim levantado de novo o grande entusiasmo das massas, terá despertado nelas o impulso necessário para uma luta heróica, terá criado a aspiração à dedicação mais elevada, ela curará todas as chagas do organismo social e económico actual.

Falsa é a afirmação dos estatistas de que as massas não são capazes senão de destruir o que está já caduco, que elas só são grandes pelo seu heroísmo nesta obra de destruição e que na obra de construção elas dão uma prova de inércia e de vulgaridade.

No domínio construtivo também, no do trabalho quotidiano, as massas são capazes de heroísmo e de dedicação. Mas, para isso, é necessário que elas sintam uma base sólida sob os seus pés, é necessário que elas se sintam realmente livres, que saibam e que tenham fé em que a obra que fazem é verdadeiramente a sua obra, que é a sua causa que defendem; é necessário que elas vejam em cada medida social adoptada a manifestação da sua vontade, das suas esperanças e das suas aspirações. Numa palavra, as massas devem dirigir-se por si próprias no sentido amplo desta expressão.

Pelo contrário, os bolcheviques estão acostumados a procurar entre as massas o espírito de obediência e de apoio e não o espírito da Revolução.

Um ponto historicamente estabelecido e incontestável é o facto de, depois de 1918, os camponeses da Ucrânia terem constantemente tomado parte em levantamentos — contra Skoropadsky, contra os austríacos e os alemães, contra Petliura e Denikine, etc. Estes levantamentos desempenharam um papel imenso nos destinos de toda a Revolução Russa: criaram e sustentaram uma situação *de revolução permanente no país*, e esta situação não cessou de dirigir os trabalhadores para a solução dos problemas essenciais da Revolução.

Esta situação *da revolução permanente* foi destruída não pelas contra-revoluções da burguesia ou dos generais do czar, mas pelo poder comunista. Em nome da ditadura do seu partido, os comunistas esmagavam, *pelos armas*, todas as tentativas dos trabalhadores para estabelecerem a sua autodirecção social, o que formava o objectivo essencial da Revolução Russa e a destruírem assim o fermento revolucionário do país.

Na fé mórbida da sua ditadura, o bolchevismo tor-

nou-se de tal modo impassível, ossificado e rígido, que as necessidades e os apelos da Revolução se lhe tornaram estranhos, acabando por preferir tudo a fazer quaisquer concessões. Desempenhou um papel funesto para toda a Revolução Russa. Matou o espírito de independência e de iniciativa revolucionária das massas: destruiu as maiores possibilidades revolucionárias que os trabalhadores tiveram no decurso da história. É por causa disso que os proletários de todo o universo acabarão por o atar para sempre ao pelourinho.

Não nos devemos, porém, enganar a nós mesmos, admitindo a ideia de que o bolchevismo é *o único* responsável do fracasso da Revolução Russa. O bolchevismo punha em prática o que foi elaborado durante dezenas de anos pela ciência socialista. Todo o seu programa de acção é inteiramente devido às teorias gerais do socialismo científico. Nós vemos ao mesmo tempo de que maneira cheia de hipocrisia esse mesmo socialismo científico trata os trabalhadores nos outros Estados da Europa, entregando-os de pés e mãos ligados à disposição da ditadura burguesa.

Procurando os autores responsáveis da situação extraordinariamente árdua e vergonhosa em que se encontram colocados, sob a ditadura socialista, os camponeses e os operários na Rússia, a classe operária universal deverá acusar *todo o socialismo* e condená-lo.

A tragédia sangrenta dos camponeses e dos operários russos não poderia passar sem deixar vestígios. Mais do que qualquer outra coisa, a prática do socialismo na Rússia demonstrou que as classes laboriosas não têm amigos, que elas não têm senão inimigos que procuram apoderar-se dos frutos do seu trabalho. O socialismo demonstrou plenamente que pertence, ele também, ao número dos seus inimigos. Esta ideia firmar-se-á mais de ano para ano na consciência das massas do povo.

Proletários do mundo inteiro, descei às nossas próprias profundezas, procurai aí a verdade e criai-a: vós não a encontrareis em nenhuma outra parte.

Tais são os actuais objectivos da Revolução Russa!

*
* *

Por ocasião da sua terceira agressão contra a região insurreccional, o Governo dos Sovietes fez todo o possível por dar o golpe da misericórdia à macknovstchina. Dispondo da enorme quantidade de tropas libertadas das operações militares da Crimeia e possuindo uma superioridade sob o ponto de vista do armamento, o Governo conseguiu no Verão de 1921 bater o Exército Insurreccional e forçar o núcleo central dessas tropas, com Nestor Mackno à frente, a passar para o território das autoridades romenas. Isto feito, as tropas do Exército Vermelho ocuparam toda a região insurreccional e as massas revolucionárias foram submetidas pela força à ditadura bolchevista.

*
* *

A macknovstchina encontra-se presentemente num meio novo e trata-se para ela duma nova fase da luta pela Revolução Social.

Qual será essa luta?

A própria vida decidirá das formas e do carácter que revestirá. Uma única coisa é fora de dúvida — é que o movimento conservar-se-á até ao fim fiel à humanidade oprimida; até ao último dia lutará e estará pronto a morrer pelo ideal grandioso do trabalho: pela liberdade e a igualdade.

A macknovstchina é constante e imortal.

Onde as massas laboriosas se não deixam subjugar, onde cultivam o amor da independência, onde acumulam a sua vontade de classe, elas criarão sempre os seus próprios movimentos sociais históricos, agirão *segundo a sua própria vontade*. É isto que forma a essência da macknovstchina.

Rússia.

Janeiro-Junho de 1921.

volumes publicados

TEXTOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS

- 1 — PARA UMA CRÍTICA DA EPISTEMOLOGIA
Dominique Lecourt
- 2 — PARA UM CONHECIMENTO DA PSICANÁLISE
Georges Philippe Brabant
- 3 — LITERATURA E SIGNIFICAÇÃO. Tzevtan Todorov
- 4 — A PSIQUIATRIA DEVE SER FEITA. DESFEITA POR TODOS, Roger Gintis
- 5 — FALE COM NÚMEROS, Hans Zeisel
- 6 — PARA UM CONHECIMENTO DA SOCIOLOGIA
G. Lapassade — R. Lourau
- 8 — O HOMEM E A SUA PSICOSE, Gisela Pankov
- 9 — A EPISTEMOLOGIA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS DO HOMEM E SUA RELAÇÃO COM A PSICOLOGIA,
Armando de Castro

CADERNOS PENINSULARES

Série literatura

- 1 — SALA HIPÓSTILA, José Alberto Marques
- 2 — É ASSIM QUE SE FAZ A HISTÓRIA
Eduardo Guerra Carneiro
- 3 — CICLO QUEDA LIVRE, E. M. Melo e Castro
- 4 — O PAÍS POSSÍVEL, Ruy Belo
- 5 — KATAFARAUM É UMA NAÇÃO, José Martins Garcia
- 6 — AS INUMERÁVEIS ÁGUAS, Nuno Judice
- 7 — JARDINS DE GUERRA, Casimiro de Brito
- 8 — OS NOMES, Gastão Cruz
- 9 — NOVAS VISÕES DO PASSADO, Fiana Hasse Pais Brandão

Série ensaio

- 1 — SEXUALIDADE E REPRESSÃO, Carlos Castilla del Pino
- 2 — LINGUAGEM E CRIAÇÃO, José Martins Garcia
- 3 — O QUE DEVE SABER-SE SOBRE A SEXUALIDADE
diversos
- 4 — SABE/MASOCH, Gilles Deleuze
- 5 — O PROBLEMA COLONIAL, J. Pedro Capitão
- 6 — LUTA CONTÍNUA
- 7 — NAS ORIGENS DO COMUNISMO FRANCÊS
Annie Krieger
- 8 — ANTOLOGIA SOBRE O MATERIALISMO DIALÉCTICO
Marx, Engels, Lenine, Mao Tsé-Tung
- 9 — SOBRE A ESTRATÉGIA GLOBAL DA REVOLUÇÃO
BRASILEIRA, José Crispim
- 10 — O DESENVOLVIMENTO DO CAPITALISMO
EM PORTUGAL, Ramiro da Costa
- 11 — PORTUGAL E A CATALUNHA, Félix Cucurull
- 12 — A III INTERNACIONAL E O FASCISMO, Dimitrov
- 13 — OS COMUNISTAS DOS CONSELHOS
E A III INTERNACIONAL, diversos
- 14 — O QUE É A CONSCIÊNCIA DE CLASSE, Wilhelm Reich
- 15 — REVOLUÇÃO E CONTRA-REVOLUÇÃO
NA ALEMANHA, Karl Marx
- 16 — O MARXISMO E A QUESTÃO NACIONAL, Staline
- 17 — HISTÓRIA DO MOVIMENTO MACKNOVISTA, Archinov

Série Resposta

- 1 — A CHINA E AS RAÍZES DA SINOFOBIA OCIDENTAL
- 2 — CARTA AO GENERAL FRANCO, Arrabal

COLECÇÃO FORÇAS DO TEMPO

- 1 — O 18 DE JANEIRO DE 1934, L. H. Afonso Manta
- 2 — OS SINDICATOS E A REVOLUÇÃO, Losovski

COLECÇÃO TEMAS INTERNACIONAIS

- 1 — A GUERRILHA DO CHE, Régis Débray
- 2 — OS ÁRABES HOJE, Mahmoud Hussein
- 3 — CHINA, PAÍS CAPITALISTA OU SOCIALISTA, colectivo
- 4 — O HERÓICO POVO DA COREIA, colectivo

COLECÇÃO DOCUMENTA POÉTICA

- 1 — ADOLFO CASAIS MONTEIRO
- 2 — ANTOLOGIA DA POESIA CONCRETA EM PORTUGAL
- 3 — CANCIONEIRO DE AMIGO

COLECÇÃO MÍNIMA

- 1 — HISTÓRIA SECRETA DE UMA NOVELA
Mário Vargas Llosa
- 2 — PORTUGAL SEM SALAZAR, Mário Mesquita
- 3 — A REVOLTA DO GRELO, Vasco Pulido Valente
- 4 — A CORRUPÇÃO DO PODER, Frank Browning
- 5 — AS TRÊS FONTES DO MARXISMO, Karl Kautsky
- 6 — ASPECTOS FUNDAMENTAIS DA ECONOMIA CHINESA, Cheng Shi
- 7 — CARTAS DA PRISÃO, Rosa Luxemburgo

COLECÇÃO DICIONÁRIOS POPULARES

- 1 — DICIONÁRIO POPULAR DE POLÍTICA
José Maria Caloma
- 2 — DICIONÁRIO POPULAR DE ECONOMIA, Abirov

COLECÇÃO ARTE E PRODUÇÃO

- 1 — PSICOLOGIA DO VESTIR
Alberoni, Dorflies, Eco, Livolsi, Lomazzi, Sigurtá

COLECÇÃO LIVROS DE CINEMA

- 1 — A POLÍTICA DOS AUTORES, colectivo

FORA DE COLECÇÃO

- O POETA FAZ-SE AOS DEZ ANOS, Maria Alberta Menéres
- MÁGOAS TERRITORIAIS, José Jorge Letria
- REVIVER LENINE, José Estaline
- VANYA, ESCALA EM ORONGO, A. Mota, Nelson Dias
- A QUEDA DO FASCISMO, António Ferreira
- KOLANVILLE, J. L. Duarte
- RELATÓRIO CONTRA A NORMALIDADE, F. H. A. R.
- LENINE E A RELEGIÃO, colectivo
- DA GREVE SELVAGEM À AUTOGESTÃO GENERALIZADA, Ratgeb
- 100 000 RELÓGIOS SEM PATRÃO (PROCESSO LIP), colectivo
- A CRIANÇA CRIADORA, Georgette Gabev, Catherine Viment
- MANUAL DO GUERRILHEIRO URBANO, Marighella

ÍNDICE

PRÓLOGO	5
PREFÁCIO	25
CAPÍTULO I — A democracia e as massas trabalhadoras na Revolução Russa	29
» II — A Revolução de Outubro na Grande Rússia e na Ucrânia	39
» III — A insurreição revolucionária na Ucrânia	49
» IV — A queda do hetman. — A petliurovstchina. — O bolchevismo	67
» V — A macknovstchina	89
» VI — A macknovstchina (continuação). — A revolta de Grigoriev. — Primeira agressão dos bolcheviques contra Gulai-Polé	119
» VII — A grande retirada dos macknovistas e a sua vitória. — Execução de Grigoriev. — A batalha de Peregonovka. — Derrota das tropas de Denikine. — Era de liberdade	145
» VIII — Os erros dos macknovistas. — Segunda agressão dos bolcheviques contra a região insurgida	173

CAPÍTULO	IX — Acordo entre os macknovistas e o Governo dos Sovietes. — Terceira agressão dos bolcheviques	189
»	X — O problema nacional na macknovstchina. — A questão judaica	229
»	XI — A personalidade de Mackno. — Notas biográficas de alguns macknovistas	241
»	XII — A macknovstchina e o anarquismo ...	257
CONCLUSÃO	271

Este livro
foi composto e impresso na
ARTIPOL - Artes Tipográficas, L.da
Aguada de Baixo — Águeda
para
ASSÍRIO & ALVIM
em Maio de 1976
Edição: 074 | C. P. | E 17

W. K. HAY

HISTORIA

DO INOVAMENTO DO

MACKINOWISIA

W. K. HAY